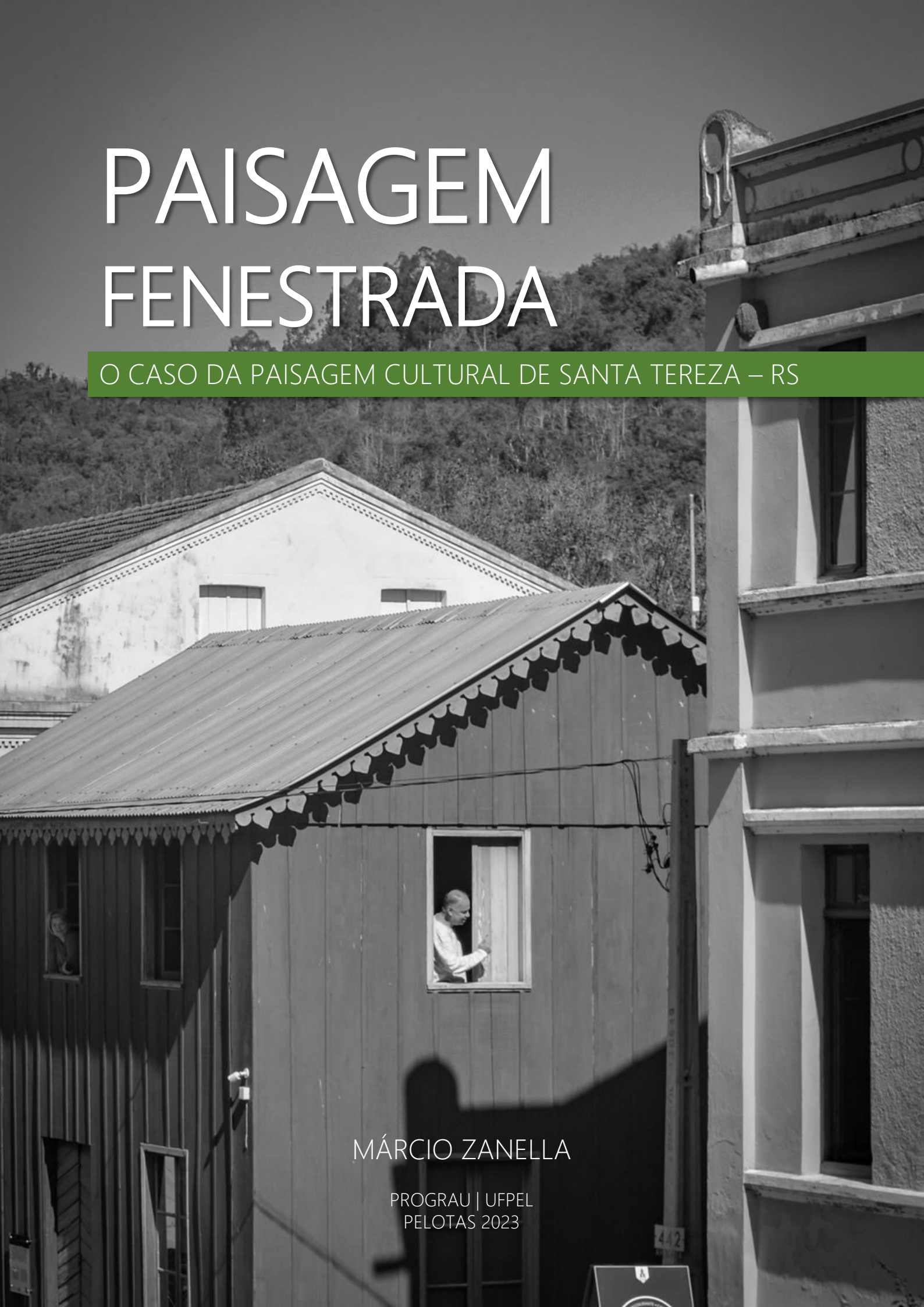
PAISAGEM FENESTRADA

O CASO DA PAISAGEM CULTURAL DE SANTA TEREZA – RS



MÁRCIO ZANELLA

PROGRAU | UFPEL

PELOTAS 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo

Qualificação de Dissertação

PAISAGEM FENESTRADA

O caso da paisagem cultural de Santa Tereza-RS

Márcio Zanella

Pelotas, 2023

Márcio Zanella

PAISAGEM FENESTRADA

O caso da paisagem cultural de Santa Tereza-RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Natália Naoumova

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

Z28p Zanella, Márcio

Paisagem fenestrada : o caso da paisagem cultural de Santa Tereza - RS / Márcio Zanella ; Natália Naoumova, orientadora. — Pelotas, 2023.

209 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Percepção ambiental. 2. Paisagem fenestrada. 3. Paisagem cultural. 4. Janela. 5. Patrimônio cultural. I. Naoumova, Natália, orient. II. Título.

CDD : 712.98165

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Márcio Zanella

PAISAGEM FENESTRADA

O caso da paisagem cultural de Santa Tereza-RS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31 de março de 2023

Banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª Natália Naoumova (Orientadora)
Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr.ª Ligia Maria Chiarelli
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr.ª Aline Montagna da Silveira
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo

Prof. Dr.ª Ana Paula Neto de Faria (externo)
Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para minha pequena Laura,
que suas janelas lembrem o papai.

Agradecimentos

Primeiramente à minha família. À minha esposa, Cintia, pelo amor, compreensão e abnegação durante toda esta jornada. Aos meus queridos pais, pelo suporte e incentivo aos estudos, desde sempre. À Vani, por cuidar das minhas meninas. À minha irmã Kélli, pelo apoio. À minha nona Olímpia (*in memorian*), inspiração para tantas coisas desta pesquisa.

A todos que contribuíram para realização deste trabalho. À Prefeitura Municipal de Santa Tereza, em especial à Sra. Secretária de Turismo, Mari Bertinelli por acolher e auxiliar na pesquisa. À Arq. Paula Soso, responsável técnica do escritório técnico do Iphan em Antônio Prado, por todas as informações prestadas. Aos Santa Terezenses, Vanilde, Rosane, Eloi, Lucien, Roberta, Nelcy, Carlos, Andrea, Davi, Cesar, Evani, Álvaro, Mohni, Carolina, Morgana, Lenice, Marcio e Rimoldi, por abrirem suas janelas e fazerem parte disso.

À minha orientadora, Natália Naoumova, pela sabedoria, sensibilidade, paciência e conhecimento compartilhado neste tempo. Agradeço sobretudo pela dedicação, pelo modo como ensinas e por acreditar nesta pesquisa.

Às acadêmicas Geovana Campeão e Marina de Armas, pelo carinho e pelo auxílio providencial prestado a esta pesquisa.

Aos professores do Prograu, em especial à Ana Elísia Costa, Edu Rocha, Biloca, Aline Montagna e Ana Ó, pelas aulas inspiradoras em meio à pandemia e seus reflexos sobre este trabalho.

À minha colega arquiteta e amiga Monica Frizon, por segurar as pontas de nossa Usina Arquitetônica. À amiga e professora Tere Buchebuan, que ajudou a semear esta pesquisa.

Muito obrigado!

Seja como for, é tempo de convocar, de novo, os sujeitos. E a história. Eles é que fornecerão o critério para qualificar um certo tipo de relação com as coisas [...] transformar diferenças em polaridades mutuamente excludentes é um caminho preguiçoso demais para enfrentar a variedade e complexidade de nossa problemática.

ULPIANO BEZERRA DE MENESES
Conferência "As falsas dicotomias do patrimônio", 2018.

Resumo

ZANELLA, Márcio. **Paisagem Fenestrada:** o caso da paisagem cultural de Santa Tereza-RS. Orientadora: Natália Naoumova. 2023. 209p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Esta pesquisa tem como tema a paisagem cultural a partir da percepção ambiental da paisagem fenestrada. Estudos recentes apontam para relevância dos efeitos do conteúdo visual da janela na qualidade de vida e bem estar das pessoas. Porém não foram encontrados estudos específicos relacionando o efeito do conteúdo visual das janelas sobre os processos de preservação cultural. Diante da relevância da paisagem cultural como patrimônio e direito universal, a paisagem fenestrada ainda é um dado pouco explorado no planejamento das paisagens históricas urbanas. A presente pesquisa tem como objetivo geral a salvaguarda da paisagem cultural de pequenas cidades históricas, analisando os símbolos e significados da paisagem fenestrada como expressão de sua identidade de lugar. A metodologia, apoiada na fenomenologia, parte de uma revisão bibliográfica que revela a importância dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem fenestrada para preservação da paisagem cultural. Estes aspectos são investigados através de um estudo de caso com base nos métodos e técnicas da percepção ambiental. Através de uma abordagem qualitativa, são analisadas as janelas do Núcleo Urbano de Santa Tereza, cujo tombamento em 2012 destaca o valor paisagístico desta pequena cidade histórica brasileira. Os aspectos físicos são analisados pela estrutura de paisagem e condições de observação dos edifícios. Os aspectos simbólicos são analisados pelos elementos percebidos e significados atribuídos à vista pelos habitantes. O estudo revela que a paisagem fenestrada é conteúdo relevante para preservação de paisagens culturais vernaculares históricas, pois determina qualidades físicas e simbólicas ao lugar. Conclui-se que estes fragmentos de paisagem contribuem para identidade de lugar do grupo social, favorecendo a orientação e a afetividade dos indivíduos através de seus símbolos. No caso de Santa Tereza, estes símbolos representaram uma relação sistêmica e equilibrada de elementos naturais, construídos e atividades humanas que embasam significados de naturalidade, significado histórico e complexidade para seus habitantes.

Palavras-chave: percepção ambiental; paisagem fenestrada; paisagem cultural; janela; patrimônio cultural; Santa Tereza-RS.

Abstract

ZANELLA, Márcio. **Fenestrated landscape:** the case of the cultural landscape of Santa Tereza-RS. Advisor: Natália Naoumova. 2023. 209p. Dissertation (Master Degree Dissertation in Architecture and Urbanism) – Postgraduate Program in Architecture and Urbanism, College of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

This research has as its theme the cultural landscape from the environmental perception of the fenestrated landscape. Recent studies point to the relevance of the effects of the window's visual content on people's quality of life and well-being. However, no specific studies were found relating the effect of the visual content of the windows on cultural preservation processes. In view of the relevance of the cultural landscape as a heritage and universal right, the fenestrated landscape is still a little explored data in the planning of historic urban landscapes. The present research has as its general objective the safeguarding of the cultural landscape of small historic cities, analyzing the symbols and meanings of the fenestrated landscape as an expression of its place identity. The methodology, supported by phenomenology, starts from a bibliographic review that reveals the importance of the physical and symbolic aspects of the fenestrated landscape for the preservation of the cultural landscape. These aspects are investigated through a case study based on the methods and techniques of environmental perception. Through a qualitative approach, the windows of the Núcleo Urbano de Santa Tereza are analyzed, whose listing in 2012 highlights the landscape value of this small historic Brazilian city. The physical aspects are analyzed by the landscape structure and observation conditions of the buildings. The symbolic aspects are analyzed by the perceived elements and meanings attributed to the sight by the inhabitants. The study reveals that the fenestrated landscape is relevant content for the preservation of historical vernacular cultural landscapes, as it determines physical and symbolic qualities to the place. It is concluded that these landscape fragments contribute to the place identity of the social group, favoring the orientation and affectivity of individuals through their symbols. In the case of Santa Tereza, the symbols represented a systemic and balanced relationship of natural elements, built and human activities that support meanings of naturalness, complexity and historical significance for its inhabitants.

Keywords: enviromental perception; fenestrated landscape; window; cultural landscape; cultural heritage; Santa Tereza-RS.

Lista de Figuras

Figura 1 - Diagrama conceitual da paisagem cultural de Carl Sauer. 20
Figura 2 - Retratos da experiência de paisagem através da janela durante a pandemia COVID-19. 26
Figura 3 – Síntese dos parâmetros e procedimentos de avaliação da paisagem vernacular histórica. 33
Figura 4 - Caracterização visual da paisagem vernacular histórica. 35
Figura 5 – Imagem da obra *Anunciação (Retábulo Cestello)* de Boticelli, Florença, 1489. 37
Figura 6 – Foto da obra *A Escola de Atenas* de Rafael Sanzio, Vaticano, 1510.....37
Figura 7 – Fotos da obra *Estar Aí*, instalação do artista João Virmontes de 2002. ...39
Figura 8 – Foto da obra “Quase Lugar” – Instalação do artista João Virmontes, 2003. 39
Figura 9 – Fotos da *Villa Le Lac*, obra de Le Corbusier. 43
Figura 10 – Croqui de Le Corbusier, Pão de Açúcar, de 1936. 43
Figura 11 – Forma das aberturas, croqui de Francis Ching. 45
Figura 12 - Fotos da Casa Curzio Malaparte, projetada pelo arquiteto Adalberto Libera, 1938. 46
Figura 13 - Angulo de visão horizontal e distancia da vista externa.....48
Figura 14 - Camadas da vista 49
Figura 15 - Esquema gráfico dos aspectos físicos da paisagem fenestrada.....52
Figura 16 - Esquema teórico da fenestração como fenômeno do lugar 56
Figura 17 - Esquema teórico do processo de percepção ambiental.....63
Figura 18 - Esquema gráfico sobre a simbolização da paisagem fenestrada. 78
Figura 19 - Fotografia de casa de pedra na Linha 40 em Caxias do Sul, 2011.....85
Figura 20 – Ilustração comparativa de portas e janelas da arquitetura das colônias italianas. 85
Figura 21 – Mapa de localização de Santa Tereza/ RS. 92
Figura 22 – Mapa de localização e topografia da área de proteção. 93
Figura 23 - Foto aérea do Núcleo Urbano de Santa Tereza. 93
Figura 24 - Cia Arnt de Navegação, porto de Santa Tereza. 96
Figura 25 – Alterações dos edifícios religiosos. Foto (a), antiga igreja neorromânica de 1902. Foto (b), igreja de 1969 com o campanário. 96
Figura 26 - Relevo e hidrografia da área de proteção sobre imagem de satélite perspectivada. 100
Figura 27 - Analise visual do sítio físico de Santa Tereza - RS. 101
Figura 28 - Planta baixa e acessos de Santa Tereza. 102
Figura 29 - Malha urbana, parcelamento e cheios e vazios do centro urbano. 102
Figura 30 - Entorno imediato. 103
Figura 31 - Linhas de força e coroamento. 104
Figura 32 - Foto das edificações da Av. Itália.....104

Figura 33 – Fotos dos elementos complementares do centro urbano. 105
Figura 34 – Fotos dos elementos complementares da área de entorno. 106
Figura 35 – Mapa das edificações inventariadas, setores de interesse e visuais. .. 108
Figura 36 - Mapa das edificações selecionadas. 109
Figura 37 – Gráficos com o perfil do sexo, idade e relação dos participantes com os edifícios. 111
Figura 38 - Campos visuais da janela 113
Figura 39 - Esquema de avaliação do nível de conexão visual 114
Figura 40 - Ficha de avaliação do nível de conexão visual da edificação 115
Figura 41 - Imagem do diagrama de Sankey extraído da tabela código-documento resultante da análise de conteúdo sobre as janelas preferidas pelos habitantes. ... 127
Figura 42 - Nuvem de palavras sobre os elementos naturais 129
Figura 43 - Mapa mental na Casa 2 da Estação representando o Rio Taquari 131
Figura 44 – Representações sobre o verde - (a) Ipê florido sobre janela da Prefeitura; (b) Morros e árvores associados ao ar puro sobre janela da Casa do Professor. 131
Figura 45 - Vista dos morros em janela da Casa Miele. 133
Figura 46 - Pássaros no levantamento fotográfico das janelas. (a) Antiga Fábrica de Alambiques e (b) Casa Miele. 135
Figura 47 - Nuvem de palavras sobre os elementos construídos 136
Figura 48 - Mapa mental representando a torre (a) e fotografia da janela (b) a partir do Hotel Central 137
Figura 49 - Prédios contemporâneos - (a) Casa de esquina e (b) clube. 138
Figura 50 - Telhados sobre a vista de janela da prefeitura. 140
Figura 51 - Mapa mental representando a praça central a partir de janelas da Casa Picinini. 141
Figura 52 - Nuvem de palavras sobre as atividade humanas 142
Figura 53 - Mapa mental sobre o movimento de caícos no Rio Taquari. 144
Figura 54 - Mapa mental sobre o movimento do trem em janelas da Casa 2 da Estação. 145
Figura 55 – Magnitude dos dados codificados sobre as preferências da conexão afetiva das vistas 147
Figura 56 - A naturalidade das vistas 151
Figura 57 - A complexidade das vistas 152
Figura 58 - O significado histórico das vistas 153
Figura 59 – A amplitude das vistas 154
Figura 60 – O significado novidade/familiaridade das vistas 154
Figura 61 - Diagrama de Sankey sobre as ocorrências simultâneas de códigos entre significados e elementos percebidos 155

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Parâmetros de avaliação para vista externa 48
Tabela 2 - Avaliação do nível de conexão visual.....114
Tabela 3 - Mapas mentais e entrevistas semiestruturadas por edifício. 117

Lista de Quadros

Quadro 1 - Tipologias de paisagem cultural 31
Quadro 2 - Esquema metodológico do estudo de caso 87
Quadro 3 - Relação de edificações selecionadas e nº de participantes alcançados. 110
Quadro 4 - Condições de observação nos edifícios do setor 1 e 2 122
Quadro 5 - Condições de observação nos edifícios do setor 3 124
Quadro 6 - Condições de observação dos edifícios do setor 4 126
Quadro 7 - Elementos percebidos 128
Quadro 8 - Citações sobre rio 130
Quadro 9 - Citações sobre o verde e a natureza 132
Quadro 10 - Citações sobre os morros 134
Quadro 11 - Citações sobre os pássaros 134
Quadro 12 - Citações sobre a torre 137
Quadro 13 - Citações sobre casas e prédios 139
Quadro 14 - Citações sobre os telhados 140
Quadro 15 - Citações sobre os espaços públicos 141
Quadro 16 - Citações sobre o movimento na rua – parte 1 143
Quadro 17 - Citações sobre o movimento de rua – parte 2 144
Quadro 18 - Citações sobre o movimento do trem 146
Quadro 19 - Citações sobre o movimento do trabalho na terra 146
Quadro 20 – Relação das janelas de preferência e os significados atribuídos 148
Quadro 21 - Símbolos da paisagem fenestrada de Santa Tereza 155

Sumário

CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO 6
1.1 Discussão do tema 6
1.2 Problema de pesquisa 8
1.3 Embasamento teórico e hipótese 9
1.4 Proposta de investigação 11
1.4.1 Objetivo da pesquisa 11
1.4.2 Abordagem metodológica 11
1.4.3 Variáveis investigadas 12
1.4.4 Objeto de estudo 13
1.5 Estrutura da dissertação 14
CAPÍTULO 2 | PAISAGEM E FENESTRAÇÃO 16
2.1 Paisagem 16
2.1.1 O conceito de Paisagem 16
2.1.2 O conceito de Paisagem Cultural 19
2.1.3 A Paisagem Cultural como patrimônio 21
2.1.4 O contexto patrimonial da paisagem cultural no Brasil 23
2.1.5 Direito à paisagem e qualidade ambiental urbana 25
2.1.6 Objetivos de qualidade paisagística 27
2.2. Paisagens Históricas Urbanas 28
2.2.1 Implicações do conceito de paisagem cultural para as cidades históricas 28
2.2.2 Paisagem Vernacular Histórica 30
2.2.3 Parâmetros de preservação da paisagem vernacular histórica 32
2.2.4 Definição de limites e caracterização visual 33
2.3 Paisagem Fenestrada 36
2.3.1 Janela e paisagem nas artes 36
2.3.2 A janela como “Olho da arquitetura” 40
2.3.3 Topografia arquitetônica e o papel do arquiteto na fenestração 41
2.3.4 A vista da janela como leitura de campos visuais 44
2.3.5 Conexão Visual e caracterização da qualidade da vista 47

2.4 Conclusão do capítulo.....50
CAPÍTULO 3 | SIMBOLIZAÇÃO E PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA PAISAGEM FENESTRADA.....54
3.1 A paisagem fenestrada como fenômeno do lugar.....54
3.1.1 Identidade do lugar e memória.....57
3.1.2 O conceito de símbolo e atribuição de significado ao lugar.....59
3.1.3 O papel do habitante na simbolização da paisagem fenestrada.....61
3.2 Processo de percepção ambiental.....62
3.2.1 Implicações das teorias sobre o processo de percepção ambiental.....65
3.2.2 Formação da imagem mental e suas classificações.....66
3.2.3 Imagem mental e avaliação ambiental.....68
3.2.4 Pressupostos para abordagem do processo de percepção ambiental.....69
3.3 Mapeamento cognitivo.....71
3.3.1 Imageabilidade.....72
3.3.2 *Linkability* ou Conexão Afetiva.....74
3.4 Conclusão do capítulo.....76
CAPÍTULO 4 | METODOLOGIA.....80
4.1 Abordagem metodológica.....80
4.1.1 Seleção do objeto de estudo.....81
4.1.2 Contexto histórico-cultural da imigração italiana do sul do Brasil.....83
4.1.3 A fenestração na arquitetura de colonização da serra gaúcha.....84
4.2 Delineamento do estudo de caso.....86
4.2.1 Procedimentos adotados.....86
4.2.2 Levantamento de dados.....88
4.2.2.1 Estratificação horizontal da vista e nível de conexão visual.....89
4.2.2.2 Mapas mentais e entrevistas no mapeamento cognitivo.....89
4.3 Objeto de estudo.....92
4.3.1 Santa Tereza.....92
4.3.2 Significância histórica.....95
4.3.3 Contexto estrutural da paisagem e seus limites.....98
4.3.3.1 Caracterização do sítio físico (*aspectos naturais*).....99

4.3.3.2 Caracterização da estrutura interna do espaço (*aspectos das transformações humanas*) 101
4.4 Métodos 107
4.4.1 Seleção das edificações 107
4.4.2 Seleção dos participantes e suas características 110
4.4.3 Coleta dos dados de campo e sistematização 112
4.4.3.4 Dados físicos 112
4.4.3.5 Dados simbólicos 116
4.4.4 Análise e interpretação dos dados 118
4.5 Conclusão do capítulo 120
CAPÍTULO 5 | RESULTADOS 121
5.1 Aspectos físicos 121
5.1.1 Resultado das condições de observação nos edifícios 121
5.1.2 Conexão visual dos edifícios e a preferência dos habitantes 126
5.2 Aspectos simbólicos 128
5.2.1 Resultado da análise dos elementos percebidos 128
5.2.1.1 Os elementos naturais 129
5.2.1.2 Os elementos construídos 135
5.2.1.3 Os elementos das atividades humanas 142
5.2.2 Resultado da análise dos significados atribuídos 147
5.2.3 Símbolos da paisagem fenestrada de Santa Tereza 155
5.3 Conclusão do capítulo 156
CAPÍTULO 6 | CONCLUSÃO 157
6.1 Problema de pesquisa, hipótese, objetivos e abordagem metodológica 157
6.2 Prinicpais resultados alcançados 159
6.3.1 Conclusões sobre a relação da paisagem fenestrada como campo de estudo sobre a preservação da paisagem cultural 160
6.3.1.1 Sobre as definições dos aspectos conceituais da paisagem como patrimônio 160
6.3.1.2 Sobre a caracterização da janela como elemento de compreensão dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem cultural 161
6.3.2 Conclusões sobre a investigação dos aspectos simbólicos da paisagem fenestrada enquanto identidade de lugar e seu processo de percepção ambiental 162

6.3.3 Conclusões sobre a identificação dos símbolos da paisagem fenestrada, avaliando o caso de uma pequena cidade histórica brasileira 164
6.3.3.1 Sobre os procedimentos e métodos aplicados no estudo de caso 164
6.3.3.2 Sobre os resultados que caracterizam a paisagem fenestrada no estudo de caso 167
6.3 Limitações da pesquisa e sugestões para futuras investigações 169
RERERÊNCIAS 171
APÊNDICE A – FICHAS DE AVALIAÇÃO DA CONEXÃO VISUAL DOS EDIFÍCIOS 181
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 208
APÊNDICE C – ENTREVISTAS E MAPAS MENTAIS: ARQUIVO DIGITAL 209

CAPÍTULO 1 | INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta o tema da paisagem fenestrada sob a ótica de preservação da paisagem cultural e do direito à paisagem que delimita e fundamenta o problema de pesquisa. Em seguida apresenta-se a proposta de investigação com o objetivo da pesquisa, a abordagem metodológica, as variáveis investigadas e o objeto de estudo. Por fim, apresenta-se a estrutura desta dissertação.

1.1 Discussão do tema

A fenestração é um processo arquitetônico que consiste no ato de abrir janelas nas paredes de um edifício. A arquitetura, como memória dos fatos urbanos e produto cultural, precisa condicionar-se a um determinado lugar (ROSSI, 2001). No exercício de erguer paredes e dar-lhe um teto, uma porção do sítio é contida, delimitando assim interior e exterior, o “aqui” e o “além” como descreve Gordon Cullen (1994). Além de ventilar e iluminar, a função de uma janela é retomar a conexão com aquilo que ficou do lado de fora, determinando assim novos focos que permitem ao sujeito ler cotidianamente este lugar. A paisagem fenestrada de que trata este estudo são essas aberturas visuais que permitem aos ocupantes do edifício permanecer, de alguma forma, ligados ao mundo exterior, como define THOMAS (1967). Este mundo exterior para o qual se debruça a pesquisa é a paisagem cultural de pequenas cidades históricas.

A paisagem cultural, desde 1992, é uma categoria de preservação patrimonial incorporada à lista do patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO. Esta categoria integra de forma indissociável os aspectos materiais e imateriais da paisagem. É definida como resultado do processo de interação entre humanos e o meio natural e que, por suas peculiaridades, pode ser eleita como bem cultural representativo de uma coletividade (UNESCO, 1992; IPHAN, 2009). Este conceito é resultado de um longo processo de convergência dos conceitos de paisagem e patrimônio durante o século XX, em resposta à crescente relevância da cultura nos processos identitários da sociedade.

Originado na Geografia, o conceito de paisagem cultural tornou-se tema de abordagem multidisciplinar, principalmente ao ser incorporado pelos órgãos de preservação. A multilateralidade de fatores exigiu a união de historiadores, antropólogos, arqueólogos, arquitetos, botânicos, advogados, entre outros, para o desafio de caracterizar e construir as práticas desta salvaguarda. No campo da arquitetura e urbanismo, a paisagem cultural trouxe novos desafios para o grupo de arquitetos da paisagem, ampliando a importância de atuação destes profissionais no âmbito do patrimônio cultural e do planejamento territorial (DAVIS e OLES, 2014).

Como resultado de processos históricos, a paisagem cultural pode ser compreendida como produto do *habitar*, conceito da obra de Norberg-Schulz (1976), apoiado na teoria da fenomenologia em arquitetura. O habitar é entendido como as operações humanas sobre a paisagem que definem o "modo de ser" de um lugar. Segundo este autor, quando a relação entre os edifícios e paisagem se corrompe, põe-se em risco o vínculo de identidade das pessoas com o lugar (Norberg-Schulz, 1976).

A descaracterização da paisagens históricas (quando acontece) configura-se como indício de transformação profunda sobre o *habitar*. Nesse sentido, estas alterações devem ser acompanhadas com maior cautela pelos órgãos de preservação, a fim de salvaguardar a essência e a identidade do lugar. A fenestração pode ser um valor de referência para controle destas transformações em paisagens históricas urbanas.

Em 2011, a UNESCO recomendou novas ações de conservação, planejamento e gestão da paisagem de cidades históricas através do *HUL - Heritage Urban Landscape – Approach* (UNESCO, 2011 e 2016). Consiste numa guia para desenvolvimento sustentável e gerenciamento do patrimônio paisagístico em ambientes urbanos e dinâmicos. Dentre as recomendações, propõe-se maior atenção às relações visuais e de percepção da paisagem para gestão territorial destes lugares. A participação da comunidade local é uma diretriz para estas ações.

Durante o confinamento doméstico da pandemia COVID-19 o espaço privado foi ressignificado e valorizado mais do que nunca. O impacto dos dias de confinamento exacerbou a relação das pessoas com as janelas e o entorno de suas casas. Paralelamente, foi desencadeado um movimento de grande procura por imóveis fora das grandes metrópoles (FAJARDO e PERÍES, 2020). Neste contexto de pesquisa,

compreende-se a importância da paisagem fenestrada como tema relevante sobre o direito à paisagem.

Para além do aspecto patrimonial, a paisagem é um direito fundamental que todos os seres humanos devem gozar. O direito à paisagem diz respeito à garantia de todo cidadão viver num entorno culturalmente significativo, com acesso e possibilidade de desfrutá-lo. (LALI, 2012; CARTA BRASILEIRA DA PASIAGEM, 2012; CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS, 2018). Este é um dos principais objetivos da Iniciativa Latino Americana de Paisagem – LALI – que articula esforços para o desenvolvimento e gestão da paisagem entre os países latino-americanos, do qual o Brasil é signatário.

Nesse sentido, a paisagem fenestrada assume relevância como tema relacionado a qualidade ambiental dos lugares e a qualidade de vida dos seus habitantes. A partir disso, abre-se um campo para investigar as relações de identidade e memória sobre a paisagem cultural de pequenas cidades históricas.

1.2 Problema de pesquisa

Sob o ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, é amplamente reconhecido o estudo e a prática de apreensão da paisagem urbana e seus valores através da rua, e do movimento do observador por percursos (LYNCH, 1960; APPLEYEARD, 1981; DEL RIO, 1990; CULLEN, 1994; KHOLSDORF, 1996). Alguns desses estudos vão recorrer às técnicas da percepção ambiental para obtenção de dados subjetivos sobre o espaço urbano (LYNCH, 1960, DEL RIO, 1990; KHOLSDORF, 1996;), a fim de relacioná-los com os dados físicos para caracterizar a imagem coletiva da cidade percebida. No entanto, pouco foi estudado sobre a apreensão da cidade a partir do interior do espaço edificado, ou seja, da arquitetura para a paisagem e os reflexos disso nos processos identitários e de preservação da qualidade dos lugares.

Estudos recentes apontam para relevância dos efeitos do conteúdo visual da janela na qualidade de vida e na preferência dos usuários. Nestas publicações são encontrados estudos sobre a importância (SEMENOV, 2017; KENT, 2018) e os efeitos da paisagem vista da janela na percepção dos usuários de edifícios públicos e residenciais, conciliando métodos de experimento controlado, questionários e entrevistas (OZDEMIR, 2010; REIS, PEREIRA, BIAVATTI, 2012; KUHLENENGEL,

WATERS, KONSTANTZOS, 2019; REIS, SEADI, BAIVATTI, 2016; KENT, SCHIAVON, 2020; WACZYNSKA et al, 2021). Outros estudos vão relacionar o aumento de preço dos edifícios em função da qualidade estética da vistas para o entorno (JAYASEKARE et al; 2019). Porém, não foram encontrados estudos específicos dos efeitos da paisagem fenestrada que poderiam influenciar os processos de preservação do patrimônio cultural.

Observada esta lacuna, assume-se a janela como “lugar” de paisagem, tendo como base os apontamentos à este elemento feitos por Thomas (1967), Norberg-Schulz (1976), Jorge (1995) e Santos, Tenório e Ribeiro (2018). A janela vai além da função básica de ventilar e iluminar. É capaz de determinar as qualidades físicas de um espaço, dependendo da forma, orientação e localização. No entanto, é na qualidade simbólica da vista que se encontra uma extraordinária capacidade de fruição entre o sujeito e a paisagem.

Assim, diante da relevância emergente da paisagem como patrimônio cultural, da sua influência para qualidade e o bem estar do usuário no ambiente construído, bem como a escassez de bibliografia sobre o recorte temático apresentado, é levantada a seguinte pergunta de pesquisa:

Se a janela é um elemento relacional do indivíduo com a paisagem, de que modo a paisagem fenestrada pode contribuir para preservação da identidade patrimonial de um lugar?

A resposta para esta pergunta pode estar nas bases teóricas do método qualitativo fenomenológico no campo da arquitetura. Espera-se, como contribuição, que esta abordagem possa enriquecer os meios de análise sobre paisagens culturais pertinentes ao ramo da arquitetura e urbanismo, bem como contribuir para preservação de pequenas cidades históricas brasileiras, fundamentando intervenções paisagísticas e arquitetônicas.

1.3 Embasamento teórico e hipótese

Ao sublinhar a importância da janela como fronteira e enquadramento da paisagem, do dentro e do fora, do natural e do feito-pelo-homem, Norberg-Schulz (1976) evidencia um caminho para se conhecer o lugar como uma totalidade. A qualidade do lugar determina o *genius loci,* uma essência que se expressa na

estrutura da paisagem. A referência ao *genius loci* parte da análise de Heidegger[1] sobre o poema *Uma noite de Inverno*, de George Trakl onde, diante da janela, materializa-se o significado dos lugares e das coisas e onde “o problema do habitar se torna presente” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.447). O habitar baseia-se na sabedoria do “espaço vivido” diariamente. A partir dos fenômenos concretos da vida cotidiana, Norberg-Schulz (1976) analisa a relação entre assentamento e paisagem através das características de *espaço* e *caráter*[2].

A janela possibilita que o fenômeno do lugar ‘aconteça’ para o espaço interno da arquitetura. Conforme Heidegger, “a fronteira não é aquilo em que uma coisa termina, mas, como já sabiam os gregos, a fronteira é aquilo onde algo começa a se fazer presente" (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 450). Assim, torna-se um lugar para fruição entre o homem e paisagem. Mas a janela não é elemento passivo e inócuo, como aponta FUÃO (2019), citando o filósofo contemporâneo Sloterdijk. Consiste num elemento ativo na percepção do indivíduo e pode ser considerada o primeiro grande elemento domesticador do ser humano.

Com base nisso, este estudo compreende que a fenestração arquitetônica possa ser abordada como um fenômeno do lugar. A fenomenologia influenciou a disciplina de arquitetura ao chamar a atenção para o papel da percepção ambiental no estudo da cidade. Sua contribuição permitiu compreender de modo mais profundo como a população percebe o ambiente urbano a partir da vida cotidiana, identificando os estímulos ambientais que determinam a relação das pessoas com o lugar (CASTELLO, 2005).

O processo de percepção ambiental relacionado à paisagem fenestrada pode ser um caminho para compreensão da relação homem e meio de uma paisagem cultural. Conforme Applleyard (1972), é buscando inspiração no passado, no *genius loci* e nos valores das pessoas comuns que se promove a qualidade ambiental. As representações mentais sobre o ambiente são um recurso investigado pelos estudos na área da percepção ambiental para compreensão de fenômenos do espaço urbano (LYNCH, 1960; APLLEYARD, 1976; CANTER, 1977; LEE, 1977; GOLD, 1980; DEL RIO, 1990; KHOLSDORF, 1996; NASAR, 2001). Estas representações são produto das atividades mentais do ser humano e baseiam-se na memória sobre informações

[1] Refere-se ao filósofo alemão Martin-Heidegger (1889-1976).

[2] Estes critérios são aprofundados no CAPÍTULO 3.

espaciais e significados sobre ambiente. Também são conhecidas como imagem mental (LYNCH, 1960; CHAMBERS E ROSEMBERG, 1992; REIS; LAY, 2006). Tais estudos sugerem a hipótese de que há **uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada, capaz de revelar características físicas e simbólicas relevantes para salvaguarda da identidade de um lugar e seu valor patrimonial.**

A análise deste conteúdo pode revelar dados para melhor gestão do patrimônio cultural, subsidiando com mais efetividade ações de planejamento e preservação de paisagens culturais frente aos processos de aglomeração urbana.

1.4 Proposta de investigação

1.4.1 Objetivo da pesquisa

A presente pesquisa tem como objetivo geral **salvaguardar a paisagem cultural de pequenas cidades históricas, analisando os símbolos e significados da paisagem fenestrada como expressão de sua identidade de lugar.** Para alcançá-lo, são traçados os seguintes objetivos específicos:

I. Relacionar a paisagem fenestrada como campo de estudo sobre a preservação da paisagem cultural, (a) definindo os aspectos conceituais da paisagem como patrimônio e (b) caracterizando a janela como elemento para compreensão dos aspectos físicos e simbólicos envolvidos;
II. Investigar os aspectos simbólicos da paisagem fenestrada enquanto identidade de lugar, revisando o processo de percepção ambiental para reconhecimento deste conteúdo;
III. Identificar os símbolos da paisagem fenestrada, avaliando o caso de uma pequena cidade histórica brasileira;

1.4.2 Abordagem metodológica

A pesquisa, de natureza aplicada, possui uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, que busca compreender a paisagem fenestrada enquanto espaço vivido (NORBERG-SCHULZ, 1976). Esta paisagem pode ser abordada como fenômeno do lugar, entendida como fisionomia e impressões de um local único, e envolve as particularidades do contexto aonde ocorre (MEINIG, 1979). Esta abordagem justifica-

se pela natureza oculta das evidências e a subjetividade dos fatos investigados (GONZÁLEZ REY, 1999). O método de pesquisa é o estudo de caso, utilizado na pesquisa empírica qualitativa em casos que se caracterizam pela exclusividade dos eventos e do propósito revelador sobre o tema de estudo (YIN, 2001).

Os procedimentos metodológicos adotados são baseados em estudos na área da percepção ambiental em arquitetura e urbanismo (LYNCH, 1960; APLLEYARD, 1976; CANTER, 1977; LEE, 1977; GOLD, 1980; DEL RIO, 1990; KHOLSDORF, 1996; NASAR, 2001). Para isso, é selecionado um objeto de estudo, observando o contexto da paisagem cultural de pequenas cidades históricas brasileiras (BRINBAUM, 1994; CORRÊA, 2011). Este objeto é investigado por meio de variáveis físicas e simbólicas que envolvem o processo de percepção ambiental da janela. Para isso são desenvolvidos procedimentos de levantamento de dados documentais e de campo.

1.4.3 Variáveis investigadas

As variáveis desta investigação baseiam-se nos aspectos materiais e imateriais da paisagem cultural de pequenas cidades, caracterizadas como paisagens vernaculares históricas (BIRNBAUM, 1994). Estes aspectos correspondem às características de *espaço* e *caráter* que definem uma identidade de lugar (NORBERG-SCHULZ, 1976; MEINIG,1979). Para tanto, a paisagem fenestrada é investigada por meio das variáveis físicas e simbólicas que envolvem o processo de percepção ambiental da janela. As variáveis físicas são investigadas como condições físico-ambientais da observação, enquanto que as variáveis simbólicas são dependentes das atividades mentais do observador (percepção, cognição e avaliação) (RAPPOPORT, 1978; GIBSON, 1986; LANG, 1987; DEL RIO, 1991).

Os **aspectos físicos** são avaliados pelas características do contexto estrutural da paisagem e das condições de observação a partir da arquitetura. O contexto estrutural é definido pelos *Limites* da paisagem, caracterizados por meio da análise visual do sítio físico (aspectos naturais) e da estrutura interna do espaço (transformações humanas) (TRIEB E SCHIMIDT, 1985 apud KHOLSDORF, 1992; JACKSON, 1994; PANERAI, 2006). As condições de observação são definidas pelo nível de *Conexão Visual* dos edifícios históricos, tendo como parâmetro a estratificação horizontal das vistas das janelas (THOMAS, 1967; KOHLSDORF, 1992; CARAMELA, 2007; EN17037, 2018).

Os **aspectos simbólicos** são avaliados pelos componentes simbólicos percebidos e a significações atribuídas na leitura cotidiana dos fragmentos de paisagem. A partir do **mapeamento cognitivo** dos habitantes dos edifícios, são avaliadas as representações da imagem mental destes indivíduos (LYNCH, 1960; APPLEYARD, 1976 e KOHLSDORF, 1992). Estas representações são analisadas quanto à ***Imageabilidade*** e a ***Conexão Afetiva,*** a fim de detectar os símbolos da paisagem fenestrada (LYNCH, 1960; NASAR, 2001).

Imageabilidade[3] e *Conexão Afetiva* são critérios de análise sobre o processo de percepção ambiental das pessoas. *Imageabilidade* refere-se à capacidade da vista da janela evocar uma imagem forte, clara e pregnante no observador; está ligada a percepção dos aspectos físicos da paisagem para reconhecimento, organização e memorização da estrutura do lugar (LYNCH, 1960). *A Conexão Afetiva (Linkability)* refere-se à capacidade do ambiente evocar uma resposta favorável nas pessoas (NASAR, 1997) e está ligada aos significados que determinam as preferências sobre a vista da janela. Estes critérios são utilizados para identificar o conteúdo simbólico da paisagem fenestrada do objeto de estudo.

1.4.4 Objeto de estudo

A definição do objeto de estudo partiu das definições de escala, significância histórica e integridade da paisagem vernacular histórica (BIRNBAUM, 1994). Esta tipologia de paisagem cultural é caracterizada por assentamentos urbanos de evolução espontânea e lenta, vinculada ao entorno rural e recursos naturais. São representadas por pequenas cidades do interior ou distritos rurais. Alguns conjuntos e núcleos urbanos inscritos no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico brasileiro vão apresentar estas características.

As áreas de colonização europeia no sul do Brasil compreendem um tipo regional da pequena cidade brasileira (CORRÊA, 2011). O *Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Antônio Prado,* tombado em 1990, e o *Núcleo Urbano de Santa Tereza,* tombado em 2012, representam a significância histórica do processo de imigração

[3] O termo original em inglês *Imageability* (LYNCH, 1960) foi adaptado para o português de duas formas. Na tradução do livro *A imagem da cidade* (LYNCH, 1999) é empregado o termo *Imaginabilidade.* No entanto usaremos ao longo dessa dissertação o termo *Imageabilidade* extraído de Del Rio (1990). Segundo este autor, dessa forma o termo expressa melhor a idéia de “capacidade de imagem” ou “pregnância da imagem”, evitando confundir-se com a capacidade de imaginação do indivíduo.

italiana iniciando no final do século XIX que colonizou o sul do pais. Os indícios de descaracterização paisagística de Antônio Prado direcionam o foco desta pesquisa para o contexto de preservação da paisagem de Santa Tereza.

Santa Tereza está localizada na região do vale do Rio Taquari e foi colonizada por imigrantes italianos e poloneses a partir de 1875. Além da integridade do acervo arquitetônico remanescente, os estudos para tombamento destacam a relevância paisagística deste lugar (IPHAN, 2008; ZANELLA 2009). Cercada por morros, lavouras e cursos d'água, esta paisagem resguarda forte relação com as pequenas vilas italianas da região do Vêneto (nordeste da Itália). O declínio de sua atividade econômica teve impacto direto sobre a integridade de suas características naturais e urbanas. As janelas dos edifícios históricos de Santa Tereza são um caso oportuno para o objetivo desta pesquisa.

1.5 Estrutura da dissertação

Tendo em vista a natureza teórico-prática da pesquisa e a densidade do tema abordado, a dissertação se estrutura em seis capítulos. O **Capítulo 1** traz a introdução da pesquisa a partir da discussão do tema, o problema de pesquisa e a hipótese. Em seguida apresenta a proposta de investigação em função do objetivo de pesquisa, da abordagem metodológica, das variáveis investigadas e do objeto de estudo.

O marco teórico da pesquisa é apresentado nos capítulos 2 e 3.

O **Capítulo 2** é dedicado ao estudo dos aspectos conceituais sobre o estudo da paisagem, dividido em três seções temáticas. A primeira seção traz o estudo da base teórica sobre o conceito de paisagem e sua convergência como categoria patrimonial. A segunda, aborda as particularidades sobre a preservação de paisagens históricas urbanas. A terceira seção se debruça sobre o estudo da paisagem fenestrada enquanto campo de investigação da paisagem cultural.

O **Capítulo 3** estuda os aspectos relativos à simbolização e ao processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada. Na primeira seção a paisagem fenestrada é compreendida como fenômeno do lugar. Depois, é estudado o processo de percepção ambiental que envolve a observação da janela e as informações ambientais envolvidas neste processo. A última seção investiga os conceitos

operativos relacionados à observação da paisagem fenestrada e sua constituição simbólica.

O **Capítulo 4** explica a metodologia de pesquisa. Primeiramente é apresentada a abordagem metodológica em função do objetivo da pesquisa, os critérios de seleção do objeto de estudo e seu contexto histórico-cultural e arquitetônico. Na seção seguinte apresenta-se o delineamento do estudo de caso e os procedimentos adotados. A terceira seção apresenta o objeto de estudo como contexto estrutural de paisagem e seus limites. Na última seção são detalhados os métodos de seleção das edificações, seleção de participantes, coleta e análise de dados.

No **Capítulo 5,** são apresentados os resultados do estudo de caso em duas seções. A primeira trata dos aspectos físicos investigados e contém os resultados sobre a análise das condições de observação dos edifícios. Na segunda seção, dedicada aos aspectos simbólicos, apresenta os símbolos como resultado da análise dos elementos percebidos e dos significados atribuídos pelos habitantes.

Por fim o **Capítulo 6** apresenta a conclusão da pesquisa, com a retomada da proposta de investigação e os principais resultados encontrados em função dos objetivos específicos da pesquisa. Por fim, expõe as limitações da pesquisa e as sugestões para investigações futuras.

CAPÍTULO 2 | PAISAGEM E FENESTRAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo discutir a importância da paisagem fenestrada como campo de estudo da paisagem cultural em sítios de preservação histórica. Para isso, serão estudados os conceitos de paisagem através de uma revisão bibliográfica relacionada em **três seções temáticas**: paisagem, paisagens históricas urbanas e paisagem fenestrada.

2.1 Paisagem

Nesta **primeira seção** é desenvolvido o estudo da base teórica sobre paisagem. Inicialmente, é discutida a relevância científica do conceito de paisagem, destacando sua convergência como categoria do patrimônio cultural, onde assume maior pragmatismo. A partir disso, o conceito de paisagem cultural é explorado desde a esfera internacional até sua implementação no Brasil, onde são expostas as dificuldades de sua preservação. Por fim, a paisagem cultural é compreendida na perspectiva do direito universal e da qualidade ambiental urbana, onde o planejamento territorial e a preservação cultural fundem-se no objetivo de promover o bem estar humano sustentável.

2.1.1 O conceito de Paisagem

A definição comum de paisagem remete à extensão do território que se abrange num lance de vista, derivada do francês *paysage*. A etimologia mostra que a palavra é derivada do latin *pagus*, que refere-se ao lugar onde uma pessoa nasce, vive e se identifica. *País* e *paisagem* estão relacionadas por este vínculo semântico e conceitual sobre lugar e pertencimento, que se reflete na proximidade fonética de outras línguas, como nas palavras francesas *pays* e *paysage*, nas espanholas *país* e *paisaje*, nas italianas *paese* e *paesaggio*, nas inglesas *land* and *landscape* e alemãs *land* e *landschaft* (CODERCH; NAVARRETE; ARNAIZ, 2010). No entanto, a abordagem etimológica é uma definição simplista e redutiva do conceito científico construído ao

longo do século XX que caracterizou a paisagem como fato cultural, objeto de estudo das ciências sociais.

A paisagem refere-se à abrangência do território aonde se estabelecem os laços culturais. Possui relação com o sentido de *pátria*, na medida que estabelece a união afetiva e material entre sujeito e seu lugar de existência. Pode ser entendida como um constructo, ao longo do tempo, onde a natureza e seus recursos são a matriz para a ação da cultura humana. A cultura é um paradigma, que se define pelo modo como as comunidades interpretam e transformam o meio. A paisagem, portanto, define-se pela interação entre ser humano e meio ambiente sobre determinado território.

> Para que o homem seja capaz de modelar a natureza, ele deve ser capaz de percebê-la previamente, o que o transforma em um observador, e a natureza, tal como é observada ou percebida, torna-se um fato (CODERCH; NAVARRETE;ARNAIZ, 2010, p. 1 – tradução nossa).

Segundo Meneses (2002, p. 30), o que define o termo paisagem é justamente a capacidade de articular os saberes da natureza como os saberes do ser humano. Sua dimensão estética passa pelo fator ético, ou seja, envolve a percepção e a existência humana. Portanto, para considerá-la como fato cultural é preciso ir além do objeto (território enquanto superfície de terra), da ação humana que a transforma e da interação que se estabelece (material e imaterial). É preciso tratá-la como um processo de identificação, observado e influenciado pela sociedade.

Paisagem e espaço não são sinônimos (MENESES, 2002). Apesar de ambos serem constituídos por elementos formais, a paisagem distingue-se como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2006, p.66). O espaço, porém, define-se pelas formas e a vida atuante sobre elas no tempo presente. Deste modo, entende-se a paisagem como um produto do espaço. Enquanto o espaço é vivido, a paisagem é construída.

Há muitas maneiras de se ler uma paisagem. De acordo com Meinig (1979), uma mesma paisagem pode descrita em muitos níveis e de diversas maneiras pelo ser humano:

- Como *natureza*, a paisagem é lida como uma condição primitiva do meio, onde as obras e as intervenções humanas são vistas como espoliação da perfeição que é o meio natural;

- Como *habitat*, a paisagem é entendida como harmonia entre homem e meio no processo de domesticação da natureza, onde tudo revela-se como seleção consciente feita pelo ser humano;
- Como *artefato*, a leitura é feita a partir das marcas do ser humano enquanto ser criador, onde a natureza é apenas palco de suas ações;
- Como *sistema*, é uma pista superficial de processos mais profundos que possibilitam compreender cientificamente a realidade;
- Como *problema*, é lida como condição degradante do meio a ser corrigida;
- Como *riqueza*, pode lida pelos olhos de uma avaliador (especulador e planejador), atribuindo valor capital e monetário para a paisagem;
- Como *ideologia*, nesta leitura a paisagem é compreendida como símbolos de valores e idéias dominantes, ou seja, a paisagem como criação de princípios ideológicos;
- Como *história*, a paisagem é lida como acumulação, onde tudo que está diante dos olhos é um registro das camadas de história de um lugar, organizadas através da cronologia e consequência dos fatos;
- Como *lugar*, a paisagem é lida como fisionomia e impressões de um local único, cuja localização, ambiente, composição e simbolização fazem parte da riqueza e da variedade de lugares do planeta Terra;
- Como *estética*, pode ser lida a partir da expressão artística e dos sentidos como linguagem, na busca por significado que não está implícito apenas em suas formas comuns.

Devido ao vínculo que estabelece com os aspectos culturais do ser humano, o conceito científico de paisagem aproximou-se gradativamente do conceito de lugar. A paisagem é fator importante em qualquer discussão sobre lugar pois é componente crucial do senso de lugar (MUIR, 1999). Para Tuan (1983), a medida que um espaço adquire definição física e significado, transforma-se em lugar, tornando-se cada vez mais familiar. Para Twaites e Simkins (2007) e Reis-Alves (2007), a paisagem transforma-se em lugar pela simples presença do homem que a modifica e qualifica através da interação com os elementos físicos do espaço.

Ao longo do século XX, a paisagem desenvolveu-se como tema central da geografia cultural, definida por Carl Sauer (1925) como produto cultural. No final da

década de 1960, geógrafos como Denis Cosgrove trataram de considerá-la uma representação humana, carregada de sentidos e significados que extrapolam a materialidade. A partir desta visão humanista, “a paisagem é introjetada no sistema de valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio” (RIBEIRO, 2007, p. 24). De fato, o caminho conceitual construído pela geografia neste período expôs visões complementares daquilo que define cientificamente o estudo da paisagem na atualidade, que é a integração de fatores morfológicos e simbólicos (RIBEIRO, 2007).

A partir da promulgação da Convenção Europeia de Paisagem, em 2000, a paisagem assumiu protagonismo mundial como conceito de proteção cultural, gestão e ordenamento territorial. O documento a define como “uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos” (FLORENÇA, 2000, p.2). Na América do Sul, destaca-se o papel da Iniciativa Latino Americana de Paisagem – LALI – que define a paisagem como um conceito explicitamente ligado à proteção das identidades culturais:

> A paisagem é definida como um espaço-tempo resultado de fatores naturais e humanos, tanto tangíveis como intangíveis, que ao ser percebido e moldado pelas pessoas, reflita a diversidade das culturas (LALI, 2012, p. 9).

Portanto, foi assumindo o caráter amplo e integrador do conceito de paisagem que se permitiram avanços sobre o tema no início do século XXI. Grande parte dos avanços devem-se às reverberações do conceito de paisagem cultural no campo do patrimônio.

2.1.2 O conceito de Paisagem Cultural

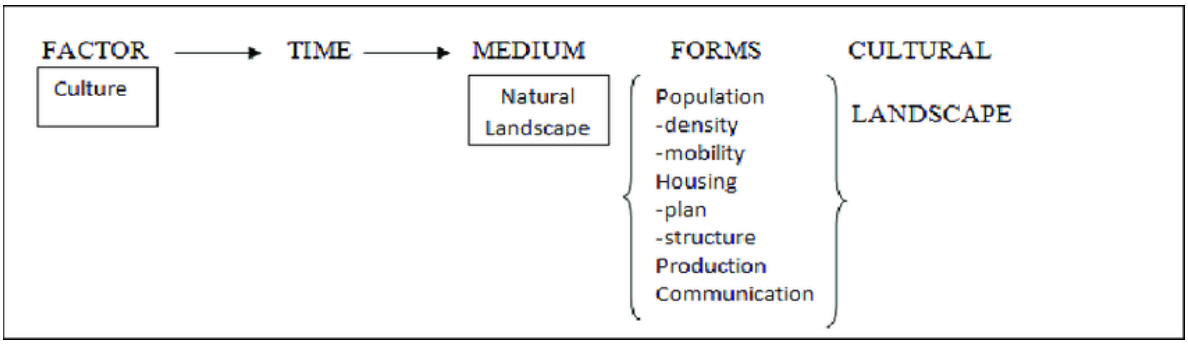
O termo paisagem cultural define-se na diferença entre natureza e criação humana. Surgiu na geografia cultural para distinguir a paisagem “intocada” (*natural landscape*) daquela que é modificada de alguma forma pela intervenção humana (*cultural landscape***).** “A paisagem cultural é formada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1925, p. 309 – tradução nossa).

A paisagem intocada ou natural é definida por fatores climáticos e geológicos de determinado território. Clima, topografia, hidrografia e vegetação são fatores que

influenciam as características da paisagem natural e participam da identidade física da paisagem cultural. O estudo destes condicionantes naturais é de fundamental importância, pois fornecem os materiais e os meios com os quais o ser humano constrói a paisagem cultural (SAUER, 1925, p. 308 e 310).

Para Sauer (1925) a paisagem cultural passa a existir a partir dos registros que o ser humano deixa sobre a paisagem natural. Esses registros são todas as formas que a atividade humana imprimiu à paisagem ao longo do tempo. Dentre as formas relacionadas pelo autor, estão: as formas populacionais, de habitação, de produção e de comunicação (Figura 1). As formas populacionais referem-se aos fenômenos de densidade e deslocamento de pessoas (migrações sazonais). As formas de habitação incluem os tipos de construções e seus agrupamentos. As formas de produção referem-se aos modos de utilização da terra para produtos primários, fazendas, florestas, minas, etc. As infraestruturas de comunicação também são registros da atividade humana. Neste sentido, o autor privilegia o critério morfológico. Conforme explica o autor, “não estamos preocupados em geografia com a energia, costumes ou crenças, mas com o registro do homem sobre a paisagem” (SAUER, 1925, p. 309- tradução nossa).

Figura 1 - Diagrama conceitual da paisagem cultural de Carl Sauer.



Fonte: SAUER, 1925, p. 310.

A geografia cultural, ao introduzir o conceito de paisagem cultural, contribuiu para uma abordagem científica dos aspectos formais da paisagem. Um *palimpsesto*, como define Certeau (1998, p. 310), resultado de sobreposições culturais sobre o território ao longo do tempo, fator de identidade e memória. No entanto, o método puramente morfológico de Sauer (1925) encontrou dificuldades ao renegar aspectos subjetivos como seu significado simbólico. Ribeiro (2007, p.30) explica que apesar de

referenciada a objetos concretos, “seu estudo não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois”.

A paisagem cultural vai além de uma simples morfologia do espaço ou de um reflexo sobre o estado de espírito da contemplação visual (BERQUE, 1994). É um conceito que passa a definir a paisagem como abordagem científica ao longo de todo século XX. Atualmente, define-se como campo de atuação multidisciplinar e de grande interatividade científica. Na arquitetura e urbanismo o conceito repercutiu diretamente sobre práticas do patrimônio cultural e do planejamento territorial.

Alguns órgãos vão usar o termo “paisagem cultural” como categoria de preservação dos bens culturais. Outros vão dispensar o termo “cultural” para assumir uma postura mais abrangente em relação à proteção da paisagem, tendo como objetivo o planejamento territorial sustentável. No contexto europeu, os esforços empenhados pela UNESCO e pela Convenção Europeia de Paisagem demonstram essa dupla finalidade. No âmbito patrimonial, o conceito influenciou a UNESCO na criação de uma categoria mista para classificação dos bens inscritos na lista do patrimônio mundial. Mais tarde, a Convenção Europeia inovou propondo o fim da fragmentação dos termos ‘paisagem’ e ‘paisagem cultural’, e passa a definir paisagem como conceito global da interação entre fatores naturais e antrópicos, entre as pessoas e os seus territórios, entre passado, presente e futuro.

2.1.3 A Paisagem Cultural como patrimônio

Apesar do conceito de paisagem cultural encontrar grande teorização desde o final do século XIX, quando adquiriu uma abordagem efetivamente científica dada pela geografia cultural, sua finalidade patrimonial é ainda um tema recente e em construção. Ao longo do século XX, com a relevância crescente das áreas de entorno e dos aspectos imateriais sobre a salvaguarda dos bens, a preservação do patrimônio cultural acaba indo ao encontro deste conceito de paisagem para compreender bens de maior complexidade territorial. De início, esta preocupação busca resguardar a dimensão estética dos monumentos e seu entorno imediato, mas avança posteriormente com a discussão internacional sobre meio ambiente e sustentabilidade no pós-guerra. Isto ampliou a valorização do aspecto natural dos lugares, levando os órgãos do patrimônio a considerar sítios cada vez mais abrangentes (RIBEIRO, 2007).

Desde 1972, a UNESCO, através da Convenção para Proteção do Patrimônio Cultural e Natural, estabeleceu os critérios para inscrição dos bens na Lista de Patrimônio Mundial. Originalmente, a classificação em bens naturais e culturais não permitia espaço para inscrição de bens de caráter misto nesta lista. Somente em 1992 o órgão adota a categoria de Paisagem Cultural, “visando à valorização das relações entre o homem e meio ambiente, entre o natural e o cultural” (RIBEIRO, 2007, p. 41). Ao adotar essa nova categoria, a UNESCO avança sobre um antigo problema que é a preservação integrada de bens materiais e imateriais. Assim, definiu a paisagem cultural como as “obras conjugadas do homem e da natureza” que “ilustram a evolução da sociedade humana e sua consolidação ao longo do tempo” (UNESCO, 2011, p.11).

Reverberando as definições do órgão mundial, os órgãos nacionais de preservação passam a assimilar o conceito de modo prático enfrentando duas tarefas primordiais à preservação desta categoria de patrimônio: (i) a definição do marco físico de proteção e (ii) a percepção e os valores atribuídos pela população.

No contexto norte-americano, o *National Park Service* – NPS – define paisagem cultural como uma área geográfica, revelando a necessidade de delimitação e recorte físico-espacial para sua abordagem.

> A paisagem cultural é definida como uma área geográfica, incluindo recursos culturais e naturais, a vida selvagem ou animais domésticos; associados a um evento histórico, atividade ou pessoa; ou exibindo outros valores culturais ou estéticos (BIRNBAUM, 1994, p. 1 – tradução nossa).

Por outro lado, na Espanha, destaca-se a relevância dada pelo *Instituto del Patrimonio Cultural de España* – IPCE - à percepção da população e os valores por ela atribuídos.

> A paisagem cultural é o resultado da interação ao longo do tempo entre as pessoas e o meio natural, cuja expressão é um território percebido e valorizado por suas qualidades culturais, produto de um processo e suporte da identidade de uma comunidade (MINISTERIO DE EDUCACION, CULTURA Y DEPORTE, 2015, p.25 – tradução nossa).

De modo geral, os órgãos do patrimônio encontraram no conceito da paisagem cultural uma forma de traduzir e salvaguardar a multiplicidade de valores envolvidos na relação entre a população e seus territórios. Contudo, a crescente preocupação com os sujeitos tem se destacado como prática atual do conceito. Para Meneses (2002, p.49), “a paisagem fatalmente viria a se incluir entre os componentes do

patrimônio cultural pelas vinculações com os processos identitários". Para Valcárcel (1999, p.46), além da questão de identidade cultural, este conceito de patrimônio implica em compreender a paisagem como recurso finito e elemento de valor nas estratégias de desenvolvimento social e territorial. Desta forma, sua prática torna necessária maior integração das políticas de preservação cultural com o planejamento de cidades e regiões envolvendo a percepção das populações.

2.1.4 O contexto patrimonial da paisagem cultural no Brasil

No Brasil, desde 1937, o Decreto-lei nº 25 institui o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (BRASIL, 1937). Até os anos 1960, apenas seis bens estavam inscritos sob essa classificação, refletindo a supervalorização estética dada ao patrimônio arquitetônico até este período. Após a Carta de Veneza de 1964 houve maior valorização dos entornos e conjuntos urbanos, refletindo-se no aumento de bens inscritos neste livro a partir da década de 1970. Mas somente após estabelecido o conceito de paisagem cultural pela UNESCO, em 1992, a paisagem recebeu valorização e reconhecimento efetivo como bem cultural pelos órgãos de preservação do Brasil.

A Carta de Bagé inaugurou o conceito de paisagem cultural para o patrimônio em nível nacional. Nela, a paisagem cultural foi definida como "o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão" (IPHAN, 2007, p.1). A partir disso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - articulou os primeiros estudos sob este conceito no território brasileiro.

Em 2009, a portaria nº 127 do IPHAN instituiu a Chancela de Paisagem Cultural Brasileira como novo instrumento de preservação. Nela a paisagem cultural é definida como "uma porção peculiar do território nacional representativa do processo de interação entre homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores" (IPHAN, 2009, p.17). Distante do conceito de tombamento, a portaria concebe o título de "Paisagem Cultural Brasileira" como um selo emitido e monitorado pelo órgão, passível de destituição. No entanto, o documento não indica nenhuma estratégia para seleção e monitoramento de salvaguarda destes bens.

Cabe ressaltar que os movimentos do IPHAN neste período devem-se, em grande parte, aos esforços para inscrição da paisagem cultural do Rio de Janeiro na

lista do patrimônio mundial da UNESCO. Conforme destacam Figueiredo (2014) e Pereira (2020), foi nesse contexto de valorização que se produziram as reflexões teóricas sobre o tema e os desdobramentos da política nacional para esta categoria de patrimônio. A inscrição da paisagem carioca ocorreu em 2012 e apenas os elementos naturais vinculados aos monumentos da cidade foram relacionados. Sobrou para o órgão nacional e ao instrumento da chancela a discussão sobre a gestão dos assentamentos urbanos (FIGUEIREDO, 2014).

A inscrição do Rio de Janeiro como primeira paisagem cultural urbana na lista do patrimônio mundial gerou grande expectativa no desenvolvimento da política nacional de preservação da paisagem. No entanto, esbarrou nas deficiências técnicas da gestão compartilhada, a exemplo dos projetos Roteiros Nacionais de Imigração e Barcos do Brasil (PEREIRA, 2020, p. 179). Outros estudos com escopo na paisagem cultural foram desenvolvidos paralelamente pelo IPHAN, como o Inventário de Conhecimento do Vale do Ribeira de Iguape (SP) e o Inventário de Conhecimento do Rio São Francisco (MG, BA, PE, AL e SE).

Durante a vigência da Portaria nº 127/2009, nenhuma paisagem brasileira recebeu oficialmente a chancela protetiva do IPHAN. No entanto, é nítida a influência do conceito de paisagem cultural nos processos de tombamento e registros nacionais realizados durante o período. É o caso do tombamento do Núcleo Urbano de Santa Tereza de 2012, do Conjunto Histórico de Pelotas e do registro das Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas em 2018 no Rio Grande do Sul. Estes processos são caracterizados pela ênfase nas relações materiais e imateriais dos bens salvaguardados.

Zaniratto (2020) destaca que a dificuldade de implementar o ordenamento e a gestão territorial através da chancela foi preponderante para suspensão da portaria no ano de 2015. Em 2017, um grupo de trabalho foi designado pelo IPHAN para revisar a normativa, encaminhada para consulta pública em 2019. Um estudo desta revisão, porém, não revela avanços significativos sobre o instrumento e sua proteção legal segue em aberto[4] (ZANELLA; SILVEIRA; OLIVEIRA; NAOUMOVA, 2021). Apesar deste cenário, a pesquisa destaca o compromisso instituído na Política do

[4] Até o fechamento desta pesquisa não foi promulgada a nova versão da Portaria nº 127/2009. Esta situação poderá ser revisada por esta dissertação até o final da pesquisa, caso haja alguma alteração sobre a situação da Chancela Brasileira.

Patrimônio Cultural Material – PPCM do IPHAN, portaria nº 375 de agosto de 2018, que consolida a paisagem cultural como patrimônio cultural brasileiro.

2.1.5 Direito à paisagem e qualidade ambiental urbana

A paisagem é um recurso frágil, transitório e dinâmico. Afora sua relevância enquanto patrimônio natural e cultural, há a necessidade de reconhecê-la enquanto direito das populações. Por integrar conceitualmente os aspectos tangíveis (materiais) e intangíveis (imateriais), representa um valor de referência social que integra os direitos universais de valorização da vida e dignidade humana, previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Dentre os temas tocantes ao direito à paisagem estão: (i) saúde e bem estar físico; (ii) bem estar espiritual e psicológico; (iii) bem estar social-econômico e político; (iv) manutenção e gestão sustentável dos recursos naturais e a (v) salvaguarda dos ecossistemas (MAKHZOUMI; EGOZ; PUNGETTI, 2011 e FAJARDO;PERÍES, 2020).

Enquanto fator de qualidade de vida, a paisagem é um direito que todos devem gozar (LALI, 2012). Como princípio universal não se trata de uma questão rígida, mas de uma prática sensível aos contextos culturais. Requer, portanto, o afastamento de paradigmas econômicos vigentes, a fim de respeitar a diversidade e a equidade social. Jayasekare, Herath, Wickramasuriya e Perez (2019), ao comparar mais de cinco mil transações imobiliárias de casas na região de Illawarra, na Autrália, demonstram que as vistas para paisagem local tem impacto direto sobre o valor de comercialização dos imóveis. Vistas para água, mar, praia e espaços verdes são importantes características no acréscimo de valor dos edifícios. Neste sentido a paisagem configura um campo de disputa, poder e segregação econômica no território da cidade. Por esta razão, o direito à paisagem é tema substancial do projeto arquitetônico e planejamento urbano.

As consequências do desrespeito à paisagem e a insustentabilidade do modelo de habitat praticado nas grandes cidades foram drasticamente confrontados durante a pandemia COVID-19 (FAJARDO; PERÍES, 2020). O transcorrer dos dias de confinamento intensificou a relação das pessoas com as janelas e a paisagem filtrada pelas paredes de suas casas. Essa experiência global expôs ainda mais as desigualdades sobre o modo de habitar dos ambientes urbanos massivos (Figura 2).

Em tempo, o movimento mundial de êxodo das metrópoles, que se acentuou durante a pandemia, pôs em reflexão os efeitos da paisagem vista da janela nas grandes cidades. A reorganização dos modos de trabalho permitiu a migração de pessoas para cidades do interior, em contato com espaços maiores e com a natureza. Este movimento representou um novo olhar sobre a qualidade ambiental de pequenas cidades. Tal fenômeno demonstra a relevância da paisagem fenestrada para qualidade de vida e garantia do direito à paisagem no ambiente construído.

Figura 2 - Retratos da experiência de paisagem através da janela durante a pandemia COVID-19.

(a) “Muro” de José Mateu Gallarza Padilla, Conca, Equador.

(b) “*La vida está em ebullicion*” de Melina Peláez, Cochabamba, Bolivia.

Fonte: FAJARDO; PERÍES, 2020, p. 36 e 42.

A *Iniciativa Latino Americana de Paisagem* – LALI – é uma declaração de princípios éticos entre os países da América do Sul, a fim de articular esforços para proteção do direito à paisagem no continente. Desde 2012, defende este direito a partir de cinco fundamentos:

> 1. A paisagem é um componente fundamental do patrimônio natural e cultural, contribuindo para o bem-estar humano, para a felicidade, para formação de culturas locais e para consolidação da identidade nacional. 2. A paisagem é um agente fundamental na preservação dos estilos de vida e no sentido de pertencimento. 3. A paisagem tem um papel importante de interesse público que constitui um recurso favorável a geração de emprego e criação de novas tecnologias. 4. A paisagem, na sua visão integral, participa no objetivo geral de alcançar a sustentabilidade e está intrinsecamente ligada às mudanças climáticas. 5. A paisagem não reconhece fronteiras e é um complexo, integrador entre países limítrofes. (LALI, 2012, p. 12)

O Brasil, signatário da LALI, compromete-se em promover a valorização, a proteção, a gestão e o planejamento sustentável da paisagem, reconhecendo-a como um direito de todos. Seja a paisagem tema do patrimônio cultural ou do planejamento territorial, é fundamental para sentimento de pertencimento, identidade e bem estar, principalmente em contextos urbanos sensíveis como das cidades históricas brasileiras. Os benefícios potenciais de sua preservação são enormes, pois “oferecem oportunidades cênicas, econômicas, ecológicas, sociais, recreativas e educacionais que ajudam a nos entender como indivíduos, comunidades e como nação” (BIRNBAUM, 1994, p.19).

Neste sentido, entende-se que a paisagem cultural representa, sobretudo, um conceito relacionado à garantia do direito à paisagem. Este conceito deve ser operado e difundido através da arquitetura e do urbanismo para leitura e interpretação do senso de lugar que une indivíduos às características da paisagem aonde vivem. Diante disso a janela surge como evidência, um meio de avaliar essa qualidade ambiental da paisagem cultural e auxiliar no diagnóstico e na formulação de objetivos mais efetivos para sua preservação.

2.1.6 Objetivos de qualidade paisagística

A formulação dos objetivos de qualidade paisagística, de acordo com a Convenção Europeia de Paisagem (FLORENÇA, 2000), consiste em definir as aspirações da população sobre as características paisagísticas do entorno aonde vivem. Estes objetivos variam de acordo com o conteúdo e o alcance dos elementos físicos e sociais da paisagem em cada território. Sua elaboração é de responsabilidade das autoridades públicas e parte importante da concepção dos instrumentos de identificação, avaliação e ordenação das paisagens culturais. Conforme artigo 1.d da referida convenção, os objetivos da qualidade paisagística devem ser definidos a partir de consulta pública.

A percepção que as pessoas possuem sobre as características do seu território permite o reconhecimento da paisagem a partir do modo como é entendida pelos cidadãos. Conforme Meinig (1979, p.1), a paisagem é composta não apenas pelo que está diante de nossos olhos, mas pelo que está dentro de nossas cabeças. Neste sentido, o Conselho Europeu de Paisagem dá especial atenção aos valores atribuídos pela população, indicando que as políticas públicas para a paisagem devem ser

construídas a partir da avaliação dessas percepções. Tais informações, organizadas sob a forma de objetivos, servem de fundamento para as medidas científicas de proteção da paisagem (COUNSIL OF EUROPE, 2018).

Ao definir os objetivos de qualidade paisagística, a Convenção Europeia de Paisagem (FLORENÇA, 2000) reconhece o papel da participação popular para formular os instrumentos de proteção da paisagem cultural como um direito comum. O geografo Olmo (2008, p.61) explica que, na prática, eles incluem tanto os anseios para salvaguardar o caráter e os valores mais apreciados da paisagem, como também a percepção sobre algumas medidas de gestão das transformações e interpretações do patrimônio paisagístico. Os objetivos de qualidade paisagística devem ser formulados, transmitidos e difundidos à sociedade civil de modo a possibilitar maior coesão e sensibilidade para as ações de proteção.

A elaboração dos objetivos de qualidade paisagística em meios urbanizados não é diferente dos métodos e conceitos aplicados em outros tipos de paisagem cultural (FLORENÇA, 2000). No entanto, ajustes às condições particulares de cada contexto devem ser consideradas. Antes, porém, é necessário definir *o que é* uma "paisagem específica" e *em que termos* ela se configura.

2.2. Paisagens Históricas Urbanas

Nesta **segunda seção**, desenvolve-se o estudo da paisagem cultural na perspectiva de crescimento e transformação dos assentamentos urbanos. São observadas as implicações do conceito de paisagem cultural para o tratamento das cidades históricas enquanto paisagens históricas urbanas. A partir disso, decorre-se sobre o estudo da tipologia de paisagem vernacular histórica, a fim de conhecer os parâmetros de preservação e modos de caracterização.

2.2.1 Implicações do conceito de paisagem cultural para as cidades históricas

Desde sua implementação como categoria do patrimônio, diversos são os caminhos percorridos para lidar com o aspecto multifatorial que envolve a preservação da paisagem cultural. Em particular, nos contextos urbanizados, a complexidade torna-se ainda maior. Conforme explica Rigatti (2021), esta dificuldade reside na

implementação de uma gestão cautelosa dos processos de mudança da paisagem em diversas esferas da administração pública (política, técnica e jurídica).

> A questão toda se torna mais complexa, abrangendo uma vasta gama de temas – e a imaterialidade é apenas uma delas – requerendo, também, novas formas de enfrentamento de um problema antigo, qual seja: o que preservar, por que preservar e como preservar (RIGATTI, 2021, p.16).

A difusão do conceito de paisagem cultural como patrimônio também foi responsável pelo surgimento de uma nova abordagem da UNESCO (2011) em relação às cidades históricas. Estas cidades passaram a ser designadas em seus contextos mais amplos e integrados ao seu entorno como *paisagens históricas urbanas (Heritage Urban Landscape)*. São caracterizadas pela fragilidade de seus recursos materiais e imateriais frente ao dinamismo dos processos globais de aglomeração urbana. A urbanização rápida e descontrolada das cidades históricas gera, além da fragmentação social e espacial, a perda de qualidade ambiental do meio urbano e das áreas rurais circundantes. Define-se por paisagem histórica urbana

> a zona urbana resultante da estratificação histórica de valores e atributos culturais e naturais, o que transcende a noção de conjunto ou centro histórico para abarcar o contexto urbano geral e seu entorno geográfico (UNESCO, 2011, p. 21).

O aspecto dinâmico e evolutivo é uma característica própria de qualquer paisagem cultural, principalmente àquelas associadas ao desenvolvimento urbano orgânico e espontâneo. É o caso das *paisagens vernaculares históricas*, cuja compatibilidade formal e estética está intrinsecamente ligada aos fatores da vida cotidiana e aos condicionantes naturais locais. São contextos de preservação sensíveis às transformações do modo de vida e de produção. Por esta razão, seu processo de documentação, tratamento e gestão deve ser um caminho multidisciplinar (BIRNBAUM, 1994).

A fim de posicionar esta pesquisa como um enfrentamento à problemática de controle das transformações de paisagens históricas urbanas, sob a ótica patrimonial da paisagem cultural, dedica-se esta seção ao estudo da tipologia vernacular histórica, suas definições e forma de leitura.

2.2.2 Paisagem Vernacular Histórica

O termo *paisagem vernacular* foi introduzido pelo geógrafo americano John Brickerhoff Jackson na década de 1970, em contraponto às paisagens regidas por projetos e sistemas políticos, como nas grandes cidades. Refere-se à paisagem cultivada no cotidiano, na prática de apropriação do espaço por seus habitantes. Nas paisagens vernaculares, assim como na arquitetura vernacular, a funcionalidade e a flexibilidade são aspectos fundamentais, caracterizando-se por soluções curtas e práticas. Estão sempre associadas à simplicidade e ao senso de comunidade. Para este autor, o primeiro foco de estudo neste tipo de paisagem deveria ser a casa, pois é elemento que ancora as atividades que acabam interferindo na paisagem (JACKSON, 1984).

As definições de Jackson (1984) foram relevantes pois repercutiram no trabalho de Charles Birnbaum (1994) à frente da organização do *National Park Service* - NPS, onde traçou as primeiras diretrizes para preservação de paisagens culturais históricas nos Estados Unidos. Para Birnbaum (1994), a preservação da paisagem cultural deve garantir o equilíbrio entre permanências e mudanças, pois é justamente o aspecto dinâmico e evolutivo que diferencia a paisagem cultural de outros recursos de cunho histórico-cultural. As quatro tipologias que o NPS utilizada para identificar e classificar as paisagens culturais históricas são: *paisagem histórica projetada, paisagem vernacular histórica, local histórico e paisagem etnográfica*. O Quadro 1 resume suas características.

Nesta classificação, a tipologia de *paisagem vernacular histórica* designa paisagens cujos assentamentos decorrem de processos históricos de ocupação e uso da terra. Caracterizam-se pela evolução orgânica de seus núcleos urbanos, por meio de atitudes sociais ou culturais de indivíduos, famílias ou comunidades, em resposta aos condicionantes naturais. Encontram-se representadas por pequenas cidades do interior ou distritos rurais, cujo desenvolvimento lento resguardou características físicas e simbólicas de períodos históricos importantes sobre determinado território. Estas paisagens definem-se como reflexo físico, biológico e cultural da vida cotidiana (BIRNBAUM, 1994).

A paisagem vernacular histórica encontra similaridade com a definição de *paisagem viva essencialmente evolutiva,* criada pela UNESCO (1992) para classificar paisagens culturais na lista do patrimônio mundial. São paisagens com um papel

social ativo na sociedade contemporânea, associado à um modo de vida tradicional. São caracterizadas por resguardarem forte conexão entre núcleos urbanos e entorno rural, conservando provas manifestas de sua evolução ao longo do tempo.

Quadro 1 - Tipologias de paisagem cultural

Tipo	Definição	Exemplos
Paisagem Histórica Projetada *(Designed Landscape)*	São aquelas paisagens intencionalmente projetadas ou planejadas, onde os valores estéticos tem papel significativo. A paisagem pode ser associada à uma pessoa significativa, tendência ou evento na arquitetura paisagística; ou ilustrar um desenvolvimento importante na teoria e prática da arquitetura paisagística.	São exemplos os parques, campi e propriedades.
Paisagem Vernacular Histórica *(Vernacular Landscapes)*	São aquelas paisagens caracterizadas pela evolução dos usos e do modo de ocupação, onde a função desempenha um papel significativo. Nesta tipologia as atitudes sociais e culturais refletem o caráter físico, biológico e cultural da vida cotidiana.	São exemplos as vilas rurais, complexos industriais e paisagens agrícolas.
Local Histórico *(Historic Site)*	É uma paisagem onde sua significância se dá pela associação à um evento ou pessoa histórica.	São exemplos os campos de batalha e propriedades de figuras históricas.
Paisagem Etnográfica *(Etnographic Landscape)*	Paisagem cuja variedade de recursos naturais e culturais são definidos como patrimônio pelo significado atribuído pelas pessoas que estão associadas a ela.	São exemplos assentamentos contemporâneos, locais sagrados e estruturas geológicas.

Fonte: do autor, adaptado de Birnbaum (1994) - tradução nossa.

Com base nestas definições, entende-se que o modo apropriado de compreender as peculiaridades da paisagem vernacular histórica seja sua leitura enquanto *lugar*. Segundo Meinig (1979, p.8 – tradução nossa), “é uma visão que

sugere que o senso de lugar bem cultivado é uma dimensão importante do bem-estar humano". Desta forma, esta paisagem pode ser lida como local único que faz parte da imensa variedade de lugares de nosso planeta. Transcende a busca banal pelo exótico e passa a ser entendida como ambiente, moldado pelo cotidiano. Como *lugar*, a paisagem vernacular histórica pode ser compreendida a partir de sua composição formal (fisionomia) e seus significados (impressões).

Nos itens subsequentes, dedica-se ao estudo dos parâmetros de leitura relacionados à preservação desta tipologia de paisagem cultural, com ênfase no conhecimento de seus aspectos físicos. Os aspectos relacionados à leitura dos significados serão aprofundados no Capítulo 3.

2.2.3 Parâmetros de preservação da paisagem vernacular histórica

Segundo Birnbaum (1994), a peculiaridade e a notoriedade de paisagens culturais como a tipologia vernacular histórica, ocorre em função de uma avaliação dos parâmetros de *escala*, *significância* e *integridade*.

A escala é uma medida importante na contextualização física da paisagem, podendo variar de pequenas propriedades até milhares de hectares. Consiste na definição dos limites, por mais fluídos que estes possam se apresentar no território. A escala é definida em função de critérios físicos e sua incidência sobre o território. Esta contextualização pode ser realizada a partir da caracterização visual, a partir de algumas categorias de elementos e por estratégias de aproximação ao objeto de estudo (mapas, fotos aéreas, vistas panorâmicas, etc.).

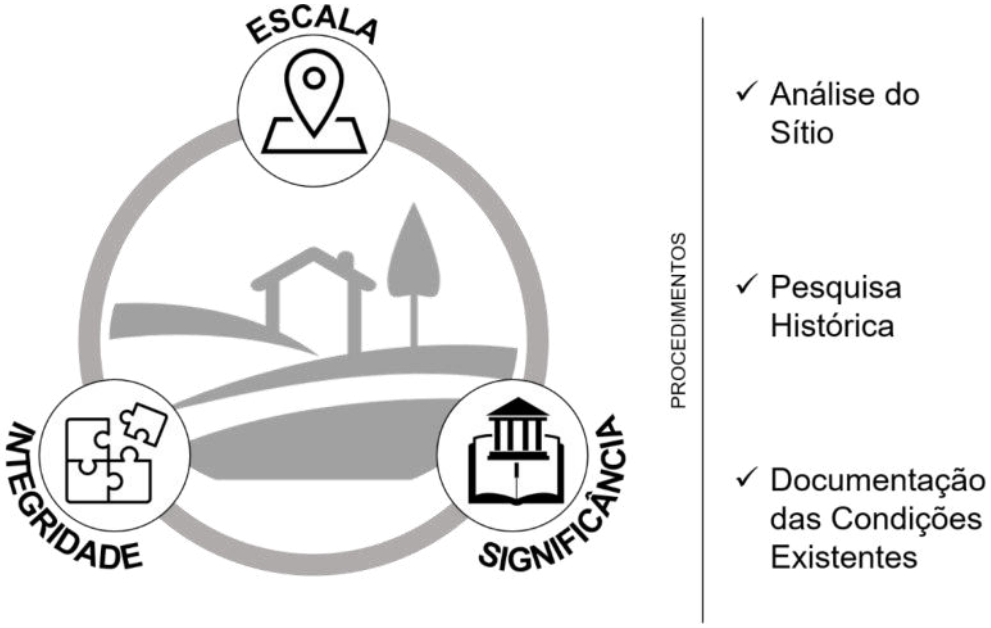
Significância é avaliar em termos históricos o quão importante é determinada paisagem. Compreende-la como um *continuum* histórico é fundamental para avaliar seu valor cultural e histórico. Esta avaliação é feita a partir da correlação entre elementos do sítio e os dados históricos.

Integridade, por sua vez, é avaliar o quanto das características físicas relacionadas à sua significância estão presentes na paisagem. Birnbaum (1994, p.10) define que "a integridade é a identidade histórica de uma paisagem evidenciada através das características físicas do período histórico". Segundo o autor, os sete atributos da integridade são: localização, contexto (espacial), sentimento, associação, design, modo de produção e materiais. Ao avaliar estes atributos é importante

considerá-los na perspectiva de mudança, a fim de identificar compatibilidades e reversibilidades.

De modo geral, estes parâmetros vão estar relacionados ao reconhecimento das evidências físicas sobre o valor cultural-histórico da paisagem. A avaliação conjunta dos parâmetros de *escala, significância* e *integridade* durante estes procedimentos influenciará nas decisões posteriores sobre o tratamento e interpretação deste patrimônio. A análise do sítio, a pesquisa histórica e a documentação das condições existentes são procedimentos fundamentais para esta avaliação (Figura 3).

Figura 3 – Síntese dos parâmetros e procedimentos de avaliação da paisagem vernacular histórica.



Fonte: do autor.

2.2.4 Definição de limites e caracterização visual

Existem diversas escalas de paisagem cultural e a complexidade deste patrimônio requer atenção ao todo. Mas quais são os limites deste “todo”? Segundo Jackson (1984), as fronteiras e limites visuais de uma paisagem vernacular são centrais na comparação de espaços, pois estabilizam os relacionamentos pessoais e interpessoais, concepções que são transferidas para sua manifestação física. A fronteira, em outras palavras, serve para proteger pessoas, objetos e sua cultura. Neste caso, definir limites não é determinar uma área homogênea, mas resguardar a identidade do objeto que a fronteira circunda.

A definição da escala parte da necessidade de determinar um marco territorial ao objeto de proteção em qualquer paisagem cultural. Estabelecer estes limites é sempre um processo complexo, pois as descontinuidades e linhas deste entorno quase nunca são nítidas. Deve-se levar em consideração que as delimitações são estabelecidas por um conjunto de características em função dos objetivos de cada projeto de preservação. Os critérios para demarcação destes limites são definidos a partir da observação do contexto geográfico e histórico e sua integração com outras regiões. No entanto, definir este marco territorial não é suficiente para explicar todas as peculiaridades da paisagem. Por isso é um dado a ser confrontado com as percepções da população (IAPH, 2004).

Para Birnbaum (1994), independentemente do modo de leitura de uma paisagem, os contextos geográfico e histórico são indispensáveis para definição dos limites. No terreno as evidencias devem ser estudadas a partir das características físicas e dados históricos que definem elementos e seus personagens, bem como as relações visuais e espaciais que se configuram. A classificação destas características, descobertas por meio da pesquisa documental e dos trabalhos em campo, guiará a definição dos objetivos da salvaguarda, ou seja, *o que preservar* e *por que preservar*.

Segundo Panerai (2006, p.37 e p.38), “a identificação dos elementos que constituem uma paisagem só pode ser feita – e aí está o interesse dessa abordagem - por meio de uma análise direta, realizada no próprio local”. Nesse sentido, não se trata de uma supervalorização do critério visual, “mas de uma leitura feita de diferentes pontos de vista na qual intervém o movimento do observador”. A análise visual, portanto, pode ser considerada o ponto de partida para definição dos limites da paisagem vernacular histórica.

Uma vez que esta paisagem tem como características (i) os assentamentos urbanos de evolução espontânea e lenta, (ii) o vínculo com o meio rural e (iii) a relação que estes estabelecem com os recursos naturais, sua análise visual deve considerar os *aspectos naturais* e *os aspectos das transformações humanas* (urbanas e rurais). Isto é o que Trieb e Schimit (1985 *apud* Kohlsdorf, 1996) definem como caracterização morfológica do *sítio físico* e da *estrutura interna do espaço*, a partir de algumas categorias de elementos da paisagem (Figura 4).

O *sítio físico* atua na configuração da paisagem por meio da composição plástica que caracteriza as formas do meio natural. Neste sentido, cabe descrever e representar como essas formas participam da configuração do lugar. *Relevo, recursos*

hídricos, vegetação e clima são categorias de elementos que caracterizam os aspectos naturais do sítio físico (KOHLSDORF, 1996).

A *estrutura interna do espaço* diz respeito à tridimensionalidade das transformações humanas ocorridas na paisagem. Depende das relações espaciais que ocorrem entre plano horizontal (planta) e os planos verticais (elevações e cortes), nos quais participam elementos construídos e modificados pelo ser humano. Elementos como *planta baixa, conjunto dos planos verticais, edificações e elementos complementares* servem de meio de análise destas transformações ocorridas no sítio físico. Esta estrutura pode ser descrita a partir das relações de inserção do objeto no entorno imediato (KHOLSDORF, 1996, p.164). Para isso, são observados os vínculos de ruptura, continuidade e complementariedade em relação à paisagens vizinhas para descrição dos seus limites.

Figura 4 - Caracterização visual da paisagem vernacular histórica.

Fonte: do autor.

De modo geral, entende-se como pertinente que tanto a caracterização visual do sítio físico como da estrutura interna do espaço tenha como ênfase as relações de *inserção no entorno imediato*, a fim de determinar a escala da paisagem vernacular histórica a ser estudada e protegida.

2.3 Paisagem Fenestrada

Nesta **última seção** do capítulo 2, debruça-se sobre o estudo da paisagem fenestrada, a fim de caracterizar o elemento janela na relação entre espaço arquitetônico e a paisagem cultural. Busca-se compreender a fenestração como percepção cotidiana da paisagem e seu impacto para qualidade de vida no ambiente construído. Inicialmente, a janela é contextualizada nas artes como analogia da moldura para compreensão dos aspectos materiais e imateriais envolvidos. Posteriormente, por meio dos conceitos de “Olho da arquitetura” e “Topografia arquitetônica”, a fenestração é caracterizada na perspectiva histórica e topológica como campo oportuno de arquitetos no estudo da paisagem cultural. Por fim, a vista da janela é compreendida como meio de leitura de paisagens históricas, observando as relações de movimento no espaço interno e da conexão visual entre observador e a paisagem.

2.3.1 Janela e paisagem nas artes

A fenestração da paisagem pelo elemento janela é uma referência constante em diversos campos das artes. A necessidade de predispor um lugar e a partir dele expressar sentimentos conduziu diversos artistas a se valerem da experiência da janela em suas obras. No universo das artes a paisagem fenestrada passa a representar um campo de estudo sobre a atmosfera reflexiva entre o mundo real e o simbólico.

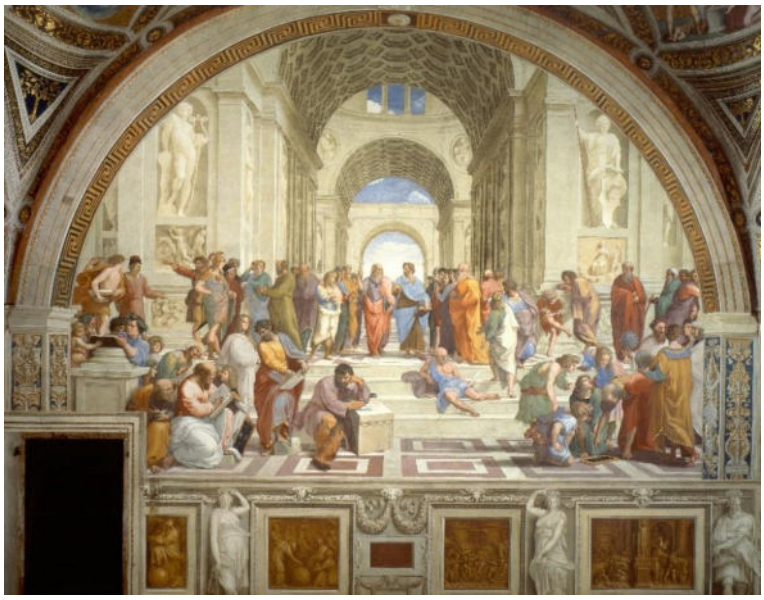
A representação da paisagem sempre foi elemento recorrente na pintura, e através dos tempos adquiriu status de gênero pictórico. Desde o Renascimento, o domínio de representação da perspectiva levou artistas a pintarem os emolduramentos arquitetônicos da paisagem como expressão de racionalidade, conduzindo o olhar do observador para além da cena reproduzida (Figura 5).

A proporção das partes no todo significava, sobretudo, o domínio absoluto do espaço. Nestas representações a cena principal era contextualizada através de uma imagem longínqua que é enquadrada pela janela, conferindo realismo à perspectiva que se estende até o horizonte, mas também oportunizando a leitura de um lugar. Também são recorrentes as representações arquitetônicas como pano de fundo das obras pictóricas os afrescos nas paredes internas como recurso de extensão do espaço real até o horizonte (Figura 6).

Figura 5 – Imagem da obra *Anunciação (Retábulo Cestello)* de Boticelli, Florença, 1489.

Fonte: WIKIPEDIA, 2020.

Figura 6 – Foto da obra *A Escola de Atenas* de Rafael Sanzio, Vaticano, 1510.



Fonte: WIKIPEDIA, 2020.

A partir do Renascimento, desenvolve-se o mimetismo entre arquitetura e pintura através da fusão entre o espaço real e imaginário. O domínio das leis perspectivas permitiu a “criação” de outras janelas e outras paisagens no espaço arquitetônico. “O enquadramento sugerido pela janela passa, então, a ser o elo entre a pintura e a arquitetura” (SANTOS; TENÓRIO; MEDEIROS, 2018, p. 166). Enquanto

a pintura Renascentista oferece as bases para compreensão da dualidade do real e do imaginário, o que se observa no panorama das artes a caminho da contemporaneidade, é que o “olhar da janela” carrega consigo um grande poder de expressão da subjetividade sobre a relação do sujeito com o desejo de lugar.

No romance *Quincas Borba* (ASSIS, 1997), o escritor brasileiro Machado de Assis traz no primeiro capítulo o protagonista Rubião, diante da janela fitando a enseada do Botafogo. O autor se vale da experiência comum diante da janela para apresentar estes sentimentos ocultos da personagem ao leitor. Ou seja, reconhece na janela um canal de reflexão entre autor, personagem e leitor.

> Olha para si, para chinelas (uma chinela de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade (ASSIS, 1997. p. 1).

Em *Paisagem da Janela*, canção composta por Lô Borges e Fernando Brant e gravada por Beto Guedes (GUEDES, 1984), o observador vê, contempla e descreve a paisagem urbana de uma determinada janela, no quarto de dormir. A fruição entre paisagem e ser humano permite aos compositores da canção realizar narrativas e tecer significados e pensamentos íntimos, “que revelam sua percepção da vida, do momento e da paisagem” (DEMORE, 2018, n.p.). Na análise de Demore (2018), a canção ilustra Deleuze (2006, pág. 91), explicando que “o que nos força a pensar é o signo”.

Este olhar através da janela foi tema de pesquisa do artista plástico mineiro João Virmondes sobre o gênero da paisagem na arte contemporânea (FREITAS, 2011). Nas obras *Estar aí* e *Quase lugar*, ambas apresentadas na sala de pesquisas visuais do MUnA – Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia, a paisagem é abordada pela noção de fragmento e como é percebida na construção do todo.

Em *Estar aí* de 2002 (Figura 7), a instalação traz a imagem de três janelas com vidros reflexivos que foram inseridas em meio à natureza. Ao lado, outra janela é pendurada refletindo o interior do museu. Os espelhos indagam o observador sobre o alcance em seu campo visual e das fronteiras entre o real o virtual. “Assim o artista questiona: ‘O que está dentro e o que está fora do campo visual têm a mesma importância?’” (FREITAS, 2011. p.9).

Na obra Quase lugar de 2003 (Figura 8), Virmontes usa imagens como substituto de janelas do espaço de um dos ambientes do museu. O objetivo é “criar um embate sobre o lugar e a função do espectador na construção da imagem” (FREITAS, 2011. p.9). Para Virmontes, a representação da paisagem é uma ato de seleção onde, dentre várias possibilidades, somente alguns elementos são enquadrados pelo campo visual.

Figura 7 – Fotos da obra *Estar Aí*, instalação do artista João Virmontes de 2002.

Fonte: SIMÕES, 2011, p. 51 e 52.

Figura 8 – Foto da obra “Quase Lugar” – Instalação do artista João Virmontes, 2003.

Fonte: SIMÕES, 2011, p. 56.

As obras de João Virmontes são relevantes neste estudo, pois tocam em pontos cruciais sobre a percepção da paisagem fenestrada, colocando a janela e o espaço arquitetônico como meios fundamentais desta relação. Nas obras destacadas, o questionamento não trata da qualidade estética do emoldurado, mas a importância dos fragmentos para construção da noção de lugar pelo indivíduo.

Observada a representatividade da janela no campo das artes, fica evidente que, independente do gênero artístico, a paisagem fenestrada contribui para a construção da noção de lugar. Esta noção se faz a partir da realidade expressa pela paisagem. Através da experiência da janela, o significado do lugar é transmitido ao observador da moldura. A subjetividade explorada por estes trabalhos mostra o potencial da fenestração arquitetônica para compreensão dos aspectos imateriais da paisagem fenestrada enquanto fenômeno do lugar.

2.3.2 A janela como “Olho da arquitetura”

A palavra janela é derivada do latim *januella*, diminutivo de *janua* que significa porta e provém de Janus, deus romano, ‘abridor’ e ‘fechador’ de todas as coisas. Pensar na janela como uma redução do elemento porta é formalmente coerente, mas insuficiente do ponto de vista civilizatório contido na transformação destes elementos ao longo da história. Na domus romana, eram as portas voltadas para o peristilo que traziam luz e ventilação para o interior dos cômodos da moradia, uma vez que a edificação resguardava e protegia seu interior dos olhos da cidade. O peristilo era a janela da *domus* romana que se abria para o céu (JORGE, 1995).

Na idade média, peitoris altos e a transparência dos vidros, denunciavam que a função primordial da janela continuava a ser apenas um meio de acesso a luz. No desenvolvimento urbano da Renascença, a janela assume um papel importante na edificação e na vida social da cidade. É neste momento que se inicia “uma ‘cultura de investigação mútua’” na cidade que privilegiava o olhar como instrumento de ação. “A casa é o lugar privilegiado desse olhar” (JORGE, 1995, p.36).

Luiz Antônio Jorge (1995), em “O Desenho da Janela”, reitera e justifica a metáfora da janela com o olho da edificação. Ao longo da história, a janela desenvolveu-se como elemento independente na arquitetura, cuja natureza funcional e simbólica é distinta do elemento porta. Independente da função da edificação, a porta é signo de passagem, do unir e do separar, do entrar e sair. Ela é singular pois há em toda arquitetura o momento único do acesso principal que determina o sujeito estar fora ou estar dentro. À janela, por sua vez, é resguardado o sentido do olhar: para fora ou para dentro. Este olhar que, como resume o autor, oferece certa proteção:

> A janela é por onde se olha a cidade como um texto. E o olho é o instrumento para olhar e por onde se olha, sem exigir a locomoção do sujeito do olhar ou que ele saia de si: o espírito é preservado dessa ação.

> [...] As janelas são signos desses olhares quase anônimos: quase, porque supõem-se quem são os habitantes da edificação; anônimos, porque, na sua infidelidade, elas podem comportar o olhar de qualquer pessoa. A arquitetura, com janelas, ganhava olhos (JORGE, 1995, p.40).

Não é acaso associarmos a forma de alguns edifícios com a cabeça humana, por vezes representada nos desenhos infantis, onde a porta sugere a ideia de boca, enquanto as janelas, num nível superior, remetem aos olhos. De fato, numa analogia do corpo humano enquanto morada do ser, boca e porta correspondem-se como acessos enquanto que janela e olho vinculam-se à visão. “A janela oferece-se ao olhar, como intermediadora dos possíveis diálogos entre espaço interior e exterior. Mas sua ação não é neutra” (JORGE, 1995. p.93). Ela conduz às imagens selecionadas do exterior, domesticando a percepção humana (FUÃO, 2019).

Portanto, como “Olho da Arquitetura”, uma janela vai muito além de sua função básica de ventilar e iluminar. É capaz de determinar as qualidades físicas do espaço interno, dependendo da forma, orientação solar e localização. No entanto é na qualidade do foco da abertura que se encontra a extraordinária capacidade de fruição entre o observador e a paisagem. Capacidade que é atribuída à janela e não a outro elemento da edificação, como aqui exposto, por sua natureza independente no universo da arquitetura e pelo poder de atrair e conduzir o olhar humano. Pode-se concluir, portanto, que a janela qualifica (positiva ou negativamente) a relação das pessoas com o lugar.

2.3.3 Topografia arquitetônica e o papel do arquiteto na fenestração

A partir da fenestração, a arquitetura permite aos ocupantes de um edifício ver, ouvir e sentir o lugar do qual fazem parte. Como fronteira da relação ser humano e meio, esta interface é carregada de questões emocionais e constitui um importante índice de significado da visão do arquiteto (SEMENOV, 2017).

> Ela é o próprio signo do sensível na arquitetura, que nunca negou a hegemonia do visual nas suas formas de concepção e representação. A janela, assim, é uma espécie de diafragma interposto entre o visível (o olho da arquitetura) e o invisível (o olhar do arquiteto). A percepção da janela é a própria metáfora do mundo da produção do significado. O desenho de uma janela parece conduzir os significados intrínsecos da arquitetura, a fala silenciosa do arquiteto (JORGE, 1995. p. 151).

Através da fenestração, a paisagem torna-se elemento de composição do projeto arquitetônico e a janela o elemento mediador do diálogo entre arquitetura e o lugar. É emblemática para na história da arquitetura moderna o debate entre Auguste Perret e Le Corbusier, no início do século XX. A controvérsia foi iniciada pela crítica de Perret às janelas demasiadamente longas que estavam sendo criadas pela nova arquitetura de Le Corbusier.

Perret se opôs à *fenêtre en longueur* porque para ele indicava uma mudança profunda na percepção do espaço. A exacerbação da vista representava uma perda de valor. A janela verticalizada conservava os limites do espaço arquitetônico, enquanto que a janela panorâmica “nos condena a olhar para um panorama eterno”. Perret, valoriza a fenestração do edifício como um enquadramento pictórico da paisagem (janela, rua e céu).

> A vista da janela é um dos privilégios dos moradores de casa, principalmente das classes médias, pois vivem em apartamentos nas cidades [...] A janela é um lugar de monólogo silencioso e de diálogo, de reflexão sobre a própria posição entre o finito e o infinito (PERRET apud REICHLIN, 1984, p. 73 – tradução nossa).

Le Corbusier rebateu as críticas e defendeu a janela moderna como valorização da paisagem pura e livre, ausente de manipulação da moldura. A janela panorâmica qualificava o espaço interno, permitindo maior vão de luz. Ao invés de quadro, a paisagem passa a ser um cenário. Le Corbusier defende pragmaticamente a fenestração como uma expressão fotográfica, difundindo os limites do edifício para retratar a paisagem como ela é. Usa como exemplo as longas janelas feitas para a *Villa Le Lac*, à beira do Lago de Genebra, de 1923 (Figura 9).

> A janela com 11 metros de comprimento permite que a imensidão do mundo exterior penetre na sala, entidade não adulterada da paisagem lacustre, em tempo de tempestade ou de brilhante serenidade (LE CORBUSIER, 1930 apud REICHLIN, 1984, 72 – tradução nossa).

Afora a questão tecnológica onde a discussão também estava imersa, o embate entre Perret e Le Corbusier ilustra o dilema que perpassa o projeto arquitetônico e o vínculo indissociável entre janela e paisagem.

Tarcísio Bahia de Andrade (2002), em seu estudo sobre a paisagem representada no Rio de Janeiro, traduz a consciência paisagística que há nos pontos de vista criados a partir da arquitetura moderna. No modernismo, a janela, estando

livre dos condicionantes estruturais de sua dimensão, possibilitava descortinar completamente os ambientes do edifício (Figura 10). Em primeiro momento a liberdade parece ser o indício da própria “morte” da janela, uma vez que o relacionamento com a paisagem era um ideal desta nova arquitetura. No entanto, foram as reflexões ocorridas neste momento de total liberdade que validaram a existência da janela como índice arquitetônico para a arquitetura contemporânea. O arquiteto, então, passou a ser o regente deste elemento na busca de significado.

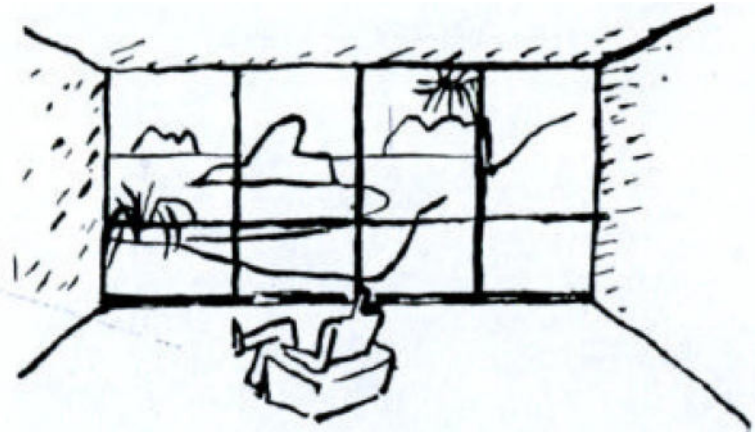
Figura 9 – Fotos da *Villa Le Lac*, obra de Le Corbusier.

Vista do exterior

Vista do interior

Fonte: REICHLIN, 1984, p. 67 e 72.

Figura 10 – Croqui de Le Corbusier, Pão de Açúcar, de 1936.



Fonte: ANDRADE, 2002, p.112.

Atualmente, o movimento dissociativo entre as disciplinas de arquitetura e paisagismo levanta a reflexão sobre o papel do arquiteto frente às questões da paisagem. Nas últimas décadas a arquitetura tem recebido muitas críticas de edifícios projetados e construídos como objetos isolados e pictóricos, concebidos sem a referência ao local. O desenvolvimento da arquitetura paisagística como disciplina

autônoma também é criticado. David Leatterbarrow (2004) propõe um caminho de retorno da arquitetura para a paisagem através do conceito de *Topografia*.

> A topografia é o tópico (tema, estrutura, lugar) que eles têm em comum. Não apenas estabelece sua semelhança, mas também fornece a base para sua contribuição à cultura contemporânea. A tarefa da arquitetura paisagística e da arquitetura, como artes topográficas, é fornecer aos padrões prosaicos de nossas vidas uma dimensão duradoura e uma bela expressão (LEATHERBARROW, 2004, p. 22 – tradução nossa).

O autor destaca a importância das formas de apreensão do sítio para concepção de arquiteturas mais conectadas com a essência dos lugares. “Paisagem e arquitetura são formas, ou podem ser formas de construir a cultura, de dar aos padrões de nossas vidas uma dimensão e expressão duradouras” (LEATHERBARROW, 2004. p.20). Para que se reconheça o papel que os edifícios desempenham em um contexto cultural amplo, há a necessidade de se retornar a atenção à materialidade, espacialidade e temporalidade do terreno.

Nesse sentido, entende-se o conceito de topografia arquitetônica como a estrutura do lugar da qual os edifícios se apropriam. A janela é este ponto comum entre arquitetura e paisagem, uma evidência de como a arquitetura estabelece suas conexões com o lugar. Pelos aspectos materiais e simbólicos da paisagem fenestrada, habilita-se sua investigação como campo de estudo da paisagem cultural.

2.3.4 A vista da janela como leitura de campos visuais

Se a definição comum de paisagem é a extensão do território abrangida num lance de vista, quando esta paisagem é delimitada pela moldura de uma janela, tem-se, então, um recorte daquilo que seria o lance de vista inicial (livre dos limites da arquitetura). Esta ideia de fragmento ou parcela do todo é a condição imposta pela abertura de uma janela na parede (Figura 11).

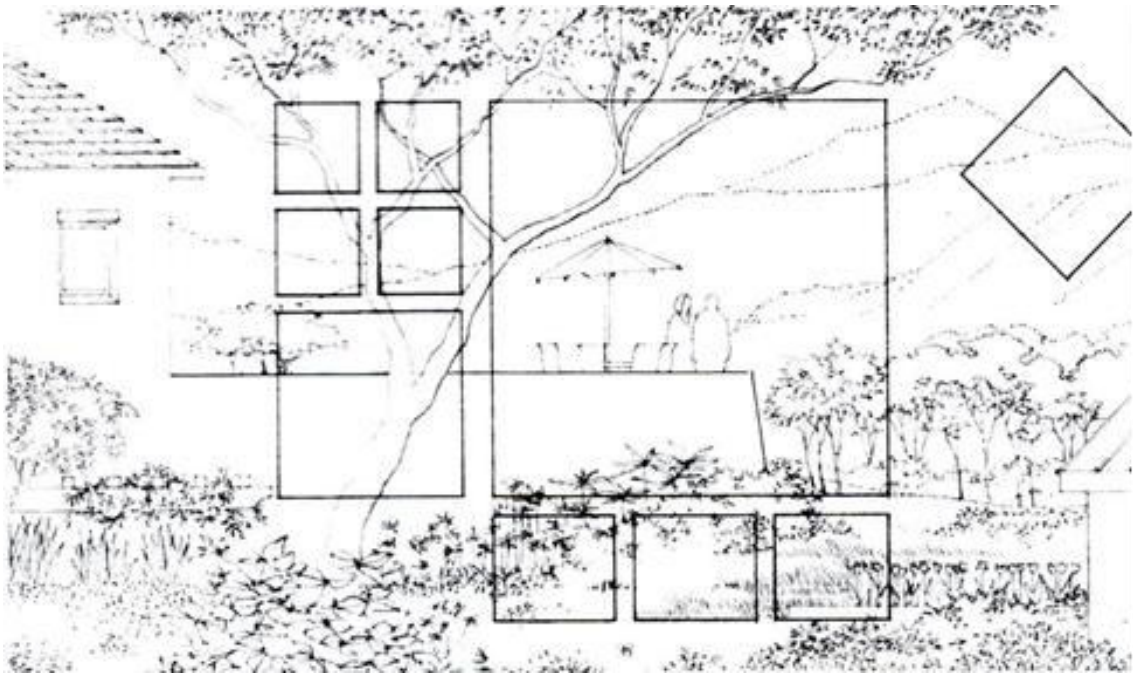
Este lance de vista restrito, selecionado pela arquitetura, pode ser entendido como campo visual, definido por Kohlsdorf (1992) como “a porção de espaço abrangida pela vista do observador”. Ao tratar da metodologia de *pauta sequencial*[5] para análise perceptiva do espaço aberto urbano, a autora descreve:

---

5 Em *A Apreensão da Forma da Cidade*, Maria Elaine Kohlsdorf (1996), faz uma mescla de estudos metodológicos em busca da percepção do espaço urbano. Seu método leva em consideração primordial a imagem do espaço e a manipulação dos dados obtidos, a fim de obter uma avaliação das capacidades de orientação e identificação visual compreendidos por um lugar. Um dos sistemas

> O conceito de campo visual localiza-se na fronteira entre sensação e percepção, no momento de transformação de sinais luminosos em noções com significado. Por isso, define-se pelos atributos da sensação visual que, compõe-se na retina por uma forma plana, limitada pelo campo visual. Ele tem fronteiras, confina-se pelas bordas da visão e depende de mudanças de direção (KOHLSDORF, 1992, p. 83).

Figura 11 – Forma das aberturas, croqui de Francis Ching.



Fonte: CHING, 1978, p. 174.

Da mesma forma, a imagem enquadrada pela moldura da janela também sofre alterações à medida que o observador se desloca pelo ambiente. Essas transformações podem ser registradas em diferentes campos visuais pelo observador dentro de cada ambiente. Assim, a leitura da paisagem através da janela deve levar em consideração esse deslocamento no espaço interno.

Ao analisar a residência do escritor italiano Curzio Malaparte de 1938 (Figura 12), Caramella (2007, p. 224) descreve a relação entre janela e paisagem da seguinte forma: “não se trata apenas da paisagem, mas como o enquadramento dá sentido à paisagem”. Explica que janela envolve a arquitetura no movimento do tempo e das estações sazonais. Este movimento só pode ser comunicado pela materialidade do campo visual aberto na parede e só é perceptível pelo modo como o enquadramento

---

apresentados é a Pauta Seqüencial ou Análise Sequencial, onde se estabelece um percurso dentro da cidade, que é seccionado em campos visuais de acordo com a mudança de estímulos percebida na paisagem do percurso (estações).

é construído. Ou seja, se o procedimento construtivo da janela configura a relação física, a vivência configura o modo de conhecer essa paisagem.

Figura 12 - Fotos da Casa Curzio Malaparte, projetada pelo arquiteto Adalberto Libera, 1938.

(a)Vista do exterior

(b)Vista do interior

Fonte: ORTIZ, 2010. a) p. 97 e b) p.105.

Para a autora, a arquitetura proporciona uma leitura contínua destes emolduramentos, que podem ser lidos como a justaposição de diferentes quadros como frames de um filme:

> [...] ler é perceber a montagem como princípio de relações construtivas, porque relações de pensamento e de sentido, em que a ação mental permite as dobras e redobras das ideais como relações. Assim, se as janelas constroem a montagem como quadros justapostos na parede plana, a casa constrói a arquitetura como montagem a partir da justaposição de quadros horizontais e verticais (CARAMELLA, 2007, p. 224).

Neste sentido, não basta apenas analisar particularmente cada janela, mas é necessária a leitura do conjunto de aberturas. Ou seja, deve-se analisá-las como a montagem de um texto, que permita relacionar estes campos visuais como síntese da relação entre arquitetura e paisagem. Diferente da experiência em campo aberto, este conjunto de campos visuais trata de fornecer uma outra leitura da paisagem, experiênciada sob o filtro da arquitetura.

Entende-se, portanto, que a partir da visão particularizada e depois de conjunto destes fragmentos de paisagem, compreendidos como campos visuais, pode-se chegar à leitura da relação ser humano e meio que foi configurada por determinado

contexto de paisagem cultural. Esta percepção da paisagem fenestrada, que diz respeito à vida cotidiana, pode auxiliar na proteção da paisagem vernacular histórica como identidade do lugar. Nesse sentido, é importante conhecer as condições de visualização da paisagem oferecidas pelo edifício e quais os parâmetros que auxiliam nesta avaliação.

2.3.5 Conexão Visual e caracterização da qualidade da vista

A conexão visual é um critério importante relacionado à avaliação paisagem fenestrada. A visibilidade dos elementos da paisagem, das variações climáticas e do senso de tempo propiciado pela luz natural e as estações do ano são importantes para a redução do cansaço, relaxamento e senso de localização dos ocupantes dos edifícios (EN 17037, 2018).

Para Markus Thomas (1967), este conceito de fruição entre indivíduo e paisagem através da janela pode ser incluída na noção popular de “vista” (*view*). Sua análise pode ser feita em termos do conteúdo informado por ela (quantidade de céu, solo, paisagem urbana). Segundo o autor, este conteúdo carrega além das características óbvias (aspecto físico), os significados profundos e inconscientes do ser humano e pode ser compreendida em três camadas principais que são fontes de informação. A primeira camada é a vista do céu, que é fonte de luz e importante para nos manter em contato com as mudanças sazonais do tempo e do clima. A segunda camada, a vista da paisagem urbana, que nos permite captar o máximo de informações sobre o ambiente construído inanimado. Por último, a camada de vista do solo, sob o qual nos permite o contato com o movimento das atividades que se desenvolvem sobre ele (trânsito, rios, parques e ruas), trazendo a informação sobre o conteúdo social e humano à vista da janela. O reconhecimento destas camadas sobre a vista da janela é denominado estratificação horizontal (*horizontal stratification*).

Baseada no estudo de Thomas (1967), a norma europeia EN17037 (2018) fornece alguns parâmetros para garantir a qualidade da vista da janela nos espaços iluminados com luz natural. A norma é dividida em quatro categorias: *Daylight*, *View Out*, *Sunlight* e *Brightness*. Dentre estas, a avaliação da vista externa (*View Out*) tem como objetivo garantir que os ocupantes tenham uma boa conexão visual com o ambiente externo, visando maior qualidade de vida nos ambientes. A normativa é

considerada um avanço no ambito da paisagem, pelo ineditismo na avaliação da vista da janela para qualificação dos edifícios.

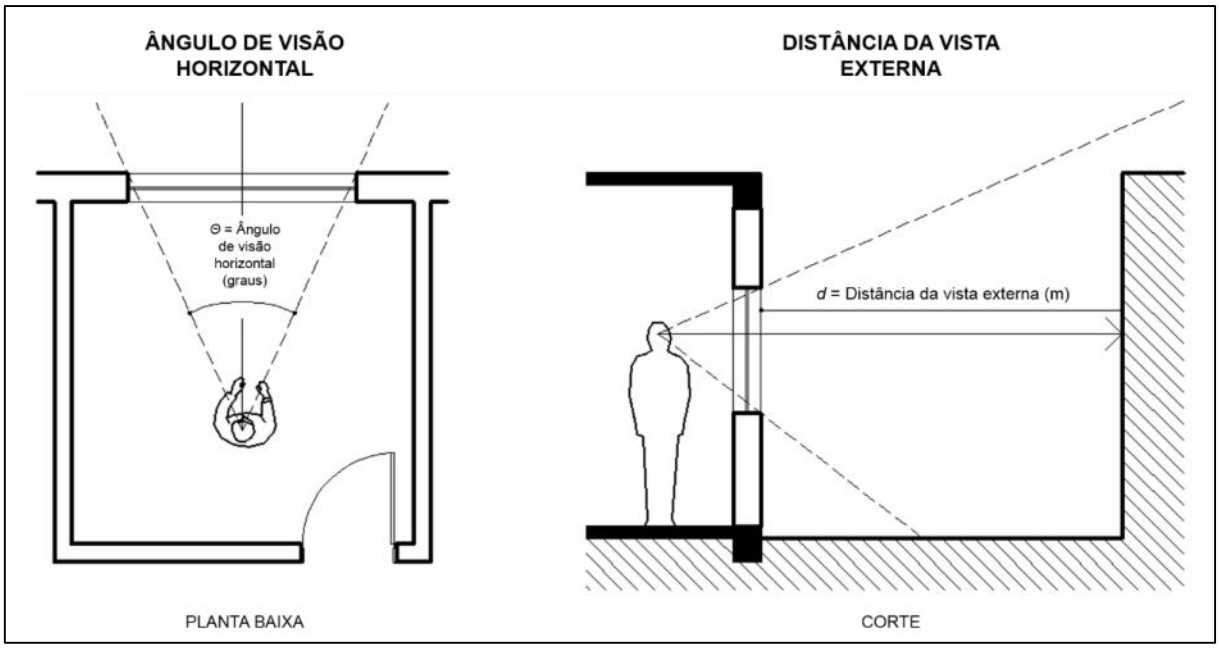
De acordo com a EN17037 (2018), critérios mínimos para janelas, edifício e entorno devem ser atendidos em relação à área útil dos ambientes. Os parâmetros de avaliação são definidos em três categorias, conforme a Tabela 1: ângulo de visão horizontal (*horizontal sight angle*); distância da vista externa (*outside distance of the view*), número de camadas da vista (*number of layers to be seen from at least 75% of utilized area*).

Tabela 1 – Parâmetros de avaliação para vista externa

Nível de recomendação para a vista externa	**Parâmetro**		
	Ângulo de visão horizontal	**Distância da vista externa**	**Número de camadas da vista serem vistas em pelo menos 75% da área utilizada (do ambiente): céu - paisagem (urbana e / ou natural) - solo**
Mínimo	≥14°	≥6,0m	Ao menos a camada de paisagem presente na vista
Médio	≥28°	≥20,0m	A camada de paisagem e mais uma camada adicional presentes na mesma vista
Alto	≥54°	≥50,0m	Todos as camadas presentes na mesma vista

Fonte: EN17037 (2018) - tradução nossa.

Figura 13 - Angulo de visão horizontal e distancia da vista externa

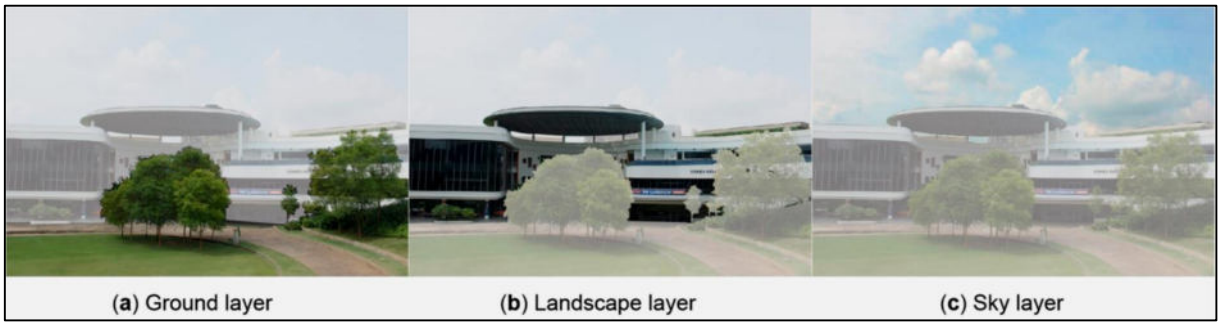


Fonte: do autor.

O primeiro parâmetro - *ângulo de visão horizontal* - estabelece um ângulo mínimo de visão entre 14° e 28° para a abertura. O segundo parâmetro é a *distância da vista externa*, cujas medições devem ser tomadas do ponto mais distante da janela. Estes parâmetros são ilustrados na Figura 13.

O terceiro parâmetro - *número de camadas da vista* - refere-se aos componentes visíveis da vista da janela com base na estratificação horizontal (Figura 14). O termo "*layer*" da norma define os diferentes componentes da vista agrupados em três camadas: a camada de céu (*sky*), a camada denominada paisagem (*landscape*) que considera os elementos urbanos e natureza, e a camada do solo (*ground*). A recomendação mínima da norma é que a janela possua ao menos a camada de paisagem presente. A recomendação média são duas camadas e o ideal é a presença de três camadas visíveis. Além disso, a norma dispõe que a camada de paisagem (consistindo em: edifícios, vegetação, mobiliário urbano, etc.) deve ser visível ao menos em 75% da área utilizada do ambiente.

Figura 14 - Camadas da vista



Fonte: KENT; SCHIAVON, 2020, p.6.

Estudos empíricos relacionados aos critérios de avaliação e parâmetros definidos pela norma EN 17037 (2018) foram realizados a fim de verificar a efetividade destas recomendações.

Kent e Schiavon (2020), estudaram os efeitos da distância da paisagem vista da janela para satisfação visual das pessoas, uma vez que a EN17037 (2018) valoriza a condição de conteúdo distante. Através de questionários online e experimentos controlados, questionam as recomendações de distância feitas pela norma. Descobrem que se o conteúdo for predominantemente urbano, os ocupantes preferem que seja visto à distância, ao passo que essa recomendação não se aplica à natureza, que pode estar à distâncias mais próximas de visualização. Devido a este efeito, o

estudo aponta para necessidade de distinção entre os aspectos naturais e urbanos na avaliação da qualidade da vista.

Waksynska et al (2021) faz uma avaliação experimental dos parâmetros da EN 17037 (2018) em um ambiente de sala de aula. Utilizando como metodologia a análise computacional do ambiente e questionários, compara os parâmetros da norma com a avaliação da satisfação dos usuários. O estudo conclui que apenas o parâmetro do número de camadas da vista encontrou correspondências nas avaliações, enquanto que a distância e ângulo de abertura da vista foram incongruentes. Aponta, ainda, para a necessidade de incluir outros parâmetros relacionados à subjetividade do fator humano além dos atuais critérios da norma.

Nestes estudos, o parâmetro da estratificação horizontal não sofreu questionamentos enquanto critério de avaliação da qualidade da vista. Por esta razão, compreende-se que possa ser um parâmetro válido para avaliar a conexão visual dos edifícios através dos campos visuais da janela, a fim de caracterizar as condições de visualização da paisagem fenestrada.

2.4 Conclusão do capítulo

Paisagem é um conceito amplo e multifatorial. Possui a capacidade de articular tanto os aspectos físicos como os aspectos simbólicos da relação ser humano e meio. Uma paisagem pode ser lida e interpretada de diversas formas pelo ser humano (natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética). No entanto, é seu vínculo com o conceito de lugar que permite compreendê-la enquanto laços culturais e afetivos do ser humano com seu território.

O conceito de paisagem cultural surge através da geografia cultural para estabelecer a diferença entre criação humana e paisagem natural. Define-se como o produto da relação entre um grupo cultural e o meio natural. Esta paisagem passa a existir a partir das marcas que o ser humano deixa no território ao longo do tempo. Sua vinculação com os conceitos de identidade e memória, influenciaram diretamente as práticas contemporâneas do patrimônio cultural e do planejamento territorial.

No âmbito do patrimônio, o conceito de paisagem cultural surge através da UNESCO como categoria de preservação do patrimônio mundial. É definida como as

“obras conjugadas do homem e da natureza que ilustram a evolução da sociedade e sua consolidação ao longo do tempo” (UNESCO, 2011, p.11). Este conceito designa bens mistos, caracterizados pela associação de aspectos materiais e imateriais.

A preservação da paisagem cultural assume relevância como garantia do direito à paisagem e da qualidade de vida. Por ser um recurso frágil, transitório e dinâmico, a paisagem é sensível às transformações do crescimento urbano, do mercado imobiliário e da degradação do meio ambiente. A definição dos objetivos de qualidade paisagística reforça que a preservação da paisagem cultural é um direito fundamental a ser reconhecido através de ferramentas que envolvam a percepção e a consulta da população.

A fragilidade dos recursos da paisagem histórica urbana frente à dinâmica dos processos mundiais de urbanização conduz o foco desta pesquisa ao estudo da paisagem vernacular histórica. Esta tipologia de paisagem cultural caracteriza-se pelos assentamentos urbanos de evolução espontânea e lenta, pelos vínculos com o meio rural e pela relação que estabelecem com os recursos naturais. Sua preservação baseia-se nos parâmetros de escala, significância histórica e integridade de seu conteúdo.

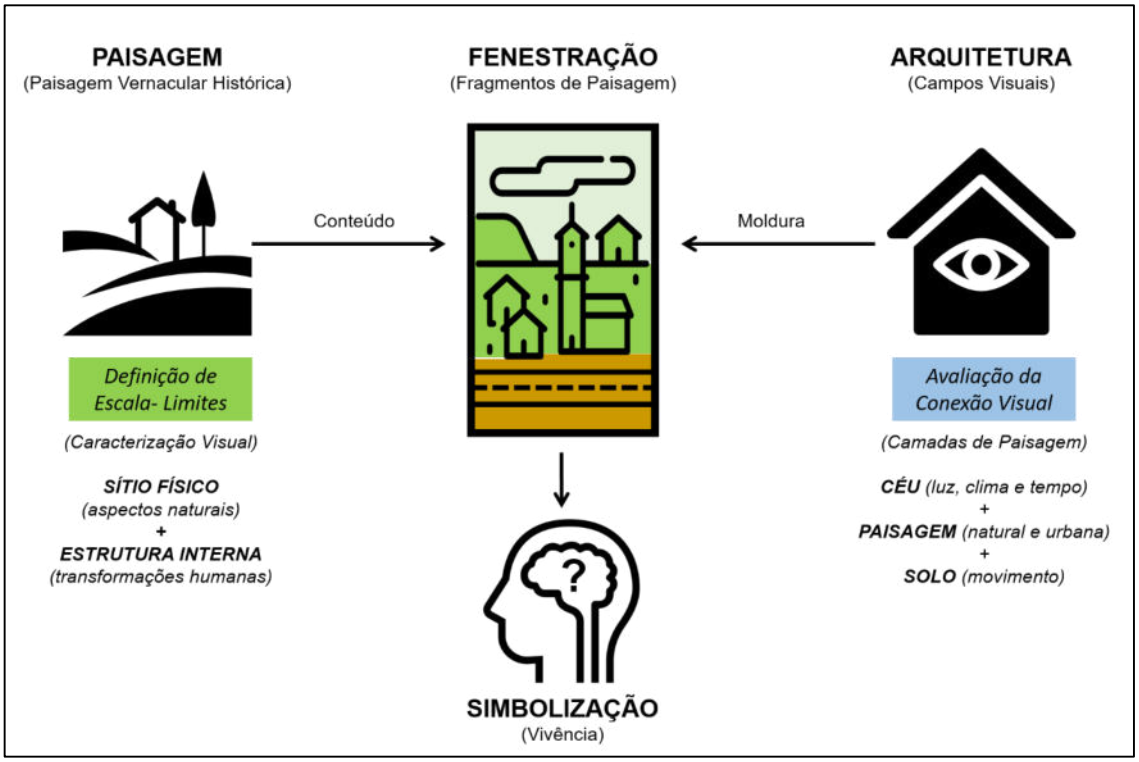
De modo geral, estes parâmetros vão estar relacionados ao reconhecimento das evidências físicas do valor histórico-cultural da paisagem A escala avalia o contexto físico em termos de abrangência territorial. A significância avalia a importância histórica. A integridade avalia as características físicas de sua significância através de atributos como localização, contexto (espacial), sentimento, associação, design, modo de produção e materiais. São procedimentos destas avaliações a análise do sítio, a pesquisa histórica e a documentação das condições existentes.

A definição da escala é parte importante da proteção da paisagem vernacular histórica. Definir seus limites não é determinar uma área homogênea, mas resguardar a identidade do objeto que ela circunda. A caracterização destes limites pode ser feita a partir da análise visual da paisagem em função dos aspectos naturais e das transformações humanas. Os aspectos naturais, entendidos como análise visual do sítio físico, podem ser caracterizados pela configuração formal de relevo, recursos hídricos, vegetação e clima. É possível caracterizar as transformações humanas por meio da análise visual da estrutura interna do espaço, observando as configurações de planta baixa, planos verticais, edificações e elementos complementares. Entende-

se que esta caracterização deve dar ênfase às relações de inserção do objeto de estudo no entorno imediato, a fim de reconhecer os limites da paisagem que definem sua escala.

A paisagem fenestrada pode ser definida pelos fragmentos de paisagem emoldurados pelas janelas da arquitetura. Estes fragmentos são importantes, pois determinam qualidades físicas do espaço vivido e contribuem para noção de lugar dos indivíduos. Configuram uma interface importante do relacionamento cotidiano entre homem e meio, síntese da topografia arquitetônica que continuamente se apropria, constrói e modifica a paisagem. A arquitetura, como produto cultural, é parte das transformações físicas e simbólicas de uma paisagem vernacular histórica. Assim, a fenestração revela-se como índice sobre a integridade, a qualidade ambiental e manutenção do direito à paisagem em sítios de preservação deste patrimônio (Figura 15).

Figura 15 - Esquema gráfico dos aspectos físicos da paisagem fenestrada.



Fonte: do autor.

A conexão visual é uma característica importante sobre a qualidade da vista da janela. Pode ser utilizada para caracterizar as condições de visualização da paisagem fenestrada enquanto dado físico. A estratificação horizontal é um parâmetro válido para avaliar a conexão visual a partir da leitura das camadas de céu, paisagem e solo

no campo visual da janela. Compreendida a relevância de cada camada para qualidade de vida dos usuários do edifício, entende-se que a visibilidade deste conteúdo influencia diretamente a construção do senso de lugar, de identidade e de memória relacionada à paisagem vernacular histórica. Isto torna importante investigar a percepção e os efeitos deste conteúdo nas pessoas.

Dado que a estratificação horizontal avalia somente aspectos físicos da vista e a capacidade da arquitetura de estabelecer uma boa conexão visual com a paisagem, não é um parâmetro suficiente para avaliar o significado simbólico da paisagem fenestrada. É possível, por exemplo, que certo edifício apresente alta conexão visual em suas janelas, mas que o conteúdo da vista não signifique qualidades positivas para os usuários do edifício. Neste sentido, a relação patrimonial da paisagem fenestrada não se constitui apenas pelo conteúdo físico (visualizado), mas pelo modo como é significado por aqueles que vivem e agem no lugar.

Assim, é fundamental investigar o conteúdo simbólico da paisagem fenestrada para que se possa determinar objetivos de qualidade paisagística em paisagens vernaculares históricas. Conclui-se, por este capítulo, a necessidade de aprofundamento teórico sobre o processo de simbolização da paisagem fenestrada para formação da identidade de lugar relacionado a este patrimônio. Estes conteúdos serão estudos no Capítulo 3.

CAPÍTULO 3 | SIMBOLIZAÇÃO E PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA PAISAGEM FENESTRADA

O presente capítulo tem como objetivo investigar os aspectos simbólicos da paisagem fenestrada. Inicialmente, a fenestração é caracterizada como um fenômeno do lugar, tendo como base a teoria fenomenológica de arquitetura e sua relação com os conceitos de identidade do lugar, memória e símbolo. Em seguida, são estudados os fundamentos do processo de percepção ambiental que envolvem o habitante como observador da janela, compreendendo as implicações teóricas e as diferentes atividades mentais envolvidas na formação e na avaliação das representações mentais. Por fim, são identificadas estratégias de abordagem do conteúdo simbólico presente na imagem mental do observador, a partir de conceitos relacionados à orientação e identificação afetiva dos habitantes com o lugar.

3.1 A paisagem fenestrada como fenômeno do lugar

A partir da vinculação com o conceito de lugar, a paisagem encontrou caminho para definir-se como categoria de preservação patrimonial. Para Norberg-Schulz (1976), o lugar é mais do que uma localização abstrata, é uma totalidade composta de fenômenos concretos e sentimentos da vida cotidiana. “Juntas essas coisas determinam uma ‘qualidade ambiental’ que é a essência do lugar” (NORBERG-Schulz, 1976, p. 444). À essa essência do lugar, define-se o termo *genius loci*.

O *genius loci* se expressa por meio da estrutura do lugar que é composta de paisagem e assentamento. A paisagem assume o sentido de sítio natural e intocado, enquanto que assentamento refere-se às construções humanas feitas sobre este sítio. A particularidade do modo de construir um lugar é uma característica da paisagem cultural diretamente relacionada ao fenômeno da fenestração.

> Os elementos do ambiente criado pelo homem são, em primeiro lugar, todos os "assentamentos" de diferentes escalas, das casas às fazendas, das aldeias às cidades, e, em segundo lugar, os "caminhos" que os

> conectam, além dos diversos elementos que transformam a natureza em "paisagem cultural". Quando os assentamentos estão organicamente integrados ao seu ambiente, supõe-se que são pontos focais onde a qualidade peculiar do ambiente se condensa e "explica" (NORBERG-Schulz, 1976, p. 448).

Ao constituírem o *genius loci*, *assentamento* e *paisagem* vinculam-se numa relação de figura-fundo. Tudo o que fica encerrado se manifesta como "figura" contra o vasto fundo da paisagem. No diálogo entre as construções (figura) e o sítio natural (fundo), o lugar expressa-se como paisagem cultural (relação humano e meio). A fenestração é parte deste diálogo. Deste modo, compreende-se sua importância como índice de identidade dos processos de preservação cultural.

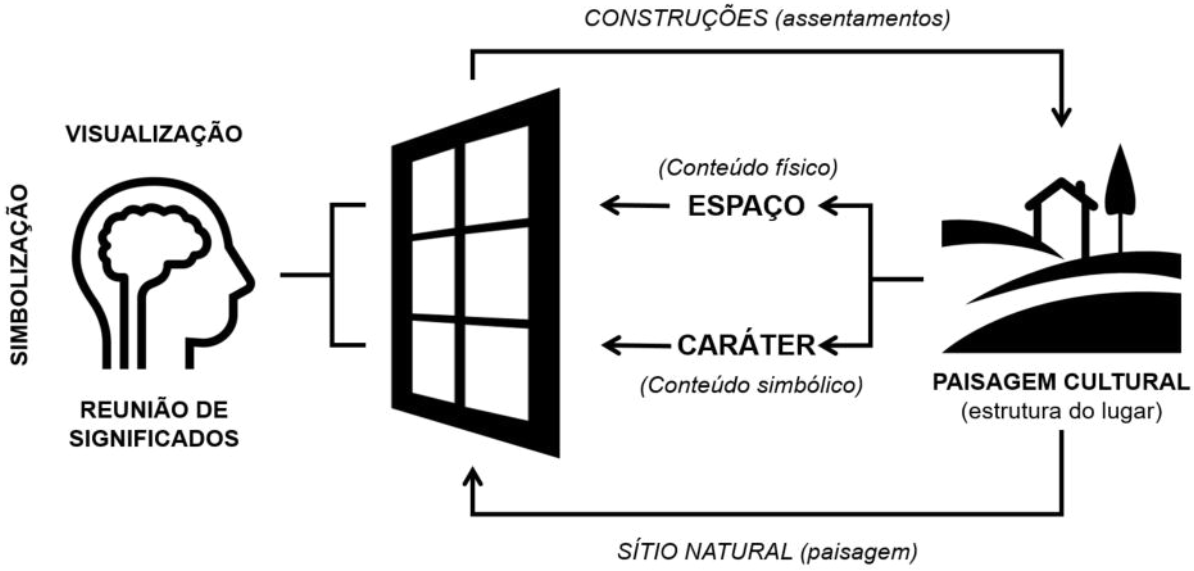
> O povoamento perde sua identidade quando tal relação se corrompe, da mesma forma como a paisagem perde sua identidade de ampla extensão. Em um contexto maior, tudo o que fica encerrado se torna um centro que pode exercer a função de "foco" para seu entorno (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 450).

O Genius Loci pode ser revelado por meio da estrutura do lugar a partir de duas características: *espaço* e *caráter*. “Enquanto espaço indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o caráter denota a ‘atmosfera’ geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p. 449). Deste modo, espaço está relacionado ao conteúdo físico do lugar como é percebido, enquanto que caráter diz respeito ao significado atribuído à esta configuração, ou seja, ao conteúdo simbólico que o caracteriza. Estes conteúdos determinam uma identidade ao lugar.

Nesta visão da arquitetura como fenômeno local, a identidade de lugar depende de duas funções psicológicas básicas: orientação e identificação. Norberg-Schulz (1976, p. 455) explica que “o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar”. O autor reitera que a identificação é a função mais importante, pois o sentimento resultante permite à pessoa “sentir-se em casa”, simplesmente por perceber o lugar em seu caráter genericamente agradável. Neste caso, a identificação pessoal com o lugar é reflexo direto sobre o bem estar e a qualidade de vida daqueles que o habitam.

Para Norberg-Schulz (1976), o homem só passa a habitar um lugar, de fato, quando compreende o *genius loci* e sob esta essência permite-se viver. O habitar é baseado na sabedoria do “espaço vivido” cotidianamente e pode ser compreendido através das operações humanas de *visualização, simbolização e reunião de significados* sobre a paisagem. Estas operações são etapas fundamentais do processo de fixação do homem ao lugar (decidir ficar). A visualização diz respeito à capacidade do homem de orientar-se pela natureza para construí-la a seu modo. A simbolização refere-se ao ato de construir tais símbolos, que traduzem um significado experimentado. Por último, a reunião de significados que se formará do lugar experiênciado. A janela contempla estas três operações do habitar em um único elemento da arquitetura (Figura 16).

Figura 16 - Esquema teórico da fenestração como fenômeno do lugar



Fonte: do autor.

A preservação da paisagem cultural está sujeita às variações da dinâmica do habitar ao longo do tempo, conforme explica Zaniratto (2020):

> O que vemos, vemos ao longo do tempo, sobre uma base material com volumes e cores, com sons e odores, em lugares sujeitos a dinâmicas mais ou menos intensas, conforme a velocidade das modificações. Os movimentos não têm uma mesma velocidade, em especial os decorrentes da intervenção humana (ZANIRATTO, 2020, pág. 13).

Em sua tese de doutorado, Castello (2005) propõe o entendimento do conceito de lugar a partir da relação das pessoas com o ambiente. Acompanhar as variações

no modo de perceber o lugar é importante pois dessa forma é possível obter os ensinamentos necessários para direcionar o curso dos acontecimentos, ou seja, o planejamento. Ao tratar das transformações urbanas nos *Lugares de Memória*[6], o autor destaca que o *genius loci* destes lugares não teria a ver só com a "proteção dos deuses", mas dos humanos, "pois é o *genius* humano que os faz" (CASTELLO, 2005, p. 298). Neste sentido o processo de percepção ambiental tem papel fundamental sobre a memória cultural da cidade (paisagem histórica urbana), pois é um fator importante para compreender quais elementos são classificados e alçados à preservação por seus habitantes.

Como fenômeno do lugar, a paisagem fenestrada pode ser considerada um índice para leitura e monitoramento sobre a integridade de sítios da paisagem vernacular histórica (lugar antrópico e dinâmico por definição). A arquitetura produzida nestes sítios torna-se um condicionante importante das operações de visualização, simbolização e reunião de significados sobre o lugar. Nestas paisagens culturais, a fenestração é um fenômeno "genético" da estrutura do lugar (assentamento e paisagem) que caracteriza a relação homem e meio.

O sentimento de bem estar e pertencimento destes lugares depende da boa orientação e de uma identificação positiva das pessoas. A partir do diálogo propiciado pelo elemento janela, o *genius loci* destes sítios pode ser revelado através das características morfológicas (*espaço*) e significados atribuídos (*caráter*) à paisagem fenestrada por seus habitantes. Neste sentido, cabe aprofundar como estas características estão relacionadas ao conceito de identidade de lugar e memória, como se transformam em símbolos e significados e qual o papel do habitante para esta investigação.

3.1.1 Identidade do lugar e memória

A identidade do lugar é construída a partir dos espaços de vivência, onde os sentimentos de pertença e estranheza dos indivíduos são formados. Essa construção envolve o tempo de exposição ao lugar e a possibilidade de transformá-lo em busca de satisfação (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

---

[6] Em seu estudo, Castello (2005) vai definir três tipologias de lugar: *Lugares de Aura*, *Lugares de Pluralidade* e *Lugares de Memória*. Estas tipologias são investigados sob o ponto de vista da percepção das transformações urbanas, compreendidas como *clonagens* de práticas vigentes no urbanismo contemporâneo.

Para Berque (1998), as relações de identidade e memória da paisagem podem ser compreendidas através dos conceitos de *marca* e *matriz*. Como *marca*, pois a partir dos aspectos formais e materiais se expressam os símbolos de uma civilização. Como *matriz*, pois seu significado influencia os esquemas de percepção e a conduta humana com o espaço e a natureza.

Para Maurice Halbwachs (1990), o lugar recebe a marca do grupo social e cada aspecto desse passa a ter um sentido que é compreendido apenas pelos membros desse grupo. As memórias que se concentram sobre esse lugar constituem referências estáveis, que serão percebidas ao longo do tempo, contribuindo para o vinculação identitária do grupo social (CANDAU, 2012). Dixon e Durrheim (2000) explicam que essa construção social acontece à medida que as pessoas se comunicam umas com as outras. “Pode-se afirmar que a estes grupos consagra-se certa unidade, certo grau de consenso entre as memórias compartilhadas, o que lhe vincula a noção de memória à de identidade” (COSTA; SERRES, 2016, p.158).

Existem diversas teorias que buscam explicar a identidade do lugar. Proshansky (1978) vai destacar a importância dos aspectos físicos, entendendo a identidade de lugar como criação de um “cenário interno" pelo indivíduo. Para Tajfel (1982), a identidade do lugar depende das relações sociais, ou seja, define-se a partir do conhecimento que o indivíduo tem dos grupos sociais aos quais pertence. Breakwell (1982) trata de conciliar estas visões reforçando a noção da identidade do lugar como processo e estrutura em função dos aspectos culturais. Esta estrutura se define na dimensão do conteúdo do lugar e na avaliação dos seus efeitos positivos ou negativos. Ou seja, a identidade do lugar não se define apenas pelos *aspectos físicos* (i) e *sociais* (ii) do lugar, mas também por seu *efeito* (iii) nos indivíduos que a vivenciam (HAUGE, 2007).

A *Teoria do Processo de Identidade* de Breakwell (1982) revela quatro princípios fundamentais sobre este vínculo de identidade que une pessoas aos lugares:

- O princípio da *distintividade* está relacionada ao desejo do indivíduo em manter sua singularidade, e vai se manifestar no modo pessoal de perceber aspectos únicos do lugar que permitem distingui-lo positivamente de outros lugares (p. ex. em termos físicos, ambientais, serviços, estilo de vida, pessoas).

- O princípio da *continuidade* se relaciona com o desejo de manter a continuidade da situação ao longo do tempo, a partir de um autoconceito sobre passado e presente. Os indivíduos procuram se estabelecer em lugares com características semelhantes as suas ou modificam o ambiente para torna-los mais próximos.
- O princípio da *autoestima* diz respeito à avaliação positiva de si e do grupo social através da pertença e da assimilação das características atribuídas ao lugar. Ou seja, há um aumento de autoestima por associação à uma qualidade atribuída ao meio onde vivem (sentimento de orgulho).
- O princípio da *auto eficácia*, refere-se à capacidade do lugar em atender e satisfazer as necessidades do indivíduo, sem constrangimentos à sua relação com o ambiente. Em situações onde o lugar dificulta a realização de suas atividades, a identidade do sujeito pode ser comprometida.

Apesar da complexidade de trabalhá-los separadamente, estes princípios traduzem motivações e objetivos que guiam as pessoas à se identificarem com os lugares. Estão relacionados ao sentimento de pertencimento e bem estar duradouro dos habitantes.

Portanto, *distintividade*, *continuidade*, *autoestima* e *autoeficácia* são valores universais da identidade do lugar que influenciam na simbolização da paisagem fenestrada. Analisar os efeitos do conteúdo da vista da janela no habitante pode ser um modo de revelar os símbolos e os significados deste fenômeno. Contemplar estes princípios é relevante para objetivo de salvaguardar a paisagem enquanto patrimônio cultural e direito à qualidade ambiental/ urbana.

3.1.2 O conceito de símbolo e atribuição de significado ao lugar

O símbolo é o elemento tangível da identidade cultural de um lugar. O antropólogo Geertz (2008) define símbolo como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado. Para este autor, a cultura é um sistema de símbolos construídos socialmente e pode ser explicada através da interação e da interpretação do dado simbólico.

> Tanto os símbolos ou sistemas de símbolos chamados cognitivos como os chamados expressivos têm pelo menos uma coisa em comum: eles são fontes extrínsecas de informações em termos das quais a vida humana

> pode ser padronizada — mecanismos extra pessoais para a percepção, compreensão, julgamento e manipulação do mundo (GEERTZ, 2008, p. 123).

O significado é uma característica associativa, ou seja, é atribuído pelo indivíduo a partir de uma ideia apreendida do objeto (RAPOPORT, 1977; LANG, 1987). Ittelson (1978) define significado como a relacionabilidade das coisas. A fenomenologia busca conhecer o significado do lugar (caráter) através do vínculo de identidade que relaciona o indivíduo à informação ambiental. Assim, por meio do significado atribuído pelo indivíduo, é possível compreender a informação ambiental como símbolo de um lugar.

Elencar os elementos de configuração da paisagem enquanto símbolos e significados é o que Maria Elaine Kholsdorf (2001) define como principal dilema metodológico para preservação das paisagens culturais. “Preservá-los significa definir suas permanências, em termos *de que*, *como* e *para quem* preservar, requerendo coleta e análise de informações capazes de revelar a identidade dos lugares” (KHOLSDORF, 2001, p.5). Por esta razão a autora vai indicar que a proteção desses bens deve estar focada não somente na permanência de tais símbolos, mas *no relacionamento dos indivíduos com esses*.

O significado do lugar pode variar em função da facilidade de leitura do ambiente e dos objetivos dos sujeitos em relação ao mesmo (GIBSON, 1986). Por esta razão as pistas deixadas pelo ambiente físico são importantes para investigação dos significados compartilhados sobre determinado lugar.

A atribuição de significado é um processo que envolve tanto a estruturação da informação ambiental quanto a decodificação dos símbolos. A estruturação ocorre partir de processos de categorização e formação das representações mentais. A decodificação dos símbolos depende do controle esquemático da informação ambiental percebida que é agrupada por categorias de conteúdo. Essas categorias são estabelecidas em função da escala de análise do objeto e da dimensão de análise dos indivíduos (FARIA, 2002).

Lugares podem ser categorizados a partir de qualidades perceptuais (forma e função) e afetivas (preferencias, avaliação e julgamento de identidade). Em uma escala genérica de lugar, os significados vão estar relacionados à dimensão de análise sobre a função, aspectos sociais, significado econômico, aspectos políticos, históricos e estéticos (APLLEYEARD, 1969; RAPOPORT, 1977). Em lugares como

paisagens culturais do tipo vernacular histórica, o significado histórico possui maior relevância, segundo Birnbaum (1994). No entanto, é importante estar atento à outras dimensões de análise para que se compreenda esta paisagem como uma totalidade percebida (como dado físico) e significada (como dado afetivo).

> A tentativa de derivar significado das paisagens possui uma virtude avassaladora. Ela nos mantém constantemente alertas para o mundo ao nosso redor, exigindo que prestemos atenção não apenas a algumas das coisas ao nosso redor, mas a todas elas - todo o mundo visível em toda a sua complexidade rica, gloriosa, confusa, feia e bela (PIERCE, 1993, p.138 – tradução nossa).

Significados ambientais são propriedades emergentes nas representações mentais dos indivíduos e decorrem do processo de percepção ambiental que envolve as propriedades físicas do ambiente e a associação de conhecimentos prévios (WARD et al. 1981; p.123-124). As atividades mentais deste processo são uma busca contínua por significado (FARIA, 2002, p. 103). O processo de percepção ambiental da janela pode ser um modo de revelar os significados representados da relação ser humano e meio da paisagem cultural vernacular histórica. Decodificados como símbolos, esses elementos podem se tornar foco das ações de preservação da qualidade paisagística destes sítios.

3.1.3 O papel do habitante na simbolização da paisagem fenestrada

O habitante é definido como o ser que habita, reside ou vive no lugar. É o ser que constrói o lugar fisicamente e simbolicamente, ou seja, são agentes de manutenção e transformação da paisagem (HEIDEGGER, 1954; NORBERG-SCHULZ, 1976). Entende-se que a manutenção do vínculo de identidade entre o habitante e o lugar capacita a preservação da paisagem cultural vernacular histórica. Por esta razão, o habitante é uma fonte de informação importante sobre o caráter do lugar.

O habitante é o observador cotidiano da janela. Aquele que visualiza, simboliza e reúne os significados da paisagem fenestrada com o objetivo de bem estar duradouro. Posto que a identidade de lugar se constitui ao longo do tempo, a convivência do observador com a vista da janela é um critério importante no processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada. Isso qualifica os habitantes do lugar como grupo social a ser investigado.

Para Whyte (1977), as investigações na área da percepção ambiental devem estar baseadas em três estratégias: ouvir, perguntar e observar. Sua escolha deve estar em função de que os indivíduos possam manifestar-se livremente e revelar suas percepções antes que o pesquisador os inquira com indagações já constituídas de sua percepção sobre o fenômeno. Desenhos e relatos sobre o ambiente são uma forma de investigar a memória representativa dos indivíduos que cotidianamente selecionam e organizam o espaço a partir do significado particular que eles denotam (CERTEAU, 1998). Uma vez que os significados apreendidos podem ser comunicados nestas representações mentais, é importante verificar por meio delas se há um consenso para o grupo social (WARD et al. 1981, STAMPS, 1997).

A utilização destas representações mentais como técnica de investigação do observador é conhecida como mapeamento cognitivo. Consiste num instrumento de coleta e análise de dados, oriundo da psicologia, caracterizado pela livre manifestação do participante. Está baseada na experiência e na memória do observador sobre o ambiente (RHEINGANTZ; AZEVEDO; BRASILEIRO et al, 2009, p.56).

Entende-se que o mapeamento cognitivo dos habitantes pode ser uma estratégia para avaliação conjunta de aspectos perceptivos e afetivos sobre o conteúdo visto da janela, a fim de caracterizá-los como símbolos da paisagem fenestrada. Decodificar os significados deste fenômeno é o principal objetivo desta pesquisa decorrer sobre o processo de percepção ambiental que envolve a formação das representações mentais.

3.2 Processo de percepção ambiental

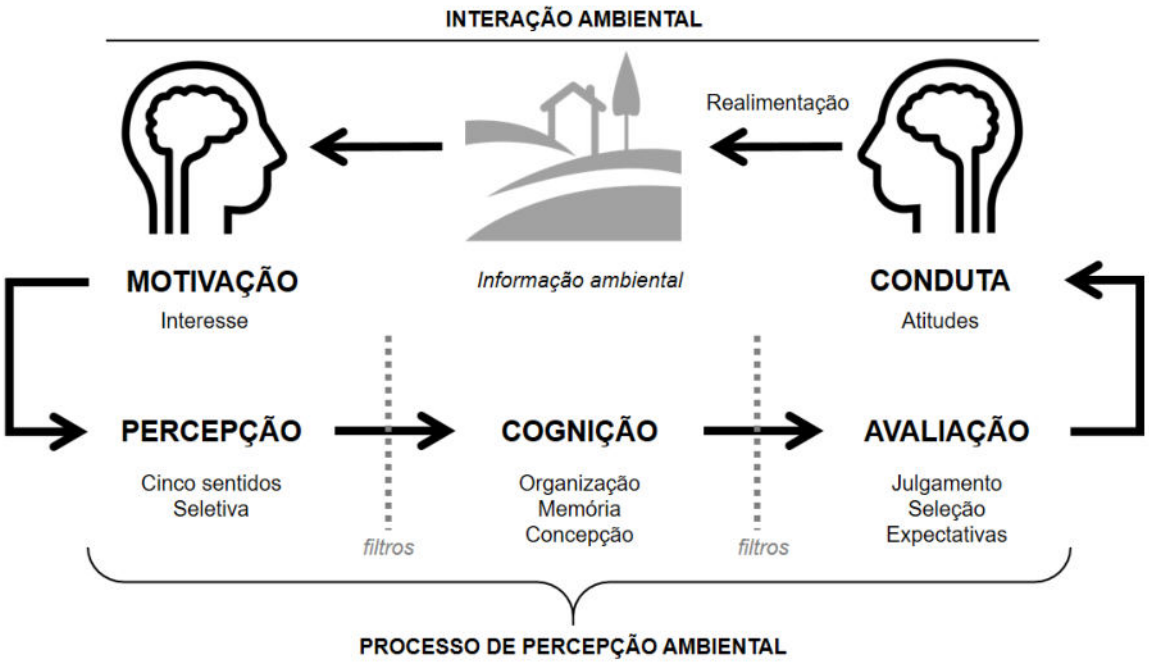
O processo de percepção do ambiente se desenvolve a partir da interação de dois elementos básicos: observador e observado. O observado é composto pelos objetos, acontecimentos e as condições físico-ambientais da observação. O observador é o indivíduo que percebe, seleciona e atribui significações ao que é observado. Parte deste processo é autônomo e involuntário, proporcionado pelas características do observado. Outra parte depende dos processos mentais do próprio observador. A partir de variáveis destas duas naturezas (observador e observado), define-se *o processo* de *percepção ambiental* como “o processo recursivo de

interação do homem-ambiente que permite ao homem influenciar ou atuar sobre o ambiente como ser por ele influenciado ou atuado" (RHEINGANTZ; AZEVEDO; BRASILEIRO et al, 2009, p.20). Ou seja, ser humano e ambiente são coprodutores de si mesmos.

Apesar das diversas nomenclaturas e formas de descrever a interação entre observador e o ambiente observado, usaremos o termo *processo de percepção ambiental* para definir a globalidade das atividades mentais nele envolvidas.

O processo de percepção ambiental engloba diversas atividades mentais ligadas à diferentes estágios da interação observador e observado. Estas atividades incluem a percepção, a cognição e a avaliação como partes de um processo contínuo que caracterizam o conhecimento e o aprendizado sobre o ambiente. Ao longo destas atividades, a informação ambiental é filtrada e processada mentalmente pelo observador para constituição do significado sobre o observado (RAPOPORT, 1977; KOHLSDORF, 1992).

Figura 17 - Esquema teórico do processo de percepção ambiental



Fonte: do autor

Del Rio (1991, p.121) situa o processo destas atividades mentais como parte da interação ambiental que ocorre entre a motivação e a conduta do observador (Figura 17). Motivação e conduta podem ser compreendidas, respectivamente, como causa e consequência do processo de percepção ambiental. A *motivação* está

relacionada com o interesse (consciente ou inconsciente) do observador de gerar uma interação com o ambiente. A *conduta* são as atitudes e opiniões decorrentes do processamento da informação ambiental. O estudo do processo de percepção ambiental dedica-se às transformações da informação ambiental ao longo das atividades mentais de percepção, cognição e avaliação para compreensão do conteúdo simbólico sobre o observado.

A *atividade de percepção*, etapa inicial do processo mental, está ligada aos fatores sensoriais do observador e à experiência imediata do observado (os estímulos e suas propriedades físicas). Envolve, portanto, a funcionalidade e a seletividade dos cinco sentidos do observador e as condições físico-espaciais do observado.

A *atividade de cognição* refere-se ao processamento mental mais profundo sobre o observado, ou seja, quando as sensações do indivíduo são transformadas em valores e significados. Consiste numa atividade de acumulação do conhecimento adquirido ao longo da experiência cotidiana. Está relacionada à aprendizagem, à memória e à generalização das informações pelo sujeito que observa (REIS; LAY, 2006). Nesta atividade o observador elabora sua representação mental do observado, também conhecida como imagem mental (LYNCH, 1960).

A *atividade de avaliação* antecede a conduta do observador (atitude) e configura o estágio final do processo de percepção ambiental, onde ocorre o julgamento do observado e a definição das preferências ambientais (DEL RIO, 1996). Está relacionada ao estado de ânimo, às predisposições e às emoções organizadas para a tomada de decisões sobre o ambiente. Segundo Canter (1977), avaliações e expectativas fazem parte da concepção dos lugares e são essenciais para definição do seu significado. A partir dessa atividade, a representação mental do observador adquire um significado mais profundo sobre o observado.

No processamento mental do observado, é importante compreender as diferenças da atividade de percepção para as atividades de cognição e avaliação na formação da representação mental. Apesar de serem partes de um mesmo processo, funcionalmente, “percepção ocorre antes de o indivíduo se tornar consciente do significado e do valor de um objeto” (REIS, LAY, 2006, p.24). Weber (1995) explica que o significado não resulta diretamente de um padrão de estímulo mas de uma interpretação baseada em conhecimentos e memórias acumuladas pelo observador. Estas diferenças influenciam algumas das teorias sobre o processo de percepção ambiental.

A seguir, são estudadas as implicações destas teorias para melhor abordagem do processo de percepção ambiental na paisagem fenestrada.

3.2.1 Implicações das teorias sobre o processo de percepção ambiental

O interesse pela subjetividade dos fenômenos ambientais, que envolvem a vivência humana, refletiu no surgimento de diferentes investigações sobre o processo de percepção ambiental. Isso deu origem à teorias que, com diferentes focos e grau de profundidade, estudaram as influências das atividades de *percepção, cognição* e *avaliação* que compõem o processo.

Certas teorias sustentam que o processo de percepção ambiental está fundamentado na informação direta e imediata daquilo que é observado, dando maior enfoque à atividade perceptiva. A *Teoria da Gestalt* (KOFFKA, 1935) concentra-se sobre a experiência sensorial do observado, onde os estímulos físicos assumem papel determinante para compreender a organização visual do ambiente. A *Teoria Ecológica* (GIBSON, 1960, 1986) considera o processo de percepção ambiental como uma adaptação do indivíduo à informação do ambiente, dedicando-se a compreender a natureza dos estímulos ambientais. Estas teorias embasam a possibilidade de investigar o ambiente como uma representação coletiva, onde o observado pode funcionar como símbolo quando está associado ou evoca um significado para o grupo ao qual pertence (FARIA, 2002).

A *Teoria Transacionalista ou Empirista* (RAPPOPORT, 1978; LANG, 1987) compreende que não há uma efetiva separação entre percepção e cognição. O que é percebido não pode ser explicado apenas pelas respostas a um estímulo, pois sofre também as influências culturais que atuam no observador. Nesta teoria, a experiência sensorial não é negada, mas está subordinada aos processos anteriores de aprendizagem daquele que observa. Aqui, a atividade de cognição assume papel relevante, pois a experiência prévia interfere na seleção daquilo que as pessoas prestam a atenção e no que se torna importante para elas (NAOUMOVA, 2009).

Considerando o objetivo de decorrer sobre aspectos patrimoniais da paisagem cultural por meio da fenestração arquitetônica (relação ser humano e meio), estas teorias evidenciam duas questões importantes sobre a observação da janela:

a) A importância do processo de percepção ambiental para compreensão física e simbólica do fenômeno que vincula o habitante (observador) à

paisagem fenestrada (observado), cuja informação ambiental é continuamente armazenada e significada nas representações mentais do observador;

b) A impossibilidade de separação das atividades do processo de percepção ambiental neste estudo, uma vez que somente na transição da informação ambiental entre percepção, cognição e avaliação torna-se possível revelar o que é significativo para o habitante (observador) em relação à paisagem fenestrada (observado).

Assim, as atividades de *percepção, cognição* e *avaliação* serão abordadas como um mesmo processo atuante sobre as representações mentais do observador em relação à paisagem fenestrada. Desta forma, cabe aprofundar como ocorre a formação destas representações mentais e como ocorre a transformação do conteúdo físico para o simbólico, capaz de enunciar os significados sobre a vivencia de tal fenômeno.

3.2.2 Formação da imagem mental e suas classificações

As representações mentais sobre o ambiente são tratadas por diversos autores, recebendo diferentes nomenclaturas. Gibson (1947) as denomina como *percepto.* Piaget e Inhelder (1967) como *representações da imagem mental.* Lynch (1960), Appleyard (1976) e Kohlsdorf (1992) utilizam o termo *imagem mental*. Outros termos como *constructo* (LEE, 1977), *imagens cognitivas* (PIPKIN, 1983), *schemata espacial* (GOLD, 1980) ou apenas *schemata* (LANG, 1987) são utilizados na literatura. Neste estudo é empregado o termo *imagem mental* para definir a representação mental na qual o conhecimento ambiental é continuamente organizado, acumulado e significado pelo observador.

Na formação da imagem mental, a atividade de percepção se relaciona com os aspectos físico-espaciais do observado, enquanto que as atividades de cognição e avaliação com os aspectos simbólicos associados. Esta associação é evidenciada pelo significado processado pelo observador. Assim, o conteúdo da imagem mental é composto de informações espaciais e significados sobre o observado, unificados ao longo destas atividades (CHAMBERS e REISEBERG; 1992 *apud* SANTOS, 2000).

Na atividade de percepção, estando diante do espaço, o observador assimila os efeitos topológicos e perspectivos do observado, que são em síntese as relações

do corpo com os limites físicos e formas do ambiente. O que se percebe é um espaço que organiza nossa posição quanto a esses limites físicos para que o ambiente possa ser lembrado, transmitido e comunicado. Sobre a diferença essencial entre espaço percebido e sua transformação em imagem mental, Kohlsdorf (1992, p.58) descreve: “no primeiro, o sujeito e o objeto estão necessariamente um em presença do outro, enquanto que, na segunda, o sujeito prescinde da proximidade física do objeto”.

Imagens mentais são formadas a partir da realidade e distinguem-se como representações primárias e secundárias. Como representações primárias, acumulam informações sobre a experiência imediata da realidade. Posteriormente alcançam um nível superior, mais elaborado e abstrato, como representação secundária. Na representação secundária, a informação espacial passa a estar associada à um juízo de valor, um significado interpretado. Nela estão codificados atributos locacionais e não-locacionais do ambiente, informações sobre os objetos concretos e concepções abstratas relacionadas à símbolos e aspectos socioculturais (RAPOPORT, 1977; TAUCEDA, 2009).

As imagens mentais também podem ser classificadas em internas e externas. As internas são criadas na mente através de analogias e proposições de signos e símbolos. As externas são manifestadas através da comunicação por meio de imagens, desenhos ou palavras (TAUCEDA, 2009).

Imagens mentais podem estar relacionadas à diferentes propósitos do pensamento sobre os lugares. Rapoport (1977, p. 43) distingue três tipos: (a) *aquelas relativas a valores e preferencias*, (b) *as relativas ao conhecimento factual* e (c) *as relativas às estruturas e propriedades comuns*. Piaget (1969), de modo simplificado, propõe dois tipos: (i) *a imagem cognitiva* ou *conceitual*, relacionada ao sentido de saber e, (ii) *imagem simbólica*, relacionada à memória de realidades ausentes. Estes tipos de imagem mental vão estar combinados dentro dos esquemas ou estruturas de representação expressos pelo observador (DEL RIO, 1996).

Kevin Lynch (1960) segmenta a formação da imagem mental em três partes: *identidade, estrutura e significado*. *Identidade* refere-se à capacidade de identificar e reconhecer fisicamente os objetos (ou seja, considera-a como procedimento sensorial); *estrutura* refere-se ao padrão de conexão reconhecível como esses objetos se relacionam e; *significado* ao sentimento e ao valor atribuído sobre objetos e estrutura.

Para Kohlsdorf (1992), a formação da imagem mental é parte essencial do processo de percepção ambiental da paisagem, pois permite compreender como seus aspectos físico-espaciais são apreendidos pelo observador. “Apreender é tomar mentalmente um objeto” (KOHLSDORF, 1992, p.52). Segundo a autora, a apreensão da paisagem pode ser decomposta em quatro atividades mentais: *sensação, percepção, formação da imagem mental* e *intuição*. As sensações são responsáveis pelo primeiro contato com o espaço e são matéria prima da percepção, onde são reunidas as informações dos cinco sentidos. A formação da imagem mental é onde o desenvolvimento cognitivo do indivíduo lhe permite a capacidade de entender e representar o espaço. A partir de então, a intuição define-se como a lógica espacial que permite ao indivíduo organizar os elementos e operar com esta imagem mental na inteligência (KOHLSDORF, 1992).

Com base nestas afirmações, fica evidente que durante a formação da imagem mental a informação ambiental é selecionada e organizada pelo observador. Esta imagem viabiliza o pensamento sobre o lugar em níveis de representação primária e secundária, de acordo com a experiência acumulada sobre o observado. Como representações externas, a imagem mental comunica aquilo que o observador percebe e interpreta sobre os aspectos físico-espaciais do observado.

Neste trabalho, é importante o potencial das representações da imagem mental para analisar o conteúdo da janela como atividade de percepção sobre o lugar, apreendido enquanto característica de espaço. Ou seja, o fenômeno selecionado e organizado pela vivência do observador. No entanto, somente o dado espacial percebido não é capaz de determinar os efeitos positivos ou negativos deste conteúdo. O juízo de valor associado à imagem mental pode ajudar a revelar os significados interpretados sobre a paisagem fenestrada.

3.2.3 Imagem mental e avaliação ambiental

A avaliação ambiental faz parte da imagem mental do observador e representa níveis mais profundos do processo de percepção ambiental. Consiste numa resposta que, reafirmada ao longo do tempo de vivencia, determina preferências e atitudes sobre o ambiente. Por esta razão, está associada à imagem mental secundária dos indivíduos. Segundo Boulding (1956 *apud* DEL RIO, 1996) nossa conduta depende

da imagem mental que se constitui como verdade. A partir da atividade de avaliação, a imagem mental passa a influenciar nossas opiniões e ações sobre o ambiente.

Avaliações e expectativas estão sempre presentes na referência das pessoas sobre determinado lugar. Rapoport (1977) explica que elas podem ser consideradas como “imagens ideais” ou símbolos sociais comunicados pelas pessoas. Esta ideia de uma imagem mental coletiva, avaliada e compartilhada pela população, influenciou diversos estudos sobre a imagem da cidade e o planejamento urbano. Autores como Lynch (1960), Aplleyard (1976); Canter (1977); Lee (1977), Gold (1980) e Del Rio (1990) investigam os padrões nas representações da imagem mental para leitura dos componentes simbólicos da paisagem urbana.

Preferencias são resultado da avaliação ambiental. Para identificar seu significado, é necessário reconhecer o conteúdo ao qual está associado o julgamento. Neste sentido, é importante analisar as ligações do conteúdo percebido com o conteúdo avaliativo da imagem mental.

Kent (2018) estudou a importância da vista da janela para os usuários de um edifício institucional da Universidade de Nottingham, no Reino Unido. Utilizando questionários online e experimentos controlados, concluiu que a preferência e a satisfação dos indivíduos é influenciada tanto por fatores físicos como simbólicos sobre a vista da janela. Por esta razão, o autor sugere que esta abordagem pode ser feita a partir de uma avaliação geral do conteúdo, contemplando ambos fatores, ao contrário de coletar respostas separadas sobre cada um dos aspectos físicos investigados no estudo (tamanho da janela, distância da vista e suas camadas).

Portanto, preferências baseadas na vivência dos habitantes são um dado importante no processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada. Como produto da avaliação ambiental, elas permitem reconhecer os efeitos do fenômeno no observador e compreender o lugar enquanto caráter. A associação das preferências ao conteúdo da vista da janela (realidade percebida e avaliada na imagem mental do observador) pode permitir a detecção dos símbolos e dos significados desta relação ser humano e meio.

3.2.4 Pressupostos para abordagem do processo de percepção ambiental

A fim de sintetizar os conceitos sobre o processo de percepção ambiental até aqui estudados, adotam-se alguns pressupostos básicos para o objetivo prático desta

pesquisa. A operacionalização destes conceitos por diversos estudos, conforme argumenta Del Rio (1996, p.57), serve de base para compreender quatro fundamentos sobre a aplicação e uso da informação ambiental na área da arquitetura e urbanismo:

- Existe uma imagem mental pública e coletiva dos lugares que é suficientemente compartilhada pela população a ponto de ser aferida;
- O processo de percepção ambiental e a consequente conduta humana são consistentes e duradouros o suficiente para serem medidas, conceituadas e generalizados;
- Elementos físicos, valores e expectativas podem ser identificados e ter sua intensidade medida, a fim de determinar sua importância relativa e absoluta;
- Os fenômenos ligados ao processo de percepção ambiental podem ser medidos e representados de modo a possibilitar comparações, uma vez que as atividades mentais de percepção, cognição e avaliação podem assumir a forma de representações externas e comunicadas pelas pessoas (através do desenho, da escrita ou da fala);

Importa para este estudo a concepção de que há uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada, capaz de revelar características físicas e simbólicas relevantes para salvaguarda do lugar e seu valor patrimonial. Neste sentido, ao pensar a paisagem vernacular histórica como lugar a ser preservado e a fenestração como meio de leitura de sua qualidade paisagística, interessa abordar neste processo de percepção ambiental:

a) O contexto estrutural desta paisagem onde os componentes simbólicos são percebidos. Isto torna importante descrever morfologicamente a paisagem vernacular histórica por meio das características que definem este contexto (*escala e limites*).
b) As condições ambientais da observação impostas pela fenestração que media, delimita e caracteriza essa leitura (*conexão visual*);
c) Os componentes simbólicos da paisagem como conteúdo dessas janelas, representados por variáveis que caracterizam e dão significação por parte do observador;
d) As significações culturalmente construídas pela população, que também representam a dinâmica cultural associada aos aspectos da memória da identidade compartilhada.

Uma vez que o contexto estrutural (a) e as condições ambientais da observação (b) são partes autônomas do processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada e podem ser definidas a partir da análise visual das características físicas presentes na paisagem e na arquitetura do lugar (cfe. Cap. 2), torna-se fundamental conhecer os meios de análise das representações da imagem mental para compreensão dos componentes simbólicos (c) e as significações (d) atribuídas pelos habitantes.

3.3 Mapeamento cognitivo

O mapeamento cognitivo refere-se ao processo contínuo de formação das representações mentais e avaliação do ambiente, baseado na experiência e na memória do observador. Consiste num método de coleta de dados, oriundo da psicologia, que investiga as representações externas da imagem mental. "É baseado na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativos das ideias ou da imageabilidade que uma pessoa ou um grupo de pessoas tem de um determinado ambiente" (RHEINGANTZ; AZEVEDO; BRASILEIRO et al, 2009, p.56). Estas representações também são conhecidas como *mapas mentais* ou *cognitivos*.

Kevin Lynch (1960) foi um dos pioneiros a implementar o mapeamento cognitivo para o planejamento da cidade. "Foi a primeira vez que alguém se perguntou qual seria o significado da cidade para seus usuários, identificando suas qualidades e elementos estruturadores" (DEL RIO, 1990, pág. 93). Utilizando mapas mentais associados à questionários e entrevistas, o autor investiga os efeitos da paisagem urbana para auto eficácia e bem estar dos moradores da cidade.

> Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é uma sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma série de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos. Tais imagens de grupo são necessárias, quando se pretende que um indivíduo opere de um modo bem sucedido dentro do seu meio ambiente e coopere com seus companheiros (LYNCH, 1999, p. 57).

Baseado no princípio da imagem pública e coletiva dos lugares, o mapeamento cognitivo pode ser uma estratégia para avaliação conjunta dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem fenestrada. Uma vez que valores individuais podem ser

comunicados pelas representações da imagem mental, é importante identificar se a partir delas há um consenso para o grupo social (WARD et al. 1981, STAMPS, 1997).

Orientação e identificação afetiva são funções psicológicas fundamentais para o vínculo do habitante com o lugar (item 3.1). Neste sentido, são características relevantes para o mapeamento cognitivo da paisagem fenestrada, a fim de compreender os componentes simbólicos e as significações. Assim, destacam-se dois conceitos do processo de percepção ambiental relacionados à estas funções:

- O primeiro, Imageabilidade, está vinculado à visualização e à atividade de percepção da vista da janela e seu processamento enquanto dado físico e estrutural da paisagem. Ou seja, está relacionado à apreensão do lugar enquanto características de espaço e conteúdo físico para orientação do habitante (saber aonde está neste lugar).
- O segundo, *Linkability*, está vinculado à compreender a vista da janela enquanto produto das atividades de cognição e avaliação, processada como sentimento afetivo. Ou seja, o lugar avaliado pelas qualidades do seu caráter e efeito para o sentimento de identificação pessoal (saber como está neste lugar).

A seguir, estes conceitos são estudados em termos operacionais praticados por seus autores, para definição de critérios ao mapeamento cognitivo da paisagem fenestrada.

3.3.1 Imageabilidade

Imageabilidade refere-se à capacidade da imagem da cidade de gerar imagens mentais claras, fortes e legíveis para a orientação das pessoas. Esta imagem refere-se aos componentes visuais percebidos na paisagem urbana. Também pode ser chamada de legibilidade ou visibilidade (LYNCH, 1960, p.12 e 20).

Para Lynch (1960, p.19) o ambiente físico é uma variável independente nos atributos de identidade e estrutura da imagem mental. A partir das representações da imagem mental dos habitantes, este autor elabora categorias na qual decompõe a estrutura da forma urbana em vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes. De modo geral, estas categorias estão associadas ao conteúdo da paisagem urbana que é apreendido pelo observador da cidade.

A imageabilidade assume relevância como componente dos aspectos patrimoniais da paisagem, uma vez que se relaciona com a memória física dos símbolos (elemento tangível). Uma paisagem altamente *imageável* tem a capacidade de ser compreendida além do tempo, como modelo de distinção e continuidade da identidade do lugar. Segundo Del Rio (1990, p.93), há “um paralelo com a qualidade ‘gestáltica’ de ‘pregnância’, ou seja, a capacidade de uma imagem ser forte o suficiente para ‘saltar fora’ e impor-se na percepção e na memória do observador".

A *pregnância* é uma característica importante sobre a imageabilidade da paisagem fenestrada. Diz respeito à apreensão das características físicas da vista da janela para formação da imagem mental dos habitantes. Uma imagem *pregnante* amplia o senso de orientação sobre o lugar, o que favorece o sentimento de segurança e a relação harmoniosa entre o observador e o ambiente, contribuindo para auto-estima e auto-eficácia dos habitantes. Segundo Lynch (1960), a recorrência, a clareza formal e a localização dos elementos representados no mapeamento cognitivo, são medidas para uma boa imageabilidade, pois são evidências de pregnância.

Uma vez que a paisagem cultural vernacular histórica é um patrimônio misto, caracterizado pela associação de formas naturais, urbanas e rurais e a vida que às anima (BIRNBAUM, 1994), entende-se que a imageabilidade deva ser analisada a partir de categorias mais amplas sobre sua estrutura de paisagem (TRIEB; SCHIMIT, 1985). Neste sentido, as referências morfológicas aos elementos naturais (relevo, vegetação, recursos hídricos, etc.) e construídos (infraestrutura urbana e edificações) sobre a vista da janela, bem como as atividades humanas (o movimento de pessoas, veículos, apropriação do espaço aberto, o trabalho na terra) são o ponto de partida para compreensão dos componentes simbólicos.

A caracterização da Imageabilidade no processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada é importante para detecção da materialidade dos símbolos. Esta caracterização pode ser feita analisando a *pregnância,* dos elementos físicos no mapeamento cognitivo do observador da janela. A recorrência, a clareza e a localização das informações ambientais, expressas nas representações da imagem mental dos habitantes, é um modo de caracterizar a imageabilidade.

3.3.2 *Linkability* ou Conexão Afetiva

Linkability refere-se à capacidade de conexão afetiva das pessoas com o lugar e pode ser verificada através da resposta avaliativa sobre determinado aspecto do ambiente (NASAR, 1997, 2001). O termo *Linkability*, original da língua inglesa, define-se como a capacidade de um ambiente evocar uma resposta positiva na preferência do observador (gerar um *link* de afeto). Não havendo correspondência do termo na bibliografia de língua portuguesa, será utilizada a expressão 'conexão afetiva' para designar este conceito.

A conexão afetiva é influenciada por variáveis formais e simbólicas. Para Nasar (2001, p. 2), a imageabilidade, entendida como uma característica física do ambiente, não é suficiente para explicar a totalidade sobre os lugares. Elementos imagináveis (operados pela cognição e pela memória) influenciam respostas favoráveis e desfavoráveis sobre o lugar. Portanto, é necessário considerar a avaliação das pessoas para compreender o significado.

Preferência e satisfação são medidas proeminentes da conexão afetiva das pessoas ao avaliarem o lugar. São características complexas, relacionadas à distintividade e auto eficácia dos habitantes, que incluem tanto qualidades perceptivas como cognitivas do ambiente. Correspondem a sentimentos que dependem do contexto físico e social dos indivíduos (NASAR, 1994 e 1997). Russell e Snodgrass (1989), mostram que a preferência pelo lugar está ligada ao prazer vivenciado, à emoção, à excitação e ao relaxamento. Segundo Kaplan e Kaplan (1989), a preferência também pode estar ligada à complexidade e mistério, pois criam envolvimento.

A partir de pesquisas empíricas de Nasar (1989 e 2001 – tradução nossa), as preferências da conexão afetiva que caracterizam a relação sujeito e ambiente podem ser definidas da seguinte forma:

- *Naturalidade* - As pessoas reconhecem a variação do aspecto natural e artificial sobre os lugares. A preferência aumenta com o acréscimo de vegetação e diminui com o aumento de elementos feitos pelo ser humano. As pessoas também não gostam de obstruções como placas de sinalização, postes, cabos elétricos e outdoors, tráfego e uso intenso da terra;

- *Ordem* - As pessoas preferem ordem. Esta preferência emerge de fatores como coerência, clareza e compatibilidade dos atributos urbanos.
- *Manutenção* – As pessoas preferem áreas bem cuidadas. A depredação e a desordem do lugar contribuem para o sentimento de insegurança;
- *Complexidade* – Está relacionada ao número e a variedade de elementos diferentes de uma cena e a capacidade de distingui-los. O interesse, a empolgação e o tempo de visualização das pessoas aumenta com a complexidade. Mas há um limite e a preferência tende a ser maior para níveis moderados de complexidade.
- *Novidade/familiaridade* – As pessoas notam prontamente as mudanças no espaço e a resposta depende do contexto avaliado e da quantidade de discrepância. As pessoas preferem níveis moderados a baixos de novidade.
- *Amplitude* – A preferência aumenta com a abertura dos espaços, mas as pessoas também gostam de uma certa definição espacial.
- *Significado histórico* – A aparência e o significado histórico dos lugares tendem a evocar uma resposta favorável das pessoas.

Estudos recentes sobre a qualidade de vida no ambiente construído apontam que estas preferencias também se aplicam à vista da janela.

Olszewska-Guizzo *et al* (2018), estudaram os efeitos da altura dos andares e da cobertura vegetal vista da janela sobre o cérebro humano. A partir da análise de impulsos cerebrais dos moradores de um edifício em Cingapura, concluiu que as vistas de edifícios muito altos (geralmente com mais de 24 andares) podem não ser benéficos para saúde mental e bem-estar dos residentes, embora os efeitos negativos da altura possam ser mitigados com o aumento da cobertura verde visível dos andares mais altos.

Ozdemir (2010), estudou os efeitos de amplitude e naturalidade da vista da janela para satisfação dos usuários. Para isso, entrevistou usuários de um edifício de dormitórios estudantis da Universidade de Ankara, na Turquia, usando salas de mesmas características. O estudo revela que os usuários preferem ambientes com janelas e que a amplitude e os aspectos naturais da vista aumentam a satisfação em relação ao ambiente interno. Além disso, conclui que as características da paisagem

do lado de fora podem ser usadas para manipular positivamente a avaliação do ambiente interno em detrimento das limitações de configuração dadas pela arquitetura do edifício. Neste ponto, corrobora com a teoria fenomenológica de que a relação harmônica entre paisagem e assentamento é necessária para manutenção do caráter do lugar.

Caracterizar a conexão afetiva no processo de percepção ambiental da paisagem fenestrada é uma forma de compreender o significado dos componentes simbólicos. As preferências e os sentimentos inferidos à vista da janela, durante o mapeamento cognitivo, podem indicar os efeitos desta relação para o bem estar dos habitantes. Reconhecer preferencias relacionadas à naturalidade, ordem, complexidade, novidade/familiaridade, amplitude e significado histórico nessas representações é um modo de caracterizar a conexão afetiva da paisagem fenestrada.

3.4 Conclusão do capítulo

A simbolização da paisagem fenestrada depende de sua compreensão como fenômeno do lugar. O lugar define-se como uma totalidade, composta de fenômenos concretos e sentimentos da vida cotidiana que traduzem uma essência, o *genius loci*. Esta totalidade pode ser compreendida por meio da estrutura assentamento e paisagem, que se expressa pelas características de *espaço* e *caráter*. O *Espaço* está relacionado aos aspectos físicos do lugar, enquanto que o *caráter* diz respeito aos aspectos simbólicos. A janela, interface importante do habitar, pode ser um índice de leitura e monitoramento do *genius loci*, identidade do lugar a ser preservada na paisagem cultural.

A identidade do lugar depende da boa orientação e da identificação pessoal com o espaço vivido. As memórias compartilhadas e acumuladas contribuem para este vínculo, dando sentido ao lugar. Esta identidade pode ser compreendida na dimensão do conteúdo do lugar e na avaliação dos seus efeitos sobre as pessoas que o habitam. Os símbolos são o conteúdo tangível da identidade do lugar definidos como atos, objetos, acontecimentos ou relações que representam um significado. A fenomenologia busca conhecer o significado do lugar (*caráter*) através do vínculo de

identidade que relacionam os indivíduos à informação ambiental. Assim, é possível detectar e compreender os símbolos.

A atribuição de significado ao lugar é um processo que pode ser conhecido a partir das qualidades perceptuais e afetivas. Este processo envolve a estruturação da informação ambiental e a formação das representações mentais do ser humano. O significado pode variar em função do compartilhamento da informação ambiental, da facilidade de leitura e dos objetivos desses sujeitos. São propriedades emergentes nas representações mentais dos indivíduos, decorrentes do processo de percepção ambiental.

O habitante é o observador cotidiano da janela no processo de percepção ambiental da janela. Aquele que visualiza, simboliza e reúne os significados com o objetivo de bem estar duradouro. Por isso, é uma fonte importante de informação sobre o caráter do lugar. Uma vez que os significados deste fenômeno podem ser comunicados pelas representações mentais deste grupo social, o mapeamento cognitivo pode ser uma estratégia para avaliação conjunta dos aspectos perceptuais e afetivos da paisagem fenestrada.

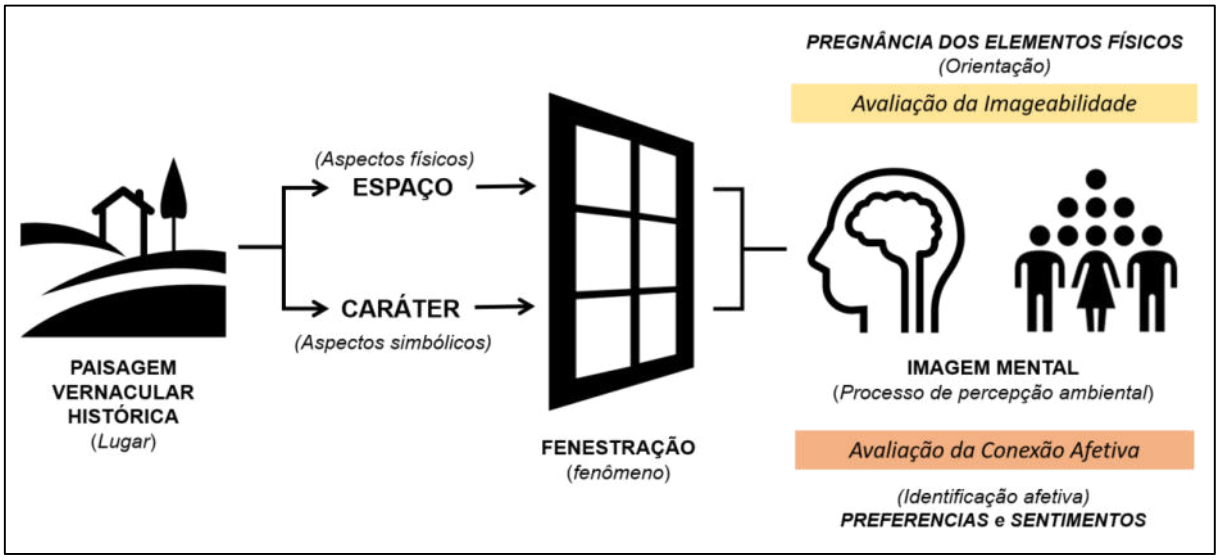
O processo de percepção ambiental é composto por diversas atividades mentais que ocorrem a partir da interação observador e observado. Ao longo dessas atividades, a informação ambiental é continuamente filtrada e processada pelo observador para constituição do significado sobre ambiente. Percepção, cognição e avaliação fazem parte de um único processo atuante na formação e na avaliação das representações mentais. A transformação dessa representação mental ao longo destas atividades é fundamental para compreender o que é significativo para o habitante.

A imagem mental define-se como a representação mental, produto da experiência. A partir dela o conhecimento do ambiente pode ser transmitido e comunicado pelo observador. Durante a formação da imagem mental, a informação físico-espacial é apreendida, selecionada e organizada para viabilizar o pensamento e a memória. A partir daí, avaliações e expectativas do observador atuam sobre esta imagem mental primária, e passam a influenciar sua conduta. As preferencias são resultado da atividade de avaliação, presentes nas representações secundárias da imagem mental do observador, e representam níveis mais profundos do processo de percepção ambiental.

As abordagens do processo de percepção ambiental na arquitetura e urbanismo pressupõem investigações baseadas no princípio da imagem mental pública e coletiva dos lugares. Este princípio sustenta a hipótese de que há uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada, capaz de revelar as características simbólicas relevantes para salvaguarda do lugar e seu valor patrimonial. Uma vez que o contexto estrutural e as condições ambientais de observação da paisagem fenestrada são partes autônomas no processo de formação da imagem mental das pessoas, torna-se fundamental a análise das representações externas dessa imagem mental para compreensão dos componentes simbólicos e as significações atribuídas pelos habitantes.

O mapeamento cognitivo dos habitantes pode ser uma estratégia para avaliação conjunta dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem fenestrada. Esta técnica de coleta de dados investiga as representações externas da imagem mental, comunicadas por desenhos, fala ou escrita dos observadores. Neste mapeamento, a orientação e identificação afetiva são características fundamentais para manutenção do vínculo do habitante com o *genius loci*. Imageabilidade e Conexão Afetiva (*Linkability)* são conceitos operativos sobre este processo de percepção ambiental que envolve a simbolização da paisagem fenestrada (Figura 18).

Figura 18 - Esquema gráfico sobre a simbolização da paisagem fenestrada.



Fonte: do autor.

A Imageabilidade refere-se à capacidade da paisagem fenestrada de gerar imagens mentais claras e fortes para memória de seus habitantes. Está relacionado à

apreensão do lugar enquanto características de *espaço* e *conteúdo* para orientação do habitante. Pode ser analisada quanto à pregnância dos elementos físicos do lugar nas representações da imagem mental sobre a vista da janela. No caso da paisagem vernacular histórica, diz respeito à percepção dos elementos naturais, construídos e das marcas das atividades humanas desta paisagem cultural. Avaliar a recorrência, a clareza e a localização das informações ambientais são medidas para caracterizar a imageabilidade desta paisagem fenestrada.

A Conexão Afetiva refere-se a capacidade do contexto físico e social da paisagem fenestrada de gerar uma resposta positiva nos habitantes. Pode ser analisada pelos efeitos da resposta avaliativa dos habitantes associada ao conteúdo percebido da vista da janela. Avaliar as preferencias e os sentimentos expressos nas representações da imagem mental é um modo de caracterizar a conexão afetiva relacionada à paisagem fenestrada.

Conclui-se por esta revisão bibliográfica que os componentes simbólicos e as significações culturalmente construídas na leitura cotidiana do lugar através da janela podem ser reveladas através do mapeamento cognitivo dos habitantes. Este mapeamento, avaliado sob os critérios de Imageabilidade e Conexão Afetiva contempla as variáveis físicas e simbólicas deste processo de percepção ambiental. O resultado desta análise, associado à análises prévias do contexto estrutural e das condições de visualização da paisagem fenestrada, pode ser uma abordagem consistente ao objetivo prático desta investigação.

CAPÍTULO 4 | METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentada a metodologia de pesquisa sobre a paisagem fenestrada no contexto de preservação patrimonial. Inicialmente explica-se a abordagem metodológica, a seleção do objeto de estudo e o contexto histórico-cultural investigado. Em seguida é apresentado o delineamento do estudo de caso com os procedimentos adotados. Depois, o objeto de estudo é apresentado enquanto contexto estrutural de paisagem, onde são delimitadas e descritas suas características físicas. Por fim, segue-se com o detalhamento dos métodos de seleção das edificações, participantes, coleta de dados de campo e análise.

4.1 Abordagem metodológica

Baseada no método fenomenológico de Norberg-Schulz (1976) que busca compreender a estrutura do lugar enquanto espaço vivido, a pesquisa caracteriza-se por sua natureza aplicada, de caráter exploratório, a partir de uma abordagem qualitativa sobre o fenômeno da paisagem fenestrada. Para Gonzalez Rey (1999), o método qualitativo se justifica pelo “caráter oculto” da evidencia, ou seja, por buscar elucidar e conhecer a subjetividade dos fatos.

As ameaças à preservação da paisagem vernacular histórica frente aos processos mundiais de aglomeração urbana tornam este patrimônio um recurso frágil. A complexidade desta tipologia de paisagem cultural, discutida no Capítulo 2, direciona esta abordagem para o contexto de preservação das pequenas cidades históricas brasileiras. Por esta razão, o método utilizado nesta abordagem é o estudo de caso.

O estudo de caso é um método de pesquisa empírica qualitativa, justificável “se o caso se constituir em um evento raro ou exclusivo ou se servir a um propósito revelador” (YIN, 2001, p. 67). A paisagem fenestrada como leitura do lugar é um fenômeno único e envolve as particularidades do contexto geográfico, histórico e

social do local aonde ocorre (MEINIG, 1979). Caracteriza-se, portanto, como evento raro e exclusivo que requer a definição de um objeto de estudo para compreensão do fenômeno.

O objetivo geral deste trabalho é salvaguardar a paisagem cultural de pequenas cidades históricas, analisando os símbolos e significados da paisagem fenestrada como expressão sua identidade de lugar. Este objetivo é desenvolvido a partir de três objetivos específicos:

I. Relacionar a paisagem fenestrada como campo de estudo sobre a preservação da paisagem cultural (a) definindo os aspectos conceituais da paisagem como patrimônio e (b) caracterizando a janela como elemento para compreensão dos aspectos físicos e simbólicos envolvidos;
II. Investigar os aspectos simbólicos da paisagem fenestrada enquanto identidade de lugar, revisando o processo de percepção ambiental para reconhecimento deste conteúdo;
III. Identificar os símbolos da paisagem fenestrada, avaliando o caso de uma pequena cidade histórica brasileira;

Uma vez que os objetivos específicos I e II foram alcançados por meio da revisão bibliográfica e conclusões obtidas nos capítulos 2 e 3, o desenvolvimento do objetivo específico III trata exclusivamente do estudo de caso. A seguir, discute-se a seleção do objeto de estudo e o contexto histórico-cultural abordado no caso.

4.1.1 Seleção do objeto de estudo

A seleção do objeto de estudo parte das definições de Birnbaum (1994) para estudo da paisagem vernacular histórica. Paisagens culturais desta tipologia são caracterizadas por assentamentos urbanos de evolução espontânea e lenta, vinculados ao entorno rural e recursos naturais. Seu caráter é reflexo dos processos históricos de uso e ocupação da terra. São representadas por pequenas cidades do interior ou distritos rurais. Os parâmetros de escala, significância e integridade da paisagem vernacular histórica podem ser utilizados como critério de seleção deste objeto de estudo no acervo patrimonial brasileiro.

Segundo Corrêa (2011), a confluência do rural e do urbano é uma característica das pequenas cidades brasileiras. A pequena cidade é definida como núcleos de

povoamento com função de sede municipal, não ultrapassando populações de 20 a 30.000 habitantes. Podem ser estudadas por seus contextos regionais no território nacional [7]. Alguns conjuntos e núcleos urbanos inscritos no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico vão representar estas pequenas cidades na lista do patrimônio cultural brasileiro. São exemplos as cidades de Iguape no planalto ocidental paulista, Pirenópolis no cerrado, Nova Era na zona da mata mineira, Lençóis e Macugê no sertão nordestino.

As áreas de colonização europeia no sul do Brasil compreendem um tipo regional da pequena cidade brasileira (CORRÊA, 2011). Desde a década de 1980 a 12ª Superintendência Regional do IPHAN promoveu ações de valorização do patrimônio cultural dos núcleos de imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul. O resultado deste trabalho teve como primeira consequência o tombamento do *Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Antônio Prado,* em 1990. Posteriormente, o *Núcleo Urbano de Santa Tereza,* tombado em 2012. Mesmo regidas por regramentos de conservação, estas pequenas cidades históricas encontram-se em estágios diferentes de integridade devido ao desenvolvimento urbano.

Desde 1996, o conjunto de Antônio Prado possui um plano de diretrizes que estabelece o regramento para intervenções no entorno do casario em madeira. Este plano visa manter a visibilidade e ambiência dos bens tombados, bem como incentivar a preservação da cobertura vegetal deste entorno (IPHAN, 1996, p. 3). No entanto, a efetividade deste regramento para manutenção da qualidade paisagística do conjunto é controversa. Conforme Buchebuan (2010, p.155 e 156), a ocupação dos morros do entrono e as características construtivas deste adensamento estão ocasionando a perda de ambiência dos bens tombados.

Os indícios de descaracterização do conjunto de Antônio Prado direciona o foco desta pesquisa para o estudo de caso do *Núcleo Urbano de Santa Tereza*. O declínio da atividade econômica desta pequena cidade teve impacto direto sobre a integridade e conservação de suas características urbanas e paisagísticas. Conforme IPHAN (2006, pág. 3), apresenta-se “como um dos lugares mais representativos da imigração italiana do final do século XIX e início do século XX no Rio Grande do Sul”. Desde

[7] Corrêa (2011, p.7), observando as diferentes configurações das pequenas cidades no território brasileiro, aponta sete contextos regionais de estudo. Destaca, assim, as pequenas cidades das áreas de colonização europeia do sul do país, do Planalto Ocidental paulista, da Zona da Mata mineira, da área do cerrado, do Sertão nordestino, da Amazônia ribeirinha; e Amazônia de ‘terra-firme’.

2014 passou a ser regido por um plano de diretrizes para controle de intervenções[8]. Entende-se que sua seleção como objeto de estudo seja uma oportunidade de contribuir com maior efetividade sobre o processo de preservação desta paisagem.

Com base nisso, este estudo de caso é definido pelo recorte de escala dado às pequenas cidades históricas brasileiras, sob a significância histórica do processo de imigração italiana do final do século XIX que colonizou o sul do Brasil. Quanto à integridade, situa-se no contexto de preservação paisagística do Núcleo Urbano de Santa Tereza, tombado nacionalmente como representante desta identidade cultural.

4.1.2 Contexto histórico-cultural da imigração italiana do sul do Brasil

Os imigrantes italianos que vieram ao Rio Grande do Sul recriaram neste território o próprio estilo de vida. As transformações da natureza, adaptando a moradia e o trabalho às condições do novo local de assentamento, são marcas desta paisagem cultural. A arquitetura, como manifestação desta cultura, é uma criação que reflete o conhecimento e a experiência adquirida por estes habitantes neste território (FILIPPON; MENEGUZ, 2004).

A produção arquitetônica decorrida do movimento imigratório de italianos ao sul do Brasil a partir da década de 1870, constitui um dos capítulos de maior importância da arquitetura popular brasileira. Conforme Posenato (1983, p. 71), “nenhum ciclo arquitetônico brasileiro mostra tanta riqueza de soluções”. Vindos do norte da Itália, desenvolveram ao longo do final do século XIX até a metade do século XX uma arquitetura vernacular, erigida pelo esforço de camponeses no processo de adaptação à nova terra. Cabia à própria família, através de mutirões ou com a colaboração de um prático o encargo de edificar e organizar os espaços (POSENATO, 1983).

Distante da influência das transformações arquitetônicas mundiais da virada de século, que se movia do ecletismo para o *international style* moderno, foi a engenhosidade na adaptação dos materiais locais (madeira de araucária, pedra

[8] As Diretrizes para o disciplinamento das intervenções na área urbana de tombamento federal e entorno do Núcleo Urbano de Santa Tereza é um documento elaborado pelo IPHAN (2018) que estabelece os marcos legais de proteção, valores e objetivos que embasam a preservação deste bem. Nele, identificam-se os setores e áreas de proteção, bem como os critérios de intervenção. O documento está na sua quinta versão (v.0.3.3) revisada no ano de 2018.

basalto e tijolo de barro) que se constituíram as bases de uma arquitetura profundamente regionalizada. Daí a sua maior virtude.

> Do emprego habilidoso dos materiais e técnicas construtivas, resulta notável expressão prática, dentro de uma simplicidade que se manifesta, na tendência a simetria, quer de maneira austera, limitando ao essencial os elementos construtivos, quer através de ornamentação discreta (POSENATO, 1983, p. 74).

Pozenato (1983) classifica este acervo arquitetônico em quatro períodos: construções provisórias (1875-1885); primitivo (1885-1890), apogeu (1890-1930) e tardio (1930-1960). Esta classificação acompanha a evolução econômica e social das primeiras colônias de imigração. Conforme Filippon (2007), estes períodos refletem a ascendência e descendência do movimento cultural que deu origem a este acervo.

4.1.3 A fenestração na arquitetura de colonização da serra gaúcha

A fenestração, como fenômeno arquitetônico, acompanhou as transformações econômicas e sociais dos períodos da colonização italiana da serra gaúcha.

Nos períodos iniciais, distante da liberdade estrutural do concreto armado, abrir janelas era um desafio tecnológico e compositivo. Nas paredes de pedra, madeira e barro, construíam aquilo que era possível com conhecimentos primários de geometria. Vergas e marcos robustos de madeira eram utilizados para abertura de vãos mínimos na edificação, resultando na prevalência do cheio sobre o vazio (Figura 19). Na simplicidade volumétrica dos edifícios, as janelas “são posicionadas de modo a conferir uma modulação ao conjunto e, assim, garantir uma unidade formal” (FILIPPON; MENEGUZ, 2004, pág. 560).

Seguindo a lógica racional e prática que caracteriza essa arquitetura, o retângulo é a forma básica da fenestração. É justamente na variação deste padrão construtivo que se estabelece o indício evolutivo desta janela, como ilustra a Figura 20. Filippon e Meneguz (2004) analisam que:

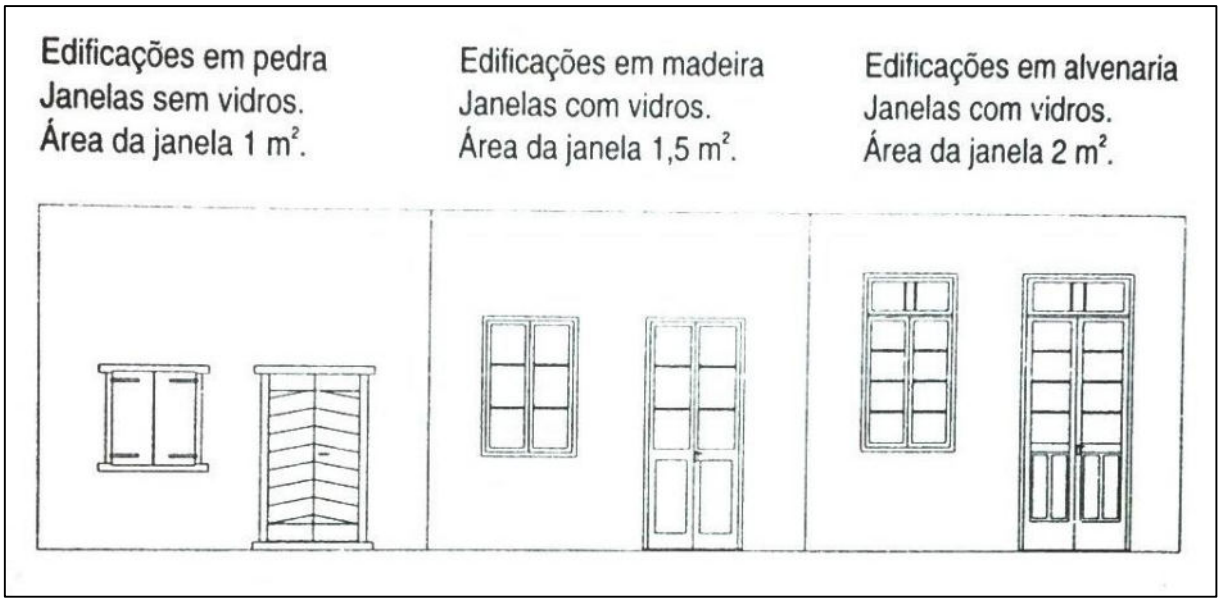
> [...] nas primeiras construções as janelas tinham basicamente um metro quadrado de área e um formato quase quadrado, era o mínimo rasgo feito na parede para conferir a ligação com o exterior. Num segundo momento, o retângulo foi alongado no sentido vertical e a janela passou a ter um metro e meio quadrado de área. Depois, com o emprego das bandeiras, as janelas passaram a ter em média dois metros quadrados de área.

> Esteticamente ocorreu uma verticalização nas edificações, um aumento no pé direito (distância do piso ao teto) e as aberturas acompanharam essa modificação (FILIPPON; MENEGUZ, 2004, pág. 560).

Figura 19 - Fotografia de casa de pedra na Linha 40 em Caxias do Sul, 2011.

Fonte: Foto do autor.

Figura 20 – Ilustração comparativa de portas e janelas da arquitetura das colônias italianas.



Fonte: FILLIPON; MENEGUZ, 2004, p. 561.

O aumento do número de janelas e de área dos vãos é constatado na comparação entre o rural e o urbano. Não obstante as questões econômicas e sociais entre estes dois modos de vida, Posenato (1983) explica de modo particular essa

diferença como uma consequência das característica do entorno. Para o autor, na moradia rural, em maior conexão com a natureza, a arquitetura não persegue a interpenetração do interior com o exterior. O habitante urbano, por sua vez, passa a buscar uma compensação da paisagem natural através da “ilusão da ausência de parede”, resultando em janelas maiores, em maior quantidade (POSENATO, 1983, p. 197). O fato é que, com maiores recursos e maior apelo estético da vida urbana, tornam-se sistemáticas as janelas envidraçadas com folhas de abrir ou em guilhotina e taipais fixados no lado interno sobre as fachadas principais dos edifícios.

Ao longo do processo de adequação cultural deste habitante, a arquitetura de imigração absorveu influências luso-brasileiras. Os edifícios das grandes cidades converteram-se em matrizes para os prédios administrativos e comerciais dos pequenos núcleos urbanos, principalmente sob influência do estilo eclético. “Tratam-se de prédios de alvenaria, geralmente com platibandas e farta ornamentação em relevo nas fachadas” (POSENATO, 1983, p.517). São características desta integração cultural as janelas em guilhotina, com presença de bandeira, nos edifícios do período de apogeu e tardio desta arquitetura (FILLIPON e MENEGUZ, 2004).

Neste contexto, é possível compreender que o fenômeno arquitetônico da fenestração pode assumir características próprias e desenvolver-se sob as peculiaridades do movimento cultural que a originou. O Núcleo Urbano de Santa Tereza é um lugar representativo da paisagem histórica de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Por esta razão, entende-se como objeto adequado para esta investigação.

4.2 Delineamento do estudo de caso

4.2.1 Procedimentos adotados

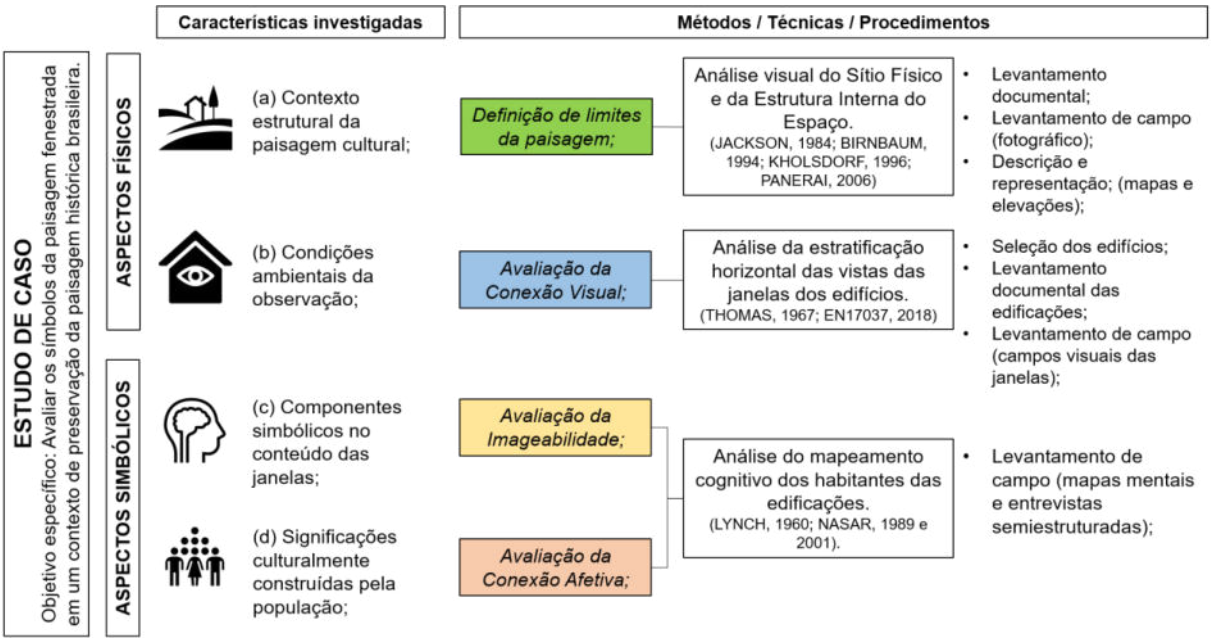
Os procedimentos metodológicos adotados para este estudo de caso baseiam-se em estudos na área da percepção ambiental em arquitetura e urbanismo (LYNCH, 1960; APLLEYARD, 1976; CANTER, 1977; LEE, 1977; GOLD, 1980; DEL RIO, 1990; KHOLSDORF, 1996; NASAR, 2001). Tais estudos sugerem a **hipótese de que há uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada, capaz de revelar**

características simbólicas relevantes para salvaguarda da identidade de um lugar e seu valor patrimonial. Para tanto, o objeto de estudo é investigado por meio de variáveis físicas e simbólicas relacionadas ao processo de percepção ambiental da janela. As variáveis físicas são investigadas como parte condicionante deste processo (condições físico-ambientais), enquanto que as variáveis simbólicas são parte dependente das atividades mentais do observador (percepção, cognição e avaliação).

Os **aspectos físicos** são avaliados pelas características do contexto estrutural da paisagem e das condições de observação a partir da arquitetura. O contexto estrutural é definido pelos *Limites* da paisagem, caracterizados por meio da análise visual do sítio físico (aspectos naturais) e da estrutura interna do espaço (transformações humanas). As condições de observação são definidas pelo nível de *Conexão Visual* dos edifícios históricos, tendo como parâmetro a estratificação horizontal das vistas das janelas.

Os **aspectos simbólicos** são avaliados pelos componentes simbólicos percebidos e a significações atribuídas na leitura cotidiana dos fragmentos de paisagem. Esta avaliação é feita a partir do **mapeamento cognitivo** dos habitantes dos edifícios, analisando as representações da imagem mental destes indivíduos. Estas representações são avaliadas quanto à ***Imageabilidade*** e a ***Conexão Afetiva,*** a fim de detectar os símbolos da paisagem fenestrada.

Quadro 2 - Esquema metodológico do estudo de caso



Fonte: do autor.

O Quadro 2 sintetiza o esquema metodológico do estudo de caso relacionando os métodos, técnicas e procedimentos adotados em função dos aspectos físicos e simbólicos investigados.

4.2.2 Levantamento de dados

São desenvolvidos dois tipos de levantamento de dados, considerando-se a natureza das informações e a finalidade dos dados para a pesquisa.

O primeiro tipo é o *levantamento documental*, referenciando dados históricos, fotografias, dossiê de tombamento, plantas baixas, imagens de satélite e legislação para contextualização da estrutura de paisagem do objeto de estudo. A partir desses dados são definidos os limites para o levantamento de campo e os critérios de seleção dos exemplares arquitetônicos.

O segundo tipo é o *levantamento de campo*, destinado a coleta dos dados físicos e simbólicos *in situ* sobre o objeto de estudo. Estes dados são coletados pelo pesquisador para reconhecimento das condições físico-ambientais da paisagem e dos edifícios, bem como os aspectos simbólicos construídos a partir do fenômeno da fenestração neste contexto. Este levantamento se realiza em duas fases:

- 1ª Fase: destina-se à coleta dos dados físicos. Nesta fase são realizados croquis e registros fotográficos a céu aberto e dos campos visuais das janelas no interior dos edifícios selecionados. A partir destes dados são definidos os limites da paisagem e avaliada a conexão visual dos edifícios pelo parâmetro da estratificação horizontal das vistas.
- 2ª Fase: destinada à coleta dos dados simbólicos. Nesta fase é realizado o mapeamento cognitivo dos habitantes das edificações selecionadas através da coleta de mapas mentais e entrevistas semiestruturadas. Estes dados são utilizados para avaliação da Imageabilidade e da Conexão Afetiva destes habitantes em relação à paisagem fenestrada.

A seguir são apresentados os parâmetros que embasam o levantamento de campo. Os métodos para seleção das edificações e participantes, bem como para coleta e análise de dados são detalhados no item 4.4, após a apresentação do objeto de estudo.

4.2.2.1 Estratificação horizontal da vista e nível de conexão visual

A estratificação horizontal é um parâmetro para avaliação da qualidade física da vista das janelas de um edifício, baseado no critério de Conexão Visual (THOMAS, 1967; EN17038, 2018). A partir do número de camadas de paisagem visíveis no campo visual da janela (céu, paisagem e solo), é possível determinar o nível de conexão visual no interior da edificação.

> O reconhecimento ocorrerá devido às mudanças texturais e de cor entre as camadas, mesmo quando os detalhes finos não são discerníveis devido à distância ou causas de brilho. Além disso, as linhas divisórias entre as camadas, e especialmente o skyline de colinas, árvores ou edifícios, tornam-se importantes e as janelas que são generosas, mas que obstruem essas linhas divisórias, perdem muito de seu efeito de orientação." (THOMAS, 1967, p. 103 – tradução nossa)

Nesse sentido, não importa especificamente a generosidade nas dimensões da janela ou a exata distância dos elementos que compõem a vista, mas a visibilidade destas camadas, haja vista sua função para o bem estar cotidiano do observador (THOMAS, 1967; KENT; SCHIAVON, 2020; WAKSYNSKA et al, 2021). Avaliar o número de camadas acessível pelas janelas do edifício é uma forma de relacionar conjuntamente os aspectos físicos da janela (tamanho, posicionamento, ângulo de abertura) e da paisagem (os elementos naturais e construídos e suas referenciais no espaço).

Com base neste parâmetro, a qualidade da vista pode ser classificada em nível *mínimo*, *médio* ou *alto* de conexão visual segundo a norma EN17037(2018). Para o *nível mínimo* é exigido ao menos a presença da camada de paisagem. O *nível médio* designa a presença de duas camadas de paisagem, enquanto que o *nível alto* representa a presença de todas as camadas na vista. A ausência da camada de paisagem sobre a vista, invalida o campo visual. Por esta razão, a classificação observa as mudanças no campo visual a partir de três posições do observador no ambiente interno em relação à janela. Esta classificação é utilizada neste estudo de caso para caracterizar a Conexão Visual dos edifícios selecionados.

4.2.2.2 Mapas mentais e entrevistas no mapeamento cognitivo

Mapas mentais e entrevistas são técnicas de coleta de dados empregados no mapeamento cognitivo de pessoas e grupos (RHEINGANTZ; AZEVEDO;

BRASILEIRO et al, 2009). Spirn (1998) coloca que, apesar de palavras, desenhos, pinturas, fotografias ou vídeos não serem capazes de substituir a experiência das pessoas sobre um determinado lugar, podem ser um meio de realçar ou mesmo inspirar a criação da paisagem. Desenhos e relatos de memória são formas de comunicação das representações da imagem mental utilizadas no mapeamento cognitivo.

Os mapas mentais podem assumir formas gráficas diversas como desenhos, palavras, esboços de mapas, listas de lugares de referência sobre um percurso (NIEMEYER, 1998). Foram amplamente discutidos por diversos autores como o psicólogo suíço Jean Piaget (PIAGET; INHELDER, 1963), o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983) e a cartógrafa americana Bárbara Petchenik. Estes autores fundamentam sua aplicação em diferentes áreas do conhecimento. Em comum, definem os mapas mentais como a representação do vivido, concebidos pela memória dos lugares experienciados e como são apreendidos pelas pessoas. Kozel (2007, p. 117) acrescenta que os mapas mentais vão além da percepção individual, pois refletem uma construção social sobre o lugar.

Para Castello (2005, p. 192), seja pela representação subjetiva de usos ou pela representação simbólica do que é visto, a técnica dos mapas mentais é recomendada "para estudos que objetivam sondar a qualidade de *lugar* atribuída a um espaço". São capazes de trazer revelações que extrapolam os conteúdos da imagem. Em sua tese, o autor sintetiza os fundamentos e objetivos da técnica:

> "A técnica vem sendo empregada com bons resultados desde sua definitiva incorporação às análises urbanas, efetuada por Lynch (1968). Muitos autores se valem do "exame de mapas mentais" desenhados pelos moradores para desvelar, através deles, as imagens responsáveis por gravar as impressões mais marcantes encontradas nas mentes dos usuários – imagens capazes de induzir a percepção de um lugar (CASTELLO, 2005, p.191).

As representações dos mapas mentais não devem ser assumidas como produtos cartográficos, mas como formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais. Por meio da superposição das informações, pode ser observada a recorrência, predominância e a clareza dos elementos expressos. Segundo Kohlsdorf, (1992; pág. 118)

> "A maneira tradicional de operar com os *mental maps* procede solicitando ao participante que desenhe de memória determinado lugar, sem induzir

> quaisquer classificações. Pode-se, porém, encaminhar para registro segundo certas categorias ou elementos necessários aos escopos de pesquisa.”

A aplicabilidade dos mapas mentais sobre a vista da janela foi testada por um estudo piloto realizado durante esta pesquisa (ZANELLA, PORTELLA e NAOUMOVA, 2020). Neste, os mapas mentais de sete servidores públicos foram utilizados para coleta de dados sobre as janelas do edifício da biblioteca municipal de Santa Tereza. O estudo apresentou o potencial favorável no uso da técnica para indicar focos qualificados sobre o entorno do edifício. Dentre as conclusões do estudo, apontou-se a necessidade de técnicas complementares para cruzamento de informações e melhor interpretação dos desenhos feitos pelos participantes.

Entrevistas e questionários são técnicas auxiliares usadas no mapeamento cognitivo. Lynch (1960) vai utilizá-los para direcionar suas análises sobre a paisagem urbana e verificar a coerência das informações representadas por mapas mentais. Segundo Rheingantz; Azevedo; Brasileiro et al, (2009, p.56) “a entrevista aprofunda as informações levantadas em outros trabalhos de campo no ambiente de análise, coletando dados que ficaram ocultos ou simplesmente, preenchendo lacunas nas informações”. Entrevistas semiestruturadas são aplicáveis quando se deseja conhecer os efeitos de determinada experiência a partir de uma estrutura de tópicos definida de acordo com o problema de pesquisa (RHEINGANTZ; AZEVEDO; BRASILEIRO et al, 2009).

White (1977) orienta que em pesquisas na área da percepção ambiental sejam empregadas mais de uma técnica, sempre que possível, para o cruzamento das informações na interpretação e análise dos dados. A escolha da melhor técnica dependerá dos objetivos da pesquisa, das condições de campo, do tempo disponível do pesquisador, da familiaridade com os sujeitos, do grau de instrução e da experiência dos participantes com este tipo de pesquisa.

Mapas mentais e entrevistas semiestruturadas são técnicas compatíveis à investigação dos aspectos simbólicos envolvendo a Imageabilidade e Conexão Afetiva em relação às vistas das janelas. Garantem liberdade de expressão ao participante através de mecanismos universais como desenho, escrita e a fala. Isto flexibiliza a coleta de dados à diversos perfis, uma vez que o perfil dos participantes está condicionado às edificações selecionadas. Estas técnicas são utilizadas no mapeamento cognitivo do grupo de participantes neste estudo de caso.

4.3 Objeto de estudo

4.3.1 Santa Tereza

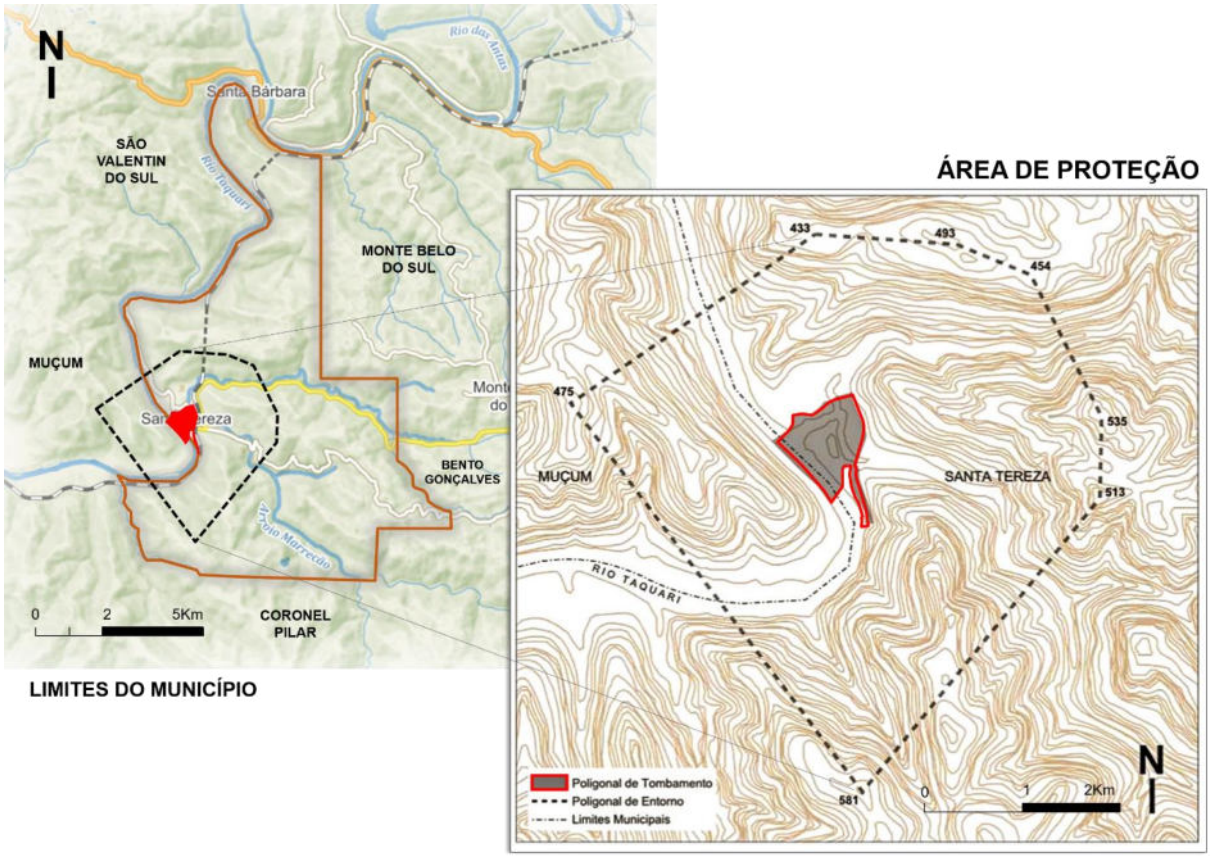
Santa Tereza é uma pequena cidade histórica brasileira localizada na serra gaúcha, região de colonização europeia no nordeste do estado do Rio Grande do Sul (Figura 21). Foi fundada e colonizada por imigrantes italianos e poloneses chegados à região a partir de 1875. O município com área de 74 quilômetros quadrados, possui uma população estimada de 1.722 habitantes (IBGE, 2021). O centro urbano do município, localizado na margem esquerda do Rio Taquari, faz parte da área proteção estabelecida no tombamento do Núcleo Urbano pelo IPHAN em 2012.

Figura 21 – Mapa de localização de Santa Tereza/ RS.

Fonte: do autor.

Atualmente, a área de proteção corresponde à aproximadamente 25% do território municipal (18,7Km²) dividido em duas áreas específicas: *Área Tombada* e *Área de Entorno* (Figura 22). A Área Tombada concentra as principais edificações históricas, o traçado viário e as áreas de ocupação controlada das margens de rios e zonas de alagamento. A Área de Entrono corresponde às ocupações urbanas periféricas e áreas verdes que circundam a Área Tombada (Figura 23).

Figura 22 – Mapa de localização e topografia da área de proteção.



Fonte: do autor.

Figura 23 - Foto aérea do Núcleo Urbano de Santa Tereza.

Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Tereza, 2013.

Além da qualidade do acervo arquitetônico remanescente, os estudos para tombamento destacam sua relevância paisagística (IPHAN, 2008). A relação do núcleo urbano com os elementos naturais e rurais do entorno é uma peculiaridade deste sítio. No processo de tombamento exalta-se não apenas o impacto estético, mas a representatividade desta configuração:

> Esta paisagem não pode ser considerada meramente um pano de fundo, cenário para uma arquitetura histórica, pois ela significa muito mais que um entorno. Esta paisagem significa a base de desenvolvimento e sobrevivência da população local e existe uma relação visual entre o espaço urbano e o rural. Além disso, é difícil desvincular a apreciação estética da paisagem urbana, da moldura que o verde cria e do som que as águas produzem (IPHAN, 2008, np.).

Estudos realizados na 12ª Superintendência Regional do IPHAN[9] investigaram a possibilidade de reconhecimento do patrimônio de Santa Tereza como paisagem cultural (ZANELLA, 2008). No entanto, pesaram sobre a continuidade destes estudos a fase de transição deste conceito dentro das políticas de preservação cultural do país. Posteriormente, foram realizadas outras sondagens para classificação do bem enquanto patrimônio paisagístico. O relator do processo, Sr. Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrés, discutiu algumas destas possibilidades:

> A primeira, logo descartada, se refere a possibilidade de tombamentos de edifícios isolados. A segunda trata da possibilidade de tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico (como foi o caso da vizinha cidade de Antônio Prado tombada em janeiro de 1990). Entretanto a terceira opção é a que se utiliza do conceito de “paisagem urbana”, tendo sido recomendada neste estudo como mais adequada para o caso de Santa Tereza, uma vez que esta abordagem assegura a proteção de todos os elementos envolvidos, edificações, traçado urbano, que por sua vez se apresentam integrados com a paisagem das serras no entorno (IPHAN, 2010. p. 8).

A recomendação final do processo de tombamento foi para inscrição do bem sob a denominação de ‘*Núcleo Urbano de Santa Tereza’* em dois livros do Tombo: Livro 1 – Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, e Livro 2 – Histórico.

---

[9] O autor pode contribuir com estes estudos desenvolvendo a pesquisa *Identificação dos Elementos de Paisagem Cultural de Santa Tereza* (ZANELLA, 2008), realizada em período de estágio curricular da graduação em arquitetura e urbanismo no Escritório Técnico de Antônio Prado, no ano de 2008.

As características do tombamento desta pequena cidade permitem que este patrimônio seja compreendido como paisagem vernacular histórica (BIRNBAUM, 1994). O assentamento urbano de evolução espontânea e lenta, bem como a relação harmoniosa com os recursos naturais e rurais do entorno são atributos presentes na área de proteção do patrimônio de Santa Tereza. Nesse sentido, os fragmentos de paisagem emoldurados pelas janelas dos edifícios históricos deste lugar são material oportuno para esta investigação.

A seguir, o objeto de estudo é contextualizado por meio da significância histórica e do contexto estrutural observado, caracterizando os aspectos físicos que delimitam esta paisagem vernacular histórica.

4.3.2 Significância histórica

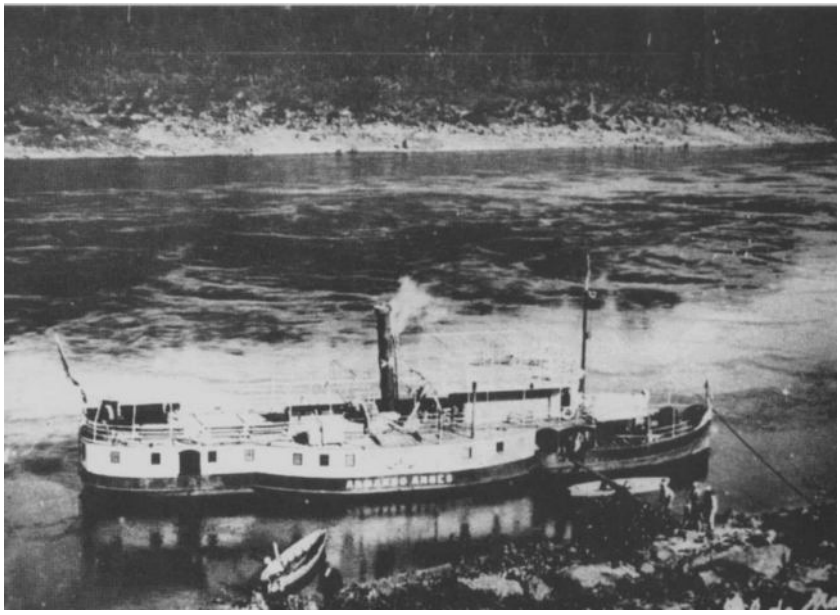
A vila de Santa Thereza foi registrada no Livro Tombo da Paróquia de Montenegro em 1885, pouco antes da proclamação da República no Brasil em 1889. Esta denominação segue duas possibilidades de origem. A primeira de que seria uma homenagem à esposa do engenheiro agrimensor de terras da época, Joaquim Rodrigues Antunes. A segunda, de que seria uma homenagem à esposa do Imperador Dom Pedro II, Dona Teresa. Segundo Prezzi (2020), esta última seria a mais coerente, pois segue a lógica de batismo das localidades de imigração da serra gaúcha com nomes importantes da família imperial.

Desde 1850, há registros de utilização do Rio Taquari para transporte de madeiras da serra até Porto Alegre. Navegadores desta região já indicavam a margem do Arroio Marrecão (antigo Barra Mansa) como um local propenso à instalação de uma nova colônia. Com o início da ocupação dos lotes coloniais na década de 1870, o escoamento de parte da produção agrícola das colônias Dona Isabel e Conde D'Eu (atualmente Bento Gonçalves e Garibaldi) ocorreu a partir deste ponto do Rio Taquari (Figura 24). Ali, foi instalada uma *maxambomba*[10] para carga e descarga das embarcações. A partir das atividades da Companhia de Navegação Arnt, desenvolveu-se grandes casas de comércio como Virgílio Franceschini e Amadeo Stringhini devido à intensa circulação de mercadorias (PREZZI, 2020).

[10] A *maxambomba* consistia num equipamento movido à tração animal, formado por um sistema de trilhos instalado junto à uma escadaria no leito do rio, sobre o qual era feita a carga e descarga de volumes dos barcos.

A vila fazia parte da Linha Leopoldina, uma faixa de terras conforme eram divididos os lotes coloniais, que se estendia do Arroio Marrecão até o entorno de Bento Gonçalves. Foi ocupada a partir de 1977 por imigrantes provenientes do norte da Itália (Vêneto, Trento, Lombardia e Friulli). Mais tarde, em 1884, recebeu também poloneses vindos da cidade de Pelplin que se instalaram na Linha José Júlio, ao norte da vila, conhecida também como Linha dos Polacos.

Figura 24 - Cia Arnt de Navegação, porto de Santa Tereza.



Fonte: PREZZI, 2020, p. 237.

Figura 25 – Alterações dos edifícios religiosos. Foto (a), antiga igreja neorromânica de 1902. Foto (b), igreja de 1969 com o campanário.

Fonte: RAFFAINER, 1988.

A religiosidade católica trazida pelos imigrantes é uma característica importante da formação social e cultural deste lugar. A primeira capela, em madeira, data de 1886. Em 1902 uma nova igreja em alvenaria, em estilo neorromânico, foi inaugurada pelo Padre Giousue Bardin e elevada à categoria de paróquia em 1924. Em 1927, já adquiridos os sinos da fundição Bellini de Garibaldi, o engenheiro imigrante Massimiliano Cremonese projetou o campanário, réplica da torre de Fagarè Della Battaglia em *San Biagio Di Callalta*, província italiana de Treviso. A construção durou seis anos e foi finalizada em 1932, mobilizando a comunidade com mão de obra e recursos. Em 1969, sob a influência modernista de membros da comunidade, a antiga igreja de alvenaria foi substituída (Figura 25).

A atividade comercial e o porto fomentaram o desenvolvimento da área urbana e também das atividades agrícolas que se desenvolviam nas proximidades. No entorno da igreja matriz ergueram-se grandes edifícios comerciais, moinho, escola, olaria, bancos, hotel, hospital e casa de saúde. Uma das primeiras fábricas de acordeons do Brasil, fundada pelos italianos Cesare Appiani e Maria Savioia em 1910, ocupou um dos prédios em madeira da Av. Itália. Este desenvolvimento teve ápice entre os anos 1920 e 1940, quando chegou a estrada de ferro à cidade. Foram instaladas ao sul do centro urbano a vila de funcionários e a estação de passageiros.

A partir da segunda metade do século XX, mudanças no perfil econômico e na infraestrutura da região iniciaram um processo de estagnação do desenvolvimento urbano. Isto contribuiu de modo particular para a manutenção das características físicas e culturais deste período da colonização sobre sua paisagem, ao contrário de outras cidades da serra. Sobre as causas deste processo, o dossiê de tombamento destaca:

> O gradativo assoreamento do rio e a chegada da estrada de ferro iniciaram um processo de alteração da economia local, que culminou com a abertura da BR116, resultando no desvio do tráfego comercial de produtos coloniais, base da economia local, para a região de Bento Gonçalves. O estagnamento econômico do Município e a diminuição populacional do mesmo, resultado deste processo que se iniciou na década de 40 do século passado, resultou na conservação da estrutura urbana antiga, que apresenta, atualmente, algumas modificações em relação ao seu período de apogeu (IPHAN, 2006, p. 3).

A significância histórica de Santa Tereza define-se pela representatividade que esta paisagem tem sobre o processo de adaptação e estabelecimento dos italianos

na colonização deste território. Do ponto de vista regional, representa as marcas físicas da adaptação destes imigrantes aos condicionantes da região para desenvolvimento destas cidades. Nacionalmente, representa parte importante da matriz multicultural que colonizou o país, desenvolvida na transição do período imperial para a república, após decretado o fim da escravidão em 1888.

4.3.3 Contexto estrutural da paisagem e seus limites

O contexto estrutural da paisagem de Santa Tereza pode ser compreendido pelos limites dos seus aspectos naturais e das transformações humanas que caracterizam fisicamente a área de proteção (área tombada e entorno). Para descrever e representar estes limites, realiza-se a análise visual da paisagem com base nos elementos do *Sítio Físico* e da *Estrutura Interna do Espaço*, conforme Trieb e Schimidt (1985 apud KHOLSDORF, 1996). O *Sítio Físico* atua na configuração da paisagem vernacular histórica por meio da composição plástica das formas do meio natural, enquanto que a *Estrutura Interna do Espaço* diz respeito à tridimensionalidade das transformações humanas decorrentes das atividades urbanas e rurais.

Para caracterização do *Sítio Físico*, são analisados *relevo, recursos hídricos, vegetação e clima*. O *relevo* é descrito observando a modelagem do solo e representado a partir de cortes ou curvas de nível. Da mesma forma os *recursos hídricos* como de rios e córregos são examinados pela forma e função de drenagem do lugar. A *vegetação* é descrita pelas tipos mórficos (observando a forma e proporção) e sua participação na cobertura do solo, ruas e jardins. Por fim, o *clima* é caracterizado pelas condições de luminosidade, insolação, ventos e umidade relativa neste lugar (KOHLSDORF, 1996).

Na caracterização da *Estrutura Interna do Espaço*, são analisados elementos de *planta baixa*, *conjunto dos planos verticais*, *edificações* e *elementos complementares*. Em *planta baixa*, são observadas as linhas da malha urbana, vias, os tipos de parcelamento e uso do solo, bem como as relações entre cheiros e vazios. No *conjunto dos planos verticais* a leitura de *skylines*, perfis ou silhuetas permitem observar o comportamento das linhas de coroamento, pontuações e linhas de força que o conjunto oferece. Nas *edificações,* observam-se os atributos morfológicos e tipológicos dos edifícios como volumetria, altura, cor e materiais. Os *elementos*

complementares referem-se às construções menores envolvendo elementos como sinalização, mobiliário urbano e outras estruturas (KOHLSDORF, 1996).

Estes elementos são analisados e representados em mapas temáticos, croquis e registros fotográficos da área de estudo. Nestas representações foram utilizadas bases cartográficas e fotos de satélite online, de acesso livre e gratuito, bem como mapas digitalizados em arquivos CAD fornecidos pela prefeitura. As bases cartográficas livres com as curvas de níveis, vias e edificações são do website OpenTopoMap (ERHARDT,2022). As fotos de satélite foram extraídas do website Google Earth (GOOGLE, 2022).

4.3.3.1 Caracterização do sítio físico (*aspectos naturais*)

O núcleo urbano de Santa Tereza está inserido numa região de terreno acidentado, delimitado por morros e pelos cursos d'água do Rio Taquari (oeste), Arroio Marrecão (norte) e Arroio Vinte e Dois (nordeste), conforme Figura 26. Nesta região, a topografia do vale do Rio Taquari se modifica. O afastamento dos morros cria uma abertura no vale, conformando uma situação de "concha". Ao centro, a formação peninsular de cota elevada conformada pelo deságue dos arroios, localiza-se o assentamento urbano que deu origem à cidade.

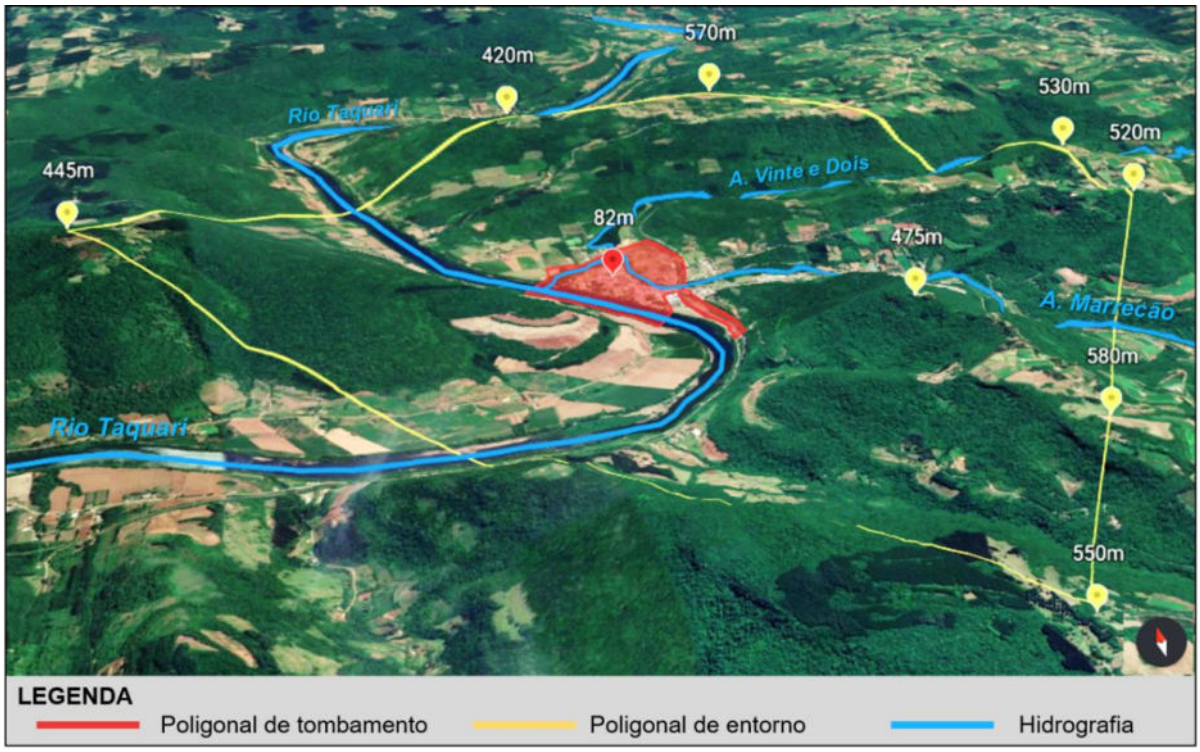
A drenagem é um aspecto importante deste território. Localizado na porção central da Bacia Taquari-Antas, recebe boa parte do escoamento de águas da região da serra gaúcha por meio do Rio Taquari. As cheias acima dos 14 metros provocam alagamentos das áreas mais baixas da área urbana, chegando a isolar o centro em períodos mais críticos.

O clima característico é o subtropical úmido, com particularidades locais provocadas pela diferença de altitude entre o topo dos morros e o vale (aproximadamente 400m). No interior do vale, o verão é longo, quente e abafado, com temperaturas acima dos 30ºC graus. A baixa incidência de ventos acentua o clima dos períodos de verão. O inverno é curto e ameno, com temperaturas não inferiores a 3ºC graus. Primavera e outono proporcionam períodos de clima mais agradável. Essas condições contrastam com as áreas elevadas do entorno e municípios vizinhos, onde o verão é ameno e o inverno rigoroso registra geadas e temperaturas negativas.

Santa Tereza é um dos cinco municípios com maior cobertura de florestas naturais do Rio Grande do Sul (SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO, 2018). É

relevante o recobrimento vegetal que domina as áreas de morro e zonas ciliares (cerca de 60% do território do município). Esta vegetação arbórea, perene, de médio e grande porte, é composta por espécies do bioma Mata Atlântica, em área de transição das Florestas Ombrófilas e Estacional Decidual (VACCARI, LONGHI, BRENA, 1999). Nos trechos menos íngremes, a vegetação mais densa é intercalada por áreas de cultivo, campos e também áreas de reflorestamento. Destaca-se a presença exótica de espécies introduzidas como plátanos e palmeiras. A vegetação arbórea também está presente na área urbana, ocupando o interior dos lotes, logradouros e a praça central com araucárias, jerivás e árvores frutíferas.

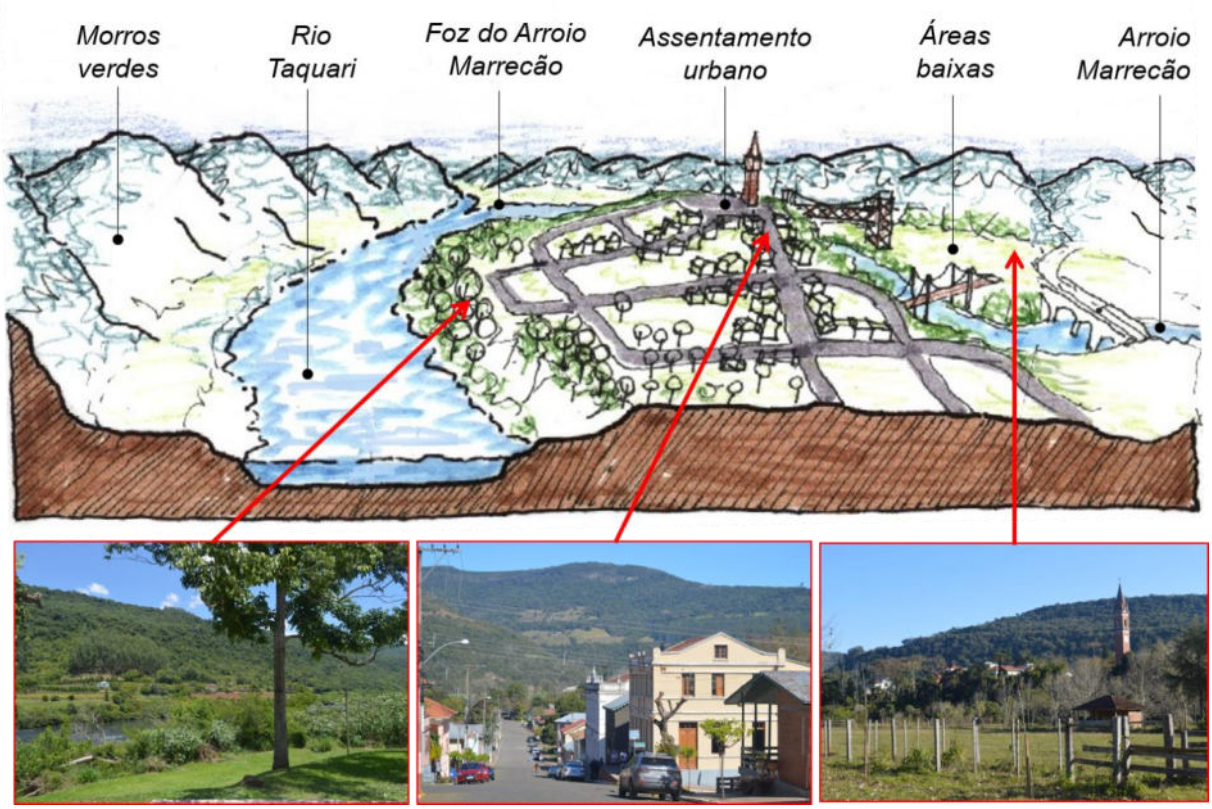
Figura 26 - Relevo e hidrografia da área de proteção sobre imagem de satélite perspectivada.



Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Google Earth (GOOGLE, 2020). Disponível em: www.earth.google.com Acesso em: 09 agosto 2022.

A diversidade topográfica e hidrográfica, associada ao cinturão verde que recobre os morros caracterizam os aspectos naturais do sítio físico de Santa Tereza. A constância visual destes elementos no deslocamento dentro da área de proteção proporciona o reconhecimento de limites naturais bem definidos (Figura 27). O efeito visual de “concha” dos morros, o movimento dos cursos d’água, a vegetação densa e o clima mais quente são características naturais que diferenciam esta paisagem em relação à outras cidades da imigração na serra gaúcha.

Figura 27 - Analise visual do sítio físico de Santa Tereza - RS.



Fonte: do autor.

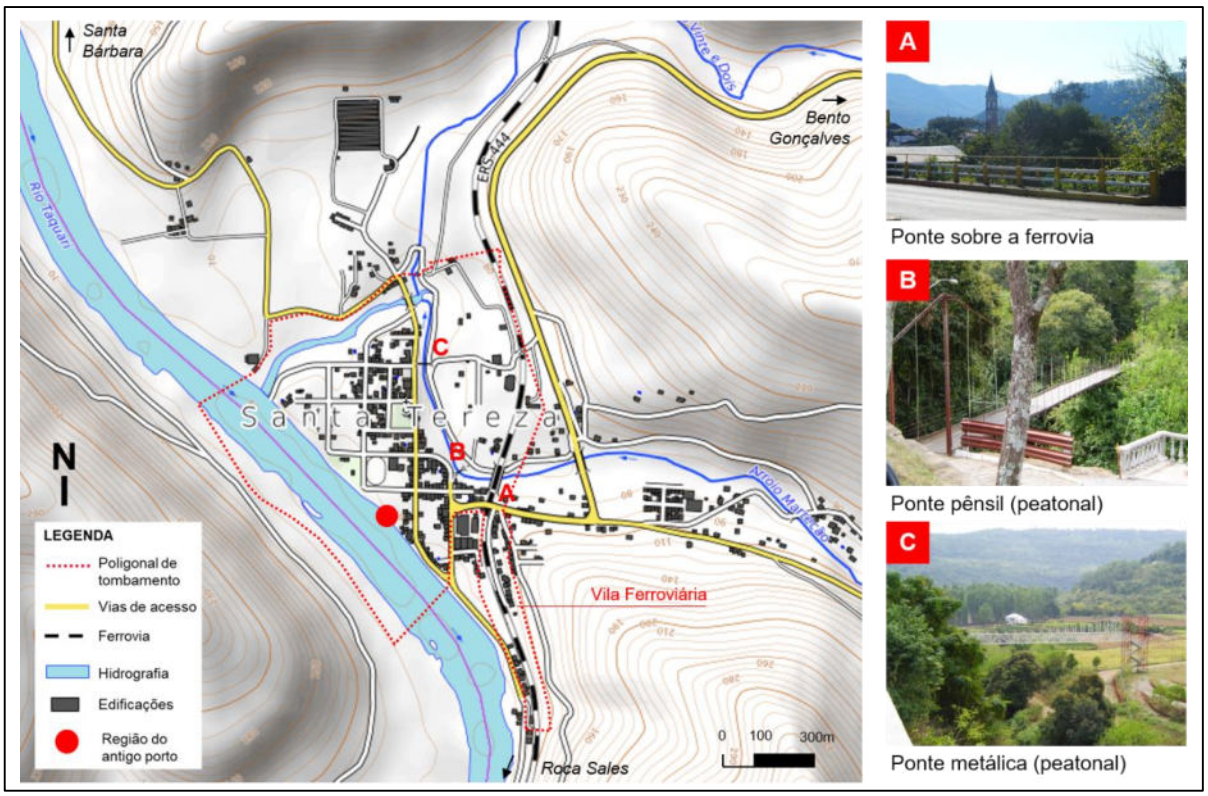
4.3.3.2 Caracterização da estrutura interna do espaço (*aspectos das transformações humanas*)

As transformações humanas sobre a área da proteção de Santa Tereza são visualizadas tanto na área tombada quanto na área de entorno. O principal acesso é dado pela rodovia ERS-444, à leste, ligando ao Vale do Vinhedos e à cidade de Bento Gonçalves. Este eixo de circulação foi um importante meio troca de mercadorias entre o porto fluvial e as demais colônias durante os anos iniciais da colonização. O acesso à área tombada é garantido por pontes transpondo o Arroio Marrecão e a linha férrea, conectando o centro urbano ao entorno imediato (conforme Figura 28).

Na área tombada, a *planta baixa* é caracterizada pelo traçado ortogonal de ruas orientadas na direção norte-sul, herdado desde a formação da vila (Figura 29). As ruas centrais são pavimentadas em pedra basalto e os acessos asfaltados. Esta

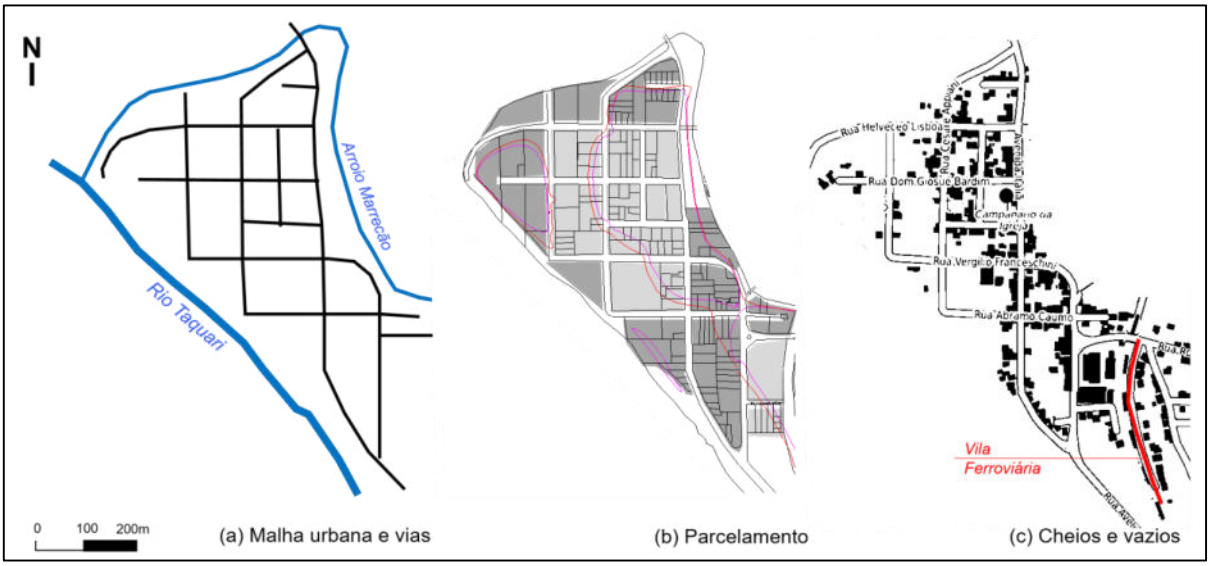
malha dá forma à quadras retangulares de diversos tamanhos. Próximo aos cursos d'água, a malha sofre interrupção, gerando quadras de formato irregular.

Figura 28 - Planta baixa e acessos de Santa Tereza.



Fonte: do autor, adaptado de OPENTOPOMAP, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org Acesso em: 12 agosto 2022.

Figura 29 - Malha urbana, parcelamento e cheios e vazios do centro urbano.

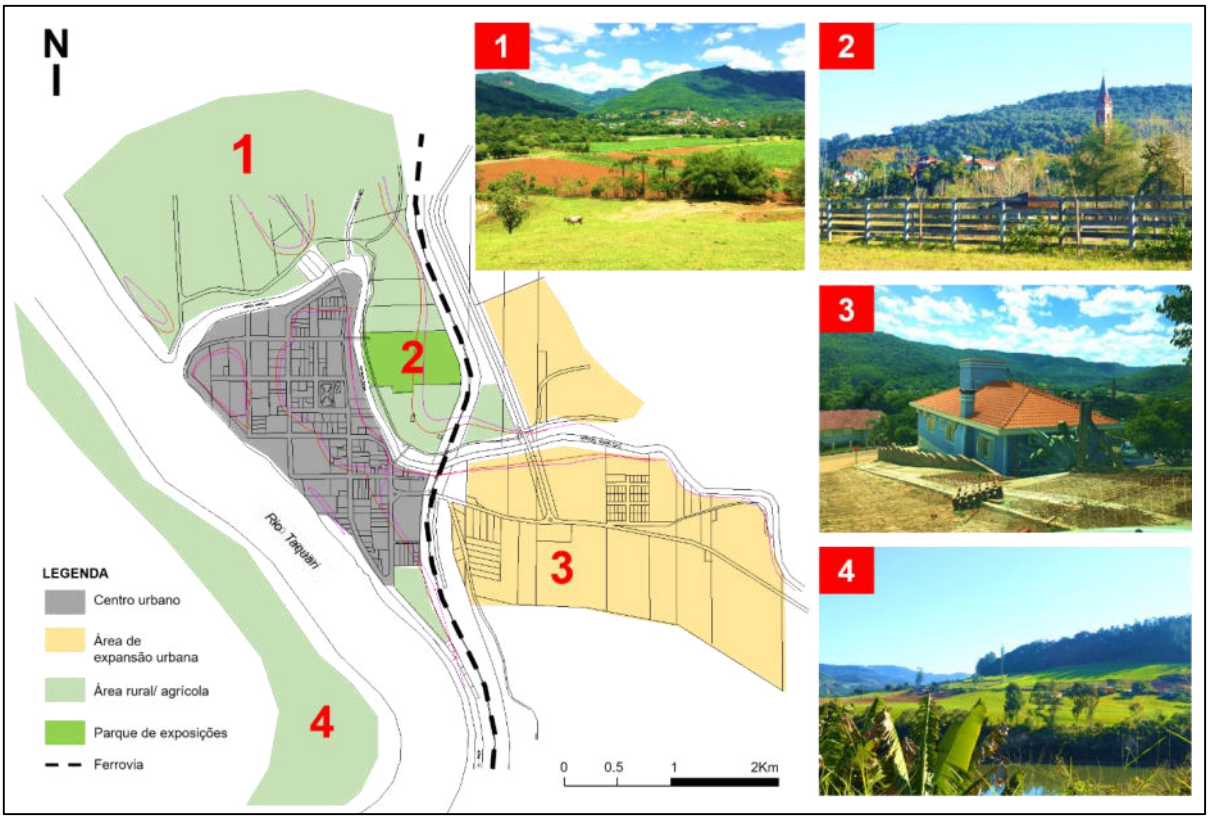


Fonte: do autor.

O parcelamento do solo no centro urbano resulta em lotes com formato de fita e testadas menores voltadas para via pública. Há uma ocupação maior na periferia dos quarteirões, conformando vazios no interior das quadras que são utilizados como hortas e jardins. Ao sul da área de tombamento, o grupo de edificações da vila ferroviária alinha-se na margem da ferrovia até a antiga estação.

No entorno imediato, entre o centro urbano e os morros, o parcelamento e a ocupação do solo são caracterizados por áreas de baixa e média densidade. Nas direções norte e oeste estão localizadas áreas não edificadas de produção agrícola e do parque de exposições. À sudeste, parcelamentos recentes e novas edificações caracterizam as áreas de expansão urbana (Figura 30).

Figura 30 - Entorno imediato.

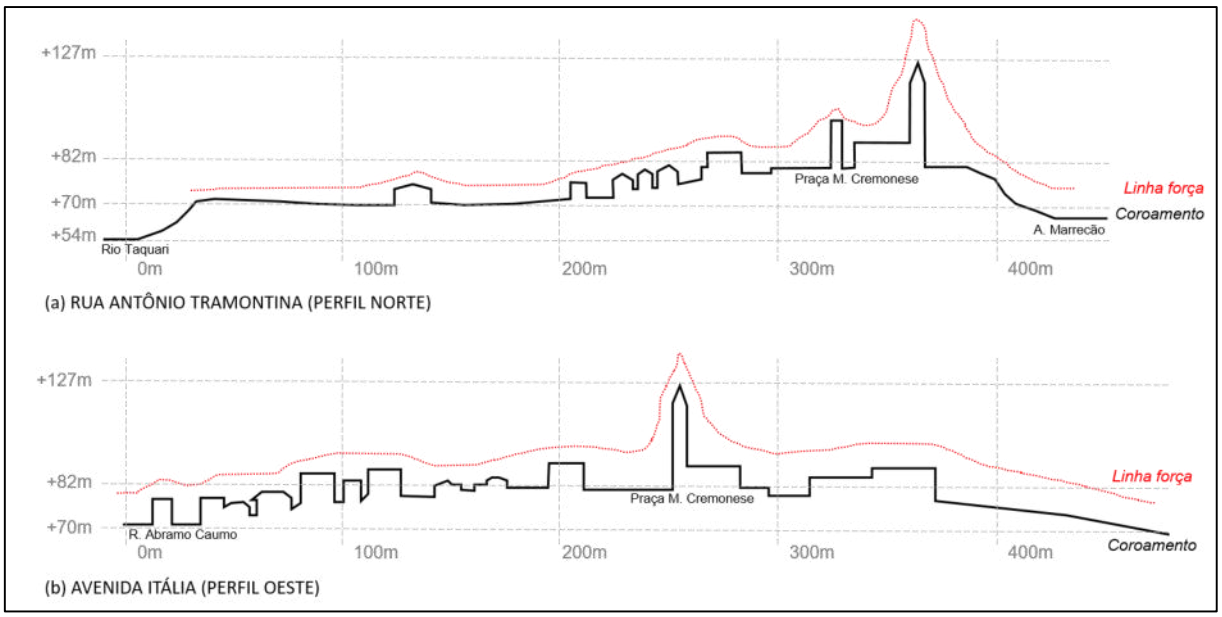


Fonte: do autor.

No *conjunto dos planos verticais*, analisado a partir das linhas de coroamento da área tombada (Figura 31), observa-se a constância quanto ao padrão de altura das edificações. Este padrão é quebrado apenas pela elevação do campanário que pontua e demarca a centralidade do assentamento urbano. Na linha de força fica clara a ascendência do relevo neste ponto, que tem como ponto mais elevado a Praça

Maximiliano Cremonese. Isto torna a torre um marco referencial expressivo desta paisagem.

Figura 31 - Linhas de força e coroamento.



Fonte: do autor.

Figura 32 - Foto das edificações da Av. Itália.

Fonte: do autor.

Nas *edificações* da área de tombamento prevalece a horizontalidade e o uso residencial. Estes edifícios não ultrapassam mais de dois pavimentos. O relevo participa criando o escalonamento que beneficia as relações de gabarito e insolação (Figura 32). Possuem afastamentos laterais variáveis nas divisas, contribuindo para individualidade dos edifícios e a permeabilidade visual do espaço público. Em geral, são caracterizados pela volumetria simples e ortogonal, sendo comuns os porões no embasamento do edifício e os telhados em duas ou quatro águas com telhas de barro ou metal oxidado. Estas são características tipológicas comuns na arquitetura vernacular produzida nos núcleos urbanizados da colonização italiana.

Figura 33 – Fotos dos elementos complementares do centro urbano.

Fonte: do autor

A lista de bens imóveis tombados de Santa Tereza inclui ao todo 57 elementos, elencados a partir de inventários de 1988, 2010 e 2014. Deste total, 55 são edificações, onde treze pertencem ao conjunto da estação e vila ferroviária. Os outros 42 edifícios correspondem a residências, prédios públicos e comerciais distribuídos pelo centro urbano. Estes edifícios representam diferentes períodos da colonização e da pujança econômica vivida pela cidade. São edificações em madeira e alvenaria com influencias do estilo Eclético e Art-Decò. O campanário de 45 metros de altura, possui ornamentação neoclássica, base de pedra basalto e torre de tijolos à vista.

Os *elementos complementares* são caracterizados pela simplicidade formal e pela heterogenia de cores e materiais. No centro urbano, os passeios estreitos servem de suporte para postes da rede de energia e iluminação, lixeiras, sinalização turística e de transito (Figura 33). Em certas situações há um acúmulo destes equipamentos junto aos edifícios (a). Equipamentos de informação turística estão presentes no acesso, sinalização de vias e nas principais edificações históricas (b). Na praça central, destaca-se o equipamento da caixa d'água próxima ao campanário, e o mobiliário de concreto e metal dos bancos e luminárias (c). As áreas de lazer na margem do Rio Taquari, como a Praça do Porto e o Camping Municipal são obras mais recentes, com mobiliário padronizado em madeira e concreto (d). Na área de entorno estes elementos são caracterizados por capitéis religiosos, sinalizações da via férrea e o cerceamento de terras rurais (Figura 34).

Figura 34 – Fotos dos elementos complementares da área de entorno.

Fonte: do autor.

4.4 Métodos

4.4.1 Seleção das edificações

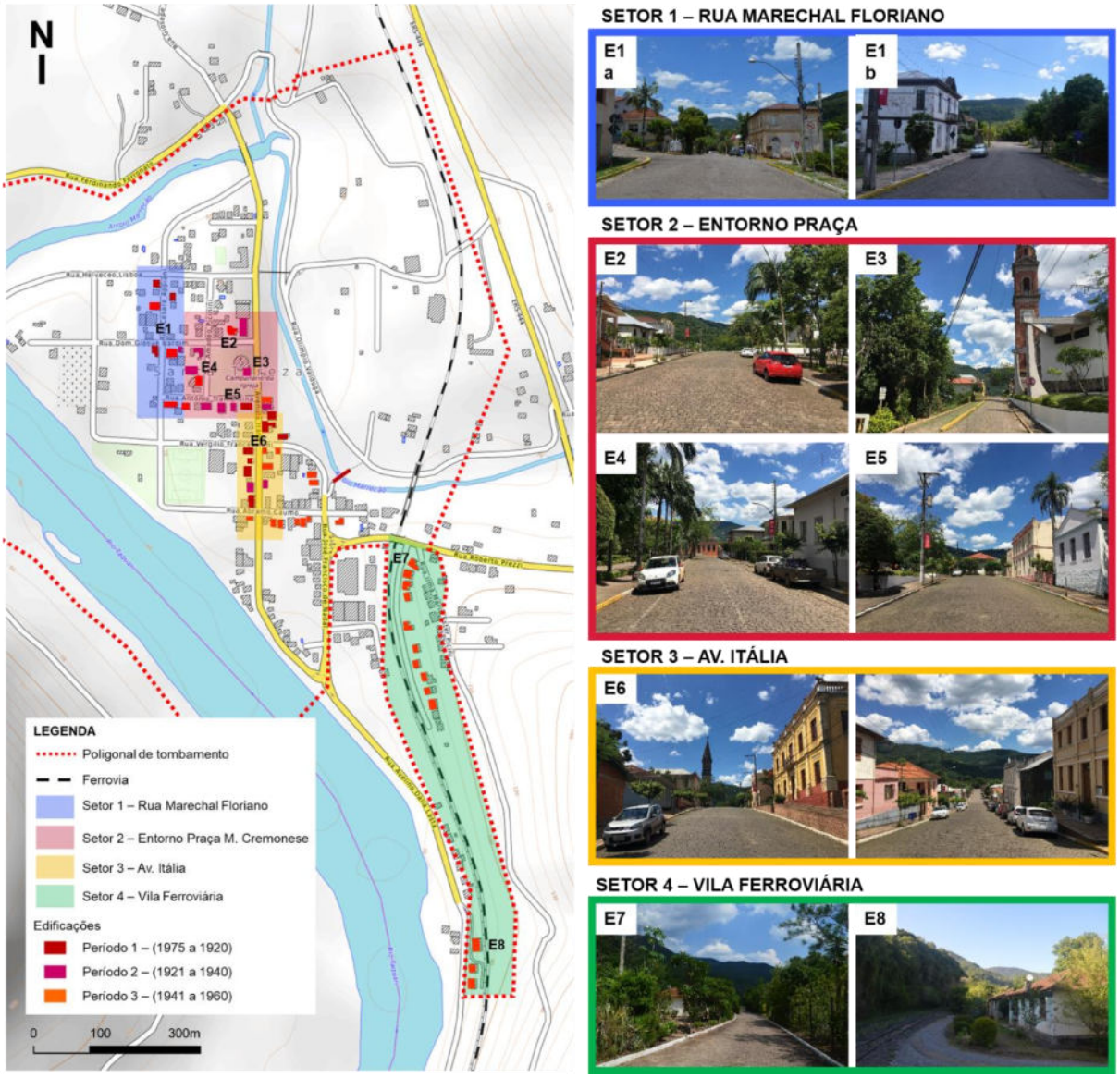
A seleção das edificações para o estudo de caso parte do universo de 55 edifícios inventariados no tombamento do núcleo urbano. Estes edifícios, são elementos importantes para preservação da significância histórica e do contexto estrutural do objeto de estudo. Estão concentrados na área de proteção rigorosa, composta pelo centro urbano e vila ferroviária.

Conforme Birnbaum (1994), as paisagens culturais podem ser lidas de diversas maneiras e, independentemente do modo de leitura, o contexto geográfico e temporal deve estar relacionado. Não havendo outras indicações na bibliografia, busca-se representar este contexto na seleção dos edifícios. Desta forma, considerando (a) o caráter qualitativo e exploratório desta abordagem, (b) a homogeneidade de altura dos edifícios e (c) o grande número de edificações do acervo, a seleção ocorre em função da diversidade espacial e histórica deste conjunto arquitetônico.

Sob o critério espacial, buscou-se contemplar os diferentes pontos de vista propiciados pelo sítio físico no assentamento deste conjunto sobre área de tombamento. De acordo com a localização e o contexto topográfico destes edifícios, são considerados quatro setores de interesse, conforme mostra a Figura 35. Estes setores concentram 75% dos edifícios inventariados (40 edificações). São eles:

- *Setor 1 - Rua Marechal Floriano:* caracteriza-se pela área de via plana (curva de nível a 71 metros) com baixa densidade de edifícios, intercalados por grandes espaços vazios entre as propriedades;
- *Setor 2 - Entorno da Praça Maximiliano Cremonese:* região de cota mais alta do centro urbano (curva de nível a 80 metros) com média densidade de edifícios, voltados para o vazio da praça;
- *Setor 3 - Avenida Itália:* caracterizada pela área de aclive da via em direção à praça central (desnível aproximado de 13 metros) que concentra a maior densidade de edificações do centro urbano;
- *Setor 4 - Vila Ferroviária:* trecho ao longo da via férrea, na base do morro que se eleva à sudeste do centro urbano (curva de nível dos 85 metros) onde está localizado o grupo de casas seriadas de um pavimento e o prédio da estação férrea;

Figura 35 – Mapa das edificações inventariadas, setores de interesse e visuais.



Fonte: do autor.

Sob o critério histórico, buscou-se contemplar ao menos uma edificação do período construtivo representativo de cada setor. Analisados os mapas de evolução urbana de 1900, 1960 e 2005 e o histórico dos edifícios apresentados no Dossiê de Tombamento (IPHAN, 2009), constata-se que a maior densificação ocorreu no período de 1920 a 1940. A partir disso, são caracterizados 3 períodos construtivos sobre este conjunto de edifícios históricos:

- Período 1 (1875 a 1920): edificações do período de formação;
- Período 2 (1921 a 1940): edificações do período crescimento;
- Período 3 (1941 a 1960): edificações do período de estagnação;

Conforme mapa da Figura 35, o Setor 1 concentra maior número de edifícios do Período 1 (quatro). O Setor 2, possui sete das 11 edificações construídas no Período 2. O Setor 3 recebe maior concentração de edifícios do Período 1 (seis). O Setor 4, com construções posteriores à chegada da estrada de ferro, concentra apenas edificações do Período 3 (treze). Dado que a maior densidade de edificações e períodos está concentrada nos setores 2 e 3, nestes setores foram acrescidos outros exemplares para ampliar a coleta de dados.

Figura 36 - Mapa das edificações selecionadas.

Fonte: do autor.

Ao todo foram selecionados dez edifícios para o levantamento de campo, conforme Figura 36. De modo geral, foram privilegiados aqueles que tiveram as datas de construção referenciadas na pesquisa documental e disponibilidade de, pelo menos, um participante para o mapeamento cognitivo. Assim, foram alcançados 20 participantes para coleta dos dados simbólicos, conforme Quadro 3.

Quadro 3 - Relação de edificações selecionadas e nº de participantes alcançados.

	EDIFICAÇÃO (ano de construção)	**PERÍODO**	**Nº PARTICIPANTES**
SETOR 1	Primeira escola e casa do professor (1898)	1	1
SETOR 2	Casa Piccinini - antigo hospital (1926)	2	2
	Casa Lahude (1915)	1	1
SETOR 3	Casa Prezzi (1905)	1	2
	Casa Miele (1910)	1	2
	Hotel Central (1910)	1	3
	Prefeitura (1903)	1	4
	Fábrica de Alambiques (1945)	3	1
SETOR 4	Vila Ferroviária – Casa 1 (Déc. de 1940)	3	1
	Vila Ferroviária – Casa 2 da estação (Déc. de 1940)	3	3

Fonte: do autor.

4.4.2 Seleção dos participantes e suas características

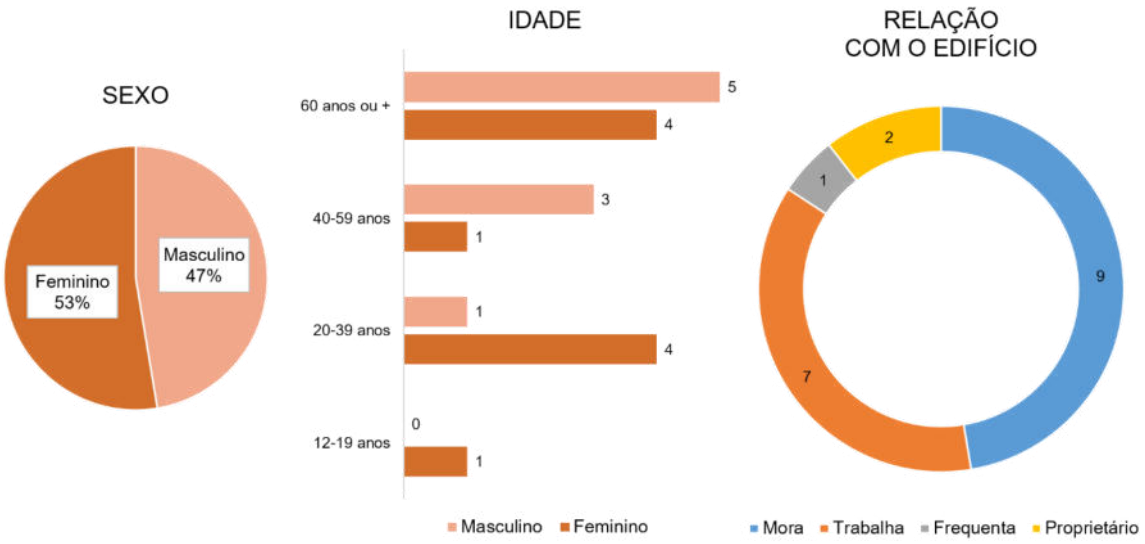
O planejamento da amostra de participantes merece destaque em pesquisas de cunho prático baseadas no método fenomenológico. Segundo Souza (2017), prima-se pela qualidade e pelo aprofundamento da abordagem com poucos participantes, ao invés de um número maior de indivíduos explorado de forma superficial. Independentemente do tamanho da amostra e da técnica de amostragem, a natureza subjetiva dos resultados neste tipo de pesquisa determinam o caráter qualitativo restrito ao grupo de participantes (SOUZA, 2017).

Neste estudo de caso, a seleção dos participantes ficou condicionada à população disponível nas edificações selecionadas que pudessem atender ao critério fenomenológico de *espaço vivido*, caracterizados como habitantes (NORBERG-SCHULZ, 1976). São considerados habitantes para este estudo de caso, indivíduos adultos e adolescentes acima de 12 anos de idade, sem distinção de gênero, com histórico de experiência cotidiana de moradia, convivência familiar ou de trabalho

nestes edifícios. O tempo de vivencia é um critério relativizado, uma vez que são consideradas as atuais condições de uso e ocupação dos edifícios históricos. Todos os participantes atingidos pelo estudo possuem tempo de vivência no edifício superior à um ano.

O perfil dos participantes atingidos foi identificado em função do sexo, idade e relação de vivência com os edifícios (Figura 37). Caracteriza-se pelo equilíbrio de ambos os sexos, com leve maioria de indivíduos do sexo feminino (dez pessoas). Em relação a idade, houveram mais participantes na faixa etária acima dos 60 anos (nove pessoas).

Figura 37 – Gráficos com o perfil do sexo, idade e relação dos participantes com os edifícios.



Fonte: do autor.

A fim de caracterizar relação de vivência com os edifícios, estes participantes foram classificados como moradores, trabalhadores, frequentadores ou proprietários. A maioria dos trabalhadores é residente de Santa Tereza. Os proprietários estão relacionados aos edifícios atualmente desocupados ou em reforma, como é o caso da Casa do Professor e da Fábrica de Alambiques. Frequentadores assíduos, ligados à atividade de trabalho de familiares também foram considerados, como no caso do Hotel Central. A maioria dos participantes são moradores (nove pessoas) e trabalhadores (sete pessoas) destas edificações.

Todas as participações foram voluntárias, com consentimento informado dos indivíduos ou de seus responsáveis legais. Estes participantes não receberam nenhum tipo de compensação ou benefício por suas contribuições à pesquisa.

4.4.3 Coleta dos dados de campo e sistematização

A coleta de dados das edificações e dos participantes selecionados ocorreram em diferentes fases do levantamento de campo.

Na fase 1, foram coletadas os dados físicos dos edifícios e suas janelas. Este levantamento foi realizado entre os meses de dezembro e março de 2022, em horário diurno, mediante contato prévio e agendamento com os responsáveis.

Na fase 2, com conhecimento sobre as condições de observação da fase anterior, os habitantes de cada edifício foram convidados a participar do mapeamento cognitivo para coleta dos dados simbólicos. A partir de agendamentos com cada participante, este levantamento foi realizado em encontros presenciais e remotos individuais entre os meses de janeiro à julho de 2022.

A seguir são detalhados os métodos de coleta e sistematização dos dados para cada uma destas fases.

4.4.3.4 Dados físicos

Os dados físicos foram coletados a partir do registro fotográfico dos campos visuais das janelas nos edifícios selecionados. O campo visual define-se pelas bordas da visão oferecidas pela moldura da janela, lidos cotidianamente como frames de um filme oferecido pelo edifício (KHOLSDORF, 1992; CARAMELA, 2007). Por esta razão depende das mudanças de direção do observador no espaço e de uma avaliação de conjunto em relação ao edifício.

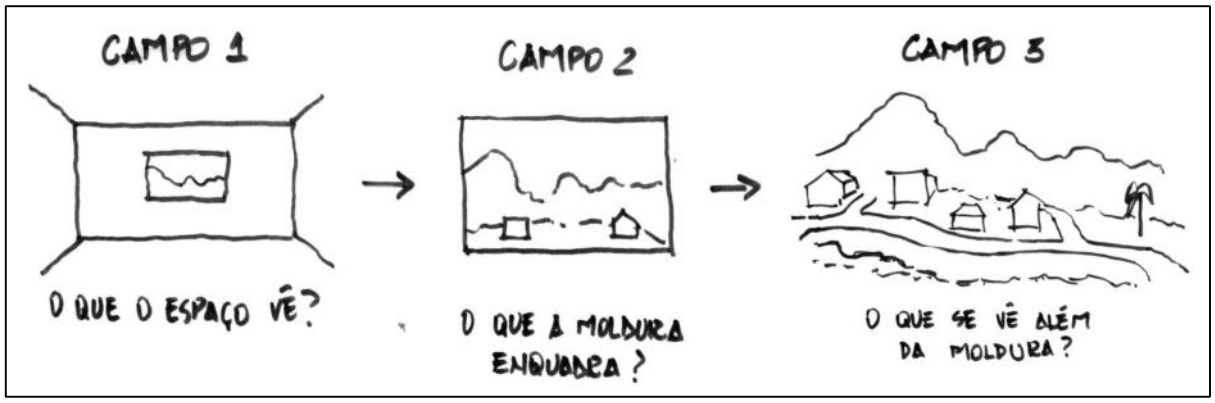
Conforme a norma EN17037 (2018), a permeabilidade do campo visual é uma característica essencial para avaliação da qualidade física da vista. Deste modo, janelas cujos campos visuais encontram-se totalmente obstruídos (i.e. vidros opacos, vãos entaipados, folhas fixas) ou sem acessibilidade (i.e. obstrução de mobiliário, cômodo sem acesso) foram identificadas, localizadas e desconsideradas de análise. Aberturas do tipo porta-janela em balcões e sacadas foram consideradas como janelas.

São previstos dois métodos de verificação da estratificação horizontal da vista pela norma: simplificado e avançado. O método simplificado aplica-se à janelas de superfícies menos complexas, utilizando no levantamento o sistema convencional de fotografia. O método avançado aplica-se à janelas de superfícies complexas utilizando sistema de fotografia com lentes “olho-de-peixe”. Observadas as características

arquitetônicas dos edifícios selecionados, a coleta de dados baseou-se nas orientações do método simplificado. As fotografias foram realizadas por um único pesquisador, com equipamento de câmera digital (modelo NIKON DS3200, lente DX VR NIKKOR 18-55mm) em condições de luz diurna e tempo aberto. Com a posição do observador em pé, os registros foram tomados à altura de 1,70 metros do piso, conforme previsto pela norma.

As janelas dos edifícios foram identificadas por numeração em croqui da planta baixa do edifício, localizadas de acordo com o pavimento e orientação de fachada pelos pontos cardeais do edifício. Em seguida, foram fotografados os campos visuais de cada janela a partir de três situações que caracterizam o movimento do observador pela área útil do ambiente, conforme ilustra a Figura 38. Estes campos baseiam-se nas posições previstas no método simplificado da EN17037 (2018) (a1, a2 e a3). No campo 1, considera-se a vista distante da janela, a partir do acesso ao ambiente. No campo 2, é considerada a vista do observador diante da moldura. No campo 3, registra-se a vista além da moldura, com a posição do observador prostrado sobre a janela. Neste último, foi registrado uma sequência panorâmica de fotos, a fim de abranger todo o campo visual da vista.

Figura 38 - Campos visuais da janela



Fonte: do autor.

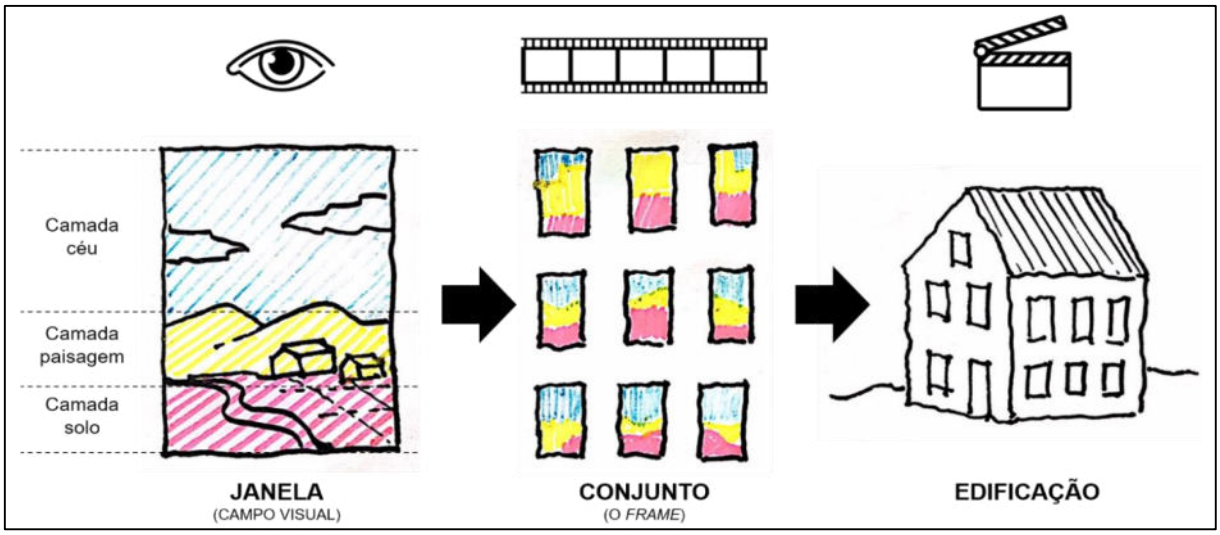
Os campos visuais registrados nas fotografias foram avaliados conforme Tabela 2. A classificação final de cada janela considera o resultado médio obtido nos três campos visuais. Assim, a prevalência de um mesmo nível em dois ou mais campos visuais da mesma janela determina sua classificação final. O nível geral de conexão visual do edifício é definido com base na proporcionalidade dos resultados sobre o número total de janelas (Figura 39).

Tabela 2 - Avaliação do nível de conexão visual

Nº DE CAMADAS	NÍVEL DE QUALIDADE DA VISTA
Ao menos a camada de paisagem	MÍNIMA
Camada de paisagem + uma camada	MÉDIA
Todas as camadas	ALTA

Fonte: do autor, adaptado de EN17037 (2018).

Figura 39 - Esquema de avaliação do nível de conexão visual



Fonte: elaborado pelo autor.

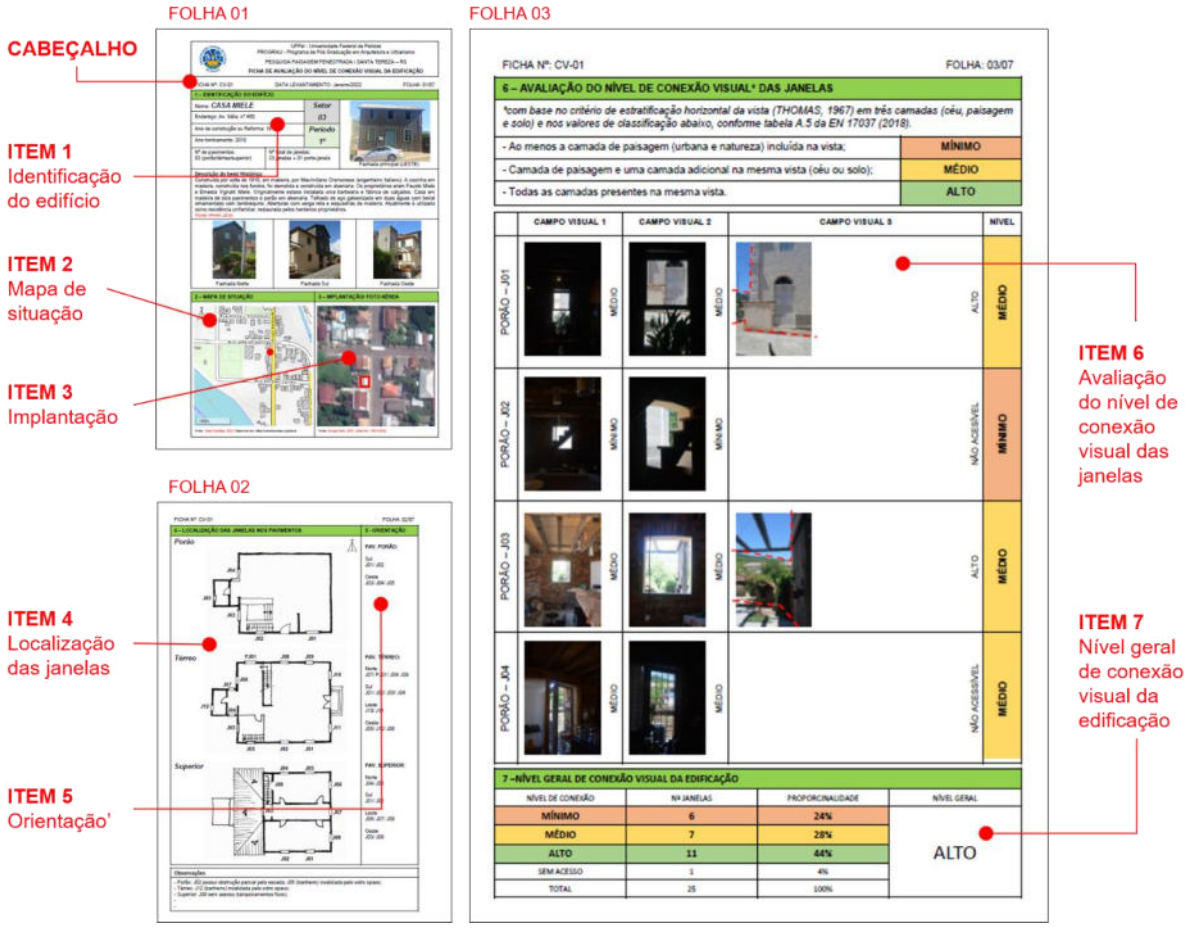
A coleta e a avaliação destes dados foram sistematizados através de *Fichas de Avaliação do Nível de Conexão Visual da Edificação* (Figura 40). Sua elaboração tem como referência as fichas cadastrais dos inventários de arquitetura utilizadas por órgãos do patrimônio cultural brasileiro11. As fichas foram indicadas por número, data de levantamento e numeração de folha no cabeçalho. São compostas de sete itens que organizam as informações de cada edifício da seguinte forma:

- Item 1 – Identificação do edifício: com nome, endereço, ano de construção, número do setor e período construtivo, número de pavimentos, número total de fenestrações, histórico do bem e fotos das fachadas;
- Item 2 – Mapa de Situação: o ponto de localização do edifício na área de análise, vias, projeção das edificações, curvas de nível do entorno e escala gráfica;

11 São exemplo as fichas do Sistema de Rastreamento Cultural do IPHAE-RS (modelo M01), as fichas do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do IPHAN (Módulo 3) e as fichas do Inventário do Patrimônio Histórico Rural do Município de Caxias do Sul, de 2007.

- Item 3 – Implantação: com a localização do edifício em foto aérea para identificação dos elementos do entorno;
- Item 4 – Localização das janelas nos pavimentos: com croquis de planta baixa, indicação de norte e numeração das janelas;
- Item 5 – Orientação: listagem das janelas por orientação de fachada, baseado nos pontos cardeais do edifício;
- Item 6 – Avaliação do nível de conexão visual das janelas: contendo o registro fotográfico dos três campos visuais, identificação das camadas visíveis e a classificação do nível de conexão visual de cada janela.
- Item 7 – Nível geral de conexão visual da edificação: quadro resumo contendo o número total janelas em cada nível avaliado, a proporcionalidade de cada nível na edificação e a classificação final do edifício em função deste percentual.

Figura 40 - Ficha de avaliação do nível de conexão visual da edificação



Fonte: do autor.

O fichamento contendo os dados físicos e a avaliação da conexão visual dos dez edifícios selecionados para o estudo de caso são apresentados no Apêndice A.

4.4.3.5 Dados simbólicos

Os dados simbólicos foram coletados utilizando-se mapas mentais e entrevistas semiestruturadas no mapeamento cognitivo dos participantes. Os procedimentos adotados em cada técnica estiveram em função de coletar informações sobre a pregnância de elementos físicos, preferencias e sentimentos em relação ao lugar e as vistas das janelas nos edifícios selecionados. De acordo com a disponibilidade de cada participante, foram agendados encontros presenciais e remotos.

A sobreposição de técnicas é importante pois permite maior flexibilidade à coleta de dados. Esta flexibilidade visa garantir a livre manifestação do habitante e universalidade dos modos de participação da pesquisa, fundamento importante das pesquisas baseadas na área da percepção ambiental (WHYTE, 1977; CERTEAU, 1998; RHEINGANTZ; AZEVEDO; BRASILEIRO et al, 2009). Desta forma, pode-se facultar a realização dos mapas e entrevistas, de acordo a disponibilidade de tempo ou habilidade do participante.

A coleta dos mapas mentais foi direcionada pela seguinte pergunta: "*O que você vê a partir das janelas do edifício?"*. Este questionamento concerne um duplo sentido, pertinente a integrar os componentes materiais e imateriais investigados sobre a janela e o lugar. O mesmo duplo sentido das expressões *veja a árvore* – no sentido de enxergue algo – e *veja bem* – no sentido de entenda o que eu digo – como esclarece Castello (2005). Sobre o emprego do termo *ver* nas investigações sobre o lugar, o autor coloca que "a expressão 'ver' incorpora tanto o sentido ótico da visão, quanto o sentido de cognição, de compreensão sobre um fenômeno: perceber com a visão e conhecer com a compreensão" (CASTELLO, 2005, p. 162).

Para elaboração dos mapas foi fornecido aos participantes presenciais (e indicado aos participantes remotos) papel em branco formato A4, sendo livre a utilização de lápis, caneta, ou qualquer outro material. Frisou-se a importância de que expressasse seu ponto de vista, usando de forma livre símbolos, palavras ou desenhos para construir a representação. Foi solicitado que o mapa mental não fosse realizado diante da janela representada, a fim de que a representação correspondesse

ao conteúdo cognitivo de sua memória. Assim, o participante pode realizá-lo em momento posterior ao encontro, a partir de um cômodo diferente ou fora do edifício.

Tabela 3 - Mapas mentais e entrevistas semiestruturadas por edifício.

Edificação	**Nº de participantes**	**Mapas mentais**	**Entrevistas semiestruturadas**
Primeira escola e casa do professor	1	1	1
Casa Piccinini - antigo hospital	2	1	1
Casa Lahude	1	-	1
Casa Prezzi	2	-	2
Casa Miele	2	-	2
Hotel Central	3	2	3
Prefeitura	4	3	4
Fábrica de Alambiques	1	-	1
Casa 1 da Vila Ferroviária	1	-	1
Casa 2 da Estação	3	3	2
Total	**20**	**10**	**18**

Fonte: do autor.

Após solicitados os mapas mentais foram coletadas as entrevistas semiestruturadas, aprofundando as informações a partir de três tópicos: lugar e edifício, fenestração e habitante. Para cada tópico foi elaborado um grupo de questões que direcionou o andamento da entrevista. O roteiro com as 20 questões abordadas é apresentado no Apêndice B, estruturado da seguinte forma:

- Tópico I – Lugar e edifício (6 questões): investiga os efeitos da identidade de lugar na vivência dos participantes. São questões sobre o tempo de vivência do indivíduo, suas preferências e sua satisfação em relação ao objeto de estudo e ao edifício (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011; BREAKWEL, 1982).
- Tópico II – Fenestração (11 questões): investiga sobre a relação do habitante com as janelas do edifício. Aborda questões sobre a preferência e a satisfação dos indivíduos em relação à localização, orientação das vistas, aspectos sazonais, orientação solar, elementos naturais, construídos e as atividades humanas percebidas (LYNCH, 1960; NASAR, 1989 e 2001).

- Tópico III – Habitante (4 questões): investiga as características do habitante como idade, gênero e sua atividade e relação com o edifício em questão.

Foram coletados dados simbólicos em todas as dez edificações selecionadas. Ao todo, foram obtidos 10 mapas mentais e 18 entrevistas com 20 participantes. A relação do número mapas mentais e entrevistas coletadas em cada edificação é apresentada pela Tabela 3. O Apêndice C contém a cópia digitalizada dos mapas mentais e das entrevistas transcritas.

As entrevistas presenciais foram gravadas digitalmente. As entrevistas obtidas por encontro remoto tiveram as respostas coletadas via aplicativo de mensagens de áudio e texto em telefone celular (*Whats App*). Estes conteúdos foram degravados para análise. A fim de preservar a identidade dos participantes, manteve-se em sigilo sobre os nomes e os dados pessoais.

4.4.4 Análise e interpretação dos dados

Seguindo a abordagem proposta nesta pesquisa, são empregados métodos qualitativos para análise e interpretação dos dados coletados. Esta análise tem como objetivo específico identificar os símbolos da paisagem fenestrada do objeto de estudo. Baseado nas proposições teóricas para este estudo de caso, são analisadas (i) *as condições de observação nos edifícios*, (ii) *os elementos percebidos* e (iii) *os significados atribuídos* por seus habitantes.

As **condições de observação nos edifícios** são analisadas pelo método da estratificação horizontal das janelas (THOMAS, 1967; EN17037, 2018). A partir do nível de conexão visual das fenestrações é analisada qualidade física das vista do edifício, a fim de identificar os pontos de maior conectividade com o contexto estrutural, e como se relacionam como a preferência dos habitantes.

A análise dos **elementos percebidos** e dos **significados atribuídos** é realizada por meio da análise de conteúdo (LAVILLE, DIONNE, 1999; BARDIN, 1994). A análise de conteúdo é um método aplicado à pesquisa qualitativa, envolvendo pré-análise, descrição e interpretação do material coletado como entrevistas semiestruturadas e mapas metais. Segundo Silva, Gobbi e Simão (2005), este método permite ao pesquisador o entendimento das representações sobre a realidade e a

interpretação que o indivíduo faz dos significados a sua volta. Neste estudo de caso, a pré-análise parte de um modelo fechado de categorias, apoiado no marco teórico.

Nesta pesquisa, a análise de conteúdo dos documentos do mapeamento cognitivo é realizada com o auxílio do software Atlas.Ti (versão 9.0 para Windows), com licença estudante[12]. Destinado à análise de dados qualitativos, este software permite a codificação dos dados analisados de acordo com as categorias baseadas no marco-teórico. Posteriormente são analisadas as recorrências e correlações por meio de ferramentas gráficas geradas pelo programa, como *nuvens de palavras* e *diagramas de Sankey*.

As nuvens de palavras e diagramas de Sankey são ferramentas gráficas utilizadas na análise de conteúdo de múltiplos documentos. A nuvem de palavras permite visualizar os termos de maior recorrência sobre os documentos analisados, dispostos hierarquicamente de forma gráfica. Os diagramas de Sankey, criados pelo irlandês Matthew Henry Phienas Riall Sankey em 1898, permitem visualizar a associação entre dados, representando seus fluxos e magnitudes relativas (FRIESE, 2021).

Os **elementos percebidos** são analisados quanto a Imageabilidade das vistas das janelas para seus habitantes, observando a pregnância, orientação e localização dos elementos físicos representados nos mapas mentais e citados nas entrevistas. Esta pré-análise classifica os ícones e expressões mencionadas por cada participante em três categorias de elementos: *elementos naturais*, *elementos construídos* e *atividades humanas* (TRIEB; SCHIMIT, 1985; BIRNBAUM, 1994). A partir destas categorias são analisados e descritos os elementos de maior pregnância para os habitantes.

Os **significados atribuídos** são analisados quanto à Conexão Afetiva dos participantes em relação às vistas, observando preferencias e sentimentos inferidos aos elementos percebidos. Nesta pré-análise, o conteúdo representado é classificado de acordo com a naturalidade, ordem, complexidade, novidade/familiaridade, amplitude ou significado histórico atribuído aos elementos percebidos, conforme Nasar (1989 e 2001).

12 Licença de estudante ATLAS.ti semestral, para uso pessoal no contexto de estudos acadêmicos, adquirida pelo autor da pesquisa, sob fatura nº AKD-736101797823.

Os resultados da análise de conteúdo são relacionados e interpretados para detecção dos símbolos que caracterizam o fenômeno da paisagem fenestrada do objeto de estudo.

4.5 Conclusão do capítulo

O presente capítulo expôs a metodologia empregada na pesquisa frente aos objetivos específicos. Apresentou-se o objeto de estudo através dos contextos cultural, histórico e estrutural de sua paisagem. Isto tornou evidente os limites onde as características físicas gerais do objeto de estudo se fazem presente no território. O delineamento do estudo de caso considerou as proposições do marco teórico para definição dos métodos e técnicas de seleção das edificações, dos participantes, coleta e análise de dados.

O levantamento prévio dos campos visuais das janelas foi importante para o reconhecimento do conteúdo das vistas edifício junto aos mapeamento cognitivo. Isto auxiliou a comunicação com os participantes durante os trabalhos de campo, facilitando a identificação dos elementos representados.

A flexibilidade do método de mapeamento cognitivo foi fundamental para viabilizar a participação de certos habitantes. A possibilidade de encontros remotos permitiu a coleta de dados de pessoas temporariamente ausentes dos edifícios, como nos casos de edifícios em reforma. A técnica de entrevista semiestruturada foi majoritariamente aceita pelos participantes, enquanto que os mapas mentais tiveram menor efetividade com o público mais idoso.

Os resultados da análise e interpretação dos dados coletados sobre o objeto de estudo são apresentados no Capítulo 5.

CAPÍTULO 5 | RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados sobre a análise dos dados coletados no levantamento documental e no levantamento de campo do estudo de caso. Esta apresentação organiza-se a partir dos aspectos físicos e simbólicos investigados sobre a paisagem fenestrada do objeto de estudo. Primeiramente é apresentado o resultado sobre os aspectos físicos relacionado à análise das condições de visualização dos edifícios. Em seguida, apresenta-se o resultado dos aspectos simbólicos em subseções sobre a análise dos *elementos percebidos* e do*s significados atribuídos* pelos habitantes.

5.1 Aspectos físicos

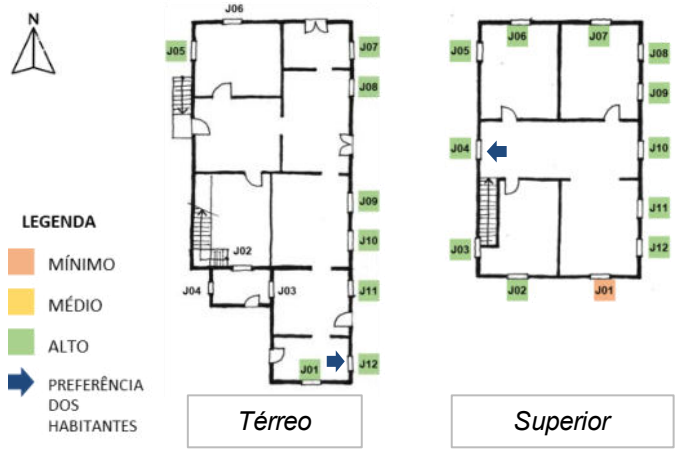
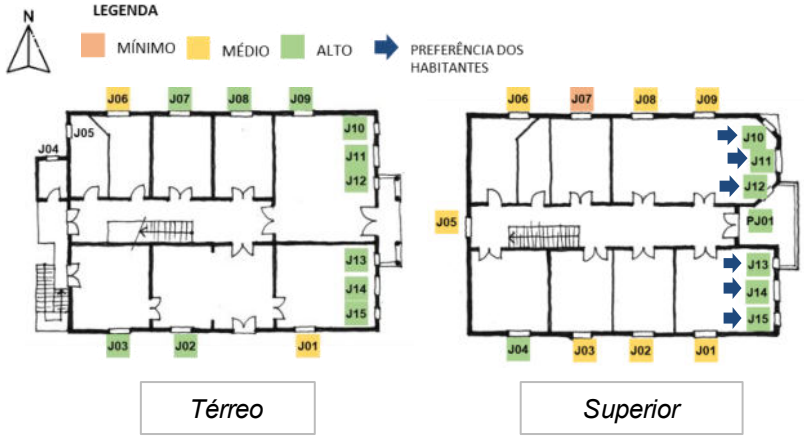
5.1.1 Resultado das condições de observação nos edifícios

As condições de observação nos edifícios foram avaliadas sob o parâmetro da estratificação horizontal como forma de caracterizar a qualidade física das vistas das janelas. De acordo com Thomas (1967), quando maior o número de camadas de paisagem presentes na vista, maior a fruição do observador com os elementos da paisagem e as informações sobre o lugar. A visualização destas camadas são essenciais para que o usuário amplie sua percepção sobre as variações climáticas, a passagem do tempo, sua localização e as informações físicas sobre a vida social do lugar (EN17037,2018). Esta avaliação, sistematizada no fichamento do Apêndice A, permitiu identificar as janelas com maior nível de conexão visual com a paisagem de Santa Tereza.

O resultado desta avaliação foi sintetizado no Quadro 4, Quadro 5 e Quadro 6, para análise das condições de visualização de cada edifício. Estes quadros relacionam as edificações por setor, o nível geral obtido, os níveis parciais de cada

janela localizados em planta baixa dos pavimentos, bem como sua orientação de fachada. Uma legenda identifica o nível de cada janela e as vistas de preferência dos habitantes. A análise com o perfil das condições de visualização de cada edifício é apresentada na sequência do quadro de cada setor.

Quadro 4 - Condições de observação nos edifícios do setor 1 e 2

EDIFÍCIO		NÍVEL GERAL	NÍVEIS DAS JANELAS NOS PAVIMENTOS
SETOR 1	Primeira Escola e Casa do Professor (FICHA CV-09)	ALTO 82,60% de 23 janelas	
SETOR 2	Casa Piccinini - Antigo Hospital (FICHA CV-08)	ALTO 65,51% de 29 janelas	
	Casa Lahude (FICHA CV-07)	ALTO 73,91% de 23 janelas	

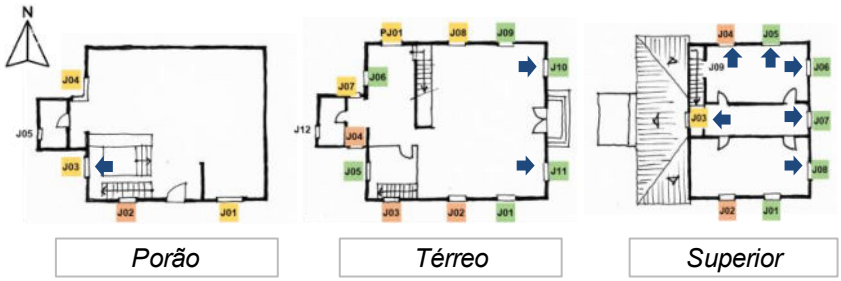
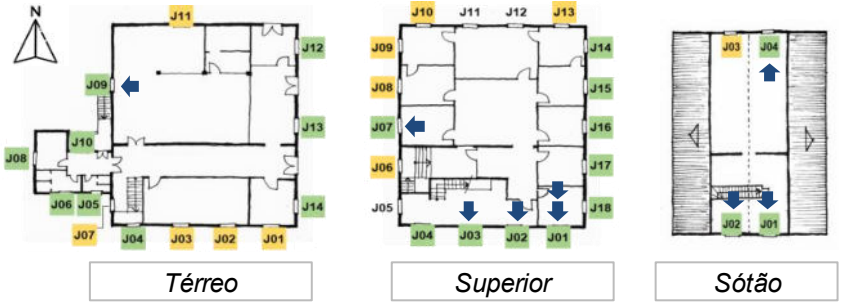
Fonte: Do autor.

Primeira Escola e Casa do Professor - Apresenta alto nível de conexão visual em quase todas as janelas válidas e acessíveis do pavimento térreo e superior. Isso se deve, em parte, a amplos campos visuais ao redor do edifício propiciados pela implantação em lote de esquina com as Ruas Dom Josué Bardin (ao norte) e Rua Cesare Apiani (leste). O vazio de afastamento em relação as edificações vizinhas à sul e a oeste, bem como a declividade da topografia em direção ao rio, propicia alta conexão visual em suas janelas voltadas para o interior da quadra. No pavimento superior, a janela da fachada sul sobre o anexo possui obstruções da camada de solo por parte da vegetação arbórea presente na vista.

Casa Piccinini – Antigo Hospital - A edificação de dois pavimentos apresenta alto nível de conexão visual junto as janelas da fachada leste, voltadas para Rua Amadeu Piccini e para praça central da cidade, cujo espaço aberto amplia o campo visual destas janelas. No térreo as fachadas norte e sul também apresentam janelas com este nível de conexão. No pavimento superior, há uma redução dos campos visuais nas janelas da fachada sul, causado pela altura da edificação vizinha e a visualização de áreas de telhado que não permitem a visualização da camada de solo. Nas janelas superiores da fachada norte, a presença de vegetação arbórea no lote vazio e a altura do pavimento reduz a visualização da camada de solo nas vistas.

Casa Lahude - A edificação de dois pavimentos apresenta alto nível de conexão visual junto as janelas da fachada leste, voltadas para Rua Amadeu Piccinini e para praça central da cidade, o que amplia o campo visual destas janelas. No térreo as fachadas norte e sul também apresentam janelas com este nível de conexão. No pavimento superior, há uma redução do nível de conexão das janelas da fachada sul devido à altura da edificação vizinha e visualização dos telhados que obstruem a visualização da camada de solo nestas janelas. Nas janelas superiores da fachada norte, a presença de vegetação no lote vazio e altura das janelas também reduz a presença da camada de solo das vistas.

Quadro 5 - Condições de observação nos edifícios do setor 3

EDIFÍCIO		NÍVEL GERAL	NÍVEIS DAS JANELAS NOS PAVIMENTOS
SETOR 3	Casa Prezzi (FICHA CV-06)	ALTO 77,77% de 27 janelas	
	Casa Miele (FICHA CV-01)	ALTO 44% de 25 janelas	
	Hotel Central (FICHA CV-02)	ALTO 63,33% de 30 janelas	
	Prefeitura (FICHA CV-04)	ALTO 61,11% de 36 janelas	
	Fábrica de Alambiques (FICHA CV-03)	ALTO 69,23% de 9 janelas	

Fonte: Do autor.

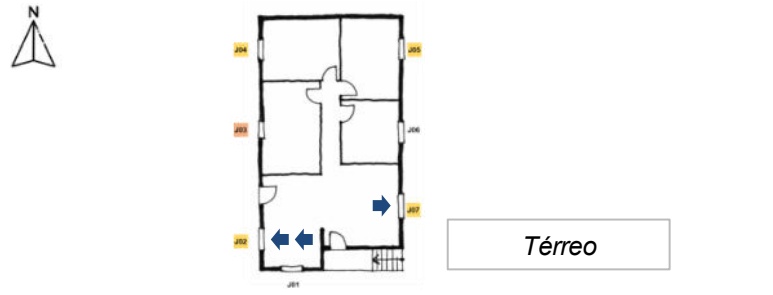
Casa Prezzi - Apresenta alto nível de conexão visual nas janelas do volume principal tanto no pavimento térreo como superior. A redução ocorre nas janelas do volume anexo à fachada leste onde, no térreo, as aberturas voltadas para sul possuem obstrução da camada de céu devido a vegetação da parreira, anexa à casa. Na fachada norte deste anexo, as janelas do térreo e do pavimento superior possuem níveis reduzidos devido à proximidade com a edificação vizinha.

Casa Miele - Os maiores níveis de conexão visual do edifício estão localizados nas janelas próximas à Av. Itália, junto a fachada leste e também em janelas das fachadas norte e sul. No pavimento superior as janelas à oeste, voltadas para o fundo do lote também possuem alto nível de conexão. Os níveis médios e baixos em janelas das fachadas norte e sul deve-se a proximidade dos edifícios do Antigo Hotel Central e da Prefeitura. No pavimento superior a janela a oeste possui dimensões reduzidas e peitoril alto, o que impede a visualização da camada solo.

Hotel Central – Apresenta alto nível de conexão visual em todas as janelas das fachadas norte e leste, junto às ruas Virgílio Franceschini e Av. Itália. Também no térreo, as janelas da fachada oeste apresentam este nível de conexão. Níveis médios de conexão visual sobre a fachada sul ocorrem em função da proximidade com o edifício da Casa Miele. No pavimento superior, os níveis médios nas janelas da fachada oeste são provocados, em parte, pela peitoril alto das janelas dos banheiros e ao prolongamento do telhado do pavimento inferior que impedem a visualização da camada de solo.

Fábrica de Alambiques – Possui maior nível de conexão visual concentrado nas janelas da fachada sul, voltadas para o vazio urbano adjacente. No térreo, as janelas voltadas para as Ruas Abramo Caumo e Av. Itália apresentam alto nível de conexão visual à norte e à leste. No pavimento superior, destaque para o alto nível da porta-janela à nordeste, propiciado pelo amplo campo visual no cruzamento de ruas. Os níveis médios identificados nas janelas do edifício possuem como causa obstruções à camada de solo e céu das vistas devido aos edifícios do entorno.

Quadro 6 - Condições de observação dos edifícios do setor 4

EDIFÍCIO		NÍVEL GERAL	NÍVEIS DAS JANELAS NOS PAVIMENTOS
SETOR 4	Casa 1 da Vila Ferroviária (FICHA CV-10)	ALTO 60% de 5 janelas	
	Casa 2 da estação férrea (FICHA CV-05)	MÉDIO 66% de 7 janelas	

Fonte: Do autor.

Casa 1 da Vila Ferroviária – Nesta edificação, os maiores níveis de conexão visual são observados nas janelas das fachadas norte, oeste e sul. Na fachada oeste, a topografia em aclive e a obstrução gerada pela cobertura anexa ao edifício reduzem o campo visual das vistas, que apresentam valores menores de conexão visual.

Casa 2 da Estação Ferroviária – É a edificação que apresentou o menor nível geral de conexão visual entre as edificações selecionadas. Não apresentou nenhuma de suas janelas com nível alto. Níveis médios estão nas janelas à leste e à oeste. Obstruções geradas pela massa de vegetação próximas a fachada oeste e o morro à leste reduzem significativamente a amplitude dos campos visuais no edifício.

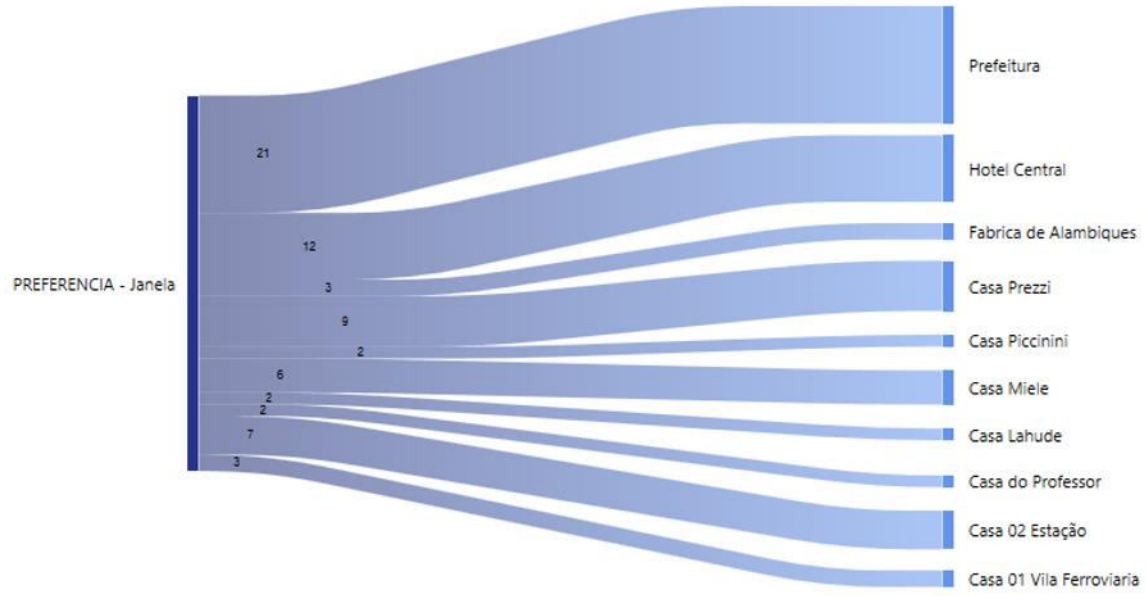
5.1.2 Conexão visual dos edifícios e a preferência dos habitantes

De modo geral, o conjunto de edificações é caracterizado pelo nível alto de conexão visual (9 das 10 edificações). Nos edifícios com este nível geral, a proporção de janelas avaliadas com alta conexão visual variam entre 44% e 82,60% do total de janelas. Destacam-se por estes resultados os edifícios da Primeira Escola e Casa do Professor no setor 1 (82,60%), a Casa Lahude (73,91%) no setor 2 e a Casa Prezzi (77,77%) no setor 3. No setor 4 da Vila Ferroviária, localiza-se a edificação com o menor valor entre as edificações selecionadas. Trata-se da edificação mais afastada

do centro urbano, com maior interferência da topografia e de vegetação em seu entorno. Estes resultados denotam alto índice de visualização das camadas de paisagem na maioria das edificações selecionadas e na maior parte de suas janelas.

Os resultados sobre as condições de observação foram comparados com as indicações sobre as janelas preferidas pelos habitantes da edificação, demarcadas nas plantas apresentadas no Quadro 4, Quadro 5 e Quadro 6. Estas janelas foram identificadas a partir das informações coletadas na análise de conteúdo do mapeamento cognitivo. Foram identificadas 67 citações em entrevistas, separadas por edificação. O diagrama da Figura 41 ilustra a magnitude de dados citados sobre cada edificação. Conjuntamente foram analisadas as 10 representações dos mapas mentais feitas pelos entrevistados.

Figura 41 - Imagem do diagrama de Sankey extraído da tabela código-documento resultante da análise de conteúdo sobre as janelas preferidas pelos habitantes.



Fonte: Do autor, extraídas do software Atlas.Ti versão 9.0.

Ao todo, os participantes mencionaram 42 janelas em suas preferências. Deste total, 29 estão avaliadas com alta conexão visual, 10 janelas com média conectividade e três janelas com conexão visual mínima. Esta análise indica a preleção dos habitantes por janelas que oferecem maior número de camadas na vista (janelas de nível alto). Seleções por níveis médios foram encontradas na Casa Lahude, Casa Miele, Fábrica de Alambiques, mas não foram escolhas exclusivas de seus habitantes. Já na Casa 2 da Estação, a preferência exclusiva por janelas de nível médio corresponde ao índice máximo oferecido no edifício. A preferência exclusiva por

janelas de nível mínimo foi detectada apenas no caso dos habitantes da Casa Prezzi, o que contrasta com o alto nível de conexão visual apresentado na maioria das janelas desta edificação.

5.2 Aspectos simbólicos

5.2.1 Resultado da análise dos elementos percebidos

Os elementos percebidos foram analisados a partir da imageabilidade das vistas das janelas para o grupo de habitantes. Foram identificados pela pregnância dos elementos naturais, construídos e das atividades humanas no mapeamento cognitivo. A pregnância foi medida pela recorrência, clareza e localização dos elementos citados e representados nos documentos (LYNCH, 1960).

Quadro 7 - Elementos percebidos

NATURAIS	CONSTRUÍDOS	ATIVIDADE HUMANAS
ELEMENTOS HÍDRICOS - Rio Taquari; - Arroio Marrecão. ELEMENTOS DA VEGETAÇÃO - A mata verde nos morros e a sazonalidade dos Plátanos; - As árvores no interior das quadras e a sazonalidade das espécies com flor (ipês); - A vegetação da praça central; - As barreiras vegetais na vista dos edifícios da Vila Ferroviária; ELEMENTOS DO RELEVO - A cadeia de morros que conforma o vale; ELEMENTOS DA FAUNA - Os pássaros nos fios de luz e nas árvores do centro urbano;	A TORRE (campanário) CASAS E PRÉDIOS HISTÓRICOS - Casas Lahude, Prezzi e Miele; - Prefeitura; - Proximidade e isolamento dos edifícios no setor da Vila Ferroviária EDIFÍCIOS CONTEMPORÂNEOS (conflitos) - O clube, a igreja e a casa de esquina. TELHADOS - A plasticidade dos telhados sobre a vista do vale - O escalonamento de altura dos edifícios no centro urbano; - A compatibilidade visual dos materiais das telhas; ESPAÇOS PÚBLICOS - A praça central; - A caixa d'agua (conflito); - O campo de futebol; - A proximidade entre rua e janela no centro urbano (alinhamento dos edifícios); - Jardins sem muros e gradis na Vila Ferroviária;	MOVIMENTO NA RUA - A 'vagareza' nos dias de semana; - O silêncio; - A curiosidade de quem vê e de quem passa; - O movimento nos finais de semana. MOVIMENTO NO RIO - A travessia de caícos e canoas; - Os treinos de canoagem; MOVIMENTO DO TREM - O trem de cargas; - O trenzinho Malaguari; - O som do apito. MOVIMENTO DO TRABALHO COM A TERRA - As lavouras na margem direita do Rio Taquari (o aspecto das culturas de soja, milho, trigo e cana); - A criação de gado e o potreiro nos morros ao sul;

Fonte: Do autor.

Para auxiliar na identificação dos elementos, foi utilizado o recurso da nuvem de palavras do software de análise, que revelou os elementos de maior recorrência em cada categoria. A pré-análise dos documentos codificou 276 ocorrências entre textos e imagens. Foram 102 ocorrências sobre elementos naturais, 106 ocorrências sobre elementos construídos e 68 ocorrências sobre as atividades humanas. O resultado da análise destes dados é apresentado no Quadro 7, contendo a lista dos elementos percebidos de maior pregnância para o grupo de habitantes.

A seguir são detalhados e discutidos os elementos percebidos em cada categoria para caracterização da imageabilidade das vistas do conjunto de edificações.

5.2.1.1 Os elementos naturais

Os elementos naturais de maior pregnância foram revelados pela nuvem de palavras da Figura 42. Em maior evidencia aparece o *rio*, seguido de *verde*, *morros* e os *pássaros*. As palavras *natureza* e *paisagem* apareceram mescladas à diversas citações sobre elementos naturais, muitas vezes utilizadas para expressar estes mesmos elementos em conjunto.

Figura 42 - Nuvem de palavras sobre os elementos naturais

Fonte: Do autor.

A palavra ***rio*** refere-se aos cursos d'água do Rio Taquari e do Arroio Marrecão. Conforme as citações do Quadro 8, o rio se faz presente nas visuais e também nos

sons percebidos através das janelas. O Rio Taquari, grande elemento natural que conforma a topografia do vale é visualizado em janelas direcionadas à sul e a oeste da Casa Lahude, Hotel Central, Casa Miele e da Casa 2 da Estação. Nas entrevistas aparece relacionado ao antigo porto, às enchentes, à travessia de balsas e canoas, à pesca e às plantações de soja, milho, trigo e cana ao longo do vale. Representações como do mapa mental da Figura 43 ilustram a relação de proximidade com o Rio Taquari e os cultivos na margem oposta (município de Muçum). O Arroio Marrecão, menos representado, é citado pelos sons das águas que chegam à Casa Prezzi, onde margeia os fundos do lote, à leste.

Quadro 8 - Citações sobre rio

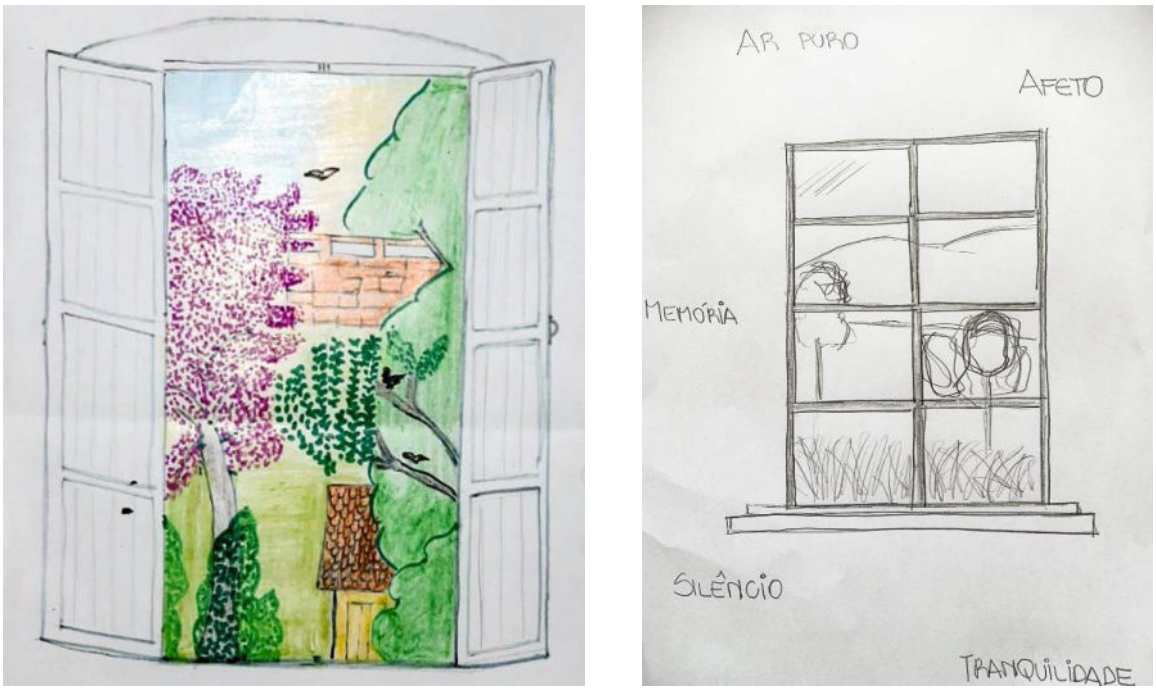
Documento	**Citação**
D2:11 - Casa 2 da Estação	Vejo o rio e a estrada. Do rio uma pequena parte sim. Sinto tranquilidade, a natureza.
D3:11 - Casa 2 da Estação	[...] preferida antes eu gostava dessa, porque antes tu enxergava bem o rio. Tinha antes a balsa que passava. É, daí agora as plantas cresceram, daí não tem como cortar. Daí a gente deixou. Mas eu gostava muito dessa parte, olhava pra baixo, enxergava a balsa passar, o rio.
D5:10 - Casa Lahude	É assim, tu olha pro lado tem a praça, do outro tem rio, que me chama bastante atenção. Você enxerga quase todos os lados. Tá bem na parte alta. Quando alaga tu enxerga tudo, é como uma ilha [...]Antigamente, mas nós não vimos, tinha o barco a vapor. Vinha de Porto Alegre e descarregava coisas aqui [...] Ali embaixo do rio tem ainda onde era o porto.
D5:16 – Casa Lahude	Se eu vou olhar é lá olhar no sentido do rio ali. Quando eu quero alguma coisa é lá de cima. Vai lá pra aquele lado olhar. Porque assim, eu dou uma olhada no rio, coisa assim. E é bacana ali. Tem a vista que tu enxerga do outro lado do rio, as plantações.
D5:35 – Casa Lahude	Seria aquela lá, como é mais alto, tu enxerga mais longe [...] Dá pra enxergar até a curva do rio que faz o contorno lá.
D6:18 Casa Miele	Quando eu estou fora sinto saudade do rio. Consigo ouvir às vezes à noite. Mas não é só ouvir, é tu saber que ele está ali. Hoje ele está fantástico, transparente, lindo. Então tu ter essa proximidade com a natureza, eu acho impagável.
D8:41 - Hotel Central	Tem uma daqui pra baixo que tu vê também vê todo o vale do rio, sabe, que eu acho também que é muito bonita, então não tem muito o que escolher, cada casa tem sua particularidade.
D8:52 - Hotel Central	A geografia daqui também é uma pegada bem legal [...] tipo por exemplo, o rio em formato de S, isso é uma coisa muito legal. Você já parou pra pensar como que a natureza foi botar um rio em formato de S na cidade com nome com S.
D9:10 – Hotel Central	A suíte Tannat. A última do lado direito. E aquela é minha preferida inclusive. A janela que dá para o rio e para Casa Miele.
D9:25 – Hotel Central	Eu acho que ela reúne, resume mais o que é Santa Tereza. Porque aí tu consegue ver o rio, consegue ver a vila, consegue ver a natureza, não é? Então ela resume bastante de Santa Tereza. Resume com flores, resume com flor.
D16:17 - Casa Prezzi	Bom, a localização é magnífica pois está no centro urbano histórico, dá pra escutar o som do rio, pois quando vou dormir todas as noites tem uma orquestra gratuita da cachoeira aos fundos [...].

Fonte: Do autor.

Figura 43 - Mapa mental na Casa 2 da Estação representando o Rio Taquari

Fonte: Do autor.

Figura 44 – Representações sobre o verde - (a) Ipê florido sobre janela da Prefeitura; (b) Morros e árvores associados ao ar puro sobre janela da Casa do Professor.



(a) (b)

Fonte: Do autor.

A palavra ***verde***, assim como *natureza,* aparece diretamente relacionada à abundante vegetação que recobre os morros na área de entorno do núcleo urbano, conforme Quadro 9. Também aparece relacionada à vegetação no interior das quadras e na praça central. O verde é constantemente associado a sensação de ar puro sobre o lugar. As mudanças na vegetação são percebidas ao longo do dia e do ano pelos habitantes, demarcando a passagem do tempo na paisagem, como a citação de mudança de cor dos plátanos sobre os morros e a representação do ipê roxo florido. Em algumas edificações da área urbana, a vegetação aparece citada como bloqueio da vista, como ocorre em janelas no setor 4, Vila Ferroviária. Algumas espécies são percebidas com estranheza, como os eucaliptos avistados da Prefeitura.

Quadro 9 - Citações sobre o verde e a natureza

Documento	**Citação**
D1:12 – Casa 1 da Vila	Vinte anos atrás não, vinte anos atrás a gente enxergava tudo. Agora é só mato.
D1:14 – Casa 1 da Vila	Não, porque não dá pra cortar, porque 23 anos atrás quando tinha Rodeio ali a gente não precisava ir lá. Dava pra ver daqui.
D3:20 – Casa 2 da Estação	A paisagem fora é muito bom. O verde né. Eu me sinto muito bem. O verde, adoro vê-lo, então. Gosto de estar em volta da natureza.
D3:28 – Casa 2 da Estação	Agora, aqui não tem nada assim de construção, não sei nem o que dizer. Mais é a natureza, é o verde mesmo, né [...] de construção, de prédio, coisas assim não tem nada, é só mesmo a natureza.
D4:17 – Casa do Professor	Pela vista seria a dos fundos, do segundo pavimento. A janela do meio. Porque dá pra ver a paisagem natural da cidade.
D6:9 – Casa Miele	Adoro. Adoro acordar, abrir a janela e ver todo esse verde maravilhoso.
D15:15 – Casa Miele	O verde, o morro [...] Eu abro e fico contemplando.
D7:20 – Fabrica de Alambiques	O verde pra mim é tudo igual. O verde pra mim é onde a gente respira um ar puro. Poluição aqui não tem.
D8:24 – Hotel Central	Acho que no outono, é porque tem muito plátano também. Aí fica colorida. É a mudança de cor da paisagem verde [...] Mas não da vista próxima aqui da casa, mas quando tu olha os arredores se enxerga tipo, se tu olha prá lá tu já vê.
D8:27 – Hotel Central	É que na verdade tudo é mato, então, não tem como ter um lado obscuro no mato, assim.
D11:31 - Prefeitura	Aqui embaixo eu, também, os pássaros e na época da primavera o Ipê. Eu já cheguei a estar sentada na cadeira pegar o celular e fotografar a janela [...] cheguei a pegar aquela plantinha com aquele ipê lá, ficou a coisa mais linda.
D14:54 - Prefeitura	Enxergando daqui [...] talvez aquele eucalipto lá, que talvez esteja um pouco fora do contexto.
D16:12 – Casa Prezzi	[...] o que tem de fantástico aqui em Santa Teresa é esse verde que tem ao redor e com horários que tem paisagens completamente diferentes nas estações [...].
D28:12 – Casa Piccinini	A visão da praça, todo esse verde.

Fonte: Do autor.

Os ***morros***, aparecem relacionados ao *vale* e ao *verde* da vegetação. São percebidos de forma mais clara a partir dos edifícios do centro urbano. Este elemento é destacado pelos habitantes do setor 1, 2 e 3, nas janelas direcionadas a sul (Figura 45) e a oeste. Como pano de fundo, são associados a outros elementos como a torre, prédios históricos e telhados (Quadro 10). No setor da Vila Ferroviária, os morros receberam poucas menções dos habitantes, sendo representados em um único mapa mental na Casa 2 da Estação. A falta de pregnância, neste caso, pode estar vinculada às condições de visualização destas janelas, limitadas pela topografia e pelo bloqueio da vegetação.

Figura 45 - Vista dos morros em janela da Casa Miele.

Fonte: Do autor.

Os ***pássaros*** são elementos da fauna recorrentes na percepção dos habitantes, corroborando com os registros fotográficos do levantamento de campo (Figura 46). São citados tanto pela sua imagem na fiação dos postes de luz e nas árvores, como pelos sons percebidos. Aparecem associados à atmosfera tranquila e silenciosa do lugar, conforme Quadro 11. Assim como a vegetação, demarcam a passagem do tempo pela sazonalidade das espécies durante o ano. Na Casa 2 da

estação, é citada a presença de tucanos no período da primavera, em busca de alimento no entorno da casa.

Quadro 10 - Citações sobre os morros

Documento	Citação
D6:11 – Casa Miele	Todas. Porque do meu quarto a gente abre e vê o vale do lado de lá (oeste) [...]
D7:17 – Fabrica de Alambiques	Porque se tu vai ver todas elas eu gosto. Abre uma tu tem vista, abre outra tem vista também [...] Olhando para o lado de lá (sul) tu tem os morros, paisagem.
D8:27 – Hotel Central	Eu acho que tu olhando para morros e olhando para edifícios históricos, acho que é um sentimento bom.
D8:41 – Hotel Central	Tem uma daqui pra baixo (sul) que tu vê também todo o vale do Rio, que eu acho também que é muito bonita [...]
D10:22 – Hotel Central	A emolduração dela. [...] Então eu consigo ver a torre e os morros e um pouquinho da parte urbana da cidade, é o que eu gosto [...]
D10:27 – Hotel Central	Essa aqui também tem a vista que eu vejo essa casa de madeira aqui, que é bem linda, eu consigo ver a prefeitura, eu vejo o morro assim por todo vale que eu acho sensacional.
D13:21 – Prefeitura	Eu gosto muito de olhar o nosso redor sabe, a paisagem, a natureza, os morros e o rio assim.
D14:17 – Prefeitura	Ficava voltado pro sul [...] duas janelas grandes, e eu enxergava aquele morro de Santa Tecla né, e que é muito bacana de ver isso né... Bah, chega dá um tempo, ir tomar uma água, olhar. Tem que mexer, tem que exercitar teus olhos né.
D14:30 – Prefeitura	[..] os telhados e os morros, porque eles formam uma configuração única né, com vistas que tu vê né.
D15:13 – Casa Miele	Na verdade tem uma que não se abre que é a do corredor. Ela tem só um vidro. Eu adoro. De manhã toda vez que eu acordo, bah! Eu me deparo com o morro ali, que é um quadro bonito de se observar todos os dias.
D16:25 – Casa Prezzi	[...] a casa da (esquina) é muito belo também, porém a parte nova [...] é um horror, ainda bem que ainda dá pra olhar o morro lá em cima da família da linha Santa Tecla, aquilo é extraordinário [...].

Fonte: Do autor.

Quadro 11 - Citações sobre os pássaros

Documento	Citação
D3:24 – Casa 2 da Estação	Eu acho que os passarinhos, quando vem nas plantas, e tá na época que essa planta aí dá uma flor, dá uma sementinha. Daí os passarinhos, vem até os tucanos [...] quando começa a esquentar, acho que no mês de setembro em diante, que tem época de amora também.
D4:13 – Casa do Professor	[...] da tranquilidade que transmite ficar olhando de dentro para fora, a paz da cidade e o bem estar (ar puro, natureza, calmaria, sons de passarinho, mix de sentidos) que reside aí.
D6:27 – Casa Miele	Mas eu acho que se não tivéssemos esses fios, ia ser mais encantador ainda. Até as vezes a gente abre a janela, tá cheio de passarinho. Normalmente tá cheio de passarinho.
D11:10 – Prefeitura	Claro, primavera. É lindo, sem contar que tu vê que os pássaros vem pras árvores grandes, que nem ali, tu enxerga isso. E os pássaros cantam e eles vivem naquela planta então não tem como não gostar né, é natureza.
D11:42 – Prefeitura	Pro fundo do lote então não tem muito movimento, talvez deve ser por isso que os pássaros devem gostar de ficar ali.
D14:37 – Prefeitura	Eu me sinto privilegiado. Muitas pessoas que vem aqui elogiam. Tem pessoas que nunca vieram e vem aqui olhar e falam bah tem pássaro, muitas pessoas.
D16:12 – Casa Prezzi	[...] não só em paisagem mas também e sonoridade, cada estação do ano tem pássaros diferentes [...]
D16:45 – Casa Prezzi	[...]a parreira que acompanha é linda e as vezes os elementos que estão na parreira como um pássaro ou uma abelha [...]

Fonte: Do autor.

Figura 46 - Pássaros no levantamento fotográfico das janelas. (a) Antiga Fábrica de Alambiques e (b) Casa Miele.

(a) (b)

Fonte: Do autor.

5.2.1.2 Os elementos construídos

A nuvem de palavras da Figura 47 revela os elementos construídos de maior pregnância para o grupo de habitantes. *Casa*, *torre*, *prédio* e *telhados* aparecem em maior evidencia, seguidos de palavras como *igreja*, *clube*, *prefeitura*, *praça* e *campo*. Para descrição, os elementos foram apresentados da seguinte forma: torre, casas e prédios, telhados e espaços públicos.

Figura 47 - Nuvem de palavras sobre os elementos construídos

Fonte: Do autor.

A ***torre*** campanário da igreja, marco referencial da área de tombamento, é elemento presente mesmo em janelas mais afastadas do centro urbano, como na Casa 1 da Vila Ferroviária (Quadro 12). É claramente reconhecida como ponto turístico e símbolo da cidade pela maioria dos habitantes. Recebe destaque nas preferências de janela de habitantes da Casa Picinini, Casa Prezzi, Hotel Central e Prefeitura. O efeito compositivo da torre com as edificações históricas e os morros é especialmente citado e representado em janelas do Hotel Central (Figura 48) e do sótão da Prefeitura, na direção norte. Na Casa Picinini, a relação visual entre a torre e as janelas do edifício também é destacada pelos habitantes.

As referências à ***casas*** **e** ***prédios*** são diversas no mapeamento cognitivo (Quadro 13). Os edifícios históricos tombados são revelados com maior frequência dentro dos setores 2 e 3. As casas Prezzi, Lahude, Miele e a Prefeitura são os elementos mais representados. A Casa Prezzi recebe destaque pela riqueza dos detalhes arquitetônicos, como o balcão em ferro. Na Casa Miele, os lambrequins que arrematam o beiral chamam a atenção dos habitantes vizinhos. O edifício da Prefeitura é referenciado pela beleza. As obstruções da vista causadas pelos edifícios históricos são bem recebidas pelos habitantes, como é o caso de janelas na Casa Miele e Casa Prezzi.

Quadro 12 - Citações sobre a torre

Documento	Citação
D1:29 – Casa 1 da Vila Fer.	O centro da cidade se enxergava um pouco mais, agora só se enxerga a torre né, por causa das árvores que cresceram ali.
D8:17 – Hotel Central	E eu gostei, porque particularmente eu gostei mais daquela lá de cima, porque pegava mais o centro histórico, pegou a torre da igreja, um pouco o hospital, achei bem legal.
D10:12 – Hotel Central	Eu gosto muito dessa aqui, que dá vista pra torre. No segundo andar do corredor.
D10:21 – Hotel Central	A paisagem, a torre que ela, a torre fica à direita. Então eu consigo ver a torre e os morros e um pouquinho da parte urbana da cidade [...]
D12:21 – Prefeitura	A do *** ali, aquela do lado da rua [...] Acho que essa aí dá pra ver um pouco da torre ali.
D13:26 – Prefeitura	Dos que eu consigo ver é a Casa Prezzi. E o maior símbolo nosso, que é a torre [...] o símbolo maior nosso é a torre, não tem... Olhando por aqui, não vejo total. Quando dá pra olhar torre a gente olha, é o maior símbolo nosso.
D14:18 – Prefeitura	Eu gosto muito de uma janela também, as vezes vou no sótão lá, uma pequenininha lá que eu gosto, que olha a torre antiga.
D15:24 – Casa Miele	Eu adoro mais os elementos naturais. Mas não significa que eu não observe muito as coisas construídas. A torre.
D16:7 – Casa Prezzi	[...] me identifico por exemplo com essa torre veneziana, algo que é muito meu [...]
D28:13 – Casa Picinini	A torre. A vista da torre que foi feita pelo mesmo engenheiro, o Cremonese. É bem importante a relação da torre com a casa.

Fonte: Do autor.

Figura 48 - Mapa mental representando a torre (a) e fotografia da janela (b) a partir do Hotel Central

(a) (b)

Fonte: Do autor.

Prédios contemporâneos também são mencionadas por habitantes do centro urbano. São citadas tanto no entorno da Casa do Professor, setor 1, como por edificações do setor 3. Alguns elementos foram citados com valor negativo, como a *casa de esquina* e a *igreja* citados a partir das janelas da Casa Prezzi, e o prédio do *clube* citado sobre janelas do Hotel Central, Casa Miele e Prefeitura (Figura 49).

Figura 49 - Prédios contemporâneos - (a) Casa de esquina e (b) clube.

(a)

(b)

Fonte: Do autor.

No setor 4, são encontradas poucas referências à edifícios. Isto se confirma nas fotografias do levantamento de campo. Na Casa 2 da Estação, é citado apenas elementos distantes, como a casa amarela de telhado quatro águas, na margem oposta do rio, já no município de Muçum. Na Casa 1 da Vila, a citação sobre a janela da cozinha mostra a proximidade entre as casas do conjunto.

Os ***telhados*** recebem particular importância para os habitantes do centro histórico. A visualização dos telhados é favorecida pela topografia que escalona a altura dos edifícios, tornando esse elemento constante nas vistas. Citações positivas estão associadas à janelas mais altas, direcionadas para o sul, no segundo pavimento

do Hotel Central e Prefeitura, onde é exaltada a plasticidade da composição dos diversos telhados com os morros. No entanto, a forma e os materiais de certas coberturas tem impacto negativo em alguns casos, como é citado a partir de janelas da Prefeitura e da Casa Prezzi.

Quadro 13 - Citações sobre casas e prédios

Documento	Citação
D1:10 – Casa 1 da Vila Ferr.	Sim. Porque por exemplo, essa da cozinha, eu abro, aí e a casa da minha filha. Eu sei que ela está em casa ou acordada porque daí a janela do quarto dela fica aberta e quando tá fechada não tem ninguém em casa.
D2:16 – Casa 2 da Estação	Aquela casa amarela que dá pra ver. Acho bonita [...] Eles produzem soja.
D3:27 – Casa 2 da Estação	Agora, aqui não tem nada assim de construção, não sei nem o que dizer. Mais é natureza, é mais verde mesmo, né.
D4:20 – Casa do Professor	As construções da vista desta janela predomina mais as contemporâneas.
D6:24 – Casa Miele	[...] aqui não tem tantos edifícios, não tem aquela construção mais contemporânea. São todas casas tombadas e antigas. Então, pra mim, elas fazem parte, assim como a natureza.
D7:9 – Fabrica de Alambiques	Mais bonito seria ali onde é a prefeitura, aquela vista.
D8:35 – Hotel Central	Essa casa aqui na frente também é muito bonita. Eu achei que tipo, ficou legal. Pegou a Casa Prezzi, a Lahude que é esquina sabe, são duas casas muito bonitas.
D8:46 – Hotel Central	A torre e as 2 casas de esquina, sabe, a arquitetura delas é muito bonita. A forma como eles faziam as portas, tudo trabalhadas e toda aquela coisa sabe, que as casas antigas que hoje em dia não tem mais, nem na arquitetura moderna, então tipo detalhes. Ali na Casa Prezzi, aquela sacadinha toda de ferro, todo trabalhado é muito bonitinha.
D9:11 – Hotel Central	[...] é minha preferida, inclusive. A janela que dá para o Rio e para essa casa (Casa Miele).
D10:33 – Hotel Central	No momento que você deita na cama, que você pode ver no vale e o pôr do sol. No entanto você vê o clube. Porque eu estou doida pra colocar o muro verde ali bem alto, sabe?
D13:25 – Prefeitura	Dos que eu consigo ver é a Casa Prezzi. [...] Falando em casa né, mas o símbolo maior nosso é a torre.
D14:30 – Prefeitura	[...] o clube, aquele prédio me atrapalha [...] tem coisas que pode melhorar, é o como ele se apresenta hoje né, difícil de mudar de idéia.
D14:52 – Prefeitura	[...] pra te falar a verdade, é o clube tá, esse prédio aí que eu nunca... Me dói os olhos ver né... Questões estéticas.
D15:28 – Casa Miele	[...] aqui dá pra essa construção do lado (prefeitura), mas ao contrário, isso é um elemento físico que me remente a uma época. Sentiria falta se não tivesse.
D15:28 – Casa Miele	Atrás, até o clube, que esteticamente é feio. Olha, não é ruim porque eu me criei nesse lugar, nesse clube, vi construir. Mas eu diria assim, seria um elemento que, se não tivesse, não ia fazer falta.
D16:9 – Casa Prezzi	[...] já aquela outra casa, que tá lá na esquina onde tinha uma casa de madeira, aquela casa eu finjo que não enxergo, que nem a igreja, minha nonna por exemplo nunca mais entrou na igreja nova, e eu também não entro [...]
D16:27 – Casa Prezzi	[...] eu gosto muito pois tem a janela com as grades de ferro que são muito belo, ela dá insolação pela manhã e no final da tarde completamente quase na horizontal, então a luz bate nas pedras aqui da casa que é a parte mais antiga que foi feita com esterco e feno [...] essa pra mim é a paisagem que tem mais na minha mente [...]
D17:32 – Casa Prezzi	Tem essa casa na esquina (Lahude), a Prefeitura eu acho bem bonito, a biblioteca também lá, a que eu mais enxergo é essa aqui da esquina, quando eu desço ali a gente tem a visão da Prefeitura que é bem bonita.

Fonte: Do autor.

Quadro 14 - Citações sobre os telhados

Documento	Citação
D9:16 – Hotel Central	Se consegue ver o telhado das casas, consegue ver natureza, o rio. Esta conexão é o que faz, digamos assim, esse diferencial sabe.
D10:24 – Hotel Central	[...] é o que eu gosto, porque ela tá no alto, então eu vejo os telhados.
D11:38 – Prefeitura	A casa do lado, aquela casa de madeira que tem, eu observo muito aqueles detalhezinhos que ela tem, não sei se tu chegou a observar aqueles detalhezinhos do telhado, e hoje as construções não tem mais isso né. E isso remete muito aos meus antepassados, porque a casa da minha avó tinha esses detalhes.
D14:30 – Prefeitura	Acho que são os telhados que eu vejo né, os telhados e os morros, porque eles formam uma configuração única com as vistas que tu vê né.
D14:33 – Prefeitura	[...] por causa daquele prédio lá, o clube, aquele prédio me atrapalha, aquele telhado lá é uma coisa assim.
D14:39 – Prefeitura	Aquela configuração dos telhados me chama atenção, porque forma tipo assim um network, aí tu vai pensando e olhando eles né, não tudo certinho, junta um com o outro [...] Eu gosto dessa história.
D16:23 – Casa Prezzi	[...] a casa do Finato é muito belo porém a parte nova entre as duas casa com aquelas telhas de fibrocimento é um horror [...]

Fonte: Do autor.

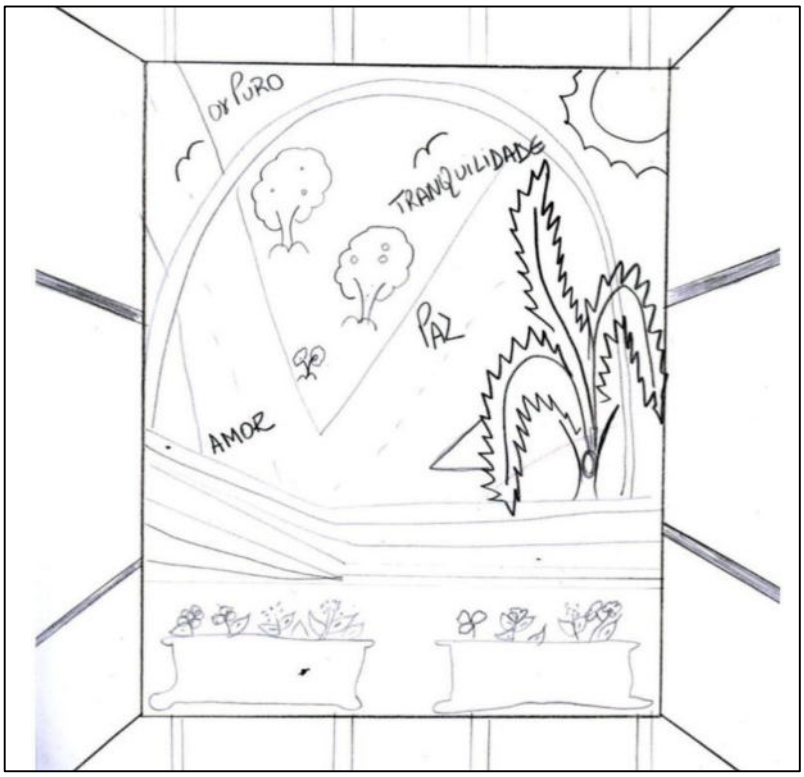
Figura 50 - Telhados sobre a vista de janela da prefeitura.

Fonte: Do autor.

Os ***espaços públicos*** foram citados e representados pelos elementos *praça*, *campo* de futebol e *rua*, conforme Quadro 15 e Figura 51. A praça e o campo surgem relacionados à vegetação verde, ao colorido dos ipês e as crianças em atividade esportiva. Na praça, a caixa d'água tem impacto negativo para habitantes da Casa Picinini, devido a obstrução que causa na visualização do campanário. Na Casa do Professor e Casa Miele, a proximidade da rua com as janelas é destacada como ponto

positivo, pois propicia uma relação mais íntima com a cidade. A implantação das casas no alinhamento é uma característica dos edifícios do centro histórico. Nas casas da Vila Ferroviária, o recuo de jardim, sem muros ou gradis, permite que os habitantes visualizem a rua.

Figura 51 - Mapa mental representando a praça central a partir de janelas da Casa Picinini.



Fonte: Do autor.

Quadro 15 - Citações sobre os espaços públicos

Documento	**Citação**
D1:33 – Casa 1 da Vila Fer.	Eu abro a janela do quarto e vejo a rua, a grama. Anos atrás eu tinha ali os enfeites, aí tinha o 7 anões, a Branca de Neve, tinha a Bruxa [...] mas eu notei depois de um par de dias que tinha sumido [...] Levaram embora. Aí eu disse depois, perdi o interesse.
D4:22 – Casa do Professor	Porque ela dá direto ali na rua, acho que cria uma proximidade do morador com a cidade.
D5:33 – Casa Lahude	É um lugar bom. Porque tá em frente à praça, tem a igreja, a praça.
D6:22 – Casa Miele	Eu adoro deixá-las abertas. À noite me deito e deixo a janela aberta só pra ficar olhando para rua.
D11:10 – Prefeitura	Ainda mais a minha, a janela lá onde eu trabalho, dá de frente para o campo ali né, e lá tem várias plantas de ipê, então na época que eles florescem a paisagem é coisa de outro mundo.
D12:33 – Prefeitura	Mas aqui eu vejo as vezes os meninos fazendo atividades esportivas ali no campo de futebol.
D 28:13 – Casa Picinini	A visão da praça, todo esse verde.
D 28:20 – Casa Picinini	Tem a caixa d'agua que atrapalha (a vista da torre). Sou contra essa caixa d'água neste lugar.

Fonte: Do autor.

5.2.1.3 Os elementos das atividades humanas

Os elementos de maior pregnância sobre as atividades humanas, revelados na nuvem de palavras da

Figura 52, foram *pessoas, carros, trem, semana, soja, apito, tranquilo e trigo*. A análise de conteúdo permitiu agrupar estes elementos da seguinte forma: movimento na rua, movimento no rio, o movimento do trem, o movimento do trabalho com a terra.

Figura 52 - Nuvem de palavras sobre as atividade humanas

Fonte: Do autor.

O ***movimento na rua*** inclui a percepção de *pessoas* e *carros* nas vistas das janelas. Foi citado como *tranquilo* durante os dias da semana. A circulação de pedestres é destacada pelos habitantes do centro urbano, em situações de deslocamento para o trabalho, conversas, fazendo exercício, limpando a rua e cultivando hortas (Quadro 16). A circulação de carros e caminhões é citada por habitantes na Casa 1 da Vila Ferroviária e na Fábrica de Alambiques, localizadas em cruzamentos importantes de acesso à área central. O silêncio, a *vagareza*, e a curiosidade sobre a vida alheia foram aspectos destacados sobre esta atividade, conforme citações do Quadro 17.

Nos finais de semana, o movimento na rua aumenta com a chegada de turistas e visitantes. Grupos de ciclistas e motoqueiros são citados na área central por habitantes da Prefeitura e Casa Prezzi. Na Casa 2 da Estação, os habitantes

percebem o fluxo maior de veículos na estrada em função dos visitantes à parentes no interior da cidade.

Quadro 16 - Citações sobre o movimento na rua – parte 1.

Documento	Citação
D1:32 – Casa 1 da Vila Fer.	Vemos carro né, carro aí. É a entrada principal aqui, tem movimento. Há, tem de tudo um pouquinho né? Às vezes até uma briguinha (risadas).
D2: 21 – Casa 2 da Estação	Do outro (lado) passa carro pela estrada. [...] No fim de semana é movimentado.
D3:29 – Casa 2 da Estação	A estrada, aí não tem muito mais, seria isso. No fim de semana, nossa. Tem muito movimento. Bastante carro de passeio porque tem bastante parente de Bento, mora aqui pra baixo numa comunidade Campinhos, daí vem bastante carro.
D4:9 – Casa do professor	Elas são mais especiais ao amanhecer, que é quando o pessoal começa a sair na rua e vão se encaminhando para suas tarefas do dia.
D4:21 – Casa do professor	Pessoas caminhando, fazendo exercícios, para se encaminhar para suas tarefas do dia a dia, noninhas conversando, crianças brincando.
D5:30 – Casa Lahude	Ah é tranquilo. Vai enxergar pessoas, mas caminhando. Carros vai ter pouco aqui. Geralmente vem os amigos aqui, a gente fica papeando.
D6:15 – Casa Miele	Aí, é isso aí né. Dá pra ti contar quantas pessoas, quantos carros passam, que eu acho isso espetacular. Mas entretanto as poucas que passam, tu interage, todo mundo é muito caloroso, muito amigo. Então, às vezes eu sento nessa escada, fico tomando café, comendo grostoli final de tarde, e aí passa um e conversa e passa outro. Pra mim isso não tem. É impagável.
D7:22 – Fábrica de Alambiques	Ali tem um pouco de tudo. Mas seria mais movimento de automóvel, caminhão. Porque pessoas tem pouca. Todo mundo trabalha o movimento tem pouco. Os carros continuam o dia todo andando pela cidade. Passa mais carro do que na praça.
D8:54 – Hotel Central	Na maioria das vezes não enxergo nada. Tipo 6, 6 e pouco da manhã, tu não enxerga ninguém na rua.
D8:55 – Hotel Central	A, olhando da cozinha também passa carro e não tem muito movimento de pessoas. Então acho que é mais no horário do trabalho, das 7:30 e da 1h30 até umas 6h no máximo, aí tem bastante movimento porque tá todo mundo trabalhando, e tem carros e afins. E no fim de semana tem gente conhecendo.
D8:57 – Hotel Central	Outra coisa são as placas na frente da casa, que conta um pouco da história e muita gente para pra ler. [...] as vezes tu tá em algum lugar, tu vê vultos, pessoas passando. Às vezes, muita gente para pra ver o que é ou entra pra ver o que é. Então, né, curiosidade das pessoas é uma coisa bem interessante, tu não tá querendo prestar atenção na pessoa, mas a curiosidade dela chama a atenção.
D14:49 – Prefeitura	Olha, eu já vi cachorro, tu vê carro, tu vê caminhão passando, tu vê o pessoal. [...] Cavalo, pessoal andando a cavalo, já tive [...] Bicicleta, vejo um monte de gente andando de bicicleta. As vezes eles vem em grupo, em bando né. Eles param aqui na esquina aqui, geralmente. É bom, eu gosto, tem que ter vida né.
D15:17 – Casa Miele	Também eu gosto de ver as pessoas saindo das casas. Vindo pra atividade. Eu gosto de observar o que elas estão fazendo, é muito importante, acho isso bacana. É um lugar onde eu observo o cotidiano da cidade, da janela.
D15:25 – Casa Miele	Assim, desde o cara limpando a rua, até as pessoas indo trabalhar. Aqui elas se deslocam para o trabalho, vão à pé. Elas se encontram nas conversas. Eu observo as pessoas trabalhando nas hortas. É bom.
D17:33 – Casa Prezzi	O movimento aqui em dia de semana é tranquilo, agora em fim de semana tá ficando movimentado por causa de turista que vem até o Vale dos Vinhedos e vem aqui, agora botaram aqui o (nome) restaurante, tem bastante gente que tá pousando ali, então fica mais movimentado em fim de semana, até ciclistas e motoqueiros seguido eles fazem esse giro aqui.
D28:23 – Casa Picinini	É tranquilo, pouco movimento. Mais aqui próximo à câmara. Nos finais de semana tem gente na praça passeando, indo à igreja.

Fonte: Do autor.

Quadro 17 - Citações sobre o movimento de rua – parte 2.

Documento	Citação
D1:23 – Casa 1 da Vila Fer.	Há de noite, quando é assim que tá em silencio aí, me acalma.
D8:56 – Hotel Central	Cara, quando que passa gente, ou elas ficam olhando pra casa, ou tu pega as senhoras aqui de Santa Tereza elas ficam olhando o que você tá fazendo, mas isso a gente releva. Como todo mundo conhece todo mundo, todo mundo sabe da vida de todo mundo.
D15:17 – Casa Miele	A vagareza. É outro ritmo. A forma como as pessoa param, como elas conversam, como elas se relacionam, é muito diferente.
D15:25 – Casa Miele	A velocidade é bem *slow motion*.
D16:13 – Casa Prezzi	[...] como não tem fluxo de transito dá pra escutar as pessoas trabalhando, horários de silencio magnífico, das 11 e meia até a 1h, e não os finais de semana quando vem a neurose da cidade e os bumbum dos carros automotivos, tu tens as noites e as madrugadas de um silencio, tu escuta cães, os gatos, as vaquinhas, escuta o cavalo, o burro, os pássaros noturnos, consegue identificar uma sonoridade complementar a imagem que é a qualidade do lugar, sem uma urbanização excessiva que reproduz o modelo urbano.

Fonte: Do autor.

Figura 53 - Mapa mental sobre o movimento de caícos no Rio Taquari.

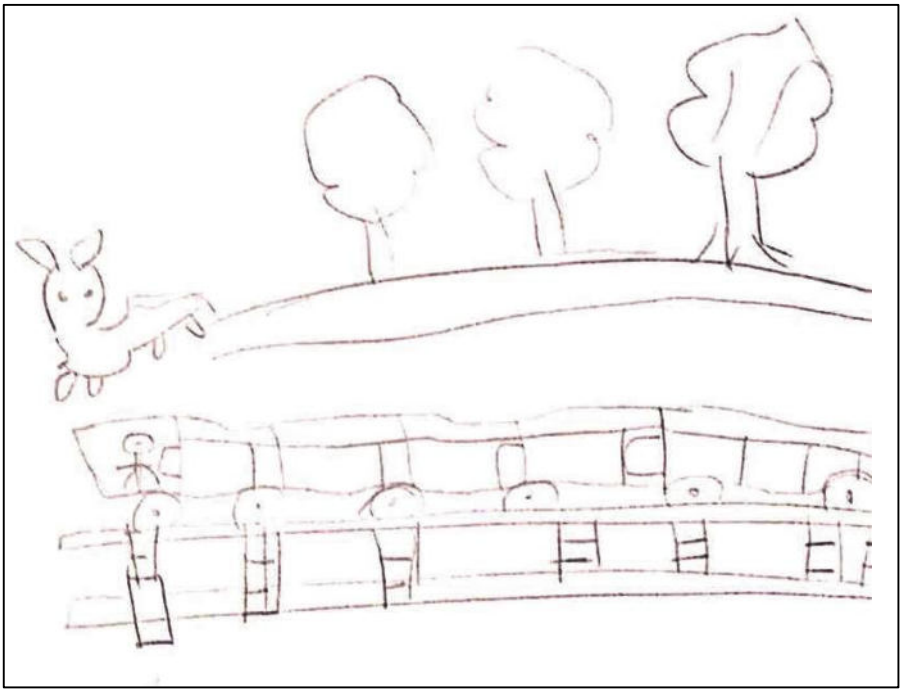
Fonte: Do autor

O ***movimento no rio*** foi destacado por habitantes da Casa 2 da Estação. Uma vez que a janela da sala permite a visualização do Rio Taquari, os habitantes representaram o movimento de caícos e canoas durante a semana (Figura 53). Estas pequenas embarcações são utilizadas na travessia de pessoas entre as margens, já

que a balsa foi desativada há três anos. Treinamentos de canoagem são citados pelos habitantes cerca de três vezes por semana, no trecho de rio próximo à casa.

O ***movimento do trem*** foi citado e representado com detalhes pelos habitantes da Casa 2 da Estação, localizada ao lado da linha férrea. Este movimento é citado como ‘pouco’ (três a quatro vezes ao dia) com períodos de maior frequência nos meses de maio e abril, época da safra de grãos como a soja. A passagem do pequeno trem de funcionários, chamado de *Malaguari*, é mais frequente. O trem de cargas também é visualizado em janelas da Prefeitura, voltadas à leste, junto aos morros, quando o apito rompe o silêncio do centro urbano. O som do apito foi citado positivamente pelos habitantes da Casa Miele e da Casa Prezzi, como um elemento importante e gratuito sobre as janelas dos edifícios.

Figura 54 - Mapa mental sobre o movimento do trem em janelas da Casa 2 da Estação.



Fonte: Do autor.

O ***movimento do trabalho com a terra*** considerou as atividades humanas sobre as *lavouras e criação de gado,* mencionadas em janelas da Casa 2 da Vila Ferroviária e da Casa Lahude. As lavouras que costeiam a margem direita do Rio Taquari, no município de Muçum, são citadas pela produção de soja, trigo, milho e cana. A sazonalidade das culturas e as mudanças de cor e textura são citadas na alternância do verde para o amarelo da soja e as ondas do vento sobre a plantação

de trigo. Nas janelas mais altas da Casa Lahude, foram mencionados os potreiros com criação de gado, visualizados nos morros ao sul.

Quadro 18 - Citações sobre o movimento do trem

Documento	Citação
D2:21 – Casa 2 da Estação	De um lado passa trem (leste). Do outro passa carro pela estrada (oeste). [...] O trem é pouco.
D3:19 – Casa 2 da Estação	Sei lá, tem épocas tipo quando é época de safra, daí passa mais seguido o trem. Época de colheita de soja e ou trigo, daí passa mais o trem. Daí, tipo eu vou na janela do quarto e fico olhando. É uma época que passa mais seguido o trem. É de agora em diante, mais em abril e maio, que é a safra da soja que eles passam mais seguido.
D3:29 – Casa 2 da Estação	Não tem outra coisa assim, a não ser o trem, tipo de cima. [...] O trem assim não tem horário certo pra passar. As vezes passa uma vez, as vezes 2, 3. Mas pelo menos uma vez por dia. Isso sim.
D3:30 – Casa 2 da Estação	Tem o trenzinho pequeninho Malaguari, que é pequenininho, do pessoal que trabalha. Daí leva os funcionários dessa área, passa aqui seguido. Aquele do barulho mais forte o trem mesmo, aquele da máquina bem grande.
D14:35 – Prefeitura	Eu aqui, tem um fato assim, que eu gosto dessa janela aqui porque eu consigo ver o trem passar também. Passa o trem e eu consigo enxergar ele por aqui, não tão bem mas eu enxergo. [...] Eu gosto do apito do trem né, as vezes eu olho assim e vejo ele lá no morro lá né. A gente está longe do mundo né então tem umas coisas que tu presta atenção, que passam assim e tu olha né. Porque eu estou aqui e não tem um barulhinho, as vezes não tem ninguém passando na rua, aí tu escuta o apito do trem.
D15:16 – Casa Miele	Eu gosto de ouvir o apito do trem. Embora eu não enxergue ele, mas pela janela eu ouço e vejo ele de uma forma. Sempre que apita o trem, eu acordo de madrugada. O apito do trem para mim é muito importante. O dia que não tiver mais o apito do trem vou sentir falta.
D16:29 – Casa Prezzi	[...] o trem que passa nos trilhos ali que é 4 vezes por dia, a gente sabe o movimento do trem que passa, então são coisas gratuitas.

Fonte: Do autor.

Quadro 19 - Citações sobre o movimento do trabalho na terra

Documento	Citação
D2:19 – Casa 2 da Estação	Muda, como eu falei... uma vez planta soja, outa vez não tem. As vezes a soja é amarela, às vezes é verde. Soja, milho, trigo.
D5:17 – Casa Lahude	É bacana ali. Tem uma vista que tu enxerga do outro lado do rio as plantações. Enxerga soja, trigo, canavial, uma vez tinha mais. Até tinha hortigranjeiros. Agora mais é cana mesmo. Trigo, soja. Mais soja agora. Então mais por causa do rio e dessas plantações.
D5:30 – Casa Lahude	Ali tu olha e tu enxerga lavoura, tem a mata. Lá em cima tem aquele potreiro, que tem os boi, é uma bela vista também. Lá num prédio na cidade tu vai olhar pra fora, vai enxergar o que? Carros, prédios.
D5:38 – Casa Lahude	Seria lá. Tem o rio e as plantações. Que nem quando tem o trigo, se vem vento faz ondas. Isso uma vez nós tinha lá em casa também. Seria aquela lá, como pe mais alto, tu enxerga mais longe.

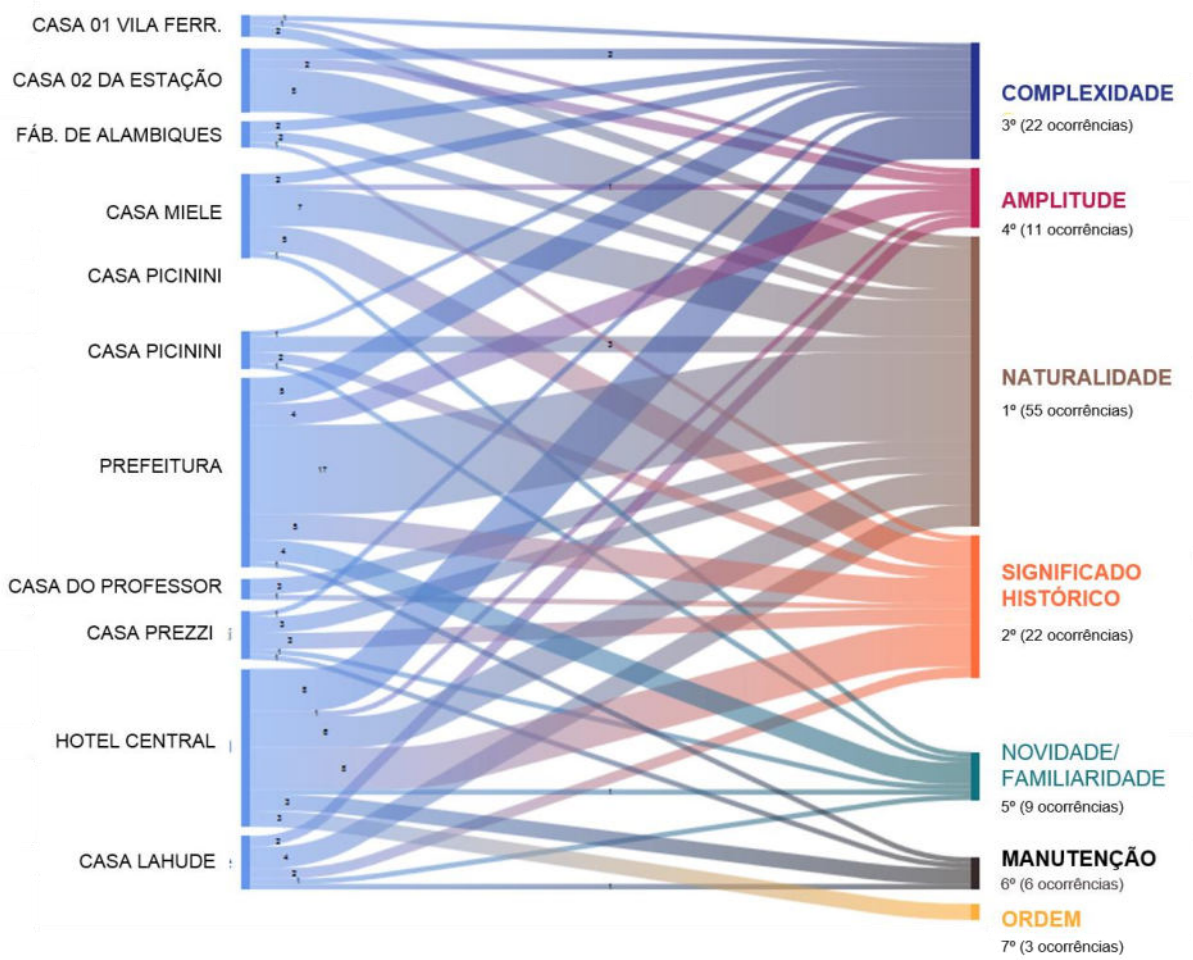
Fonte: Do autor.

5.2.2 Resultado da análise dos significados atribuídos

A análise dos significados atribuídos foi realizada com base nas preferencias sobre a conexão afetiva, propostas por Nasar (1989 e 2001). A pré-análise dos dados codificou 137 ocorrências relacionadas à estes significados que foram expressos pelos habitantes nas 10 edificações.

O diagrama de Sankey da Figura 55, mostrando o fluxo de dados codificados, ilustra a magnitude das sete categorias analisadas nos documentos de cada edifício. Este gráfico mostra que a preferência por *naturalidade* teve maior manifestação do grupo de habitantes (55 ocorrências), identificada nos 10 edifícios analisados. Em seguida aparecem *significado histórico* (27), ausente nas casas do setor 4, e *complexidade* (22), ausente apenas na Casa Lahude. Com menores magnitudes de dados, aparecem as preferencias relacionadas à *amplitude* (11), *novidade/familiaridade* (9), *manutenção* (6) e *ordem* (3).

Figura 55 – Magnitude dos dados codificados sobre as preferências da conexão afetiva das vistas



Fonte: Do autor.

Quadro 20 – Relação das janelas de preferência e os significados atribuídos

SETOR	EDIFÍCIO	JANELA			SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS
		Cód.	**Orient.**	**Nível**	
SETOR 1	Casa do Professor	J12-Térreo	Leste	Alto	Complexidade/ Nov-Familiaridade
		J04-Superior	Oeste	Alto	Naturalidade
SETOR 2	Casa Piccinini	J10/J11/J12 – Superior	Leste	Alto	Naturalidade/ Sign. Histórico
		J13/J14/J15 – Superior	Leste	Alto	Naturalidade/ Sign. Histórico
	Casa Lahude	J06/J07 – Superior	Oeste	Médio/ Alto	Naturalidade/ Amplitude/ Nov-Familiaridade
SETOR 3	Casa Prezzi	J08 – Térreo	Norte	Mínimo	Sign. Histórico
	Casa Miele	J03 – Porão	Oeste	Médio	Sign. Histórico/ Nov-Familiaridade
		J10/J11 – Térreo	Leste	Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Sign. Histórico
		J05/ J06 - Superior	Norte	Mínimo/ Alto	Naturalidade/ Amplitude/ Sign. Histórico
		J07/J08 – Superior	Leste	Alto/ Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Sign. Histórico
		J03 – Superior	Oeste	Médio	Naturalidade
	Hotel Central	J01/J02 – Superior	Sul	Médio/ Médio	Naturalidade/ Complexidade/ Amplitude
		J10/J11 – Superior	Norte	Alto/ Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Sign. Histórico
	Prefeitura	J09-Térreo	Oeste	Alto	Naturalidade
		J01-Superior	Sul	Alto	Naturalidade/ Nov-Familiaridade/ Complexidade
		J02/J03 – Superior	Sul	Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Amplitude
		J07 – Superior	Oeste	Alto	Naturalidade
		J01/J02 - Sotão	Sul	Alto/ Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Amplitude
		J04 – Sotão	Norte	Alto	Sign. Histórico
	Fábrica de Alambiques	J04/ J05 – Térreo	Norte/ Leste	Alto/ Alto	Complexidade
		PJ01/ J05/ J06 – Superior	Nordeste/ Norte	Alto/ Alto/ Médio	Naturalidade/ Complexidade
		J07 – Superior	Leste	Médio	Complexidade
SETOR 4	Casa 1 da Vila Ferr.	J03	Norte	Alto	Naturalidade/ Complexidade/ Amplitude
	Casa 2 da Estação	J02	Oeste	Médio	Naturalidade/ Complexidade/ Amplitude
		J07	Leste	Médio	Naturalidade/ Nov-Familiaridade

Fonte: Do autor.

A fim de analisar os significados de maior relevância para o grupo de habitantes, as ocorrências foram filtradas em relação às janelas expressamente indicadas como preferidas. O resultado desta análise é apresentado no Quadro 20, que relaciona as janelas aos significados da conexão afetiva atribuídos à vista. Os significados mais recorrentes foram a naturalidade, complexidade e significado histórico. Amplitude e novidade/familiaridade aparecem com menor evidencia. Nesta análise não foram detectados significados associadas à *manutenção* e *ordem* sobre estas janelas.

A ***naturalidade*** revelou-se como significado de maior importância sobre as vistas preferidas dos habitantes. De acordo com Nasar (2001), a preferência das pessoas aumenta com a presença de elementos naturais como a vegetação. Isto se comprova no estudo de caso, uma vez que os elementos naturais de Santa Tereza são constantemente visualizados e percebidos nas janelas dos edifícios. Destacam-se janelas em todos os setores, voltadas para sul e oeste, com vista para os morros verdes e o Rio Taquari. É o caso de janelas citadas nos edifícios da Casa Lahude (setor 2), Casa Prezzi, Prefeitura (setor 3) e Casa 2 da Estação (setor 4), como mostra a Figura 56.

Significado histórico é uma das causas sobre a preferência dos habitantes em relação ao estudo de caso. Este significado surge concentrado nas edificações dos setores 2 e 3, região de maior incidência dos edifícios históricos da cidade. Nestas vistas, os habitantes citam seu afeto pelo aspecto antigo dos edifícios (materiais e modos de construção) e as memórias pessoais ligadas à eles. Isso corrobora com o referencial teórico, que indica que há uma tendência deste significado evocar uma resposta positiva das pessoas (NASAR, 2001).

A ***complexidade*** surge como significado associado à preferência dos habitantes em janelas caracterizadas pela variedade de elementos percebidos na vista. Segundo Nasar (2001), níveis moderados de complexidade aumentam a preferência das pessoas. Da mesma forma, neste estudo de caso, a preferência por complexidade está associada à poucos elementos construídos e ao movimento tranquilo das atividades humanas que foram citadas nas vistas. São exemplo, as janelas direcionadas à norte e à leste, localizadas no setor 3, citadas pelo movimento de rua associado à imagem da torre, casas e prédios do centro e seus telhados.

A ***amplitude*** foi manifestada em edifícios dos setores 2, 3 e 4. Nos edifícios da área central, como na Casa Lahude, Hotel Central e Prefeitura, estas vistas são

caracterizadas pela visualização de elementos da paisagem à grandes distâncias, em janelas localizadas nos pavimentos mais altos das edificações, tendo como limites os morros verdes. No setor 4, este significado surge ponderado em relação às outras janelas do edifício, devido às restrições e obstruções das vistas. O crescimento da vegetação é uma das causas citadas por estes habitantes. Estes dados vão de encontro ao referencial teórico, na medida que preferência das pessoas aumenta em relação à visualização de espaços abertos, com certa definição dos limites (NASAR, 2001).

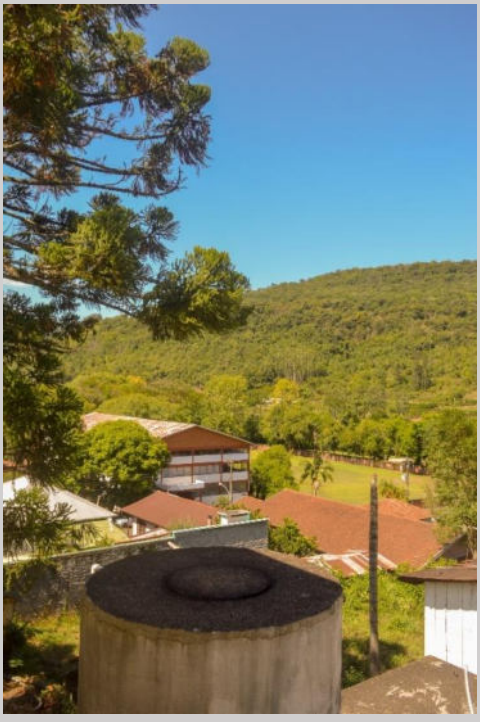
Vistas com significado relacionado à ***novidade/familiaridade*** são encontradas nos quatro setores, mas em número menor de janelas. Estão ligadas à percepção de elementos sobre as atividades humanas da vista, que se caracterizam por movimentos pacatos sobre as rotinas do lugar. Neste sentido, corroboram com Nasar (2001), pois são preferências dos habitantes ligadas a níveis moderados e baixos de novidade. É o caso de janelas na Casa do Professor e na Casa 2 da Estação, caracterizadas pelo movimento na rua e do trem (Figura 60).

A seguir, estes significados são ilustrados pela Figura 57, Figura 58, Figura 59 e Figura 60, associando as citações dos habitantes à fotografia sobre a vista de preferência. A partir deste conjunto de imagens, representa-se a síntese do resultado obtido.

Figura 56 - A naturalidade das vistas

D11:22 – Prefeitura: *[...] me dá uma paz, uma vontade de estar lá na natureza, de estar ali fora, sabe, de poder estar lá.*

D2:11 – Casa 2 da Estação: *Vejo o rio e a estrada [...] Sinto tranquilidade, a natureza.*



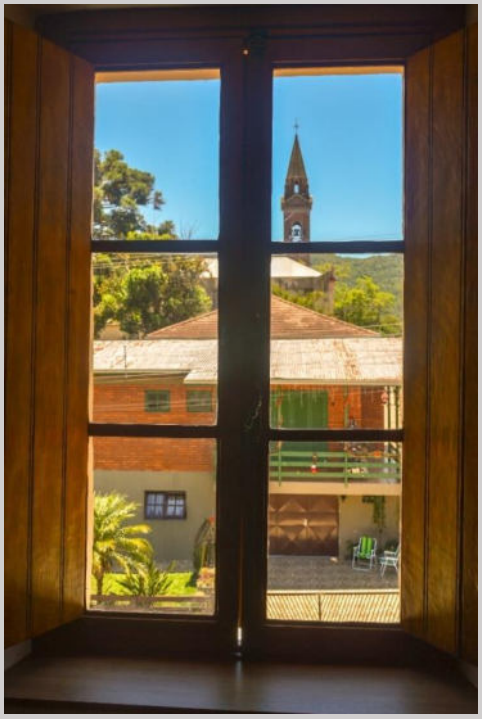
D5:16 – Casa Lahude: *Então, mais por causa do rio e dessas plantações. Eu fico às vezes admirando a mata. Eu assim, se tiver animais, natureza, eu gosto de conhecer, saber mais.*

D16: 25 – Casa Prezzi*: [...] a casa da (esquina) é muito belo também, porém a parte nova [...] é um horror, ainda bem que ainda dá pra olhar o morro lá em cima da linha Santa Tecla, aquilo é extraordinário.*

Fonte: Do autor.

Figura 57 - A complexidade das vistas

D7:17 Fabrica de Alambiques: *Passam pessoas, passam carros. Enxergo a cidade. A prefeitura quando se olha pra cima. Olhando pro lado tu tem morros, paisagem.*



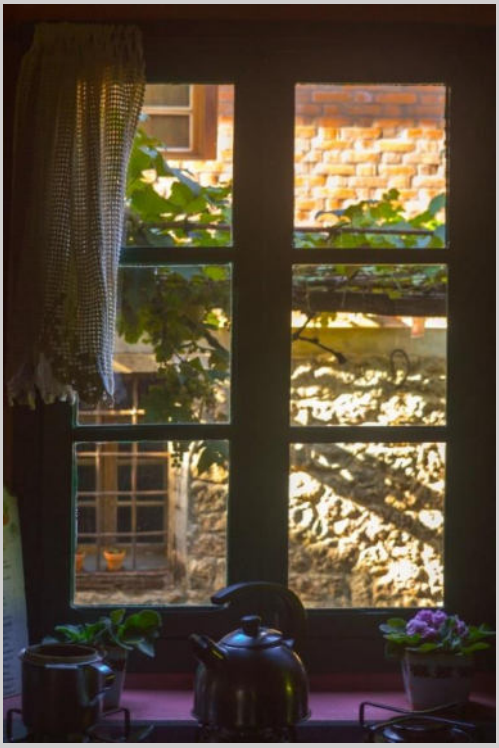
D10:20 Hotel Central: *A emolduração [...] Então eu consigo ver a torre e os morros e um pouquinho da parte urbana, é o que eu gosto, porque ela tá no alto, então eu vejo os telhados.*

D14:42 Prefeitura: *aquela configuração dos telhados me chama a atenção né, porque forma tipo um network [...] não tudo certinho, junta um com o outro. Eu gosto dessa história.*

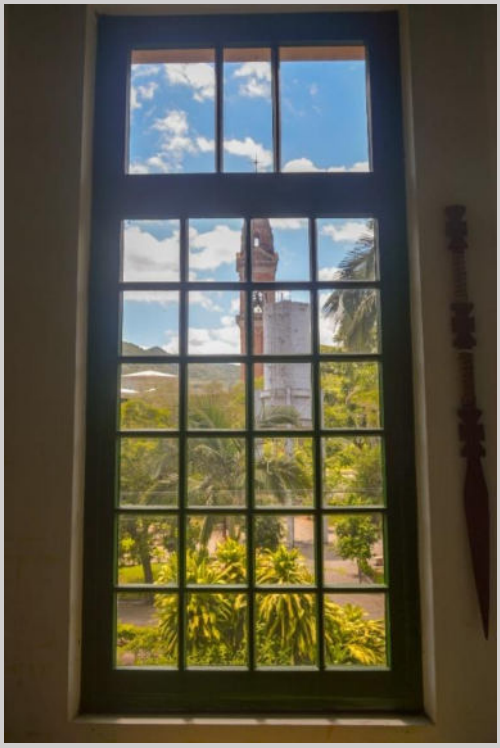
D8:50 – Hotel Central: *Ela tem árvore na quantidade certa. Ela tem construção na quantidade certa. Isso tudo orna. Parece que tudo junto fica um só, sabe.*

Fonte: Do autor.

Figura 58 - O significado histórico das vistas



D17:24 Casa Prezzi: *[...] essa janela pra mim é a síntese, se eu pudesse materializar a imagem dos meus bisavós, a história do passado, seria essa janela.*



D28:15 Casa Picinini: *A vista da torre que foi feita pelo mesmo engenheiro, o Cremonese. É bem importante essa relação da torre com a casa.*

D14:16 Prefeitura: *[...] as vezes eu vou no sotão lá, uma pequenininha la que eu gosto, que olha a torre antiga. Eu gosto daquela janela.*

D6:12 Casa Miele: *Aqui a gente abre e vê esses casarões antigos que também são lindos. À noite, a iluminação é maravilhosa, não tem.*

Fonte: Do autor.

Figura 59 – A amplitude das vistas

D11:28 – Prefeitura: *A visão melhor é a do sotão. Eu gosto das do lado de cá, as do sul [...] tu enxerga assim o vale.*

D1:36 – Casa 1 da Vila Ferr.: *Uma vez dava pra ver o rodeio lá no Ginásio. O centro se enxergava um pouco mais [...] por causa das árvores que cresceram ali.*

Figura 60 – O significado novidade/familiaridade das vistas

D4:9 – Casa do professor: *Elas são mais especiais ao amanhecer, que é quando o pessoal começa a sair na rua e vão se encaminhando para suas tarefas do dia.*

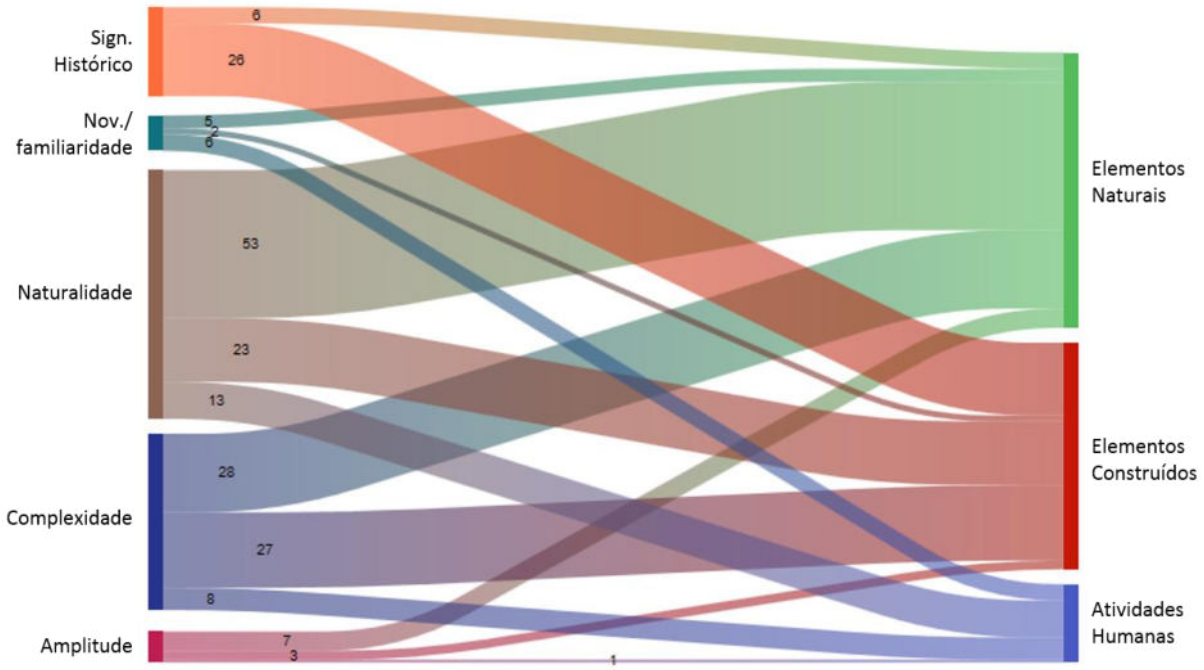
D3:19 – Casa 2 da Estação: *Época de colheita de soja e ou trigo, daí passa mais o trem. Daí, tipo eu vou na janela do quarto e fico olhando.*

Fonte: Do autor.

5.2.3 Símbolos da paisagem fenestrada de Santa Tereza

Revelados os significados de maior importância para os habitantes, os elementos percebidos foram novamente analisados para definição dos símbolos da paisagem fenestrada de Santa Tereza (GEERTZ, 2008; RAPOPORT, 1977; ITTELSON, 1978). Esta análise considerou a ocorrência simultânea dos dados sobre imageabilidade e conexão afetiva no mapeamento cognitivo, para revisão dos elementos percebidos em função dos significados de maior relevância. O diagrama de Sankey da Figura 61, ilustra a relação sistêmica entre os significados associados e as categorias de elementos percebidos no estudo de caso.

Figura 61 - Diagrama de Sankey sobre as ocorrências simultâneas de códigos entre significados e elementos percebidos



Fonte: Do autor.

Quadro 21 - Símbolos da paisagem fenestrada de Santa Tereza

NATURAIS	CONSTRUÍDOS	ATIVIDADE HUMANAS
Rio Taquari;	A torre;	A ‘vagareza’ de pessoas e veículos;
Arroio Marrecão	As casas e prédios históricos;	O silêncio;
A mata verde dos morros;	Os telhados;	Caícos e canoas no rio;
As árvores no interior das quadras;	A praça central;	O trem e o som do apito;
A vegetação da praça central;	O campo de futebol;	As lavouras na margem direita do Rio Taquari;
Os morros do vale;	A rua.	A criação de gado nos morros;
Os pássaros;		

Fonte: Do autor.

Analisada a relação entre elementos percebidos e significados atribuídos nos itens anteriores desta seção, os símbolos foram listados nas respectivas categorias, conforme Quadro 21. Ao todo, foram identificados 19 elementos. Estes símbolos representam a base material da paisagem fenestrada do objeto de estudo e embasam as conexões afetivas do grupo de habitantes.

5.3 Conclusão do capítulo

O presente capítulo mostrou os resultados do estudo de caso desenvolvido com o objetivo específico de *identificar os símbolos da paisagem fenestrada de uma pequena cidade histórica brasileira.* Neste sentido, o objeto de estudo e a metodologia mostraram-se efetivos para este objetivo.

No caso de Santa Tereza, as condições de observação apuradas nos edifícios revelam o alto nível de conexão visual das janelas como uma característica do lugar. Esta característica assume relevância sobre o modo como os habitantes visualizam e percebem as informações da estrutura de paisagem. A constância das camadas de solo e céu tiveram reflexo direto sobre a percepção das atividades humanas, fatores climáticos e horas do dia, como mostra o mapeamento cognitivo. A seleção de janelas pelos habitantes mostrou que a preferência é maior por vistas com níveis maiores de conexão visual. No entanto esta característica não é um condicionante exclusivo para as relações simbólicas sobre o conteúdo das vistas.

Na análise dos aspectos simbólicos, foi de grande utilidade os recursos do software para análise e alcance dos resultados. Uma vez que a metodologia facultou as ferramentas de coleta de dados (mapas mentais e entrevistas) e o número de participantes, a gestão das informações tornou-se complexa para tecer as sínteses dos dados de campo. Estas dificuldades só puderam ser superadas pelos recursos de agrupamento de dados, nuvens de palavras e diagramas do programa.

Os resultados sobre os símbolos e significados desta paisagem fenestrada mostraram a relevância dos elementos naturais, construídos e das atividades humanas para manutenção da conexão afetiva entre os habitantes, seus edifícios e o lugar. Neste sentido, a análise apoiada sobre as preferências dos habitantes reforça a urgência de estratégias para preservação destes símbolos, a fim de manter o caráter do lugar e o bem estar dos indivíduos.

CAPÍTULO 6 | CONCLUSÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões obtidas com o presente estudo. Inicialmente são retomados o problema de pesquisa, a hipótese, o objetivo geral e a abordagem metodológica. Em seguida são apresentadas as conclusões sobre os principais resultados obtidos em função dos objetivos específicos. Por fim, são reveladas as limitações encontradas e as considerações envolvendo sugestões para futuras pesquisas.

6.1 Problema de pesquisa, hipótese, objetivos e abordagem metodológica

O presente estudo contextualizou a paisagem fenestrada como problema de pesquisa relacionado à preservação cultural e ao direito à paisagem. Ao identificar a lacuna dos estudos de paisagem ligados ao espaço interno da arquitetura, caracterizou a janela como elemento relacional entre pessoas e paisagem. Daí sua relevância como campo de investigação sobre os sítios de preservação da paisagem cultural, patrimônio caracterizado como produto da relação entre o grupo social e o meio natural.

Paisagem é um conceito multifatorial, com diferentes modos de leitura. A paisagem cultural define-se a partir das marcas que o ser humano imprime sobre o território. Desenvolve-se como conceito patrimonial pela associação com outros conceitos, como de sustentabilidade, identidade e memória. Desta forma, torna necessário compreender este patrimônio a partir dos vínculos culturais e afetivo das pessoas. A partir do entendimento da paisagem cultural como fisionomia e impressões de um local único (bem cultural), define-se sua leitura como um lugar. Esta leitura depende do modo como é entendida pelas pessoas e possui variáveis físicas e simbólicas.

A arquitetura é uma das marcas humanas na paisagem cultural. A partir disso o estudo situou a fenestração arquitetônica como fenômeno do lugar. A janela, elemento mediador do espaço vivido, foi definida como índice oportuno para compreender os vínculos culturais estabelecidos entre pessoas e lugares. É sobre o

potencial dos dados dessa vivência humana da janela frente às dinâmicas de transformação dos sítios de preservação cultural que se apresentou a pergunta de pesquisa: se a janela é um elemento relacional do indivíduo com a paisagem, de que modo os dados da paisagem fenestrada podem contribuir para preservar a identidade cultural de um lugar?

Paisagens culturais podem ser classificadas tipologicamente e sua peculiaridade definida sob parâmetros de escala, significância histórica e integridade. A tipologia paisagem vernacular histórica tem como característica os assentamentos urbanos lentos e espontâneos, vinculados ao meio rural e aos recursos naturais do território. São patrimônios sensíveis às transformações do crescimento urbano, do mercado imobiliário e da degradação do meio ambiente. Por este motivo, estas paisagens tornaram-se o recorte tipológico sobre paisagens culturais desta investigação. No Brasil, estas características tipológicas estão presentes em pequenas cidades históricas tombadas como patrimônio nacional.

A partir disso, o objetivo geral proposto para esta pesquisa **é salvaguardar a paisagem cultural de pequenas cidades históricas, analisando os símbolos e significados da paisagem fenestrada como expressão de sua identidade de lugar.** Para isso foram traçados três objetivos específicos: (I) relacionar a paisagem fenestrada como campo de estudo sobre a preservação da paisagem cultural, definindo os aspectos conceituais da paisagem como patrimônio e caracterizando a janela como elemento para compreensão dos aspectos físicos e simbólicos envolvidos; (II) investigar os aspectos simbólicos da paisagem fenestrada enquanto identidade de lugar, revisando o processo de percepção ambiental para reconhecimento deste conteúdo; (III) Identificar os símbolos da paisagem fenestrada, avaliando o caso de uma pequena cidade histórica brasileira.

O embasamento teórico que fundamentou o problema de pesquisa trouxe como caminho de abordagem os estudos relacionados à fenomenologia e ao processo de percepção ambiental. A utilização das representações mentais feitas pela população é um recurso utilizado nestes estudos para compreender os fenômenos urbanos. Com base nestes estudos, levantou-se a hipótese de que uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada pudesse ser capaz de revelar características simbólicas relevantes para salvaguarda da identidade destes lugares e seu valor patrimonial.

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se um estudo de caso único de uma cidade histórica, selecionada a partir do acervo patrimonial brasileiro. Analisado o

contexto de conservação das pequenas cidades históricas da imigração italiana no sul do Brasil, foi selecionado o Núcleo Urbano de Santa Tereza como objeto de estudo, tombado nacionalmente em 2012. O objeto revelou-se como caso oportuno para os efeitos de salvaguarda almejados pela pesquisa devido seu grau de conservação e estágio de crescimento urbano.

Baseada no método fenomenológico, a metodologia do estudo de caso desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa sobre os aspectos físicos e simbólicos da paisagem fenestrada de Santa Tereza. Os aspectos físicos foram analisados pelo contexto estrutural da paisagem e pelas condições de observação das vistas das janelas. Os aspectos simbólicos foram analisados a partir dos componentes percebidos e das significações culturalmente atribuídas às vistas das janelas pelos habitantes do lugar. Para tanto, foram utilizados métodos de coleta de dados documentais e de campo referenciados em estudos nas áreas da arquitetura e urbanismo e da percepção ambiental. A análise e interpretação destes dados buscou atingir o objetivo geral e diminuir a lacuna do conhecimento sobre os estudos da paisagem relacionados ao ambiente arquitetônico em sítios de preservação do patrimônio histórico e cultural.

6.2 Prinicpais resultados alcançados

O estudo mostrou que a paisagem fenestrada é conteúdo relevante para salvaguarda de paisagens culturais, sobretudo para tipologias com características urbanas como as vernaculares históricas. Os resultados demonstram que a fenestração arquitetônica determina qualidades físicas e simbólicas ao lugar vivenciado por seus habitantes. Os significados destes fragmentos de paisagem contribuem para construção da identidade de lugar deste grupo social. Os símbolos evidenciados por estes significados favorecem a orientação e a afetividade das pessoas com o lugar. Por esta razão, tais símbolos destacam-se como alvo importante das ações de preservação da identidade de lugar.

Para expor as conclusões que amparam esta afirmação segue-se a organização dos objetivos específicos da pesquisa.

6.3.1 Conclusões sobre a relação da paisagem fenestrada como campo de estudo sobre a preservação da paisagem cultural

Caracterizada pela abordagem de natureza aplicada e caráter exploratório, a construção metodológica para o estudo de caso demandou grande discussão teórica na busca de respostas para atender o objetivo geral. Para isso, foram importantes os aprofundamentos teóricos do Capítulo 2 que auxiliaram nas definições sobre o recorte temático da paisagem vernacular histórica e conhecimento de seus parâmetros de preservação. Deste modo, foi possível relacionar e situar o tema de pesquisa para o enfrentamento dos problemas sobre a salvaguarda de paisagens culturais suscetíveis às dinâmicas do crescimento e das transformações dos assentamentos urbanos.

6.3.1.1 Sobre as definições dos aspectos conceituais da paisagem como patrimônio

O conceito de paisagem percorreu um longo caminho até se tornar foco do patrimônio cultural. A derivação ‘paisagem cultural’ permitiu seu estudo científico não apenas como natureza, mas como construção humana. Assim, aproxima-se do conceito de lugar, a fim de compreender a paisagem enquanto laços culturais e afetivos do ser humano com seu território. Sua leitura, portanto, pressupõe o meio físico e as pessoas.

A paisagem cultural é muito mais do que uma categoria de espaço/objeto. Representa um valor de referência social ligado ao bem estar e à qualidade de vida das pessoas. Um direito universal que integra aspectos materiais e imateriais. Vinculada aos conceitos de identidade e memória, influencia diretamente as práticas contemporâneas do patrimônio cultural e do planejamento territorial. Por ser um recurso frágil, transitório e dinâmico, é sensível às transformações do crescimento urbano, do mercado imobiliário e da degradação do meio ambiente.

O aspecto dinâmico e evolutivo é uma característica das paisagens culturais, principalmente das paisagens com características urbanas. Isto torna mais complexa sua salvaguarda como patrimônio histórico e cultural, que requer abordagens multidisciplinares e instrumentos de controle das mudanças. Com base nisso, a pesquisa desenvolveu um estudo aprofundado sobre as paisagens vernaculares históricas, tipologia cuja compatibilidade formal e estética está intrinsecamente ligada

aos fatores da vida cotidiana e aos condicionantes naturais locais. Ao definir este recorte de abordagem para um contexto de preservação tão sensível, projetam-se também as possibilidades de aplicação desta metodologia para estudos futuros em outros contextos urbanos.

As definições teóricas sobre os parâmetros de preservação da paisagem vernacular histórica trouxeram informações relevantes para leitura da estrutura de paisagem no estudo de caso. Escala, significância histórica e integridade são os parâmetros de salvaguarda desta tipologia. Os procedimentos que possibilitam avaliar estes parâmetros são a análise do sítio, a pesquisa histórica e a documentação das condições existentes.

Assim, reconhecer a escala previamente é parte fundamental da metodologia de estudo da paisagem fenestrada, pois implica em situar os limites onde o fenômeno da fenestração se faz presente. De modo prático, o conhecimento prévio e a descrição da estrutura de paisagem (aspectos físicos do lugar) são as bases para o pesquisador identificar e analisar o conteúdo das janelas. Este conhecimento pode ser obtido pela análise visual do sítio físico em função dos aspectos naturais e das transformações humanas para caracterização destes limites.

6.3.1.2 Sobre a caracterização da janela como elemento de compreensão dos aspectos físicos e simbólicos da paisagem cultural

Este estudo definiu a paisagem fenestrada como os fragmentos de paisagem emoldurados pelas janelas da arquitetura. A caracterização da janela como campo de estudo partiu da discussão teórica em quatro contextos: sua abstração nas artes, na analogia do olho humano, no conceito de topografia arquitetônica e como leitura de campos visuais. Tais reflexões amparam e reforçam a afirmação de que a vista da janela representa uma fonte de dados físicos e simbólicos relevantes para o objetivo geral da pesquisa.

Por meio do contexto das artes, foi compreendida a importância da moldura e do fragmento de paisagem para noção de lugar. Como ‘olho da arquitetura’, foi reconhecido seu potencial para qualificar o espaço interno e a fruição entre observador e paisagem. Através do conceito de topografia arquitetônica, a janela foi compreendida como evidência sobre as conexões físicas e simbólicas entre a

arquitetura e o lugar. E como campo visual, definiu-se a importância de leitura do conjunto de janelas para interpretar estas conexões.

A conexão visual é um critério sobre a visibilidade dos elementos da vista da janela e, portanto, diz respeito sobre as condições de visualização da paisagem no interior da arquitetura. O conteúdo informado pela vista carrega, além das características físicas da estrutura de paisagem do lugar, os significados profundos e inconscientes relacionados ao bem estar humano, como clima, luz natural e passagem do tempo. Neste sentido, a estratificação horizontal da vista, com base nos critérios da norma europeia sobre luz natural dos edifícios, EN17037 (2018), é também um método oportuno para análise destas condições de visualização da paisagem fenestrada nos sítios de preservação.

A partir desta caracterização, ficou claro que a estrutura de paisagem define o conteúdo da vista, enquanto a arquitetura define a moldura. Ao definir esta moldura a arquitetura define também o modo de leitura, determinando as condições de visualização da paisagem. Deste modo, as janelas podem interferir no processo de simbolização das pessoas sobre determinada paisagem cultural.

6.3.2 Conclusões sobre a investigação dos aspectos simbólicos da paisagem fenestrada enquanto identidade de lugar e seu processo de percepção ambiental

A compreensão dos aspectos simbólicos da paisagem fenestrada resultaram de sua investigação como fenômeno do lugar. Isto demandou uma discussão criteriosa sobre os conceitos de identidade de lugar e símbolo, desenvolvida no Capítulo 3. A identidade de lugar depende de variáveis físicas e simbólicas e é conhecida na fenomenologia como *genius loci*. Esta identidade pode ser compreendida pelo conteúdo físico do lugar e pela avaliação dos seus efeitos sobre as pessoas, ou seja, seu significado. No fenômeno da paisagem fenestrada, o conteúdo físico é determinado pelo observado, a vista, e o significado depende da avaliação do observador.

Os símbolos são produtos do contínuo processo de percepção ambiental onde se atribui significado ao lugar. Representam peças chave de materialidade e imaterialidade sobre a essência de um lugar. Portanto a detecção dos símbolos e seus significados é fundamental para a salvaguarda de uma identidade de lugar. O

significado, contudo, pode variar em função das questões culturais, da facilidade de leitura e dos objetivos dos sujeitos. Desta forma, torna-se essencial caracterizar o sujeito ou grupo social que atribui significado à paisagem fenestrada.

Para o objetivo deste estudo, que envolve a salvaguarda da memória e da cultura do lugar, o habitante é sujeito central para compreender a constituição dos símbolos. São agentes diretos da dinâmica de transformação e simbolização da paisagem cultural. Por esta razão, importou nesta investigação sobre os aspectos simbólicos da paisagem fenestrada conhecer os símbolos e as significações culturalmente construídas por este grupo social.

Como referem os estudos do processo de percepção ambiental, símbolos e significados podem ser revelados através do mapeamento cognitivo. A transformação da informação ambiental ao longo das atividades mentais do observador é fundamental para compreender o que é significativo para o habitante. Isto pode ser identificado através das representações mentais que este observador faz os fragmentos de paisagem. Este mapeamento, avaliado sob os critérios de Imageabilidade e Conexão Afetiva, contempla as variáveis físicas e simbólicas relacionadas aos aspectos simbólicos da paisagem fenestrada.

A Imageabilidade foi um critério relevante para detecção dos símbolos da paisagem fenestrada, percebidos enquanto materialidade dos aspectos simbólicos. É importante para ao objetivo de salvaguarda, pois relaciona os elementos da paisagem como componentes da memória física sobre os lugares. Uma vez que a paisagem cultural vernacular histórica é um patrimônio misto, caracterizado pela associação de formas naturais, urbanas e rurais e a vida que às anima, a imageabilidade pôde ser analisada por meio de categorias amplas como os elementos naturais, construídos e atividades humanas.

A *linkability*, ou conexão afetiva, foi critério fundamental para compreensão do significado dos componentes simbólicos. A identificação de significados baseados na preferência dos habitantes tem relevância para o objetivo de salvaguarda do patrimônio cultural. O aspecto positivo ou negativo das associações feitas aos elementos da paisagem indica pontos relevantes sobre a qualidade paisagística do lugar. Esta conexão pôde ser caracterizada por preferências expressas nas representações mentais da paisagem fenestrada relacionadas à naturalidade, ordem, complexidade, novidade/familiaridade, amplitude e significado histórico.

6.3.3 Conclusões sobre a identificação dos símbolos da paisagem fenestrada, avaliando o caso de uma pequena cidade histórica brasileira

A metodologia construída com base nas proposições do marco teórico mostrou coerência e resultado satisfatório a respeito da identificação dos símbolos da paisagem fenestrada no estudo de caso. Estes símbolos representam a relação sistêmica e equilibrada de elementos naturais, construídos e atividades humanas que embasam diversas conexões afetivas do grupo social de habitantes com esta paisagem. Dizem respeito ao habitar de edificações históricas. Estes vínculos, estabelecidos a partir da arquitetura, traduzem qualidades paisagísticas importantes desta identidade de lugar. Logo, emergem como conteúdo substancial para salvaguarda da paisagem cultural do objeto de estudo.

Com base nos resultados obtidos comprova-se a hipótese de pesquisa, permitindo afirmar que há uma imagem mental coletiva sobre a paisagem fenestrada capaz de revelar características relevantes para salvaguarda da identidade de lugar. Esta imagem mental pôde ser caracterizada por meio dos significados da conexão afetiva relacionados aos elementos percebidos sobre as vistas das janelas. Estes significados permitem detectar as preferências do grupo social a respeito deste conteúdo. O cruzamento destas informações ambientais torna possível identificar os símbolos deste fenômeno do lugar, mesmo observados pontos de vista tão diversos e heterogêneos da paisagem.

A seguir são apresentadas as conclusões relacionadas aos procedimentos e métodos aplicados e sobre os resultados que caracterizam a paisagem fenestrada no estudo de caso.

6.3.3.1 Sobre os procedimentos e métodos aplicados no estudo de caso

A seleção do objeto de estudo esteve amparada nas definições sobre a paisagem vernacular histórica e sobre as pequenas cidades brasileiras. Uma vez que o órgão de preservação nacional não possui bens de paisagem cultural classificados em seu acervo, esta seleção demandou um levantamento apurado sobre as cidades históricas com essas características a partir do Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Dos sete contextos regionais estudados, destacaram-se as cidades de Antônio Prado e Santa Tereza como representantes da colonização

europeia do sul do Brasil, ocorrida a partir de 1870. A notável descaracterização do entorno paisagístico do conjunto arquitetônico de Antônio Prado foi fator decisivo para direcionar esta seleção para o Núcleo Urbano de Santa Tereza, a fim de corresponder ao objetivo geral e contribuir efetivamente para salvaguarda desta paisagem cultural.

A investigação das variáveis físicas e simbólicas do fenômeno demandou intensa coleta de dados sobre o objeto de estudo. Esta coleta foi realizada através dos levantamentos documental e de campo.

O **levantamento documental** foi pertinente à investigação dos aspectos físicos, onde foram definidos os limites do levantamento de campo e os critérios de seleção das edificações. Uma vez que o objeto de estudo já possuía sua significância histórica reconhecida, os dados históricos foram facilmente levantados pelas fontes bibliográficas existentes e pelos documentos do processo de tombamento. As maiores dificuldades estiveram relacionadas ao material cartográfico disponíveis nos órgãos públicos. Neste sentido foram importantes os recursos cartográficos de acesso livre disponibilizados na internet para elaboração das análises e representações dos mapas temáticos sobre bases atualizadas.

A seleção das edificações teve como critério principal representar a diversidade espacial e histórica do conjunto arquitetônico tombado. Este critério considerou o caráter qualitativo e exploratório do estudo, a homogeneidade de altura dos edifícios e o grande número de edificações do acervo. Isto demandou intenso levantamento documental sobre a evolução urbana e o histórico de construção das edificações. Observando a distribuição do conjunto tombado, foram definidos setores de paisagem a partir das características de topografia e de densidade do assentamento urbano. Depois, os edifícios tombados foram classificados em três períodos construtivos da evolução urbana da cidade, onde foram selecionadas 10 edificações que representassem o período construtivo de cada setor.

O **levantamento de campo** atendeu, em primeira fase, à investigação dos aspectos físicos, levantando dados para reconhecimento das condições físico-ambientais da estrutura de paisagem e da conexão visual dos edifícios. Em segunda fase, atendeu à investigação dos aspectos simbólicos, realizando o mapeamento cognitivo dos habitantes com entrevistas semiestruturadas e mapas mentais. De modo geral, a coleta dos dados de campo teve suas maiores dificuldades na adaptação dos procedimentos às condições de acesso das edificações e disponibilidade dos

proprietários. Isso demandou diversos contatos e agendamentos prévios, bem como a mediação de atores da comunidade.

A seleção de participantes para o levantamento de campo ficou condicionada à população disponível nas edificações tombadas. O tempo de vivência foi relativizado em função das atuais condições de uso e ocupação dos edifícios. No entanto, é importante ressaltar a importância de todos os participantes possuírem experiência acima de um ano com os edifícios, que refletiu diretamente na riqueza de informações coletadas a respeito das características sazonais da paisagem. Para caracterizar a relação de vivência destes participantes com as janelas, os habitantes foram classificados como moradores, trabalhadores, frequentadores e proprietários dos edifícios.

Na coleta dos dados físicos, a conexão visual mostrou-se eficaz como critério de avaliação das condições de observação dos edifícios. Isto permite afirmar que os critérios utilizados na avaliação da qualidade da vista pela EN17037 também são aplicáveis para avaliação de contextos patrimoniais de paisagem. No estudo de caso, a preleção majoritária dos habitantes por janelas com maior número de camadas na vista indica que este parâmetro favorece a conexão afetiva das pessoas. No entanto, a conexão visual não foi condicionante exclusivo das preferências e das relações simbólicas sobre o conteúdo das vistas. Isto reforça a importância de que esta investigação contemple os aspectos simbólicos propostos pela metodologia.

Na sistematização dos dados de campo sobre a conexão visual foi importante a ficha como instrumento de leitura do conjunto de janelas da edificação. Isto permitiu, além de organizar os dados do levantamento fotográfico, tecer as análises sobre os resultados da estratificação horizontal. Posteriormente, a ficha foi importante na análise dos dados simbólicos, permitindo facilmente localizar os elementos percebidos e as preferências dos participantes. Esta sistematização teve como referência a experiência das fichas de inventário, já utilizadas por órgãos de preservação no cadastramento de dados físicos e históricos de edifícios.

Na coleta dos dados simbólicos, foi importante a flexibilidade no uso das técnicas de mapeamento cognitivo. Isto permitiu a participação de um número maior de pessoas no levantamento. No entanto, a variação no padrão de coleta destes dados trouxe maior complexidade e tempo à análise de conteúdo. Esta complexidade só pode ser superada com o auxílio de recursos do software de análise qualitativa, que facilitaram a gestão e o cruzamento de dados nesta análise.

O mapeamento cognitivo sob os critérios da imageabilidade e da conexão afetiva foi eficaz para identificar os elementos percebidos e os significados atribuídos pelos habitantes. No entanto, encontrou dificuldades de aceitação da técnica de mapas mentais entre os participantes, principalmente na faixa etária acima de sessenta anos. Isso tornou as entrevistas semiestruturadas a principal fonte de dados da análise de conteúdo. Porém, cabe salientar a riqueza dos dados presentes nos mapas mentais coletados e a importância desta técnica como suporte das representações relatadas nas entrevistas.

6.3.3.2 Sobre os resultados que caracterizam a paisagem fenestrada no estudo de caso

A significância histórica do objeto de estudo é definida pela representatividade que a paisagem de Santa Tereza tem sobre o processo de adaptação e estabelecimento de imigrantes europeus na colonização do território da serra gaúcha, principalmente de italianos. Regionalmente, representa as marcas físicas da adaptação destes povos aos condicionantes da serra gaúcha para desenvolvimento das cidades desta região. Nacionalmente, representa parte importante da matriz multicultural que colonizou o país, desenvolvida na transição do período imperial para a república, após a abolição da escravidão em 1888.

O contexto estrutural da paisagem de Santa Tereza é caracterizado pela diversidade topográfica e hidrográfica que dá forma ao seu sítio natural, responsável pela situação de “concha” criada pelo afastamento dos morros do vale. A vegetação densa que recobre os morros determina o cinturão verde que delimita visualmente o sítio físico. Dentro destes limites naturais, as transformações humanas são caracterizadas pelo traçado viário ortogonal e pelo conjunto de edificações de baixa estatura que representam a evolução urbana e arquitetônica do lugar.

As condições de observação desta paisagem fenestrada são caracterizadas pelo alto nível de conexão visual dos edifícios históricos. Os resultados denotam que há visualização das três camadas de paisagem na maior parte das janelas destes edifícios. As edificações que melhor apresentam estas condições estão localizados na área central do núcleo urbano, destacando-se como exemplo a Primeira Escola e Casa do Professor, a Casa Lahude e a Casa Prezzi. Nos edifícios da Vila Ferroviária, obstruções causadas pela interferência da topografia e da vegetação do entorno

diminuem a visibilidade das camadas de céus e solo, o que reduz a conexão visual dos edifícios neste setor.

A imageabilidade que caracteriza os componentes simbólicos da paisagem fenestrada de Santa Tereza traduz a diversidade de recursos físicos desta estrutura de paisagem. Isto se reflete nos elementos percebidos que compõem a lista das representações mentais obtidas nas entrevistas e mapas mentais. O equilíbrio entre elementos naturais e construídos é exaltado por estes habitantes como ponto positivo sobre a vista destas janelas. Da mesma forma, o movimento tranquilo que caracteriza os dias de semana na cidade.

A conexão afetiva, que caracteriza os significados culturalmente construídos sobre o estudo de caso, é representada pelas maiores preferências manifestadas pelos habitantes. Está relacionada à naturalidade, ao significado histórico e à complexidade das vistas. A naturalidade foi o significado de maior importância, o que reforça a importância dos elementos naturais citados sobre esta paisagem. O significado histórico, concentrado principalmente nas janelas do centro urbano, representa o afeto pelo aspecto antigo e as memórias pessoais que os edifícios representam. A complexidade é o significado que caracteriza a preferência sobre a variedade de elementos percebidos nas vistas das janelas e o arranjo equilibrado de poucos elementos construídos associado ao aspecto tranquilo das atividades humanas.

Ao todo, foram identificados 19 símbolos que caracterizam a paisagem fenestrada de Santa Tereza. Dentre os elementos naturais têm destaque o som e a imagem dos rios, a vegetação nos morros e no interior das quadras e a presença constante dos pássaros. Nos elementos construídos, além do campanário como marco referencial e histórico, chama a atenção a relevância dos telhados das edificações que, dependendo dos materiais, configuram significados positivos e negativos para os habitantes. As atividades humanas são caracterizadas pela vagareza de pessoas e carros e pelo consequente silêncio percebido. Isto também favorece o destaque ao trem e ao rio que, por vezes, é apenas uma presença sonora na vista destas janelas. Os meios de locomoção sobre o rio, as mudanças de cultura das lavouras e a criação de gado nos morros também são símbolos sobre as atividades humanas nesta paisagem fenestrada.

Uma vez que os símbolos identificados representaram a relação sistêmica e equilibrada de elementos físicos que embasam as conexões afetivas entre habitantes

dos edifícios históricos e o lugar, o estudo conclui que as ações de salvaguarda desta paisagem cultural sejam estruturadas a partir destes resultados. Estes símbolos representam qualidades paisagísticas importantes para manutenção deste patrimônio com esta identidade de lugar.

6.3 Limitações da pesquisa e sugestões para futuras investigações

De modo geral, as limitações encontradas estão relacionadas ao caráter exploratório da pesquisa frente à lacuna do conhecimento que se buscou preencher. Mesmo dentro da arquitetura e urbanismo, as referências teóricas da janela como dado ambiental sobre a paisagem urbana são escassas. Os achados teóricos mais relevantes foram os estudos sobre a estratificação horizontal da vista, que recentemente embasam os critérios da norma europeia sobre luz natural dos edifícios. Novos artigos, suscitados pela avaliação da qualidade da vista desta normativa, têm contribuído para abordar este dado ambiental no campo da arquitetura. No entanto, nenhum destes estudos estão voltados a compreender a janela como um instrumento para controle das transformações da paisagem urbana.

O volume de dados gerado nos trabalhos de campo demonstram o quanto o tema de pesquisa é promissor como informação para novas políticas de preservação da paisagem, seja no âmbito cultural ou de planejamento urbano. Entende-se que além da detecção dos símbolos, a metodologia aplicada instrumentaliza a inclusão dos indivíduos para o entendimento do patrimônio e da qualidade ambiental da cidade. Por esta razão, sugere-se que estudos futuros utilizem os dados já levantados neste caso para que sejam explorados por outras áreas do conhecimento ou da administração pública, a fim de melhor implementar as ações de gestão deste patrimônio.

Uma vez que o estudo de caso esteve direcionado a compreender as questões patrimoniais na escala das pequenas cidades históricas, levanta-se questão sobre sua efetividade para compreender patrimônios de contextos urbanos maiores. Neste sentido, sugere-se o desenvolvimento de estudos comparativos sobre outras escalas de paisagens históricas urbanas, a fim de aprimorar esta metodologia. A relevância do tema para o direito à paisagem também sugere que a paisagem seja explorada não apenas no campo do patrimônio, mas sobre outros contextos urbanos.

A seleção das edificações esteve condicionada a representar rigorosamente o universo de edifícios tombados, como foco das questões patrimoniais. Isto implicou numa amostragem limitada sobre o habitar da paisagem, envolvendo setores e habitantes apenas deste recorte temático. Esta seleção restritiva também trouxe dificuldades de acesso aos edifícios e seus proprietários, que só puderam ser contornados com a ajuda de pessoas de referência da comunidade. Neste sentido, sugere-se novos estudos sobre o objeto de estudo que relacione edifícios contemporâneos dentro da estrutura de paisagem.

Na coleta de dados simbólicos, ao encontrar dificuldades na aceitação da técnica de mapas mentais entre os participantes de maior faixa etária, compreende-se também os limites da metodologia na abordagem deste público. Em contraponto, as entrevistas semiestruturadas demandam maior tempo de coleta e análise de dados. Deste modo, recomenda-se novos estudos sobre as técnicas aplicadas neste mapeamento cognitivo, investigando sua efetividade por faixa etária, a fim de aprimorar a coleta e análise dos dados simbólicos. Isto também sugere estudos comparativos relacionando outras técnicas e outros grupos sociais.

Os símbolos identificados no estudo de caso trouxeram como resultado não apenas elementos visuais, mas também os elementos sonoros do lugar, como o som dos rios, do apito do trem e dos pássaros. Estes símbolos não visuais, derivados da materialidade do lugar, só puderam ser identificados através da investigação dos aspectos simbólicos da vivência dos habitantes. Assim, a pesquisa aponta para a necessidade de aprofundamento sobre como identificar e salvaguardar os elementos não visuais da paisagem fenestrada, baseando-se em outros sentidos da experiência de lugar.

RERERÊNCIAS

A CARTA BASILEIRA DA PAISAGEM. Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas; 2012. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/anexos/noticias/CARTA_BRASILEIRA_DA_PAISAGEM.pdf Acesso em: 02 jun. 2021.

ANDRADE, T. B. **Paisagem e Arquitetura no Rio de Janeiro:** iconografia do olhar conciliador de pintores e arquitetos. Tese de doutorado apresentada a Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Universidad Politécnica de Cataluña. Barcelona, 2002. Disponível em: tdx.cat/bitstream/handle/10803/6556/TESIS.pdf?sequence=1 Acesso em: 13 set. 2013.

APPLEYARD, Donald. **Livable Streets.** University of California Press, Berkeley, 1981.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Edições Setenta, 226 p, Lisboa, 1994.

BIRNBAUM, Charles A. Protecting Cultural Landscapes:Planning, Treatment and Management of Historic Landscapes. In: **Preservation Briefs nº 36.** U.S. Washington, DC: Department of the Interiorc National Park Service Cultural Resources; 1994. Disponível em: https://www.nps.gov/tps/how-to-preserve/briefs/36-cultural-landscapes.htm Acesso em: 29 out. 2020.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca e Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

BRASIL. **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.** Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Presidência da República. Rio de janeiro, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm Acesso em: 18 set. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** Tradução Maria Letícia Ferreira. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CANTER, David. **The psychology of place.** London:The Architectural Press, 1977.

CARAMELLA, Elaine. A janela como moldura de espacialidades. *In* FERRARA, Lucrecia D'Alessio (org.). **Espaços Comunicantes**, p. 220-232. São Paulo: Annablume, 2007.

CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. Conferencia regional IFLA Américas, versão português, Seminário de Cultural Mexicana, Cidade do México, 2018. Disponível em: http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2019/10/Carta-da-Paisagem-das-Am%C3%A9ricas_VERS%C3%83O_FINAL_PORTUGU%C3%8AS_150619.pdf Acesso em: 02 jun. 2021.

CASTELLO, Lineu. **Repensando o lugar no projeto urbano.** Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004). Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5112 Acesso em: 12 set. de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Luciana de Castro; SERRES, Juliane Conceição Primon. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro. In: **Memória e Patrimônio**, Unesp, v. 12, n.1, p. 158-178, janeiro-junho, São Paulo, 2016. Disponível em: https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/475/879 Acesso em: 15 jul. 2021.

COUNCIL OF EUROPE. Glossary of the Information System of the Conuncil of Europe Landscape Convention. **Spatial planning and landscape,** n° 106, 74p. Janeiro, 2018. Disponível em: https://rm.coe.int/16802fc144 Acesso em: 02 mar. 2023.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana.** Portugal: Edições 70, 1994.

CURY, Isabelle (org.). **Cartas patrimoniais.** Rio de Janeiro: Iphan, 2004.

DAVIS, Brian; OLES, Thomas. From Architecture to Landscape. In: **Places Journal**, outubro, 2014. Disponível em: https://placesjournal.org/article/from-architecture-to-landscape/?cn-reloaded=1#0 Acesso em: 02 fev. 2021.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** São Paulo: Pini, 1990.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

EN 17037, **Daylight in Buildings**. European Committee for Standardization, Brussels, Belgium, 2018.

ERHARDT, Stefan. OpenTopoMap website. **https://opentopomap.org**, 2022.

FAJARDO, M.; PERÍES, L. (Eds**.). El paisaje a través de mi ventana:** crónica ilustrada del paisaje en los tiempos del coronavirus. Córdoba: UCC, 2020.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **Da tutela dos monumentos à gestão sustentável das paisagens culturais complexas.** 2014. 542 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FILLIPON, Maria Isabel; MENEGUZ, Silvia Regina Fachin. Humanismo latino e padrão estético: portas e janelas na arquitetura dos imigrantes italianos de Monte Belo do Sul - do prático ao iconográfico. *In* BOMBASSARO, Luiz Carlos, DAL RI JUNIOR, Arno & PAVIANI, Jayme (orgs). **As interfaces do humanismo latino.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FILIPPON, Maria Isabel. **A Casa do Imigrante Italiano**, A linguagem do espaço de habitar. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul,

2007. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/241 Acesso em: 05 de jul. 2022.

FREITAS, João Paulo. **A presença do gênero da paisagem na arte contemporânea.** Mestrado em Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

FRIESE, Susanne. **ATLAS.ti 9 Windows – User Manual.** Versão 9.0.0.214. ATLAS.ti Scientific Development GmbH, Berlin, 2021. Disponível em: https://doc.atrasti.com/ManualWin.v9/Intro/IntroductionPreface.html Acesso em: 10 jan 2023.

FUÃO, Fernando. **Sobre cadeiras e clareiras:** uma leitura sobre a domesticação em regras para o parque humano de Peter Sloterdijk. 2019, n.p. Disponível em: https://fernandofuao.blogspot.com/2019/11/sobrecadeiras-e-clareiras-umaleitura.html Acesso em: 30 ago. 2020.

GASTO CODERCH, Juan Miguel; GALVEZ NAVARRETE, Maria Consuelo; MORALES ARNAIZ, Patricio. Construcción y articulación del paisaje rural: perception, natural disturbance and the reconstruction of landscapes. In: **Arquitectura, Urbanismo e Sustentabilidad**; n.7, p.6-11, 2010. Disponível em: http://revistas.uach.cl/pdf/aus/n7/art02.pdf Acesso em: 02 set. 2013.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **La investigación Cualitativa em Psicología: rumbos e desafíos.** Educ. São Paulo, 1999.

GOOGLE. Google Earth website. **https://earth.google.com/web**, 2022.

GIBSON, James J.. The concept of stimulus in psychology. In: **American psychologist**, v. 15, p. 694-703. New York, 1960.

GIBSON, James J.. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Ass, 1986.

IAPH. Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico (ed.). **Guía del paisaje cultural de la Ensenada de Bolonia, Cádiz. Avance.** Consejería de Cultura, PH cuadernos 16, 365 páginas; Espanha, 2004. Disponível em: https://repositorio.iaph.es/handle/11532/331255 Acesso em: 30 jun. 2021.

IPHAN. **Dossiê de Tombamento da Paisagem Urbana de Santa Tereza\RS**. Porto Alegre: 12ª Superintendência Regional do IPHAN, 2006.

IPHAN. **Carta da Paisagem Cultural:** Bagé. Brasilia, DF: Iphan, 2007. Disponível em: https://docplayer.com.br/25861888-Carta-de-bage-ou-carta-da-paisagem-cultural.html Acesso em: 19 set. 2020.

IPHAN. Portaria n° 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 83, p. 17, 5 maio, 2009.

IPHAN. **Ata da 65ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural - IPHAN**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2010. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/2010_03_65a_reunio_ordinria_4_de_novembro.pdf Acesso em: 15 out. 2020.

IPHAN. **Reflexões sobre a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.** Coordenação de Paisagem Cultural. Brasilia, DF: Iphan, 2011a. Disponível em https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/19930_20110518_093241.pdf Acesso em: 18 set. 2020.

IPHAN. **Roteiros Nacionais de Imigração Santa Catarina. Dossiê de tombamento.** 11ª Superintendência Regional do Iphan, vol 1 - 118 p., vol. 2 – 342. Florianópolis: SC, 2011b. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=&busca=Roteiros+nacionais+de+imigra%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 18 set. 2020.

IPHAN. Portaria n° 275, de 19 de setembro de 2018. Institui a Política do Patrimônio Cultural Material do IPHAN. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 182, p. 7-11, 20 setembro, 2018.

IPHAN. **Minuta de Portaria:** define Paisagem Cultural Brasileira e estabelece a chancela como instrumento de reconhecimento do patrimônio cultural. Brasília, DF: Iphan, 2019a. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1956 Acesso em: 18 set. 2019.

IPHAN. **Quadro comparativo entre a Portaria 127/2009 e a minuta de Portaria formulada pelo grupo.** Brasília, DF: Iphan, 2019b. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1956 Acesso em: 18 de set. de 2019.

IPHAN. **Relatório Técnico do Grupo de Trabalho da Paisagem Cultural Brasileira.** Brasília, DF: Iphan, 2019c. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/RELATORIO_TECNICO_Paisagem.docx Acesso em: 18 set. 2019.

IPHAN. **Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão.** Módulo 3 – Cadastro. Fichas de cadastro geral e informações básicas dos bens tombados de Santa Tereza-RS. Escritório Técnico Iphan, Antônio Prado, 2020.

ITTELSON, William H. Enviromental perception and urban experience. In: **Enviroment and Behavior**, 10 (2), 163-213, 1978. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0013916578102004 Acesso em: 24 fev. 2023.

JAYASEKARE, Ajith S.; HERATH, Shanaka; WICKRAMASURIYA, Rohan; PEREZ, Pascal. The price of a view: estimating the impact of view on house prices. In: **Pacific Rim Property Research Journal**, 25:2, 141-158, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14445921.2019.1626543 Acesso em: 19 jul. 2021.

JORGE, Luís Antônio. **O Desenho da Janela.** São Paulo: Annablume, 1995.

KENT, Michael. **The Importance of Window View:** Using an Exploratory Factor Analysis to Uncover the Underlying Latent Dimensions, University of California, Berkeley, 2018. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/4mj1b1vz#main Acesso em: 01 abr. 2021.

KENT, Michael; SCHIAVON, Stefano. Evaluation of the effect of landscape distance seen in window views on visual satisfaction. In: **Building and Enviroment**, volume. 183, outubro 2020. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132320305345 Acesso em: 01 abr. 2021.

KOFFKA, Kurt. **Principles Of Gestalt Psychology**. Routledge, 1935.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade.** Brasília: Editora, 1996.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares. In: **Arquitetura Revista**, vol. 1, n. 2, p. 163-173. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193616192001 Acesso em: 12 de set. 2020.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Percepção e preservação da paisagem cultural. In: **Olam – Ciência & tecnologia**, ISSN 1982-7784, vol. 1, n. 2, p. 187-211, novembro. São Paulo: Rio Claro, 2001. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/11760 Acesso em: 12 de set. 2020.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **Sobre a Identidade dos Lugares.** Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1999. Disponível em: http://www.unb.br/fau/cidade_arquitetura/identidade.pdf Acesso em: 3 mai. 2008.

KUHLENENGEL, Michael; WATERS, Clarence e KONSTANTZOS, Iason. Assessing the impact of outside view on learning: a close look to EN 17037 'view out' practices through the analysis of 220 classrooms. In: **Journal of Physics:** Conference Series, Volume 1343, 2019. Disponível em https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1742-6596/1343/1/012159 Acesso em: 02 mar. 2023.

LALI. **A Iniciativa Latino-Americana da Paisagem**. Documento digital, versão português, 2012. Disponível em: http://www.lali-iniciativa.com/la-iniciativa/ Acesso em: 02 jun. 2021.

LANG, Jon. **Creating architectural theory:** the role of the behavioural sciences in environmental design. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

LAVILLE, Cristian.; DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Editora UFMG, 340p. Belo Horizonte, 1999.

LYNCH, Kevin (1960). **A imagem da cidade.** São Paulo: Edições 70, 1999.

MAKHZOUMI, Jala; EGOZ, Shelley.; PUNGETTI, Gloria (Eds.). The Right to Landscape: Contesting Landscape and Human Rights. 1st ed., Routledge, 2011.

MARKUS, Thomas A. The function of Windows - a reappraisal**.** In: **Building Science**, volume 2, pág 97–121, 1967. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0007362867900126 Acesso em: 15 mai. 2021.

MEINIG, Donald William. **The Beholding Eye:** Ten Versions of the Same Scene, The Interpretation of Ordinary Landscapes. Oxford University Press, New York, 1979, pp. 33-48. Disponivel em: http://faculty.washington.edu/cet6/pub/Temp/CFR521e/Meinig_1979.pdf Acesso em: 06 mar. 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A paisagem como fato cultural.** In: YÁZIGI, E. (org.)**. Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002.

MINISTERIO DE EDUCACION, CULTURA Y DEPORTE. **Plan Nacional de Paisaje Cultural**. Instituto del Patrimonio Cultural de España, Madrid, 2015. Disponível em: https://oibc.oei.es/uploads/attachments/179/PAISAJES_CULTURALES.pdf Acesso em: 08 jun. 2022.

MUIR, Richard. Landscape and Place. In: **Approaches to Landscape.** Palgrave, London, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-349-27243-3_9 Acesso em: 31 jul. 2021.

NAOUMOVA, Natalia. **Qualidade estética e policromia de centros urbanos.** Vol. I. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/16472 Acesso em: 12 set. 2020.

NASAR, Jack L.. Perception, cognition and evaluation of urban places. In: Altman I, Zube E (eds.) **Human Behavior and Environment**: Public Spaces. Plenum, New York, pp. 31±56, 1989.

NASAR, Jack L.. Urban design aesthetics: The evaluative quality of building exteriors. In: **Environment and Behavior,** 26, p. 377-401, 1994.

NASAR, Jack L.. The Evaluative Image of the City. Sage, Thousand Oaks, CA, 1997.

NASAR Jack L.; JONES, K. . Landscapes of fear and stress. In: **Environment and Behavior**, 29, p. 291-323, 1997.

NASAR, Jack L. .City, images of. In: **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, pg.1822-1825, Pergamon, 2001. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B0080430767043990?via%3Dihub Acesso em: 17 jul. 2021.

NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. **Prototipus de catáleg de paisatge: bases conceptuals, metodològiques iprocedimentals per elaborar els catàlegs de paisatge de Catalunya. Olot i Barcelona.** Catalunya: Observatori del Paisatge, 2006. Disponível em: http://catpaisatge.net/fitxers/Prototipus2006.pdf Acesso em: 30 jul. 2021.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. 1976. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995.** São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 444- 461.

OLMO, Rafael Mata. El paisaje, percepcion y caráter del território. In: **Paisaje vivido, paisaje estudiado:** miradas complementares dede el cine, la literatura, el arte e la ciência. Junta de Andalucia, p. 43-72, Espanha, 2008.

OLSZEWSKA-GUIZZO, A.; ESCOFFIER, N.; CHAN, J.; PUAY YOK, T. **Window View and the Brain:** Effects of Floor Level and Green Cover on the Alpha and Beta Rhythms in a Passive Exposure EEG Experiment. In: International Jornal Environmental Research and Public Health 15, nº 11:2358. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph15112358 Acesso em: 15 mai. 2021.

OZDEMIR, Aidyn. **The effect of window views' openness and naturalness on the perception of rooms' spaciousness and brightness:** A visual preference study. Department of Landscape Architecture, Ankara University, Ankara, Turquia, Junho, 2010. In: Scientific Research and Essays, vol. 5(16), pág. 2275-2287, 18 agosto, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228638630_The_effect_of_window_views'_openness_and_naturalness_on_the_perception_of_rooms'_spaciousness_and_brightness_A_visual_preference_study Acesso em: 01 abr. 2021.

PIERCE, Lewis. Common Landscapes as Historic Documents. In: LUBAR, Steven and KINGERY, W. David (eds.) **Essays on Material Culture**. Smithsonian Institution Press. Washington, IX, 1993.

PEREIRA, Danilo Celso. A chancela da Paisagem Cultural Brasileira: 10 anos de caminhos e descaminhos de uma política de cultura com compromisso social. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, vol. 12, n. 22, pág. 173-197, jul-dez, 2020. Disponível em https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/issue/view/940 Acesso 18 set. 2020.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

PREZZI, César Augusto. Santa Tereza - Patrimônio histórico, artístico e nacional. In: BACCA, Ademir Antonio; ROCHA, Luis Henrique (org.). **150 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul**, vol. 3, cidades, pág. 236-243. Bento Gonçalves, Proyecto Cultural Sur/Brasil, 2020.

RAFFAINER, Lia (org.). **Stòrie e ricordi**. Coleção de postais comemorativa do bicentenário do nascimento de Bento Gonçalves. Museu Histórico Casa do Imigrante, Bento Gonçalves, 1988.

REICHLIN, Bruno. The Pros and Cons of the Horizontal Window: The Perret-Le Corbusier Controversy. In: Daidalos: **Berlin Architectural Journal**, nº 13, Setembro, p. 65-78, 1984. Disponível em: https://courseworks2.columbia.edu/courses/10400/files/folder/Arch%20Vis%20Wk%207%20readings?preview=594375&sort=created_at&order=asc Acesso em: 02 mar. 2023.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. In: **Projetos**, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007. Disponível em https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/03.036/225 Acesso em: 18 set. 2018.

REIS, Antônio Tarcísio, PEREIRA, Maria Lourdes; BIAVATTI, Camila. An Analysis of the Aesthetic Impact of Views from Apartments. In: **Human Experience in the Natural**

and Built Environment: Implications for Research, Policy and Practice (IAPS 22 Conference, Abstracts of Presentations). IAPS. Glasgow, UK: University of Strathclyde, 2012.

REIS, Antônio Tarcísio; SEADI, Maria de Lourdes; BIAVATTI, Camila. Views from Apartment Buildings: an analysis by architects and non-architects college graduates. In: **Annual Conference Of The Environmental Design Research Association**, 47, Raleigh, 2016. Proceedings. Raleigh: EDRA, 2016.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, Giselle; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação.** Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, FAU-UFRJ, 2009. 117p. [Livro Eletrônico]

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** 2ª edição, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Ana; TENÓRIO, Barbara; MEDEIROS, Helen. Uma janela para paisagem. In: **Arquitetura Revista**, vol. 14, n. 2, p. 163-173. São Leopoldo: Unisinos, 2018. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2018.142.06 Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, Carl O. The Morfology of Landscape. In: AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D.; ROGERS, A. (org.). **Human Geography: An Essential Anthology**. Oxford: Blackwell, 1996 [1995], p. 296-315. Disponível em: http://www8.umoncton.ca/umcm-vincent_guy/Sauer%20-%20Morphology%20of%20landscape.pdf Acesso em: 20 nov. 2021.

SEMENOV, Misha. Framing the View to Nature: Windows as Empathic Mediators between Indoor and Outdoor Ecology. Dezembro, 2017. In: **The Ecoemphaty Project**, 17 de Dezembro, 2017. Disponível em: https://ecoempathyproject.wordpress.com/2017/12/17/framing-the-view-to-nature-windows-as-empathic-mediators-between-indoor-and-outdoor-ecology/ Acesso em: 01 abr. 2021.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Inventário Florestal Nacional**: principais resultados: Rio Grande do Sul [recurso eletrônico]. Ministério do Meio Ambiente. Série Relatórios Técnicos – IFN, 83 p. Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201902/18180500-ifn-rs-2018.pdf Acesso em: 06 mar. 2023.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e

aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: http://www.spell.org.br/documentos/ver/27745/o-uso-da-analise-de-conteudo-como-uma-ferramenta-para-a-pesquisa-qualitativa--descricao-e-aplicacao-do-metodo/i/pt-br Acesso em: 03 mar. 2023.

SLL, Lighting Guide 10: **Daylighting - A Guide for Designers**, Chartered Institution of Building Services Engineers (CIBSE), London, United Kingdom, 2014.

SNODGRASS, Jacalyn; RUSSELL, James A.; WARD, Lawrence. M.. Planning, mood, and place-liking. In: **Journal of Environmental Psychology**, 8(3), p. 209–222, 1988. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S0272-4944(88)80010-0 Acesso em: 03 mar. 2023.

SOUZA, Lucas Barbosa e. Percepção ambiental e fenomenologia: possibilidades de adaptação do método e alguns exemplos de pesquisas. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, p. 297-314, abril, 2017. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/download/44699/32111 Acesso em: 02 mar. 2023.

SPIRN, Anne W**. The language of landscape**. New Haven/Londres: Yale University Press, 1998.

SWANWICK, Carys. **Landscape Character Assessment:** guidance for England and Scotland. Scottish Natural Heritage & The Countryside Agency, 2002. Disponível em: https://www.nature.scot/sites/default/files/2018-02/Publication%202002%20-%20Landscape%20Character%20Assessment%20guidance%20for%20England%20and%20Scotland.pdf Acesso em: 30 jul. 2021.

THWAITES, Kevin; SIMKINS, Ian. **Experiential landscape:** an approach to people, place and space. Routledge London, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia.** Um estudo da Percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 288 p.1980.

UNESCO. **Convention concerning the protection of the world cultural and natural heritage.** World Heritage Comitee, 16ª seção, 7-14 de dez. Santa Fe, Estados Unidos,1992. Disponível em: https://whc.unesco.org/archive/1992/whc-92-conf002-12e.pdf Acesso em: 18 set. 2020.

UNESCO. **Recomendation on the Historic Urban Landscape at 36th session**. Paris: UNESCO World Heritage Center, 2011. Disponível em: http://www.historicurbanlandscape.com/themes/196/userfiles/download/2014/3/31/3ptdwdsom3eihfb.pdf Acesso em: 12 mai. 2021.

UNESCO. **THE HUL GUIDEBOOK:** Managing heritage in dynamic and constantly changing urban environments. Austria: 15th World Conference of the League of Historical Cities, Bad Ischl, Austria, 2016. Disponível em: http://historicurbanlandscape.com/themes/196/userfiles/download/2016/6/7/wirey5prpznidqx.pdf Acesso em: 12 mai. 2021.

WACZYNSKA, Marta; SOKOL, Natalia; MARTYNIUK-PECZEK, Justyna. Computational and experimental evaluation of view out according to European Standard EN17037. In: **Building and Enviroment**, volume 188, janeiro 2021. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360132320307824 Acesso em: 01 abr. 2021.

WEBER, R. **On the aesthetics of architecture:** a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural space. Aldershot, England: Avebury, 1995.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem Cultural Brasileira: do conceito à prática. In **Anais do 2º Colóquio Ibero-Americano:** Paisagem Cultural, patrimônio e projeto – desafios e perspectivas. CD-ROM.Belo Horizonte, 2012.

WHYTE, Anne V. T. Guidelines for fields studies in environmental perception. In: **MAB Technical Notes**, 5. Paris: Unesco, 1977. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000024707 Acesso em: 02 mar. 2023.

ZANELLA, Márcio. **Identificação dos Elementos de Paisagem Cultural de Santa Tereza.** Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Laboratório de Arquitetura e Urbanismo. Caxias do Sul: UCS, 2008.

ZANELLA, Márcio; NAOUMOVA, Natália. **A janela como foco de percepção da paisagem patrimônio de Santa Tereza/RS.** XI Seminário de Pesquisa PROGRAU, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020a.

ZANELLA, Márcio; NAOUMOVA, Natália. **O papel da cor na construção do habitar da paisagem cultural de Santa Tereza-RS**. Anais do XXII Encontro de Pós Graduação (ENPOS), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020b. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/enpos/anais/anais-2020/ Acesso em: 15 mai. 2021.

ZANELLA, Márcio; SILVEIRA, Aline M.; OLIVEIRA, Ana Lucia e NAOUMOVA, Natália. Paisagem Cultural Brasileira: o silencio na perspectiva de revisão da chancela. In**: Nós - I Congresso de Estudos da Paisagem** – Patrimônios em silêncio. Caderno de Resumos, Nó Cego – outros silêncios, pág. 166, 2021. Disponível em: https://issuu.com/ciep.nos/docs/caderno_de_resumos_-_ciep Acesso em: 15 mai. 2021.

ZANIRATTO, Silvia. **Paisagem cultural e espírito do lugar como patrimônio: em busca de um pacto social de ordenamento territorial.** In: Revista CPC. Sao Paulo: CPC-USP, n. 29, 1. Semestre, 2020. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/161594 Acesso em: 12 set. 2020.

APÊNDICE A – FICHAS DE AVALIAÇÃO DA CONEXÃO VISUAL DOS EDIFÍCIOS

Lista das fichas:

CV01 – Casa Miele (4 páginas)

CV02 – Hotel Central (5 páginas)

CV03 – Fábrica de Alambiques (3 páginas)

CV04 – Prefeitura (5 páginas)

CV05 – Casa 2 da Estação (2 páginas)

CV06 – Casa Prezzi (4 páginas)

CV07 – Casa Lahude (3 páginas)

CV08 – Casa Picinini (4 páginas)

CV09 – Casa do Professor (4 páginas)

CV10 – Casa 1 da Vila Ferroviária (2 páginas)

Também disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/15QDAitTeHmnFynUIHUuSsEs1-RAr_7aY?usp=share_link

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-01 | DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 | FOLHA: 01/07

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***CASA MIELE***

Endereço: Av. Itália, nº 460.

Ano de construção ou Reforma: 1910

Ano tombamento: 2010

Setor 03

Período 1º

Nº de pavimentos:
03 (porão/térreo/superior)

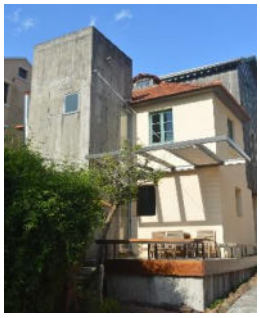
Nº total de janelas:
23 janelas + 01 porta-janela

Fachada principal (LESTE)

Descrição do bem e Histórico:
Construída por volta de 1910, em madeira, por Maximiliano Cremonese (engenheiro italiano). A cozinha em madeira, construída nos fundos, foi demolida e construída em alvenaria. Os proprietários eram Fausto Miele e Ernesta Vignatti Miele. Originalmente estava instalada uma barbearia e fábrica de calçados. Casa em madeira de dois pavimentos e porão em alvenaria. Telhado de aço galvanizado em duas águas com beiral ornamentado com lambrequins. Aberturas com verga reta e esquadrias de madeira. Atualmente é utilizada como residência unifamiliar, restaurada pelos herdeiros proprietários.
(Fonte: SICG - Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão, IPHAN, 2014)

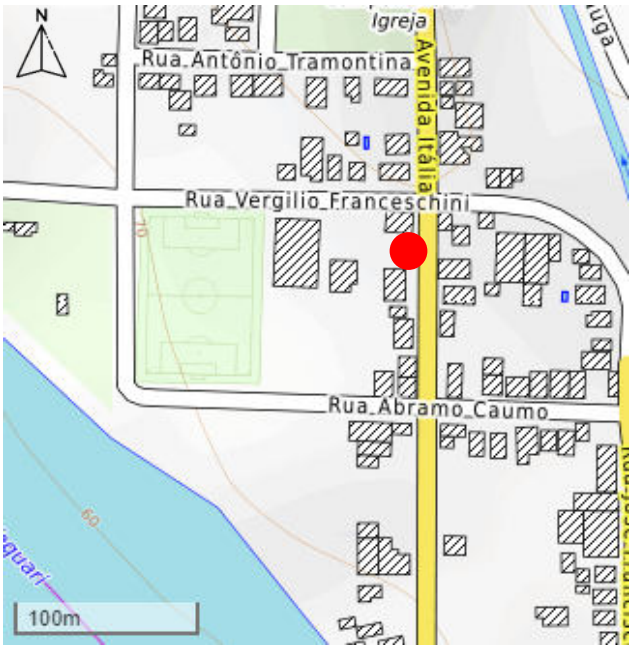
Fachada Norte

Fachada Sul



Fachada Oeste

2 – MAPA DE SITUAÇÃO



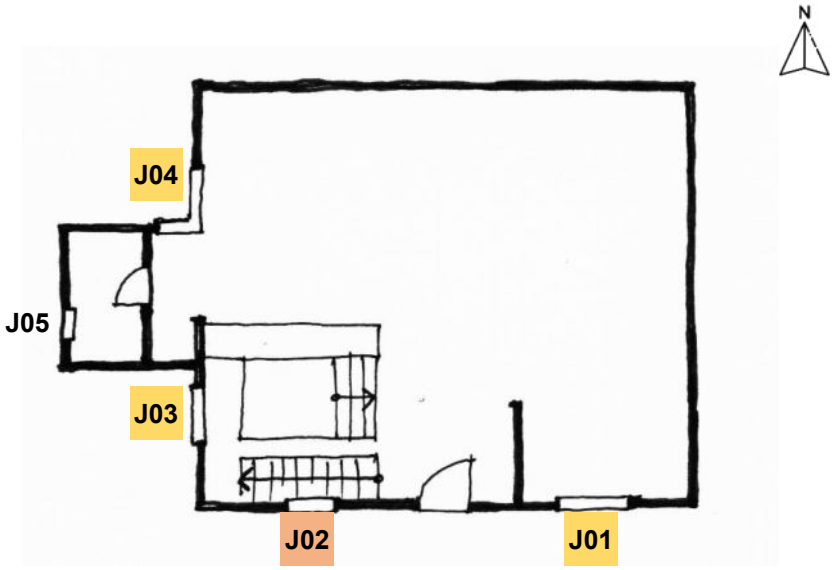
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – LOCALIZAÇÃO DAS JANELAS NOS PAVIMENTOS	5 - ORIENTAÇÃO

Porão

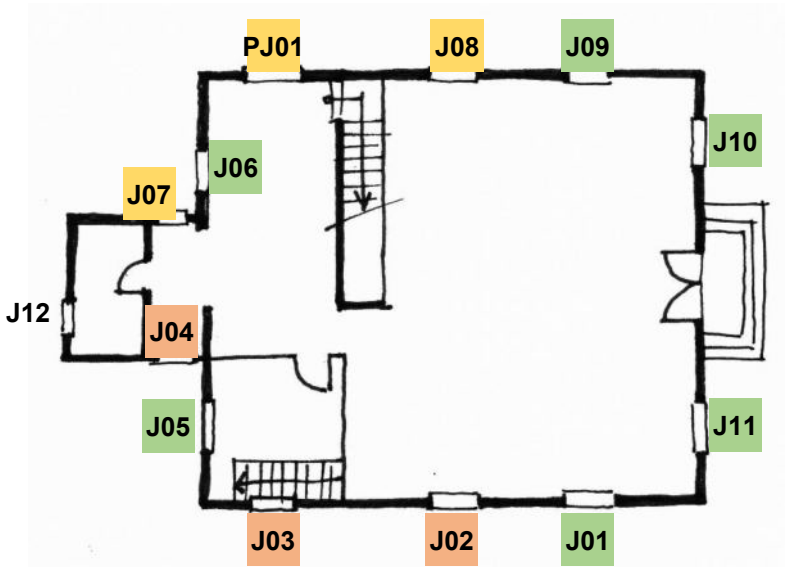


PAV. PORÃO:

Sul
J01/ J02

Oeste
J03/ J04/ J05

Térreo



PAV. TÉRREO:

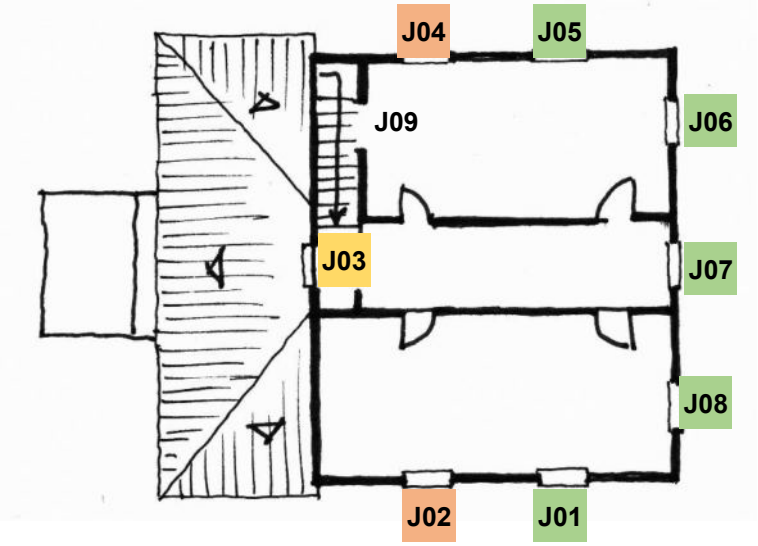
Norte
J07/ PJ01/ J08/ J09

Sul
J01/ J02/ J03/ J04

Leste
J10/ J11

Oeste
J05/ J12/ J06

Superior



PAV. SUPERIOR:

Norte
J04/ J05

Sul
J01/ J02

Leste
J06/ J07/ J08

Oeste
J03/ J09

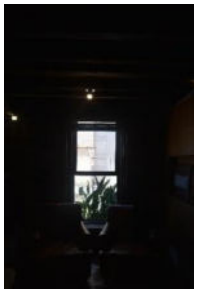
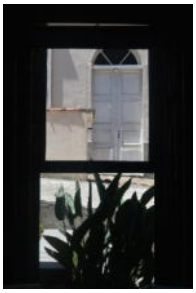
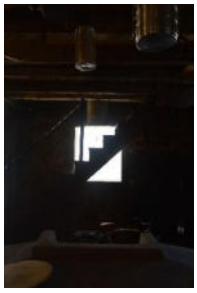
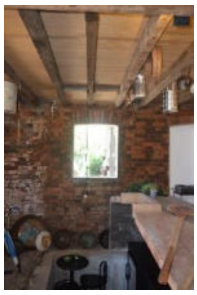
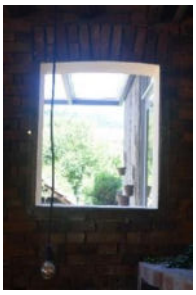
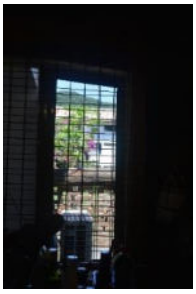
Observações

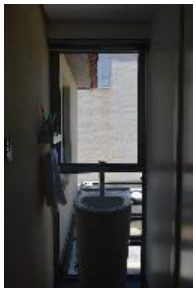
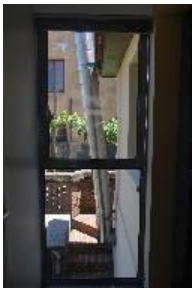
- Porão: J02 possui obstrução parcial pela escada; J05 (banheiro) invalidada pelo vidro opaco;
- Térreo: J12 (banheiro) invalidada pelo vidro opaco;
- Superior: J09 sem acesso (tamponamentos fixos);
-
-

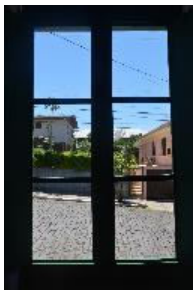
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS JANELAS

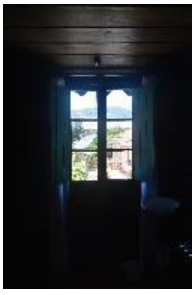
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
PORÃO – J01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
PORÃO – J02		MÍNIMO		MÍNIMO		NÃO ACESÍVEL	**MÍNIMO**
PORÃO – J03		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
PORÃO – J04		MÉDIO		MÉDIO		NÃO ACESSÍVEL	**MÉDIO**
TÉRREO – J01		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J02		MÍNIMO		MÍNIMO		ALTO	**MÍNIMO**
TÉRREO – J03		MÍNIMO		MÍNIMO		ALTO	**MÍNIMO**
TÉRREO – J04		IDEM CAMPO 2		MÍNIMO		ALTO	**NÍNIMO**
TÉRREO – J05		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J06		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J07		IDEM CAMPO 2		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – PJ01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J08		MÍNIMO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J09		MÍNIMO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J10		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J01		MÍNIMO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J02	MÍNIMO	MÍNIMO	ALTO	**MÍNIMO**
SUPERIOR – J03	MÍNIMO	MÉDIO	MÉDIO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J04	MÍNIMO	MÍNIMO	ALTO	**MÍNIMO**
SUPERIOR – J05	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J06	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J07	 MÉDIO	ALTA	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIO – J08	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J09	TAMPONAMENTO FIXOS			**SEM ACESSO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**6**	**24%**	ALTO
MÉDIO	**7**	**28%**	
ALTO	**11**	**44%**	
SEM ACESSO	1	4%	
TOTAL	25	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-02 DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 FOLHA: 01/08

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***ANTIGO HOTEL CENTRAL***

Endereço: Av. Itália, nº 442.

Ano de construção/reforma: 1910/1956

Ano tombamento: 2010

Setor 03

Período 1º

Nº de pavimentos:
03 (porão/térreo/superior)

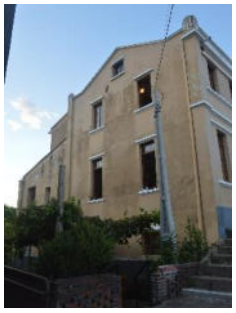
Nº total de janelas:
30 janelas

Fachada principal (LESTE)

1.2 - Descrição do bem/ Histórico:

Construída em 1910, era hotel e residência de Lívio Foppa com 18 quartos distribuídos em dois níveis (térreo e superior). Alguns anos após, foi instalado o Banco Nacional do Comércio. Reformada em 1956, recebeu anexo lateral com porão e coroamento escalonado. Atualmente funciona como pousada após obras internas configurando no pav. superior 5 suítes, no pavimento térreo um salão e outras 2 suítes. No porão um há um restaurante/café. Situada em lote de esquina possui dois acessos e está elevada da rua. Referências da arquitetura Neo-clássica e Art. Deco. Construção em alvenaria de tijolos portantes. Possui aberturas com vergas retas e esquadrias de madeira. Marcação da entrada principal com pilastras e presença de frisos no corpo da edificação.
(Fonte: IPHAN, 2010)

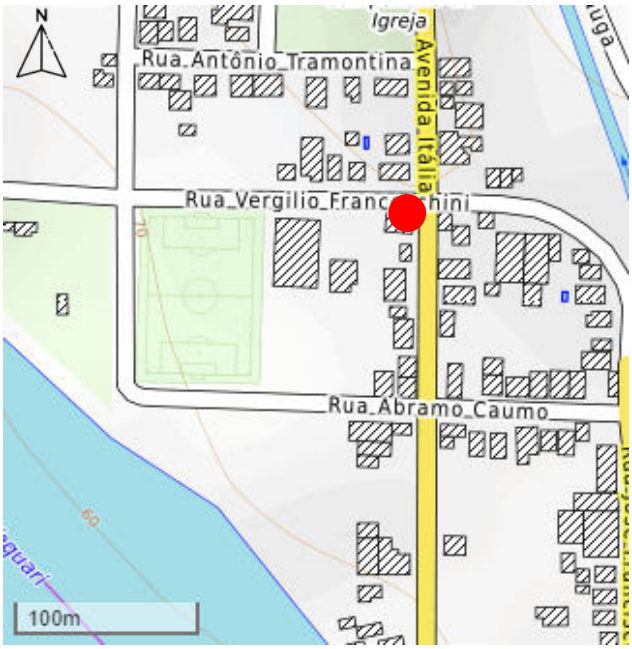
Fachada Norte



Fachada Sul

Fachada Oeste

2 – MAPA DE SITUAÇÃO



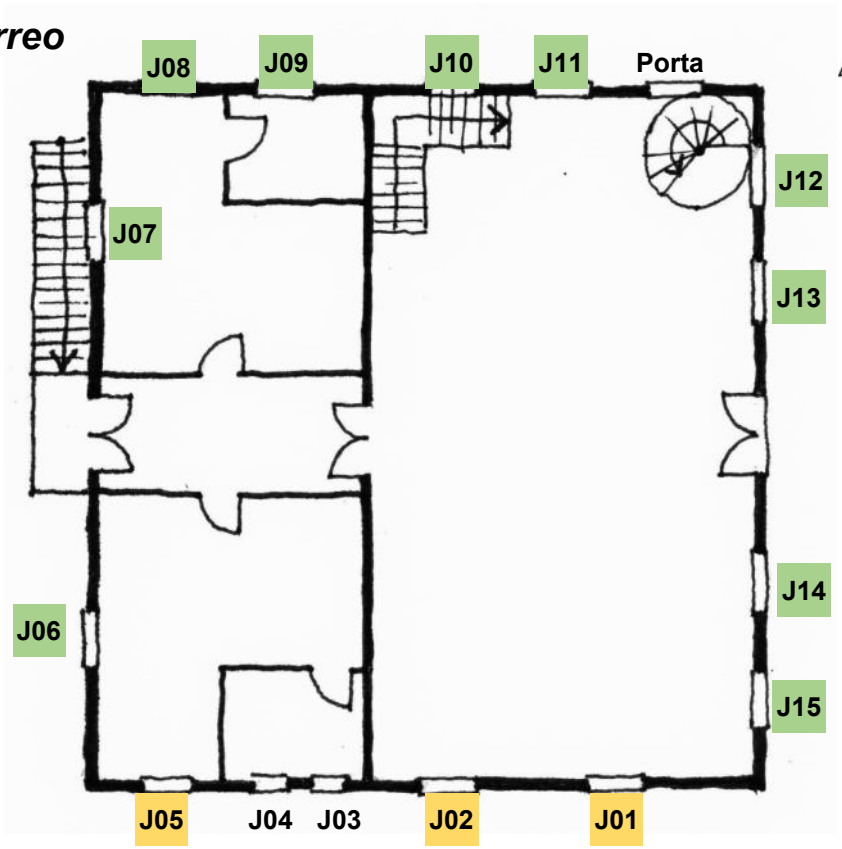
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

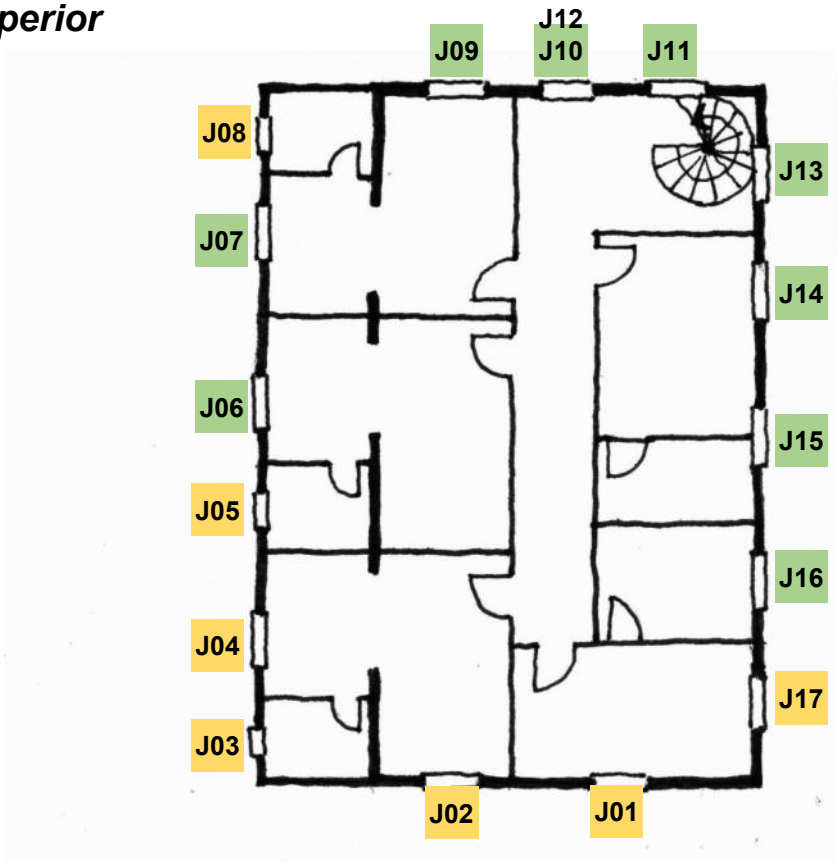
Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – LOCALIZAÇÃO DAS JANELAS NOS PAVIMENTOS

Térreo



Superior



5 - ORIENTAÇÃO

PAV. TÉRREO:

Sul
J01/ J02/ J03/ J04/ J05

Oeste
J06/ J07

Norte
J08/ J09/ J10/ J11

Leste
J12/ J13/ J14/ J15

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02

Oeste
J03/ J04/ J05/ J06/ J07/ J08

Norte
J09/ J10/ J11/ J12

Leste
J13/ J14/ J15/ J16/ J17

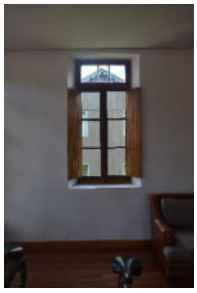
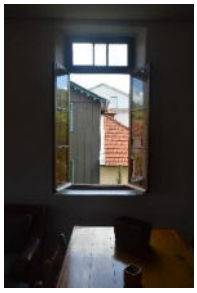
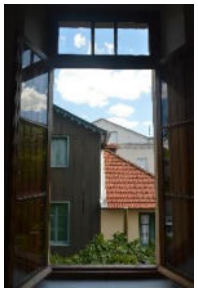
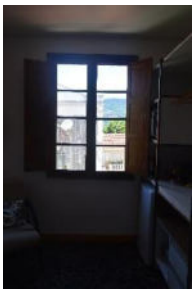
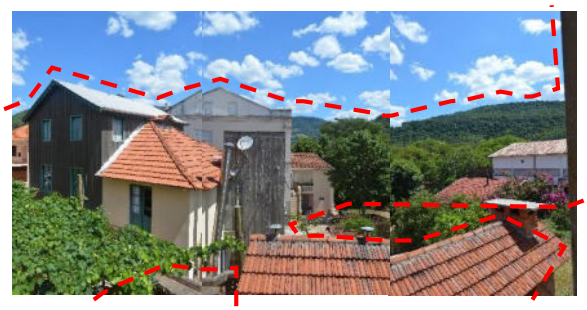
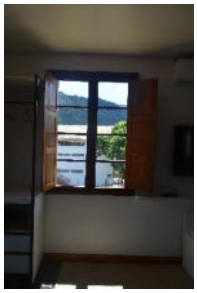
Observações

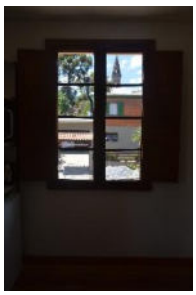
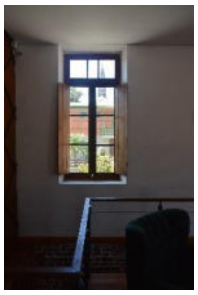
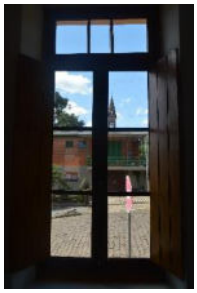
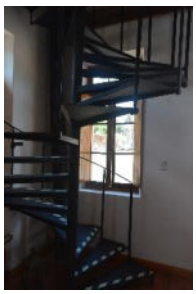
- Porão: não possui janelas válidas para esta pesquisa;
- Térreo: J03 e J04 (banheiro) invalidadas pelo tipo de vidro opaco (sem visualização externa);
- Superior: J12 não é acessível a partir do pavimento (altura);
-
-

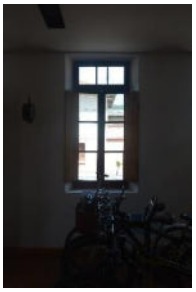
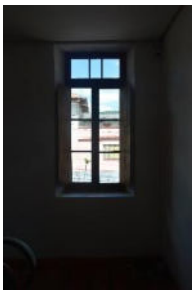
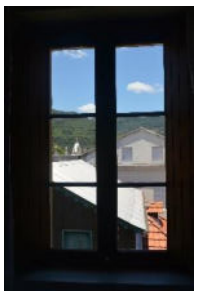
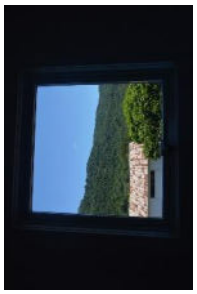
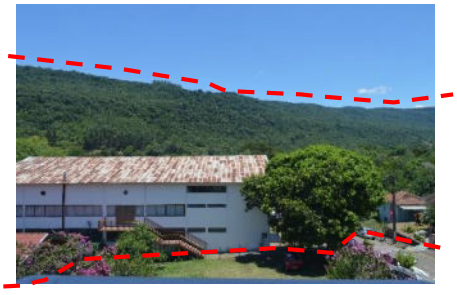
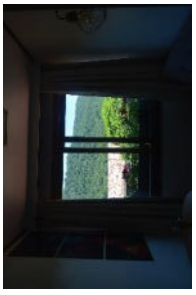
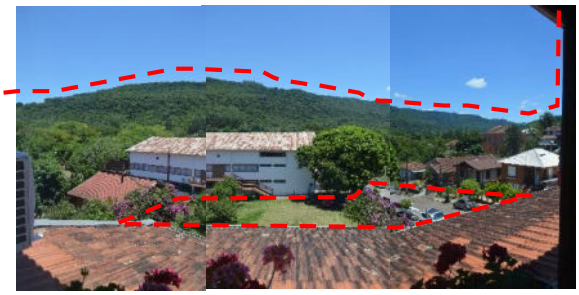
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS JANELAS

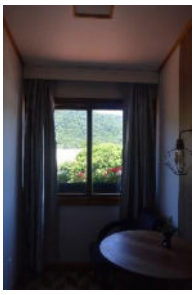
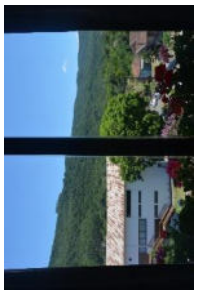
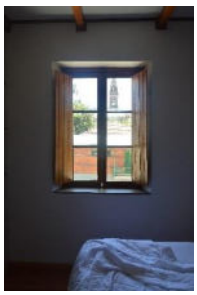
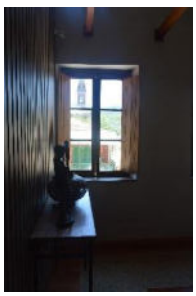
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

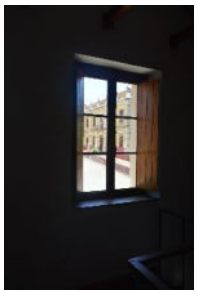
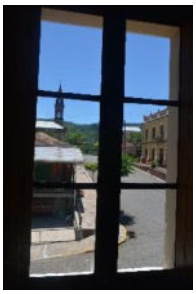
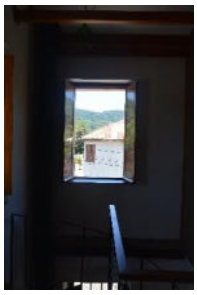
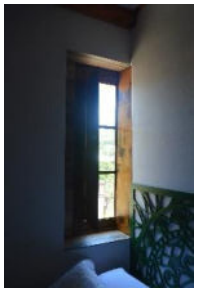
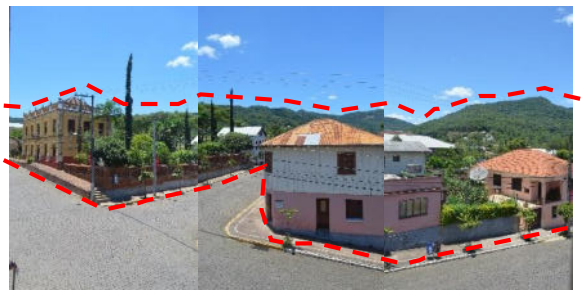
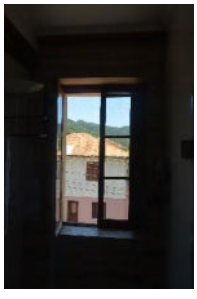
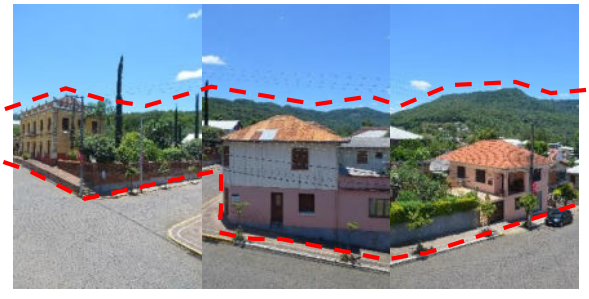
- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J02		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J05		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J06		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J07		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J08		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J09	IDEM CAMPO 2			ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J10		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J12		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J13		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J14		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J15		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J02		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J03		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J04		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J05	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J06	 MÉDIO	 ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J07	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J08	MÉDIO	MÉDIO	MÉDIO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J09	 MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J10	 ALTA	ALTA	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J11	 ALTO	 ALTO	ALTO	ALTO
SUPERIOR – J13	 ALTO	ALTO	ALTO	ALTO
SUPERIOR – J14	MÉDIO	ALTO	ALTO	ALTO
SUPERIOR – J15A	 MÉDIO	IDEM CAMPO 2 – J15B	IDEM CAMPO 3 – J15B	ALTO
SUPERIOR – J15B	MÉDIO	ALTO	 ALTO	
SUPERIOR – J16	 MÉDIO	ALTO	 ALTO	ALTO

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J17	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J12	SEM ACESSO			**SEM ACESSO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**0**	**0%**	ALTO
MÉDIO	**10**	**33,33%**	
ALTO	**19**	**63,33%**	
SEM ACESSO	1	3,33%	
TOTAL	30	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-03 | DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 | FOLHA: 01/05

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***FÁBRICA DE ALAMBIQUES***	***Setor 03***
Endereço: Rua Abramo Caumo, nº 158.	
Ano de construção/reforma: 1945	***Período 3º***
Ano tombamento: 2010	
Nº de pavimentos: 03 (porão/térreo/superior)	Nº total de fenestrações: 12 janelas + 1 Porta-janela

Fachada principal (Norte)

1.2 - Descrição do bem/ Histórico:

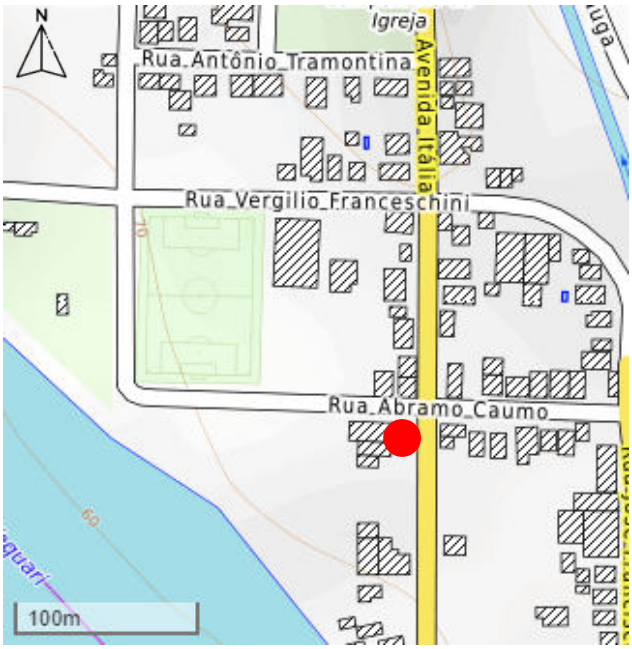
Construída por volta de 1945, por Luiz Pasini, originário de Mantova (Itália), foi fábrica de alambiques e de máquinas de sulfatar pioneira da região. Com passar dos anos serviu como residência e também depósito da Oficina Mecânica de Santa Tereza. Atualmente o imóvel passa por reformas para atender atividade comercial e pertence à família de Nelsy Luiz Vignatti, antigo morador do edifício. O prédio em alvenaria rebocada de tijolos possui dois pavimentos e porão. Telhado com quatro águas com telhas de aço galvanizado e beiral. Aberturas com vergas retas e esquadrias de madeira. Apresenta um chanfro na esquina. Os pavimentos são marcados por um friso horizontal, sendo que na fachada principal se destaca a verticalidade através de um balcão com gradil em ferro. Molduras e elementos decorativos reforçam a importância desta fachada. (Fonte: IPHAN, 2010)

Fachada Leste

Fachada Sul

Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



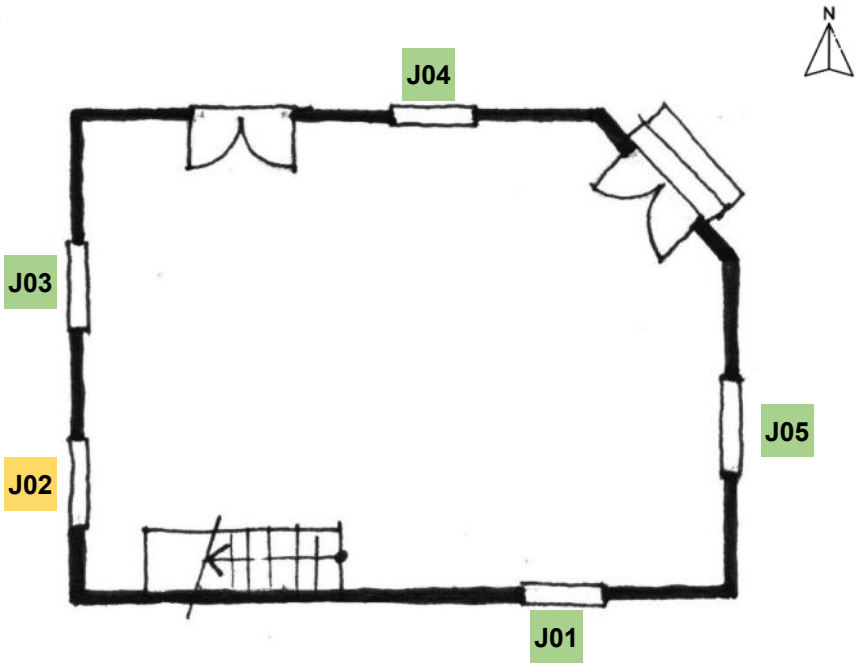
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

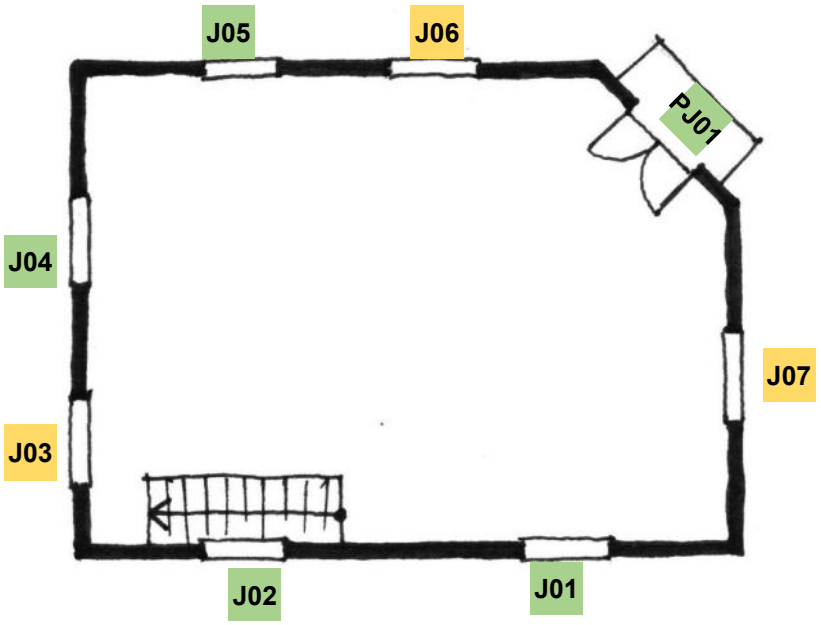
Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



Superior



PAV. TÉRREO:

Sul
J01

Norte
J02/ J03

Oeste
J04

Leste
J05

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02

Norte
J03/ J04

Oeste
J05/ J06

Nordeste
PJ01

Leste
J07

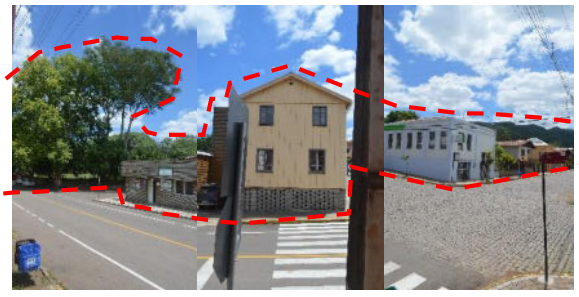
Observações

- Porão: não possui fenestrações válidas para pesquisa;
-
-
-
-

6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

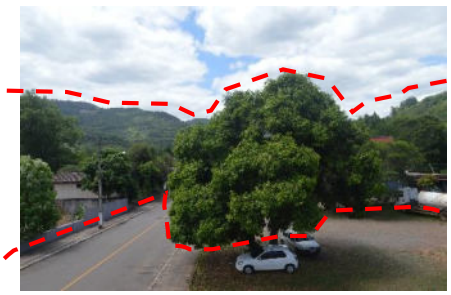
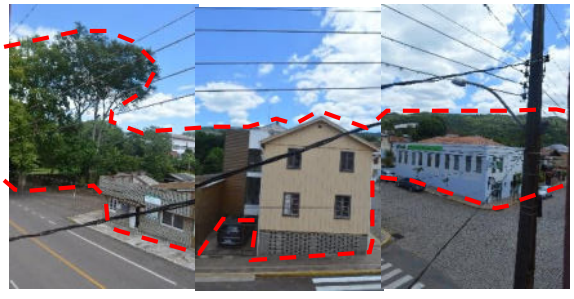
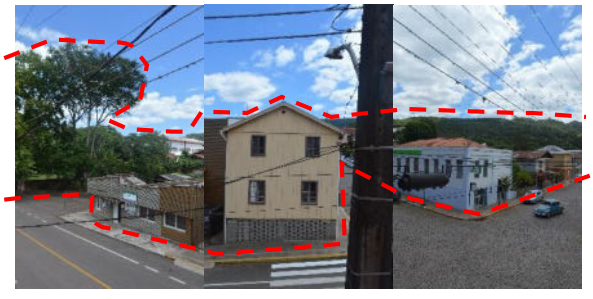
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

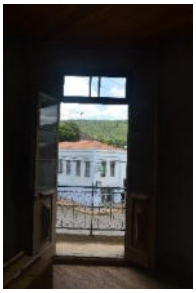
- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J02		MÍNIMO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J03		MÍNIMO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J04		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J05		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

FICHA Nº: CV-02

FOLHA: 04/05

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J01	MÉDIO	ALTO	 ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J02	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J03	MÍNIMO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIO – J04	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J05	MÉDIO	ALTO	 ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J06	MÉDIO	MÉDIO	 ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – PJ1	 ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J07	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**0**	**0%**	ALTO
MÉDIO	**4**	**30,76%**	
ALTO	**9**	**69,23%**	
SEM ACESSO	0	8,33%	
TOTAL	13	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-04 DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 FOLHA: 01/08

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***PREFEITURA***

Endereço: Av. Itália, nº 474.

Ano de construção/reforma: 1903

Ano tombamento: 1997

Setor 03

Período 1º

Nº de pavimentos:
03 (porão/ térreo/superior) + SÓTÃO

Nº total de fenestrações:
36 janelas

Fachada principal (LESTE)

1.2 - Descrição do bem/ Histórico:

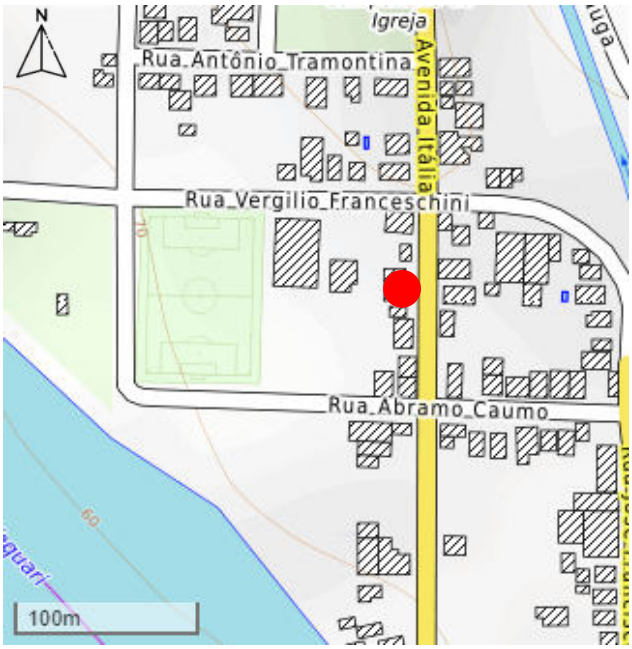
Construída em 1903 por Amadeo Strighini, abrigou originalmente a residência e o comércio da família tornando-se a mais antiga e importante organização comercial da região, funcionando como banco para os colonos e entreposto de produtos. Após um período de sessenta anos, o estabelecimento foi fechado. Em 1997 foi adquirido e tombado pelo município e restaurado com recursos federais (IPHAN). Em alvenaria portante de tijolos, possui características do estilo eclético, com fachada principal de composição simétrica, frontão triangular, frisos e pilastras com acabamento rústico imitando pedras. Cobertura em duas águas com telha cerâmica capa-canal e fechamento em platibanda. Aberturas em arco pleno no térreo e verga reta no primeiro pavimento com esquadrias em madeira.
(Fonte: IPHAN, 2010)

Fachada Norte

Fachada Sul

Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



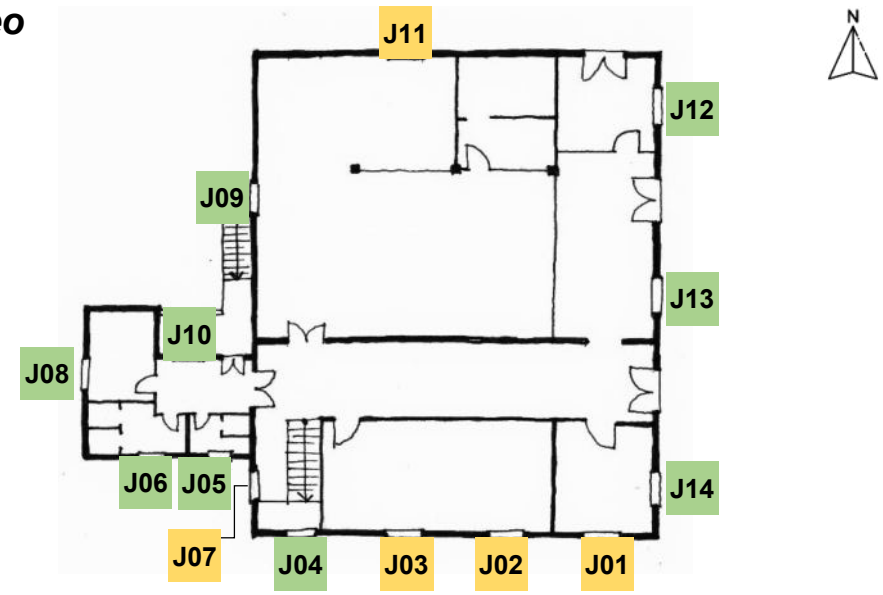
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



PAV. TÉRREO:

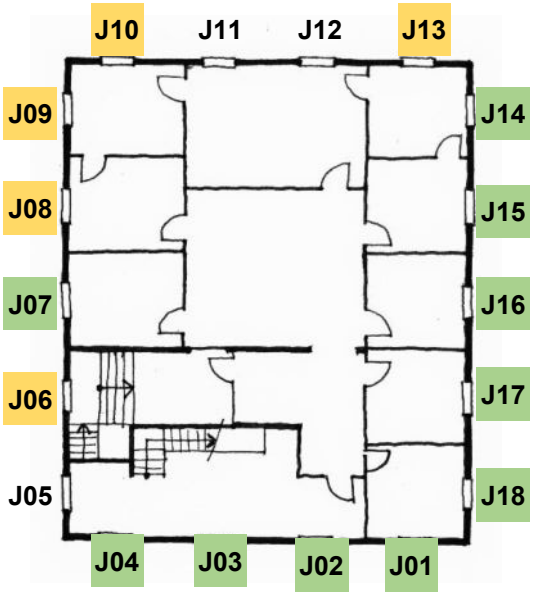
Sul
J01/ J02/ J03/ J04/ J05/ J06

Oeste
J07/ J08/ J09

Norte
J10/ J11

Leste
J12/ J13/ J14

Superior



PAV. SUPERIOR:

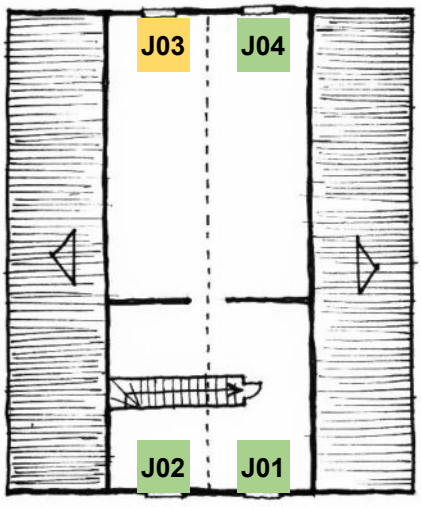
Sul
J01/ J02/ J03/ J04/

Oeste
J05/ J06/ J07/ J08/ J09

Norte
J10/ J11/ J12/ J13

Leste
J14/ J15/ J16/ J17/ J18

Sótão



PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02

Norte
J03/J04

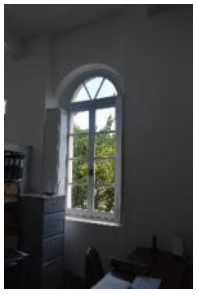
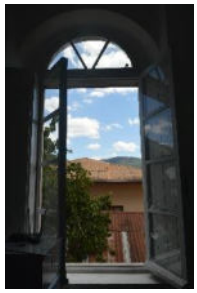
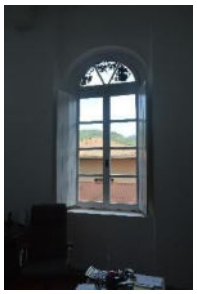
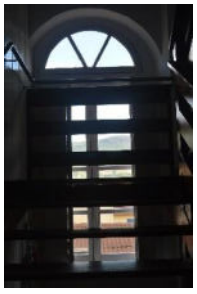
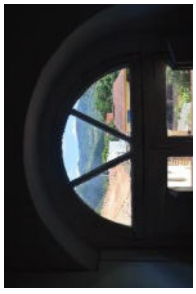
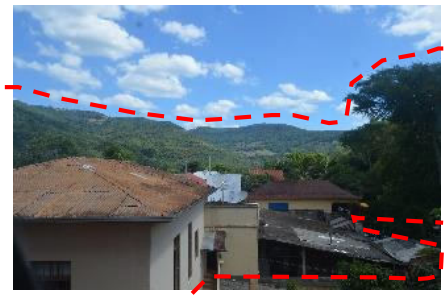
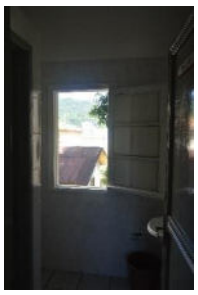
Observações

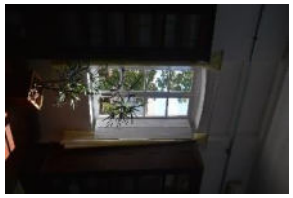
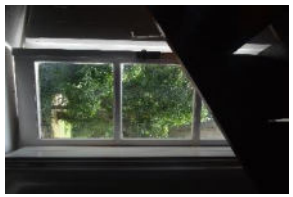
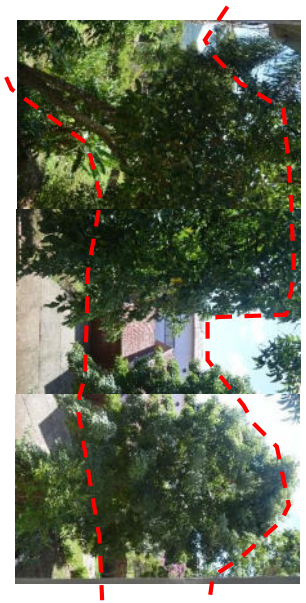
- Térreo: J04 parcialmente obstruída pela escada;
- Superior: J01 sem acesso (tamponamentos fixos); J11 e J12 acesso indisponível (gabinete do prefeito);
- Sotão: oferece acesso de pessoas, atualmente utilizado como arquivo geral da prefeitura;
- Porão não possuiu aberturas válidas para a pesquisa (auditório);
-

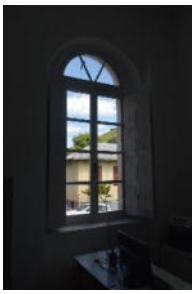
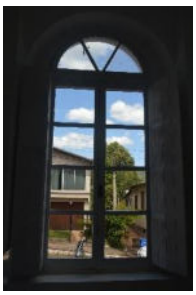
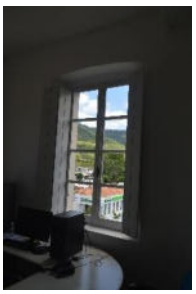
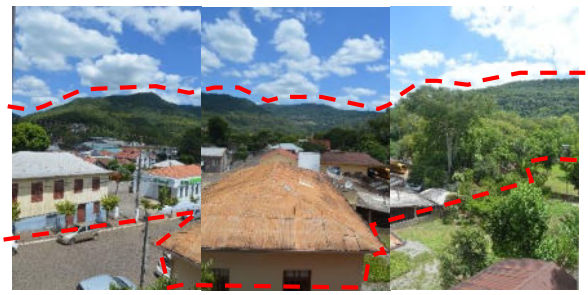
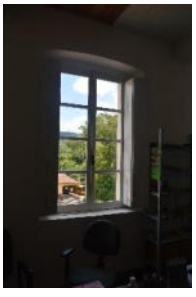
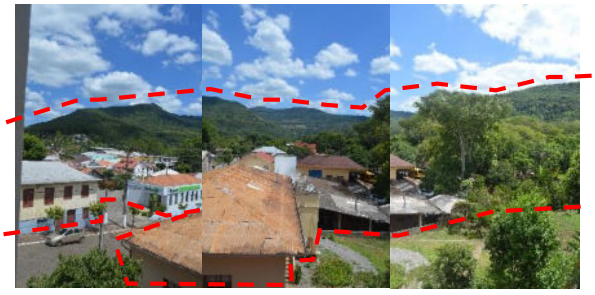
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

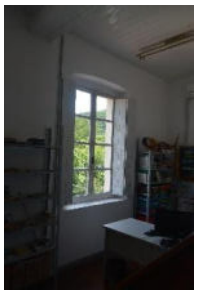
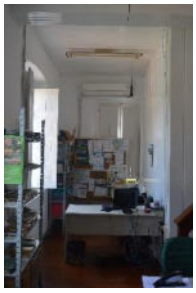
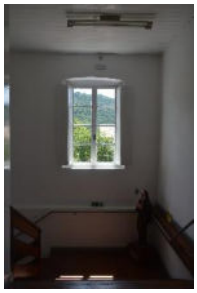
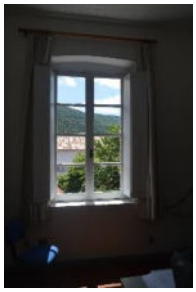
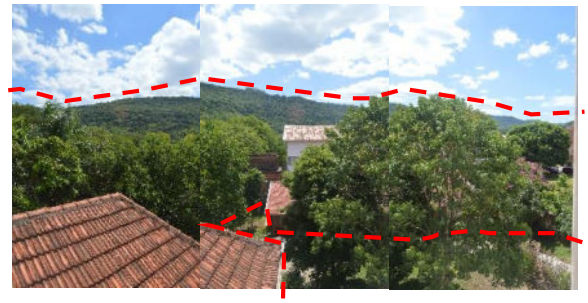
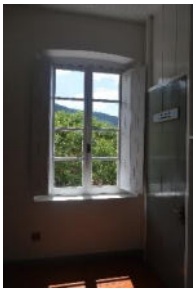
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

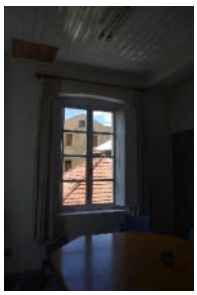
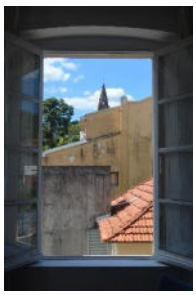
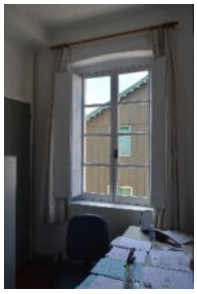
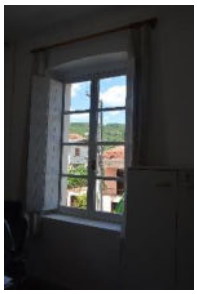
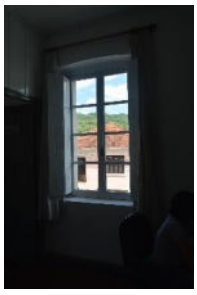
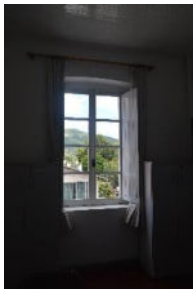
- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J02		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J03		MÉDIO		MÉDIO		MÉDIO	**MÉDIO**
TÉRREO – J04		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J05		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**

TÉRREO – J11	TÉRREO – J10	TÉRREO – J09	TÉRREO – J08	TÉRREO – J07	TÉRREO – J06	
						**CAMPO VISUAL 1**
MÍNIMO	IDEM CAMPO 2	MÉDIO	MÉDIO	MÍNIMO	MÉDIO	
						**CAMPO VISUAL 2**
MÉDIO	ALTO	ALTO	ALTO	MÉDIO	ALTO	
						**CAMPO VISUAL 3**
ALTO	ALTO	ALTO	ALTO	MÉDIO	ALTO	
MÉDIO	**ALTO**	**ALTO**	**ALTO**	**MÉDIO**	**ALTO**	**NÍVEL**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J12		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J13		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J14		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J01		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J02		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J03		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J04	 MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J05	 SEM ACESSO			**SEM ACESSO**
SUPERIOR – J06	 MÉDIO	MÉDIO	MÉDIO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J07	 MÉDIO	ALTO	 ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J08	 MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J09	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J10		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J13		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J14		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J15		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J16		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J17		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J18		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SOTÃO – J01		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SÓTÃO – J02		MÍNIMO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SÓTÃO – J03		MÍNIMO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SOTÃO – J04		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**0**	**0%**	ALTO
MÉDIO	**11**	**30,55%**	
ALTO	**22**	**61,11%**	
SEM ACESSO	3	8,33%	
TOTAL	36	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-05 | DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 | FOLHA: 01/04

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***VILA FERROVIÁRIA – CASA 2 DA ESTAÇÃO***

Endereço: Rua Avelino Dalla Lasta, nº 455.

Ano de construção ou Reforma: Aprox. 1945

Ano tombamento: 2010

Setor 01

Período 3º

Nº de pavimentos:
01 (térreo)

Nº total de fenestrações:
7 janelas

Fachada principal (OESTE)

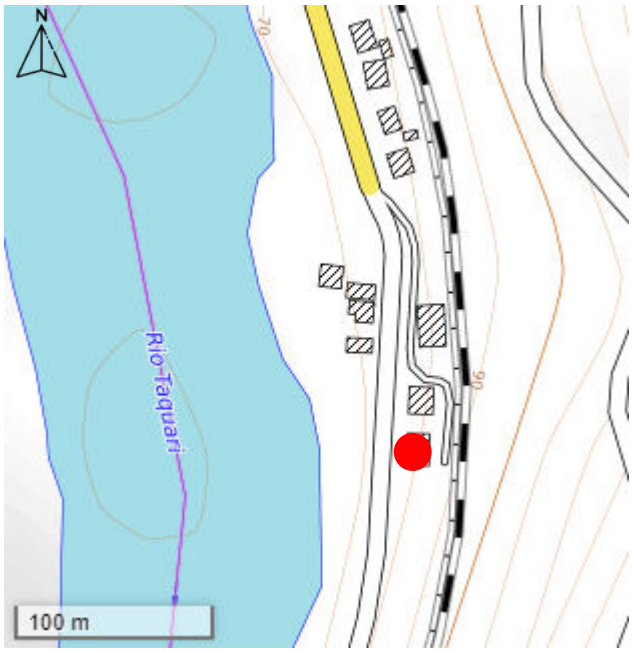
1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Pertencente ao conjunto de edificações da Vila Ferroviária, construída por volta dos anos de 1945. É uma das duas edificações residenciais construídas próximas à Estação Ferroviária. Atualmente funciona como residência unifamiliar.
(Fonte: IPHAN, 2010)

Fachada Leste

Fachada Norte

Fachada Sul

2 – SITUAÇÃO



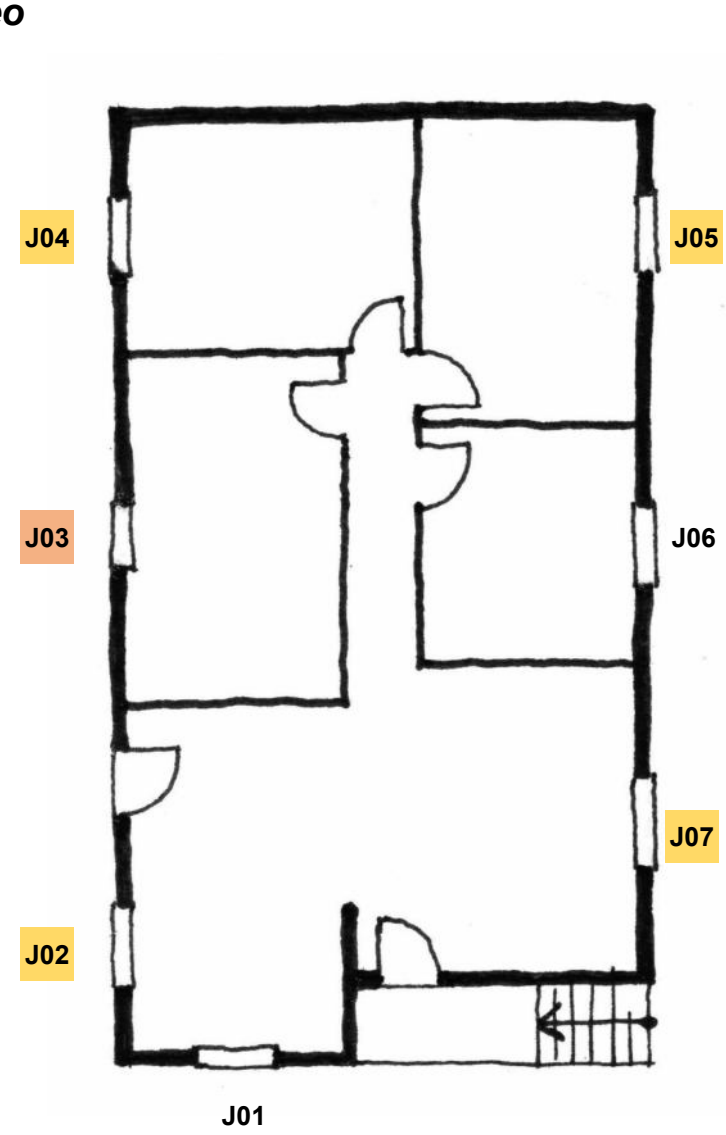
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



PAV. TÉRREO:

Sul
J01

Oeste
J02/ J03/ J04

Leste
J05/ J06/ J07

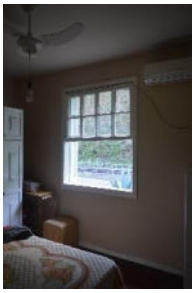
Observações

- J01 sem acesso para levantamento;
- J06 (banheiro) invalidada pelo vidro opaco;
-
-
-

6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J01	SEM ACESSO			**SEM ACESSO**
TÉRREO – J02	IDEM CAMPO 2	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J03	MÍNIMO	MÍNIMO	ALTO	**MÍNIMO**
TÉRREO – J04	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J05	 MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J07	MÍNIMO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCIONALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**1**	**16,66%**	MÉDIO
MÉDIO	**4**	**66,66%**	
ALTO	**0**	**0%**	
SEM ACESSO	1	16,66%	
TOTAL	6	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-06 | DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 | FOLHA: 01/07

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***CASA PREZZI***

Endereço: Av. Itália, nº 425.

Ano de construção ou Reforma: 1905

Ano tombamento: 2010

Setor 03

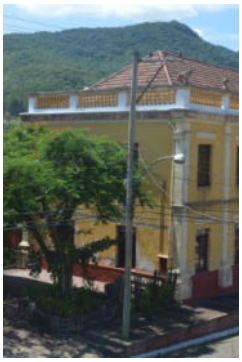
Período 1º

Nº de pavimentos:
03 (porão/térreo/superior)

Nº total de fenestrações:
23 janelas + 01 porta-janela

Fachada principal (OESTE)

1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Construída em 1905, teve como primeiro proprietário o Sr. Virgílio Franceschini. Mais tarde a edificação de uso residencial e comercial foi adquirida por Roberto Prezzi. Originalmente possuía a cobertura em laje plana de tijolos, onde aos finais de tarde e aos domingos era utilizada para ensaios da banda e diversão. Com o passar do tempo, devido às infiltrações, foi substituído por telhado com estrutura de madeira e telhas francesas. Atualmente é utilizada como moradia unifamiliar. Construída em alvenaria portante, com dois pavimentos e porão enterrado, possui características do estilo eclético, com fachada em composição simétrica, com platibanda ornada com balaústras, jarrões e leões. Frisos na divisão dos pavimentos. As aberturas de verga reta são encimadas com cimalhas. Possui um balcão em ferro no segundo pavimento. (Fonte: IPHAN, 2010)

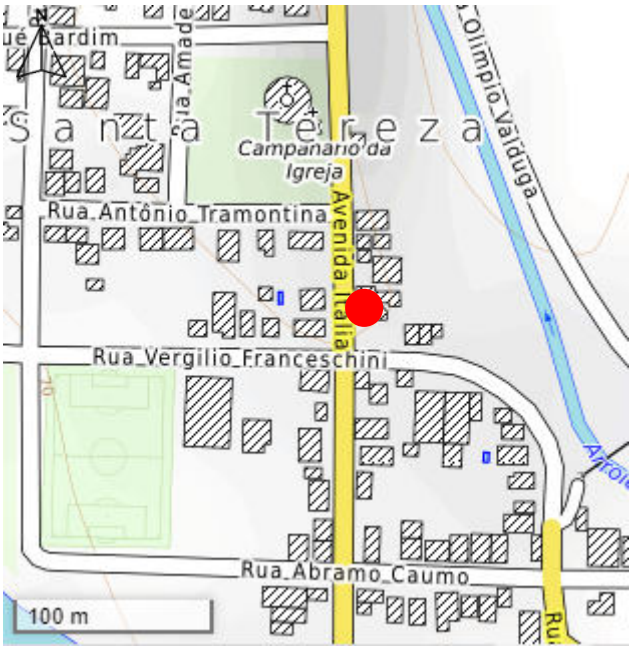


Fachada Norte

Fachada Sul

Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



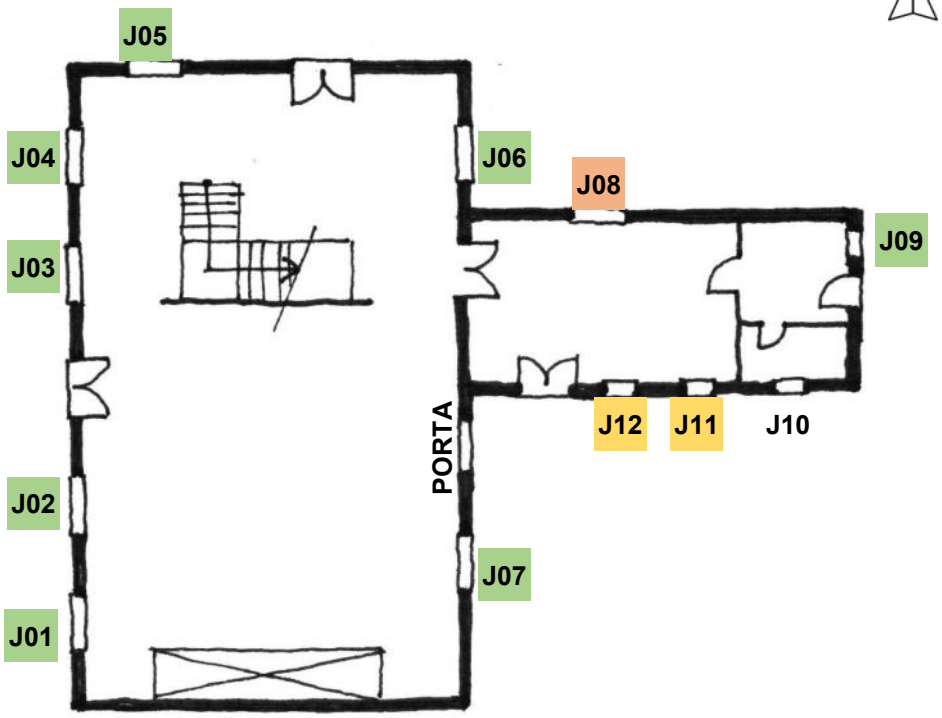
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Porão



Superior

PAV. TÉRREO:

Sul
J10/ J11/ J12

Oeste
J01/ J02/ J03/ J04

Norte
J05/ J08

Leste
J06/ J07/ J09

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02/ J03/ J15

Oeste
J04/ J05/ J06/ J07

Norte
J08/ J09/ J13

Leste
J10/ J11/ J12/ J14

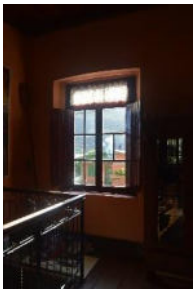
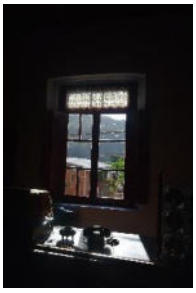
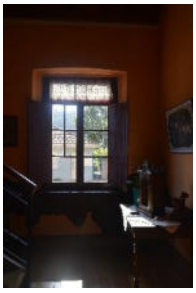
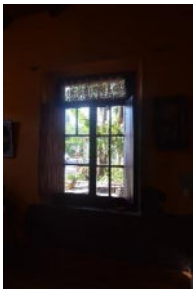
Observações

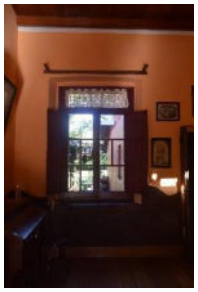
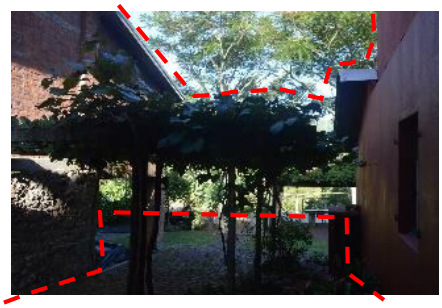
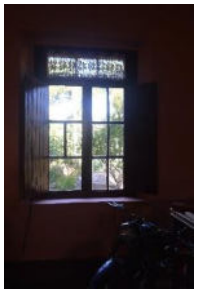
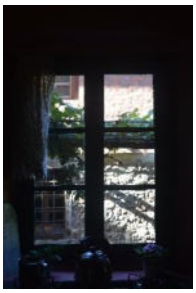
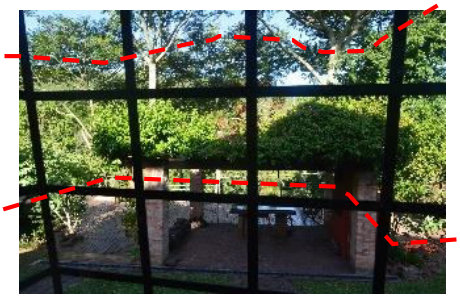
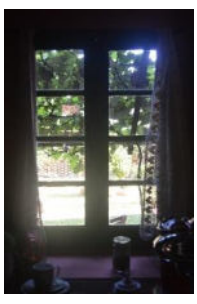
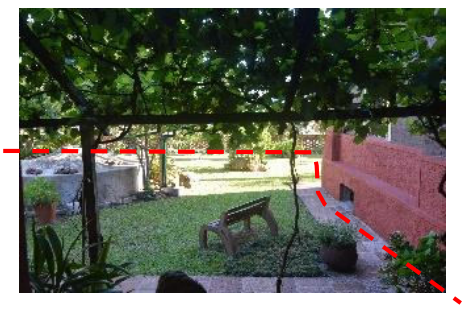
- Porão: Não possui fenestrações válidas para pesquisa;
- Térreo: J10 (banheiro) invalidada pelo vidro opaco; J11 sem acesso ao Campo 3;
-
-
-

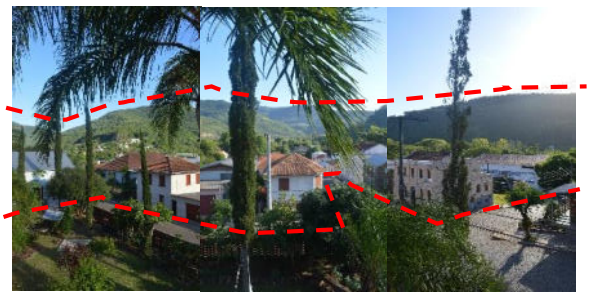
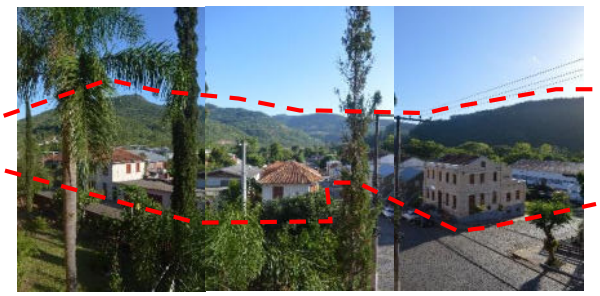
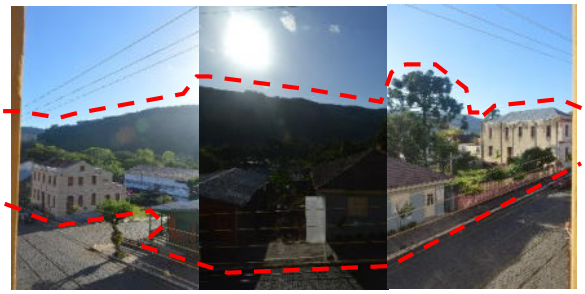
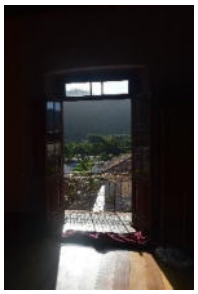
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

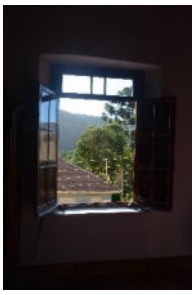
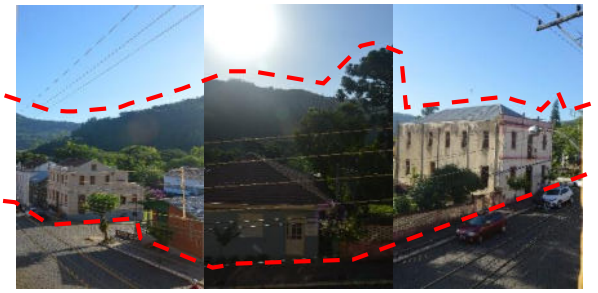
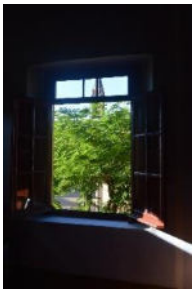
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

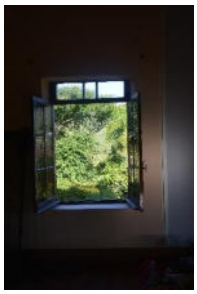
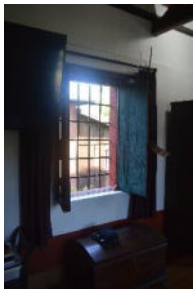
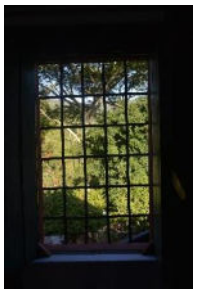
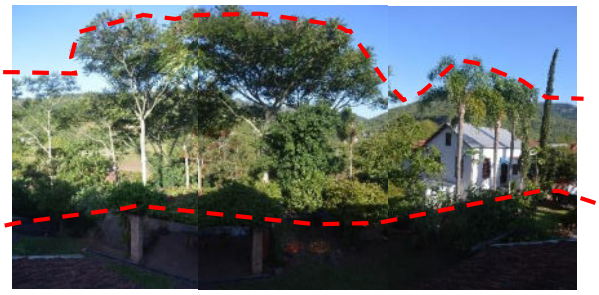
- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J02		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J03		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J04		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J05		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J06		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J07		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J08		MÍNIMO		MÍNIMO		MÉDIO	**NÍNIMO**
TÉRREO – J09		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11		MÉDIO		MÉDIO		CAMPO 3 - SEM ACESSO	**MÉDIO**
TÉRREO – J12		MÉDIO		MÉDIO		MÉDIO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J01		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J02		MÉDIO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J03		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J04		MÉDIO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J05		MÉDIO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – PJ01		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J06	 MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J07	MÉDIO	ALTO	 ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J08	 ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J09	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J10	MÍNIMO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J11	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J12		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J13		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J14		MÍNIMO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J15		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**1**	**3,70%**	ALTO
MÉDIO	**5**	**18,51%**	
ALTO	**21**	**77,77%**	
SEM ACESSO	0	0%	
TOTAL	27	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-07 | DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 | FOLHA: 01/06

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***CASA LAHUDE***

Endereço: Rua Antônio Tramontina, 01.

Ano de construção ou Reforma: 1915

Ano tombamento: 2010

Setor 02

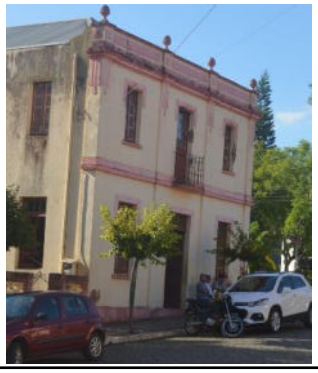
Período 1º

Nº de pavimentos:
02 (térreo/superior)

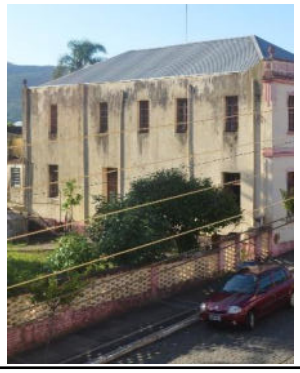
Nº total de fenestrações:
23 janelas + 01 porta-janela

Fachada principal (NORTE)

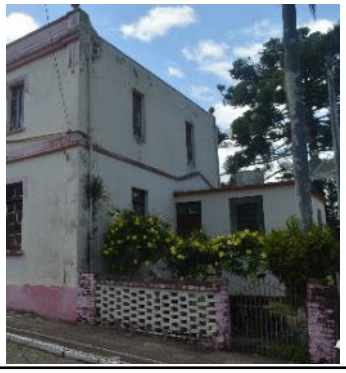
1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Construída por volta de 1915, possuiu como primeiro proprietário Ferdinando Ferronatto, italiano, que fundou a uma casa comercial. O piso superior era originalmente utilizado como salão de baile. Posteriormente foi adquirida por Miguel Lahude, de origem libanesa, passando a funcionar como comercio. Atualmente, com função mista, serve de residência e armazém, preservando ainda características do antigo armarinho (secos e molhados). Edifício de dois pavimentos em alvenaria portante de tijolos, telhado em quatro águas de aço galvanizado, fechado por platibanda ornada com pinhas nas pilastras. Janelas de verga reta, ornadas por cimalhas. (Fonte: IPHAN, 2010)



Fachada Leste

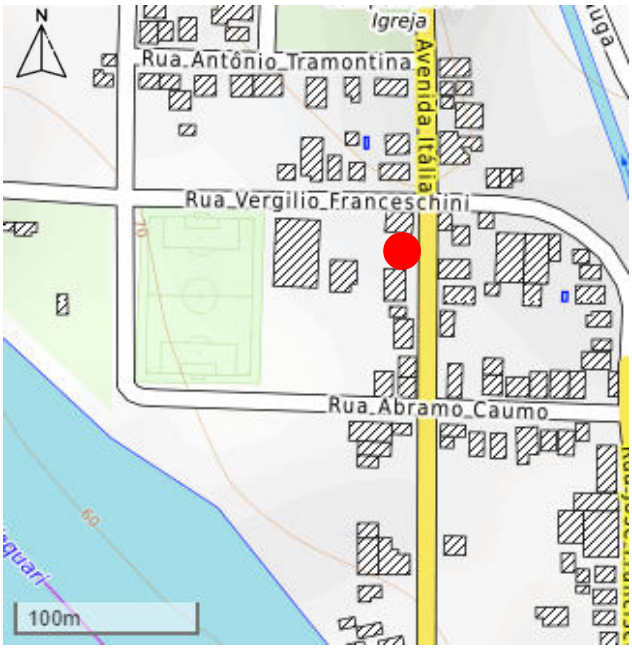


Fachada Sul



Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



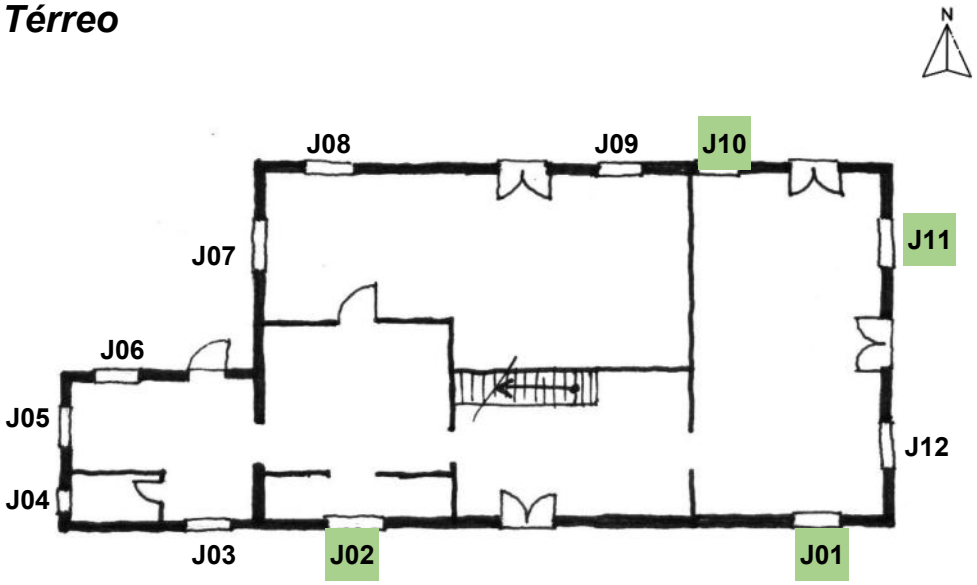
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

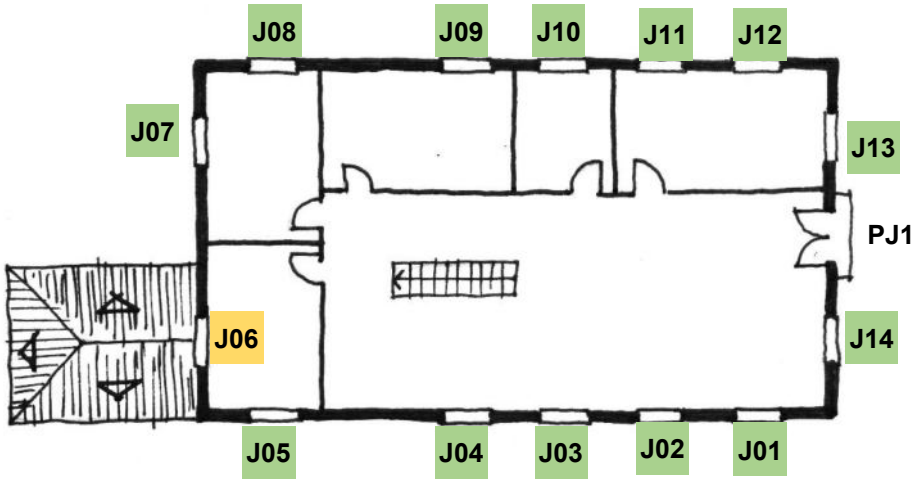
Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



Superior



PAV. TÉRREO:

Sul
J01/ J02/ J03

Oeste
J04/ J05/ J07

Norte
J08/ J09/ J10

Leste
J11/ J12

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02/ J03/ J04/ J05

Oeste
J06/ J07

Norte
J08/ J09/ J10/ J11/ J12

Leste
J13/ PJ1/ J14

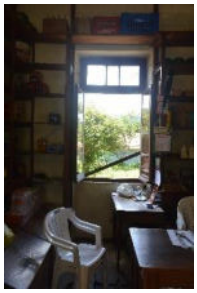
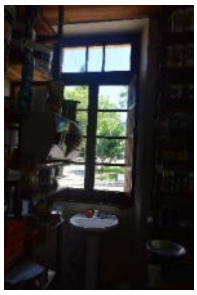
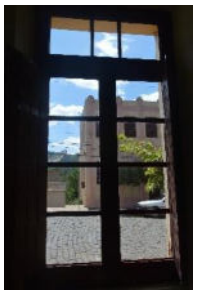
Observações

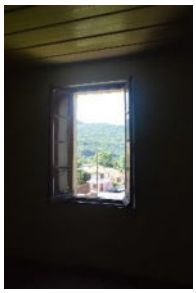
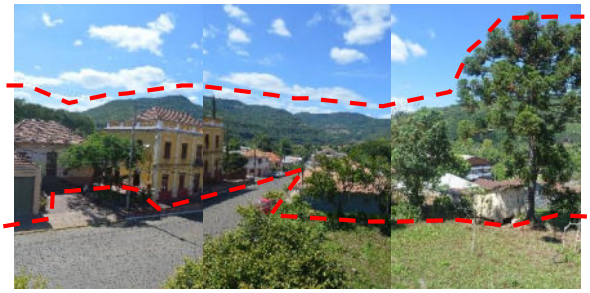
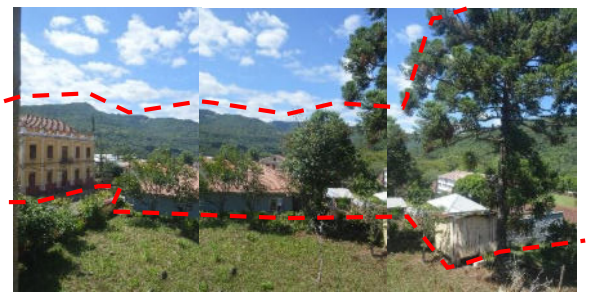
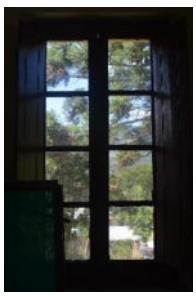
- Térreo: J03, J4, J05 e J06 (anexo cozinha) invalidadas pelo vidro opaco; J07, J08 e J09 sem acesso aos cômodos; J12 sem acesso (mobiliário obstruindo);
- Superior: PJ1 sem acesso (folhas e tamponamentos fixos);
-
-

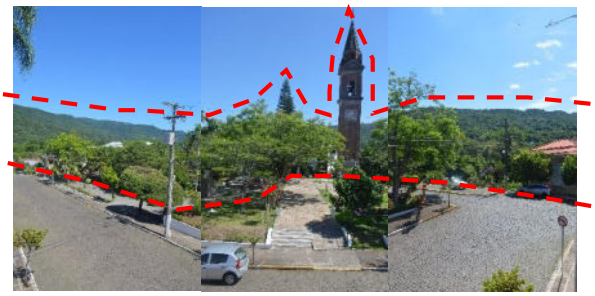
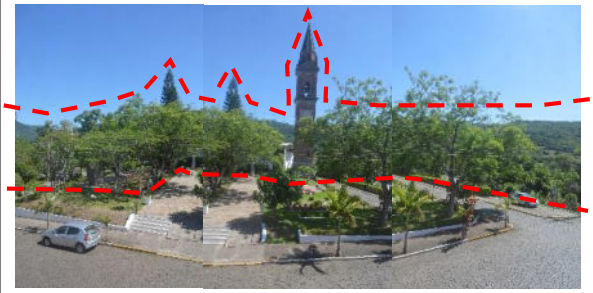
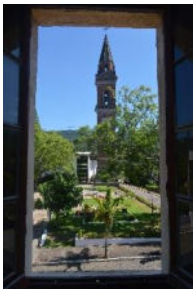
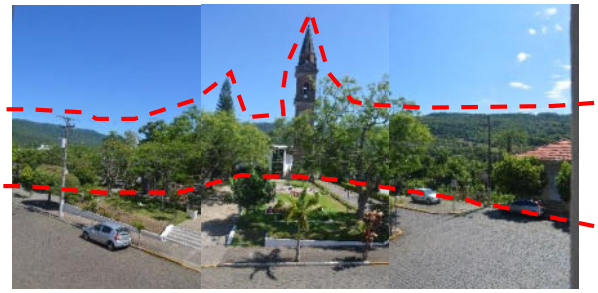
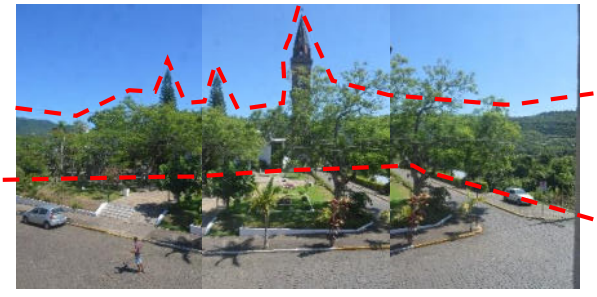
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

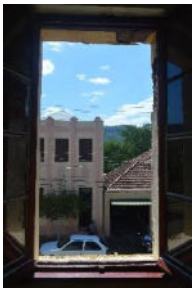
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J01	 ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J02	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J10	 ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11	ALTO	 ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J12	SEM ACESSO			**SEM ACESSO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J01		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J02		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J03		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J04		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J05		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J06		MÍNIMO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J07		ALTO		MÉDIO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J08		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J09		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J10		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J11		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO
SUPERIOR – J12		ALTO		ALTO		ALTO	ALTO

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J13	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – PJ1	FOLHAS FIXAS			**SEM ACESSO**
SUPERIOR – J14	MÉDIO	 ALTO	ALTO	**ALTO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**0**	**0%**	ALTO
MÉDIO	**1**	**4,34%**	
ALTO	**17**	**73,91%**	
SEM ACESSO	5	21,73%	
TOTAL	23	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-08 DATA LEVANTAMENTO: Janeiro/2022 FOLHA: 01/07

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***CASA PICININI – ANTIGO HOSP.***

Endereço: Rua Amadeu Piccinini, 40.

Ano de construção: 1926.

Ano tombamento: 2010

Setor 02

Período 2º

Nº de pavimentos:
03 (térreo/superior)

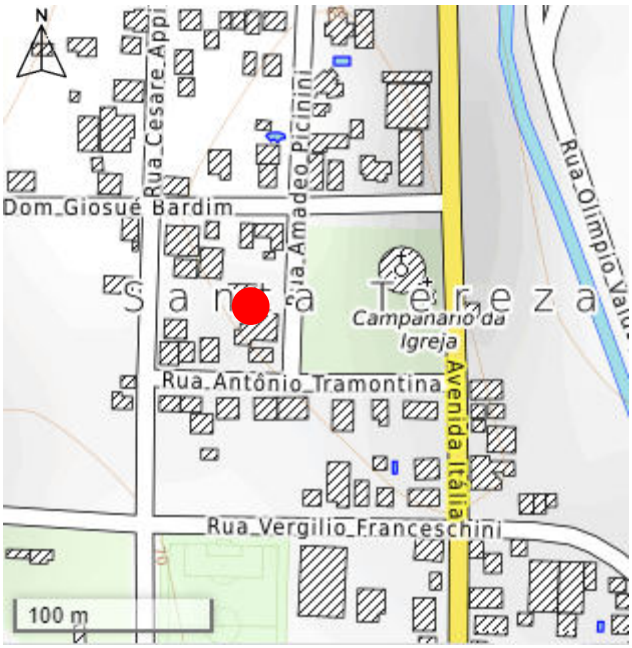
Nº total de fenestrações:
28 janelas + 01 porta-janela

Fachada principal (LESTE)

1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Construída pelo italiano Maximiliano Cremonese, engenheiro do campanário da cidade, iniciada em 1923 e concluída em 1926. A distância até Bento Gonçalves moveu a comunidade, que absorveu empréstimo junto à Amadeo Piccinini & Cia Ltda. para construção do hospital. Originalmente possuía 15 leitos onde realizava-se diversos procedimentos e cirurgias. A grande procura demandava a ocupação de casas vizinhas. Após o fechamento, Vitor Hugo Piccinini manteve em funcionamento a farmácia. O edifício retornou à família Piccinini como pagamento da dívida, tendo uso residencial até os dias de hoje. Possui 2 pavimentos de alvenaria e cobertura em aço. Possui acesso central com varanda e terraço sustentado por colunas. Possui aberturas verticais de verga reta. (Fonte: IPHAN, 2010)

Fachada Norte | Fachada Sul | Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



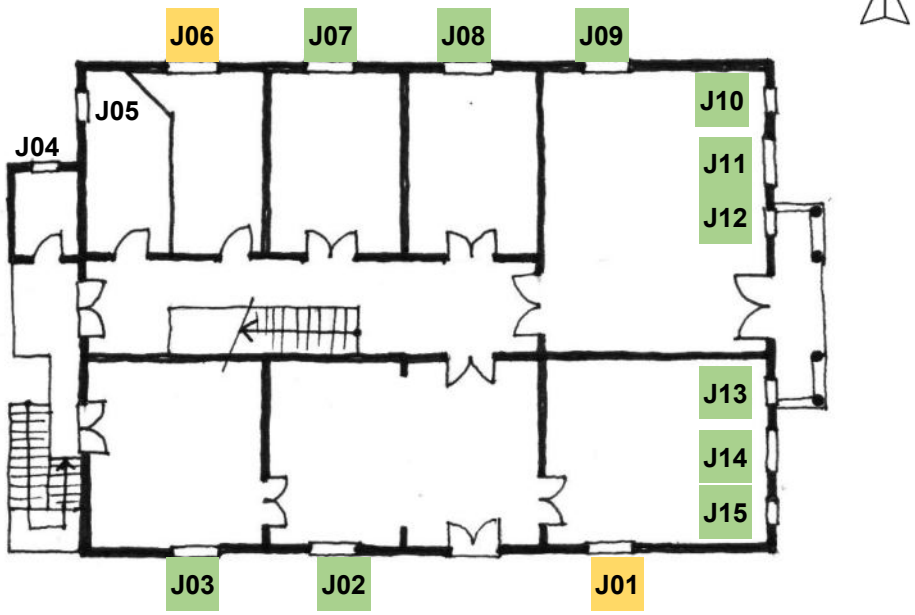
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

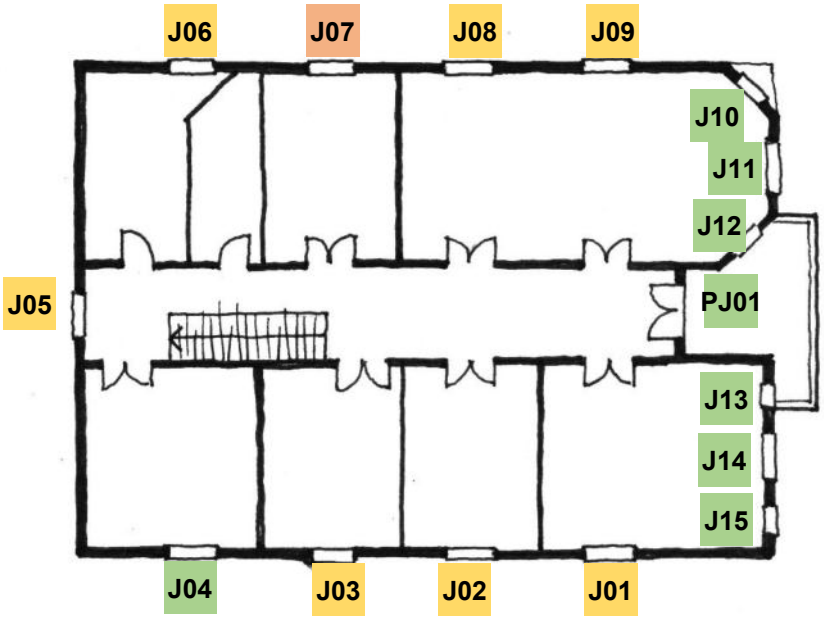
Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



Superior



PAV. TÉRREO:

Sul
J01/ J02/ J03/

Oeste
J05

Norte
J04/ J06/ J07/ J08/ J09

Leste
J10/ J11/ J12/ J13/ J14/ J15

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02/ J03/ J04

Oeste
J05

Norte
J06/ J07/ J08/ J09

Leste
J10/ J11/ J12/ PJ01/ J13/ J14/ J15

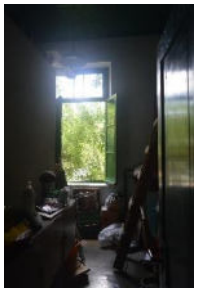
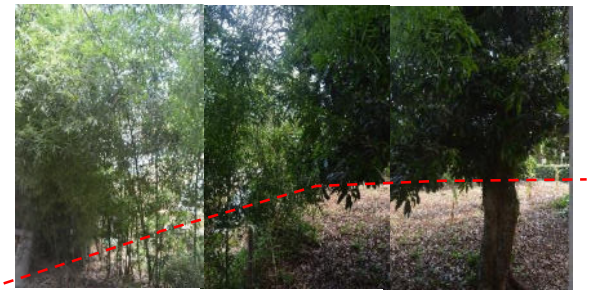
Observações

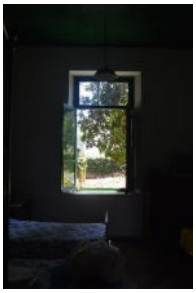
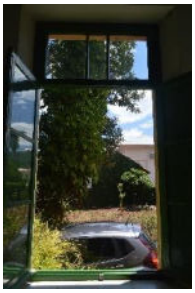
- Térreo: J4 e J5 (banheiros) invalidadas pelo vidro opaco;
- Superior: J3 e J13 possuíam telas mosqueteiras nos vãos;
-
-
-

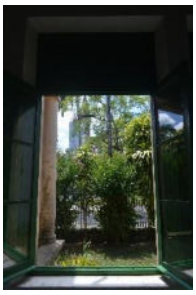
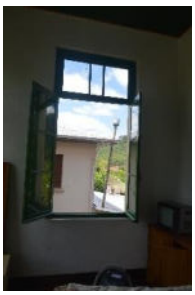
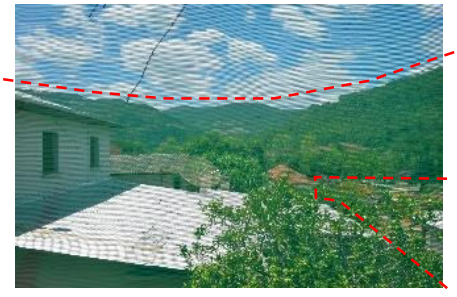
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

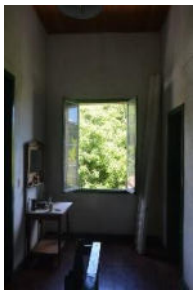
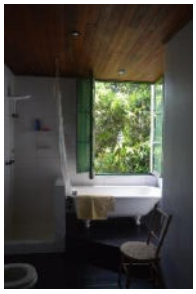
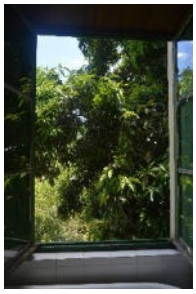
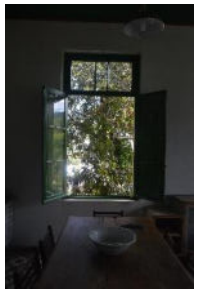
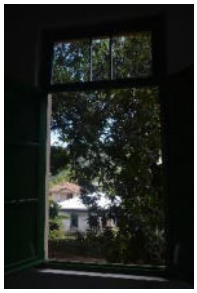
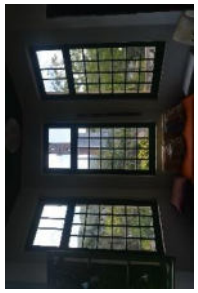
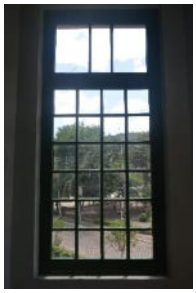
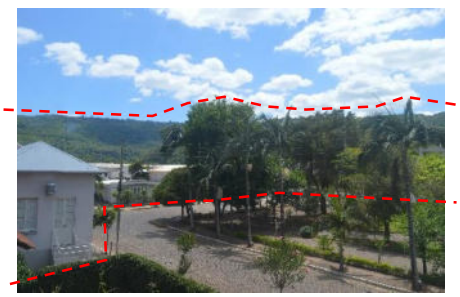
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

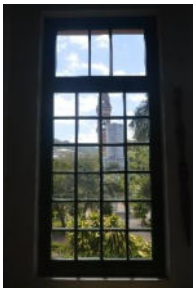
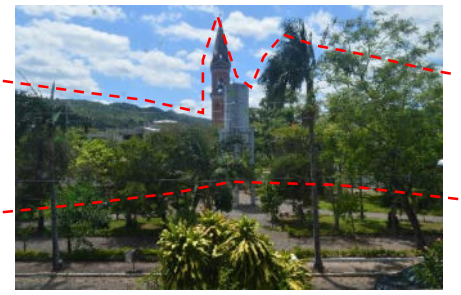
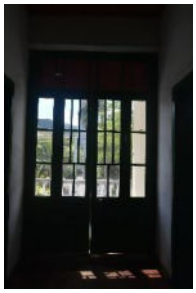
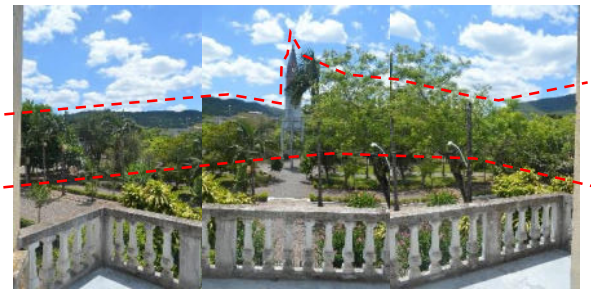
- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		MÉDIO		MÉDIO		ALTO	**MÉDIO**
TÉRREO – J02		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J03		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J06		MÉDIO		MÉDIO		MÉDIO	**MÉDIO**
TÉRREO – J07		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J08	 ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J09	ALTO	 ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J10	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11	IDEM CAMPO 1 – J10	MÉDIO	IDEM CAMPO 3 – J10	**ALTO**
TÉRREO – J12	IDEM CAMPO 1 – J10	ALTO	IDEM CAMPO 3 – J10	**ALTO**
TÉRREO – J13	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J14	IDEM CAMPO 1 – J13	 ALTO	IDEM CAMPO 3 – J13	**ALTO**
TÉRREO – J15	IDEM CAMPO 1 – J13	ALTO	IDEM CAMPO 3 – J13	**ALTO**
SUPERIOR – J01	 MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J02	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J03	MÉDIO	MÉDIO	 ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J04	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J05	 MÍNIMO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J06	 MÍNIMO	 MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J07	MÍNIMO	MÍNIMO	MÉDIO	**MÍNIMO**
SUPERIOR – J08	 MÍNIMO	 MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J09	MÉDIO	MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J10	 ALTO	 ALTO	 ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J11	IDEM CAMPO 1 – J10			ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J12	IDEM CAMPO 1 – J10			ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – PJ1		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J13		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J14	IDEM CAMPO 1 – J13			MÉDIO	IDEM CAMPO 3 – J13		**ALTO**
SUPERIOR – J15	IDEM CAMPO 1 – J13			ALTO	IDEM CAMPO 3 – J13		**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**1**	**3,44%**	ALTO
MÉDIO	**9**	**31,03%**	
ALTO	**19**	**65,51%**	
SEM ACESSO	0	0%	
TOTAL	29	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-09 DATA LEVANTAMENTO: Fevereiro/2022 FOLHA: 01/07

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***PRIMEIRA ESCOLA E CASA DO PROF.***		***Setor 01***
Endereço: Rua Cesare Apiani, s/n.		
Ano de construção: 1898.		***Período 1º***
Ano tombamento: 2010		
Nº de pavimentos: 03 (porão/térreo/superior)	Nº total de fenestrações: 23 janelas	

Fachada principal (LESTE)

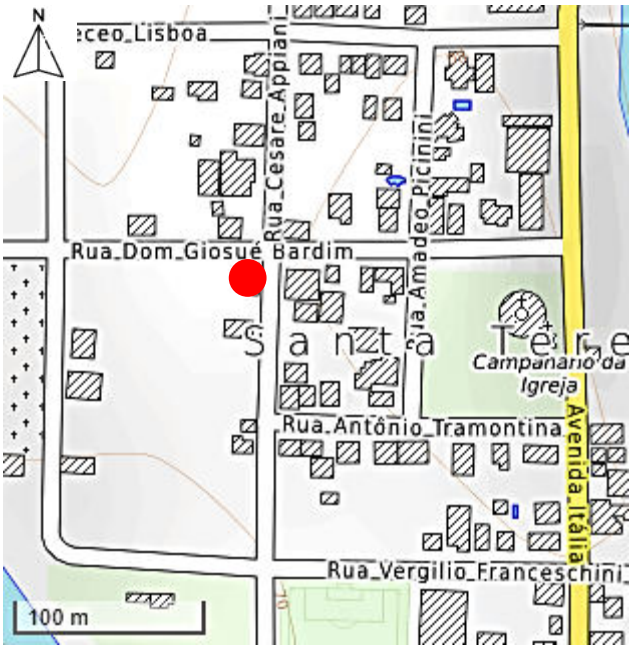
1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Construída em 1898, foi a primeira escola de Santa Tereza e residência do professor Felice Battista Montanari, conhecido como “Felix Montanari”, imigrante italiano que chegou com a família em 1887. Ali, exerceu a atividade de professor, representante do banco e correios. Foi correspondente do jornal “Il corriere D’Italia” de Bento Gonçalves, relatando o cotidiano da vila nas primeiras décadas. Com o fechamento da escola em 1927, a casa foi transformada em agencia do Banco Nacional do Comércio. Localizada em lote de esquina, possui porão em pedra e tijolos e mais 2 pavimentos em alvenaria. No térreo, as janelas e portas possuem verga em arco pleno. No superior são em verga reta. Cobertura em quatro águas com telhas de aço galvanizado. As fachadas são ornadas com frisos, colunas, efiges e rosáceas. (Fonte: IPHAN, 2010).

Fachada Norte

Fachada Sul

Fachada Oeste

2 – SITUAÇÃO



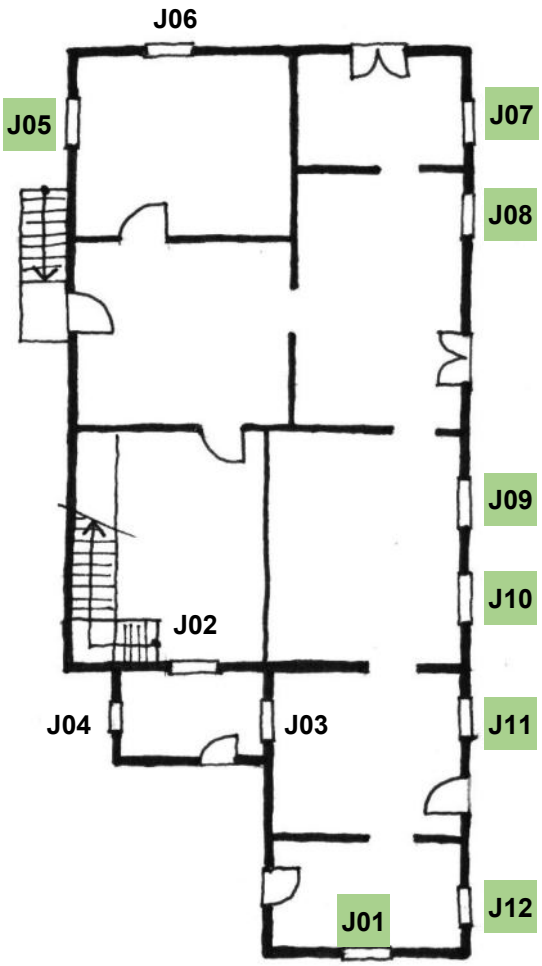
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

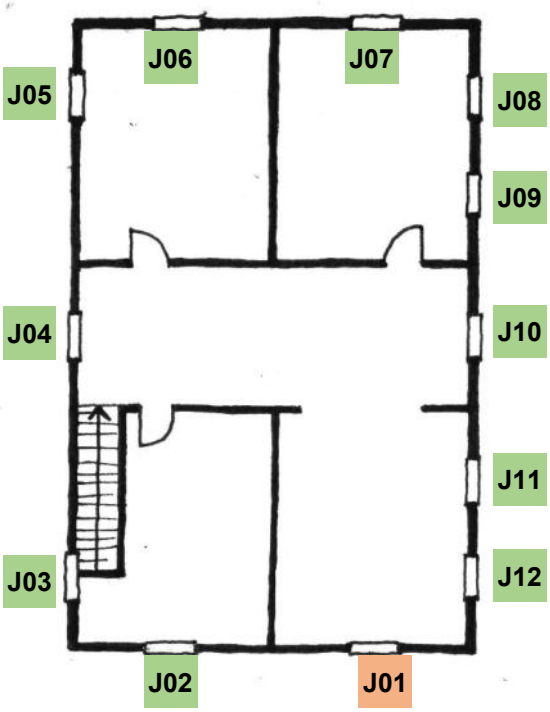
Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



Superior



PAV. TÉRREO:

Sul
J01/ J02

Oeste
J03/ J04/ J05

Norte
JJ06

Leste
J07/ J08/ J09/ J10/ J11/ J12

PAV. SUPERIOR:

Sul
J01/ J02

Oeste
J03/ J04/ J05

Norte
J06/ J07

Leste
J08/ J09/ J10/ J11/ J12

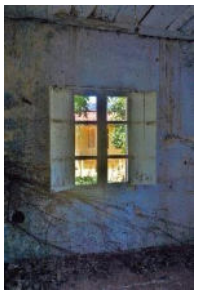
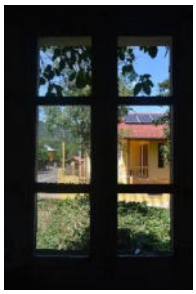
Observações

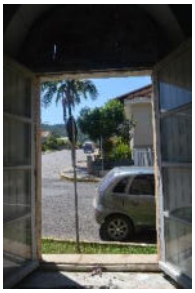
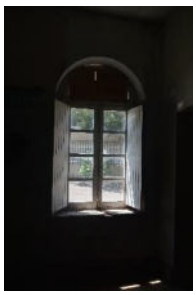
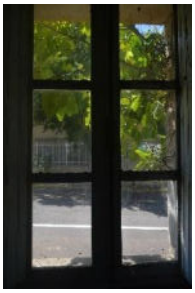
- Térreo: J3 e J11 sem acesso (bloqueio pelo banheiro anexo); J4 (banheiro) invalidadas pelo vidro opaco; J6 sem acesso (tamponamentos fixos);
- Superior: J3 vista fracionada em dois cômodos (parede divisória);
-
-

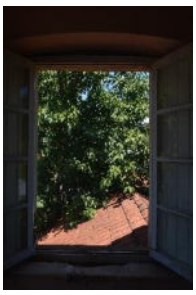
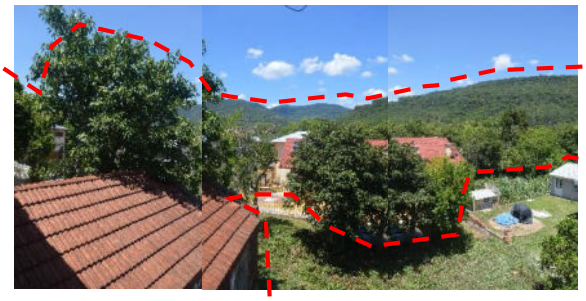
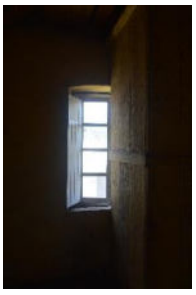
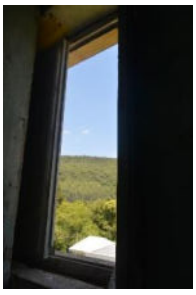
6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

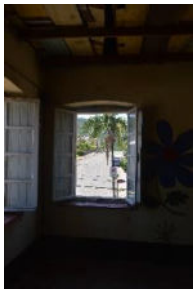
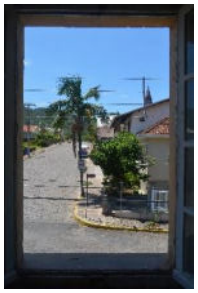
**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
TÉRREO – J01	 ALTO	 ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J02	SEM ACESSO	SEM ACESSO	SEM ACESSO	**SEM ACESSO**
TÉRREO – J03	SEM ACESSO	SEM ACESSO	SEM ACESSO	**SEM ACESSO**
TÉRREO – J05	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J06	SEM ACESSO	SEM ACESSO	SEM ACESSO	**SEM ACESSO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J07		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J08		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J09		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J10		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J11		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J12		MÉDIO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J01	MÉDIO	 MÉDIO	ALTO	**MÉDIO**
SUPERIOR – J02	MÉDIO	ALTO	 ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J03A	 MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J03B	SEM ACESSO	 MÉDIO	IDEM CAMPO 3 – J03A	
SUPERIOR – J04	MÍNIMO	ALTO	ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J05	ALTO	ALTO	ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
SUPERIOR – J06		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J07		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J08		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J09		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J10		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
SUPERIOR – J11		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL
SUPERIOR – J12	MÉDIO	ALTO	ALTO	**ALTO**

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**0**	**0%**	ALTO
MÉDIO	**1**	**4,34%**	
ALTO	**19**	**82,60%**	
SEM ACESSO	3	13,04%	
TOTAL	23	100%	

UFPel - Universidade Federal de Pelotas
PROGRAU - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA PAISAGEM FENESTRADA | SANTA TEREZA – RS

FICHA DE AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO

FICHA Nº: CV-10 DATA LEVANTAMENTO: Fevereiro/2022 FOLHA: 01/04

1 – IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Nome: ***VILA FERROVIÁRIA – CASA 1***		***Setor 01***
Endereço: Via de acesso a recinto ferrov., nº1.		
Ano de construção: aproximadamente 1945.		***Período 3º***
Ano tombamento: 2010		
Nº de pavimentos: 01 (térreo)	Nº total de fenestrações: 06 janelas	

Fachada principal (OESTE)

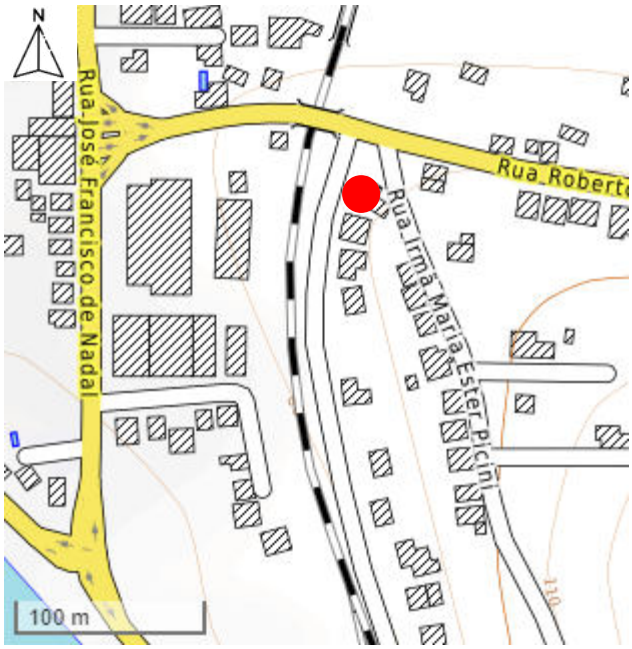
1.2 - Descrição do bem/ Histórico:
Pertencente ao conjunto de edificações da Vila Ferroviária, construída por volta dos anos de 1945. É a primeira casa na via de acesso ao conjunto de edificações da vila ferroviária que operava em Santa Tereza.
(Fonte: IPHAN, 2010)

Fachada Norte

Fachada Sul

Fachada Leste

2 – SITUAÇÃO



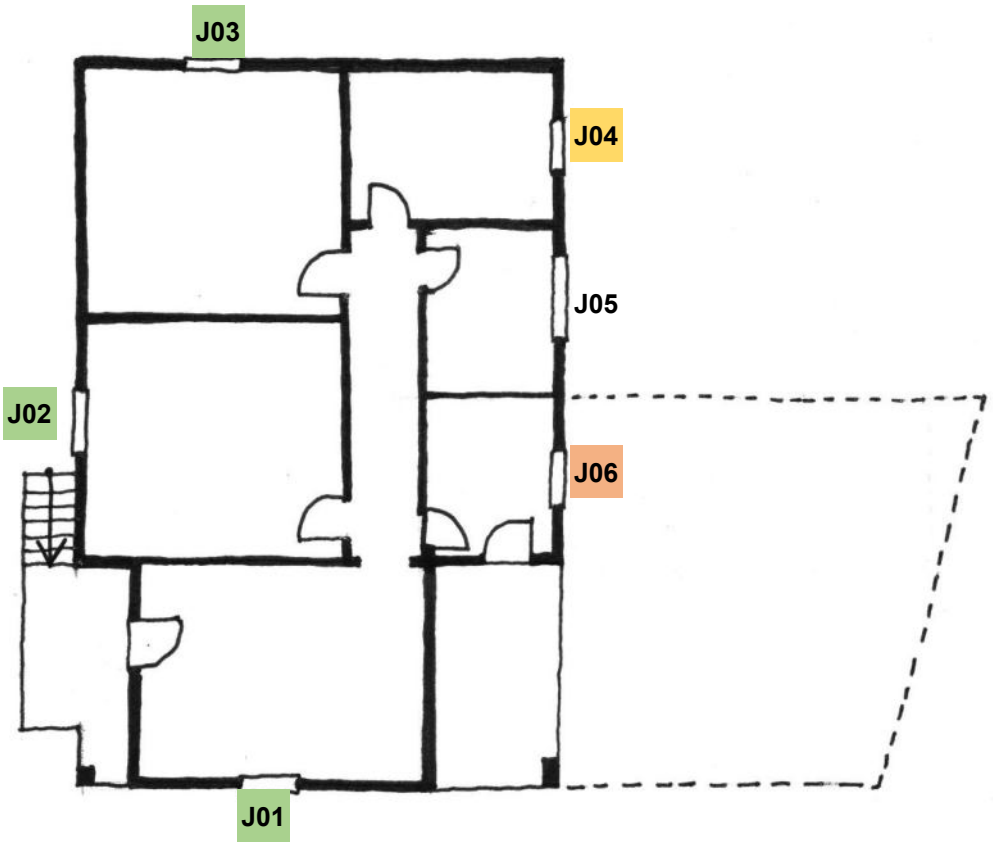
Fonte: OpenTopoMap, 2022. Disponível em: https://opentopomap.org/about

3 – IMPLANTAÇÃO/ FOTO AÉREA

Fonte: Google Earth, 2022. (Data foto: 18/01/2020).

4 – CROQUI DOS PAVIMENTOS/ LOCALIZAÇÃO DAS FENESTRAÇÕES	5 - ORIENTAÇÃO

Térreo



PAV. TÉRREO:

Sul
J01

Oeste
J02

Norte
J03

Leste
J04/ J05/ J06

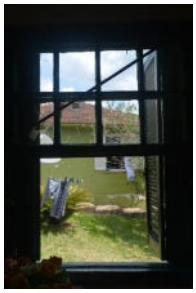
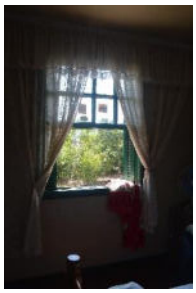
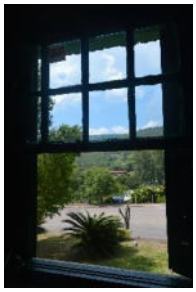
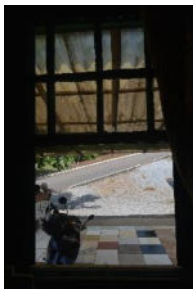
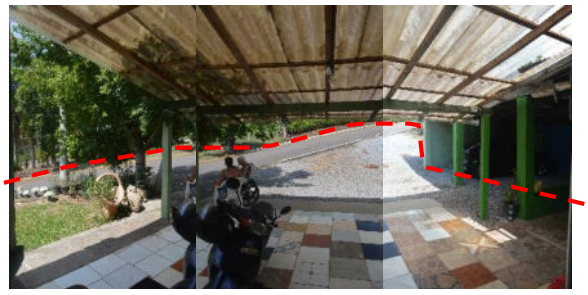
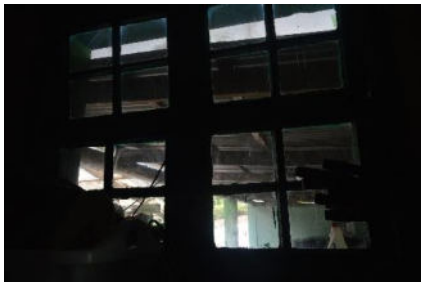
Observações

- Térreo: J5 (banheiro) invalidadas pelo vidro opaco; J06 visual bloqueada pela cobertura da garagem.
-
-
-
-

6 – AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONEXÃO VISUAL* DAS FENESTRAÇÕES

**com base no critério de estratificação horizontal da vista (THOMAS, 1967) em três camadas (céu, paisagem e solo) e nos valores de classificação abaixo, conforme tabela A.5 da EN 17037 (2018).*

- Ao menos a camada de paisagem (urbana e natureza) incluída na vista;	**MÍNIMO**
- Camada de paisagem e uma camada adicional na mesma vista (céu ou solo);	**MÉDIO**
- Todas as camadas presentes na mesma vista.	**ALTO**

	CAMPO VISUAL 1		CAMPO VISUAL 2		CAMPO VISUAL 3		NÍVEL
TÉRREO – J01		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J02		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J03		ALTO		ALTO		ALTO	**ALTO**
TÉRREO – J04		MÉDIO		MÉDIO		MÉDIO	**MÉDIO**
TÉRREO – J06		MÍNIMO		IDEM CAMPO 3		MÍNIMO	**MÍNIMO**

	CAMPO VISUAL 1	CAMPO VISUAL 2	CAMPO VISUAL 3	NÍVEL

7 –NÍVEL GERAL DE CONEXÃO VISUAL DA EDIFICAÇÃO			
NÍVEL DE CONEXÃO	Nº JANELAS	PROPORCINALIDADE	NÍVEL GERAL
MÍNIMO	**01**	**20%**	ALTO
MÉDIO	**01**	**20%**	
ALTO	**03**	**60,00%**	
SEM ACESSO	0	0%	
TOTAL	05	100%	

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

TÓPICO I - O lugar e o edifício

1. Quanto tempo você vive em Santa Tereza?
2. Você gosta de viver neste lugar? Por quê?
3. Quanto tempo você vive neste edifício?
4. Você gosta viver neste edifício? Por quê?
5. Você gosta da localização deste edifício? Por quê?
6. Qual cômodo da casa você mais permanece? É seu cômodo favorito? Por quê?

TÓPICO II - Fenestração

1. De modo geral, você gosta da vista das janelas deste edifício?
2. Qual a sua janela preferida?
3. Em que momentos do dia você costuma olhar ou percebê-las?
4. Tem algum momento do ano em que esta vista se torna mais especial?
5. Olhar para ela lhe faz bem? Quais sentimentos vem a sua mente?
6. Qual é sua janela preferida do edifício? Na sua opinião, esta janela oferece a melhor vista ou existe outra janela melhor? O que esta janela oferece que as outras não oferecem?
7. O que você mais gosta na vista desta janela? Por quê?
8. Essa janela recebe a luz do sol? Em que horários do dia e períodos do ano? Isso é bom para você?
9. Como são os elementos construídos e naturais presentes nessa vista? Quais são mais importantes pra você? Por quê?
10. Como é o movimento através desta janela? Que atividades você costuma ver do lado de fora? Isso é bom para você?
11. Há algo nesta ou nas outras vistas que você não goste? Algo o(a) atrapalha ou incomoda em relação à elas?

TÓPICO III - Habitante

1. Em que ano você nasceu?
2. Gênero?
3. Qual sua ocupação/atividade?
4. Você trabalha ou mora neste edifício?

APÊNDICE C – ENTREVISTAS E MAPAS MENTAIS: ARQUIVO DIGITAL

Disponível em:
https://drive.google.com/drive/folders/1zFYr2Sztx-Yr494oTqwBCAvCaiJqHGEp?usp=share_link

PROGRAU | UFPEL
PELOTAS 2023